

Meia Pata

Ricardo Dantas

Natal, RN - 2022



2022, Ricardo Dantas

Revisão:
Equipe da Unilivreira

Diagramação:
Anderson Santos

Edição Final:
Alúcio Azevedo Júnior

Impressão:
Impressão Gráfica e Editora

D192M Dantas, Ricardo
Meia Pata / Ricardo Dantas. Natal (RN): Unilivreira, 2022.
245 p.
ISBN: 978-65-87308-13-5
1. Literatura Brasileira 2. Romance I. Título.

CDD 869.93

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por quaisquer meios, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravações ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia permissão, por escrito, do autor.
Composto e impresso no Brasil - Printed in Brazil.

Unilivreira - Editora e Mentoria Literária
www.livrariamanimbu.com / unilivreira@outlook.com
+55 84 2030.3036

Sumário

A ONÇA	5
UM BIÓLOGO EM RORAIMA	17
DE BOA VISTA A CARACARAÍ	26
A EQUIPE DA FLORESTA	44
FAZENDA MUNDO VELHO, UM MUNDO NOVO	53
PRIMEIRO DIA DE TRABALHO	65
DIÁRIO	71
O ENCONTRO	81
O ENCONTRO (2)	91
DOIS MUNDOS	100
VELHO XERETA	111
ASA DE GAVIÃO	118
DE VOLTA À FLORESTA	132
MORTE NA FLORESTA	141
REVELAÇÕES	147
BOCA DA MATA	158
RAUL	184
A CAÇADA	204
RASTREANDO, RASTREADO	218
A CAÇADA FINAL	228



Com o estouro da espingarda, a onça sentiu o impacto da carga de chumbo arder na carne da sua pata dianteira esquerda. De súbito deu um salto para trás e, ao cair no solo, um urro de dor ecoou na picada. Escutou outro estrondo seguido de uma queimação no quarto traseiro direito. Mais um esturro encheu o ambiente.

A onça sentiu a mesma sensação que havia vivenciado quando fora atingida por queimação no couro há muitos ciclos de chuvas. Mas desta vez o flagelo era intenso ao ponto de tirar suas forças.

Cada metro percorrido pelo felino se tornou um sacrifício imenso. As dores mostravam que, por algum motivo, seu corpo não respondia à sua habitual agilidade e força. Não se sentindo em segurança, subiu uma serra íngreme. Apesar de fazê-lo com esforço intenso, pressentia que os humanos ali teriam mais dificuldades para chegar até seu alcance. Toda a subida fora realizada com urros de dor e sofrimento. Tentava agir sem que sua posição fosse conhecida, mas em vão. A onça ouvia de longe os ecos da aflição do homem de comportamento lento e pesado que acabara de subjugar.

Finalmente os cachorros a alcançaram. Rambo, robusto e forte, com suas patas curtas e focinho arredondado, investiu diretamente no felino com impacto pesado e caninos penetrantes. A onça voltou-se para Rambo e tentou um golpe com sua pata direita, porém sem resultado algum. Ao apoiar a pata esquerda no chão, fora consumida por uma dor descomunal, eliminando todos os seus ágeis movimentos. Rambo atacou novamente, porém de forma mais confiante. A onça desferiu um golpe certeiro, e um uivo de desespero e dor retiniu. O grande felino esturrou forte. O golpe fora dado com sua pata esquerda que, mesmo mutilada, deixou um corte superficial no lombo do cachorro.

Rambo recuou a tempo de Pirão, Urso e Pereba chegarem. Pirão, que era comprido, de médio porte e ágil, tentava acuar a onça em um pedral. Enquanto isso, Pereba e Urso faziam a contenção nos dois flancos. Pereba era uma cadela velha e experiente. Tinha parido Urso, um cachorro mestiço de pastor alemão. A onça não estava disposta

a esperar os humanos chegarem. Avançou e conseqüentemente foi impedida pelos três. Rambo aproximava-se novamente da tocaia, sendo seguido pelos seus donos.

Pirão abocanhou o rabo da onça, que defendia seu pescoço de Pereba e Urso. Com uma patada que passou raspando pela cabeça de Urso, o felino teve tempo de afugentar Pirão. Foi quando Pereba avançou de forma precipitada e teve sua cabeça abocanhada. Imediatamente a cadela caiu por terra. Pirão e Urso se afastaram. A onça investiu contra os dois e com uma agilidade tremenda deu meia volta e iniciou novamente sua fuga. Logo os humanos chegaram onde Pereba agonizava. A onça não podia perder tempo, tinha que fugir do seu inimigo mais ameaçador. Ouviu um estrondo novamente. Assustou-se com um salto. Apertou o ritmo do percurso. Um silêncio súbito e novamente os latidos dos cachorros. A onça então correu criando dois círculos, formando o número oito no solo. Deu algumas voltas e sumiu na mata. Ao chegar naquele ponto, os cachorros tiveram dificuldades em localizar a direção do rastro dela.

Após encontrar um abrigo seguro sob uma copa de maçaranduba caída, ainda ofegante e com dores fortes em sua pata esquerda e coxa direita, começou a averiguar os danos que aquele estrondo havia causado ao seu corpo. A pata completamente dilacerada, com sangramento. As duas garras da região esquerda tinham sido arrancadas. Observou a mutilação. Em sua memória automática, associava o ferimento ao barulho alto e aterrorizante.

Pelo instinto, a onça vislumbrou que, geralmente antes e durante as chuvas torrenciais, estrondos ecoavam pela floresta. Não eram parecidos com os dois que acabara de ouvir, mas às vezes, quando acontecia, isso a assustava como se a floresta estivesse sendo engolida por um animal maior e mais forte. Olhou novamente para a pata, e diante de sua imponência, iniciou uma tentativa de escoamento do sangramento com a língua, o que logo pressentiu ser inútil.

Ao passar do tempo, a coxa direita latejava cada vez mais. Tentou levantar da toca provisória com o intuito de chegar até sua caverna próxima da cachoeira. Constatou ser impossível conseguir se apoiar sem firmar o corpo com as regiões atingidas. O sangramento da pata diminuía de intensidade. Iniciou sua peregrinação arrastando-se pela

floresta. Sentiu a pele de seu peito sendo esfolada pelas folhas, galhos e ouriços de castanha-da-amazônia.

Um rastro de sangue era visível ao longo da tentativa exaustiva de chegar à sua toca. Ao se deparar com um igarapé, vacilou várias vezes até entrar n'água. Mas não tinha alternativa. Na situação em que se encontrava não teria como se equilibrar nos troncos de árvores caídas que serviam de ponte e eram facilmente transpassados.

Entrando no igarapé, a onça sentiu um alívio em sua pata flagelada. De súbito deitou-se na água e aliviou a coxa atingida pelo impacto desconhecido. Aproveitou e tomou longos goles do líquido. O ferimento na coxa não sangrava mais como antes, porém a pata dianteira manchava o igarapé atraindo pequenos peixes que mordiscavam seu pelo e a carne dilacerada do ferimento. No movimento de afastar os peixes, enterrou a pata na lama do fundo do igarapé e o sangue parou de manchar a água. Logo a onça afundou mais a pata, e aos poucos a dor foi diminuindo.

Passaram-se cerca de dez minutos desde que o grande gato permanecera imóvel no igarapé até ouvir o latido dos seres que desprezava por se associarem com os humanos. Diante destes animais, o felino agia como se fossem indignos de piedade. O instinto dela era enfrentar os três naquele momento, porém, em suas condições, teria dificuldades em dar cabo dos animais antes que seus donos chegassem e desferissem altos estrondos com cortes aterrorizantes. Existiam duas coisas marcantes que a onça não vislumbava pelo seu instinto e pelas leis da natureza. Como podia o ser humano, tão fraco e frágil, somente com estrondos Alto-terrorizante, cortar a carne com a mesma potência de suas garras? Como isso era possível? Suas garras eram temidas por todos os animais da floresta, inclusive pelo animal peludo de garras igualmente mortais, diante do qual ela vacilava, diversas vezes, antes de atacar. Garras que cavavam o solo e troncos de árvores para que esse animal lento e bizarro pudesse comer cupins e formigas. O outro dilema era como seres poderiam abdicar da vida selvagem e se associar ao homem. Mas só a questão de se unirem aos destruidores não era o que mais atormentava seu instinto, e sim o fato desses animais servirem aos homens e se submeterem aos desejos e ordens deles, ajudando-os a perseguir outro e qualquer

animal sem o propósito natural do equilíbrio da vida. Desprezava os cachorros por isso.

Com muito custo e sacrifício, a onça conseguiu se erguer e, com passos vagarosos e hesitantes, seguiu pelo igarapé. À medida que avançava, pequenas manchas de sangue pintavam as águas do córrego. Os latidos, cada vez mais próximos. O grande felino, pelo instinto, queria enfrentar os cachorros, no entanto nunca andavam sozinhos, e seria uma questão de tempo até que aquele humano, com movimentos ágeis e cautelosos, chegasse e soltasse mais um dos seus raios ardentes. A onça farejava sua pata. O cheiro de fogo teve poderes de queimar seu corpo de forma dilacerante.

Em distantes tempos, a onça havia encontrado outros humanos, soltando o mesmo estrondo e abatendo os fortes animais que andavam em bando. Derrubavam animais que ela tinha que abater com suas garras e presas. Realmente tinha escutado e presenciado o mesmo fenômeno antes. Na ocasião não tinha interferido, por estar deitada na copa de uma manga-brava, após ter saboreado uma caça difícil de ser abatida, por ser tão veloz quanto um felino. Mas aqueles humanos de outrora permaneceram somente dois ciclos de escuridão em sua floresta.

Existiam outros que demarcavam seus territórios derrubando árvores nas proximidades da área dominada pelo felino. No entanto, havia certo respeito mútuo de permanências nas áreas de ambos. Já esse novo grupo de humanos e seus malditos cachorros permaneciam muitos ciclos de escuridão em seu território, e o pior, percorriam praticamente toda a sua área.

Temia que acabassem com seu alimento. Instintivamente a onça sentia uma diminuição da ocorrência de presas em seu território, decorrente da movimentação de humanos e seus parasitas na região. Por sua percepção, não poderia permitir que se estabelecessem na sua área e trouxessem outros da mesma espécie, como ocorria ao longo das margens do grande e largo campo de água.

Os cachorros vinham bem próximos. A onça saiu do igarapé, seguiu por uma área baixa e alagadiça, transpôs uma pequena região perturbada da floresta, onde se encontravam caídas duas maçarandubas e uma castanheira, subiu um íngreme serrote com

cipoal, até descer uma encosta e entrar em outro igarapé. Os cães perderam a pista da onça no igarapé anterior. A correnteza seguia contrária ao caminho pelo qual o felino prosseguia, fazendo com que o odor de seu sangue seguisse rio abaixo.

Escurecia. O sangramento na pata ferida iniciara novamente sem intensidade. O felino finalmente chegou a uma velha cupiúba inclinada, que sempre lhe servia de abrigo por possuir uma vasta copa e um galho bem confortável a uns vinte metros de altura. Ficaria em segurança dos cães e de Ágil-cauteloso. Ao tentar escalar a árvore, sua pata latejou em uma dor aguda e profunda.

Não passou dos três metros de altura e escorregou pelo tronco, causando um impacto de sua pata ao solo que a fez urrar de dor. Aquele ato delatara sua posição. Sua única alternativa seria seguir o próximo igarapé e subir o curso dele até se aproximar da base da serra. O igarapé tornava-se fundo em vários pontos, obrigando a onça a nadar, o que era penoso devido a sua pata diversas vezes bater em galhos e raízes submersas. Continuar por terra nesses pontos poderia denunciar sua localização, além de exigir um esforço enorme, tendo que subir e descer os inúmeros barrancos.

A onça saiu do igarapé que levava seu sangue na direção oposta à base da serra, por realizar um ângulo de oitenta graus em seu curso. E assim seguiu até o igarapé da nascente.

Ao escurecer, finalmente chegou à base da serra. A caverna era ao lado de uma nascente que se originava entre um pedral, onde existia um abrigo sob uma enorme rocha inclinada. Ao entrar na caverna, seu corpo completamente desabou, e desmaiou instantaneamente devido à intensa hemorragia.

A pintada despertou de seu transe ao sentir a apertada toca parcialmente inundada pela água da nascente. Imediatamente averiguou a pata flagelada. Lambeu lentamente o ferimento. Farejou o membro e reconheceu o mesmo odor existente em carcaças de animais mortos. Solto um grunhido baixo, triste e longo. Aproveitou para beber a água que escorria para o interior da gruta.

Desde o dia em que matou o cachorro na grande toca dos humanos, e sentiu o odor exótico do indivíduo que andava de forma lenta e com movimentos pesados, de alguma forma seu instinto menosprezou aquele ser. Mas ele permanecia junto dos que viviam nas imediações de suas terras há vários ciclos de chuvas, e esses humanos eram o debilitado Traíçoeiro-camuflagem e o vigoroso Velocidade-camuflagem. E agora existiam mais humanos! O Lento-pesado, que agia como um grande marcador de áreas, e dominava os outros humanos. O Robusto-urro, que não demonstrava possuir medo, era o mais forte e ameaçador dos novos humanos. O Ágil-cauteloso, que havia mutilado sua pata esquerda com o bizarro Alto-terrorizante. Também o humano Pesado-veloz, que parecia ser tão esperto quanto os animais que viviam trepados em árvores pela cauda. Sem contar os humanos que não apresentavam perigo algum, Lento-vacilante e Leve-silencioso. A onça sempre presenciava os movimentos de Traíçoeiro-camuflagem e Velocidade-camuflagem. Eles tinham abatido diversos animais da floresta. Por viverem muito mais tempo naquela região, eram os mais perigosos e os que comandavam os parasitas caninos.

Um dia se passou. A onça-pintada não suportava mais a fome. A pata não latejava, porém, exalava certo odor pútrido. Com muita dificuldade, levantou-se de seu ninho. Estava debilitada devido à fome e à hemorragia intensa que sofrera. O quarto traseiro direito dava sinais de recuperação. O ferimento naquela região de seu corpo não fora profundo e atingiu somente de raspão sua coxa. Dessa forma, a onça podia se apoiar sobre três membros, resguardando, assim, sua pata dianteira esquerda mutilada. Ao sair da caverna, sua única vontade era procurar alimento. Parou na pequena nascente e tomou água, muita água. O aspecto da onça era completamente repugnante. A pelagem mostrava-se opaca e em algumas partes do corpo o pelo começara a cair. O dorso apresentava um arqueamento fora do comum. Seu focinho demonstrava esgotamento e sofrimento. Naquele momento até mesmo um único cão bem alimentado e experiente poderia subjugar-lá. A Natureza estava diante de uma situação em que o maior predador das Américas era uma presa fácil.

A onça não vislumbrava ser mais difícil conseguir alimento do que sobreviver aos ferimentos do Alto-terrorizante, principalmente

naquelas condições. Realmente não podia se apoiar nas quatro patas, essencial para qualquer investida ante a presa a ser amortecida. Uma das alternativas instintivas mais intensas a fazer era tentar identificar carcaças de animais abatidos, mas além de ter que percorrer extensas distâncias até encontrar o alimento, teria que invadir o território de outras onças, o que poderia ser problema.

Dirigiu-se para um pedral em uma área de castanhal denso, espreitando, na esperança de uma eventual cutia vir se alimentar das castanhas-da-amazônia contidas nos ouriços. Escolhera um local estratégico para não denunciar sua posição a alguma possível futura presa, e esperou. Esperou. Passaram-se cerca de três horas e nenhuma movimentação na floresta fora percebida. Quase desistia quando avistou um veado. Observou atentamente a aproximação do animal. O veado chegou a uma distância em que a onça poderia tentar uma ofensiva, porém, naquelas condições, seria um tiro em vão e um gasto desnecessário de energia, que praticamente se tornara escassa. O veado se movimentava constantemente. Ora se distanciava do ponto de espera, ora se aproximava. Mas não o suficiente para uma investida certa. A onça esperou a melhor chance. Até que o momento apareceu, e reunindo forças no limite do físico, deu um salto longo e veloz em direção ao veado. Esse, por sua vez, percebeu o movimento e iniciou uma reação de fuga. Tarde demais, a onça acertou em cheio o animal! Porém, ao tocar a pata flagelada no solo, uma dor descomunal tomou conta de seu corpo, impossibilitando-a de dar o golpe fatal na caça, deixando-a escapar praticamente ileso da emboscada. O felino retorceu-se no solo. Sua pata dilacerada tornou a sangrar. Sentia muita dor.

A onça iniciara uma caminhada dura e penosa para repousar em sua toca provisória. Mal havia percorrido uma pequena distância, e fadigava como se tivesse enfrentado um dia de caminhada. Ao se aproximar finalmente do igarapé, cuja nascente se originava no pedral onde localizava sua toca, a onça ficou em alerta. Um enorme tracajá se deslocava lentamente à margem do esteiro. Avançou e agarrou o quelônio. Quebrou sua carapaça com o peso das fortes presas, e saboreou cada vestígio de carne no interior do casco do animal. Após a refeição, entrou em sua toca e lá permaneceu dormindo por dois dias.

No terceiro dia, a onça sentiu-se disposta a explorar seu território, conseguir mais comida e averiguar se os invasores ainda permaneciam em sua área. Realizou uma aproximação estratégica na toca dos humanos, junto ao grande campo de água. Procurou ver se Velocidade-camuflagem e seus cães espreitavam as proximidades. Não detectou a movimentação deles e muito menos rastros recentes. Com muita cautela, aproximou-se da toca. Era escuridão total. Alguns humanos permaneciam na caverna. Não identificava sinais de Velocidade-camuflagem, Robusto-urro e Lento-pesado. Em dado momento reconheceu os movimentos de Ágil-cauteloso. Mas a investida de Ágil-cauteloso que resultou na flagelação ocorreu porque a onça havia se exposto. Pela forma como se movimentava podia constatar que Ágil-cauteloso não representava tanta ameaça. Com a mudança de direção do vento, o felino deu meia-volta e fugiu do local.

Após alguns dias, a onça encontrou Traíçoeiro-camuflagem andando sozinho pela floresta. Era o membro mais velho dos humanos e um dos mais ameaçadores. A onça-pintada decidiu espreitar Traíçoeiro-camuflagem. Por alguns instantes o perdeu de vista. Ele tinha instintos naturais apurados. Quase não fazia barulho. Seu ritmo era constante, fazendo com que o ruído produzido por seu deslocamento se camuflasse nos sons da floresta.

Após um tempo, Traíçoeiro-camuflagem parou na base da pedra grande. A onça procurou um local seguro e passou a observar. O humano, apesar de estar deitando as árvores com o objeto reluzente que prolongava seu braço, o fazia com o máximo de silêncio. A onça se concentrava nos movimentos de Traíçoeiro-camuflagem. Aqueles movimentos poucos humanos conseguiam fazer. O velho, em especial, era um predador.

A onça-pintada em alerta. O vento havia trazido um odor. Ao procurar com seus ágeis olhos, percebeu outro predador da floresta, não tão forte quanto ela, mas o suficiente para subjugar

Traíçoeiro-camuflagem. O humano também percebera rapidamente a movimentação do felino, uma onça-vermelha. Essa, avançava como caçadora. A onça-pintada, que observava tudo de longe, espantou-se com a reação de Traíçoeiro-camuflagem. O outro felino também. Porém a onça-pintada sentiu o instinto ofensivo da onça-vermelha, através dos movimentos firmes e leves que ela apresentava ante a investida certa ao velho humano.

A pequena onça iniciou uma acometida fatal em Traíçoeiro-camuflagem. Mais uma vez, vários Alto-terrorizante. A onça-pintada viu a onça-vermelha cair abatida. Os humanos eram fortes. Porém, Traíçoeiro-camuflagem também ficara imóvel no solo. A pintada passou a observar com atenção. O humano fora neutralizado. Esperou um tempo e iniciou uma caminhada rumo à cena que presenciara. Apesar de ser uma área da floresta relativamente densa de árvores, o Sol a pino iluminava bem o ambiente. Com muita cautela, a onça-pintada se aproximou da onça-vermelha, imóvel no solo. Lambeu os ferimentos do felino e sentiu o amargo do fogo. Olhou em direção a Traíçoeiro-camuflagem. Parecia inerte, porém vivo. Não demonstrava nenhuma possibilidade de movimentação. Dormia profundamente.

A onça andou em direção ao objeto cheio de alimentos que o humano levava. Sentiu o odor de carne do animal Forte-grande. Tentou chegar até o alimento, as tranças do cipó do objeto estavam firmes, eram resistentes. Apoiou sua pata sobre o objeto e abocanhou, arrancando um pedaço. Alcançou a banha de porcão-do-mato, e rapidamente saboreou a pasta energética. Observou ainda mais à sua volta. Procurou outro local para ficar espreitando.

Após um tempo, Traíçoeiro-camuflagem começou a se movimentar. A pintada ficou espantada. Os movimentos do humano agora eram lentos e pesados. Pelo instinto, o felino vislumbrou ser uma presa fácil. De forma dificultosa, Traíçoeiro-camuflagem chegou até a onça-vermelha abatida e contemplou. Algo que ele viu ao chão fez com que olhasse para todas as direções. Fitou o jamachim, uma espécie de mochila feita de cipó, e foi lentamente caminhando até o objeto. Após tocá-lo, Traíçoeiro-camuflagem caminhou mais rápido, porém, de forma penosa, até a base da pedra grande. A onça observou o humano pegar um objeto e logo em seguida ouviu Alto-

aterrorizante da mesma forma que Ágil-cauteloso havia feito! O felino deu um salto e caiu de forma denunciadora. Imediatamente afastou-se.

Passado um tempo retornou e viu Traíçoeiro-camuflagem arrancar pedaços da onça abatida. A floresta começava a ficar escura. Não demorou muito para ouvir urros de humanos e uivos dos parasitas. Fugiu.

Por semanas a rotina da onça se resumiu em procurar alimento, qualquer que fosse, e retornar às suas várias tocas, para descansar e assim sarar sua pata mutilada. A dieta fora composta por pequenos tracajás e até um filhote de cateto. Seus ferimentos secavam, no entanto, não podia praticar movimentos de agilidade, em razão da pata ainda sensível.

A onça não desempenhava bem seu trote pela floresta e permanecia todo o tempo no solo relativamente plano, sem escaladas em aclives fortes. Sua vitalidade não atingia recuperação completa, mas possuía um impulso em seu instinto: continuar visitando aqueles que cada vez mais avançavam em seu território.

O movimento de alguns era atrativo para a onça. Ao longo de semanas, havia por diversas vezes ido próximo à área em que os humanos repousavam, porém a uma distância segura para não despertar o olfato dos cães malditos. Contudo, um dia, uma surpresa! O Lento-pesado havia voltado. Por muito tempo a onça observou os movimentos daquele humano até reconhecer nele Lento-pesado. Após sua volta, vislumbrou, pelo instinto, que a cada dia, os humanos avançavam mais rápido. E observava cautelosamente os movimentos de Velocidade-camuflagem e Robusto-urro. Novamente, constatou que os outros do bando não causavam perigo. Nem mesmo Ágil-cauteloso. Talvez Pesado-veloz pudesse ser uma ameaça.

Às vezes o felino se aproximava das tocas que os humanos haviam construído para permanecerem durante a escuridão. Mas, mesmo

de dia, sempre ficava nas tocas, aquele humano com um tipo de movimento lento e vacilante. Em algumas ocasiões, Lento-vacilante andava na floresta com os outros humanos. Mas a maior parte do tempo permanecia na toca.

Certa noite, a onça encontrou todos em uma nova localização, menos Lento-vacilante. Dirigiu-se até a outra toca dentro de sua área, lugar onde o humano Lento-vacilante encontrava-se sozinho, na escuridão. O resto do bando construía outro acampamento muito adiante do local onde Lento-vacilante se encontrava. A onça tinha certeza de que Velocidade-camuflagem não estaria por perto, pois após a chegada do membro ausente do bando, o Lento-pesado, Velocidade-camuflagem e Robusto-urro não saíam do seu lado em todos os ciclos de escuridão e claridade. O humano Lento-pesado realmente era o mais importante do bando.

Ao chegar às proximidades da toca em que Lento-vacilante pairava, o felino esturrou forte. Escondia-se detrás de uma copa de paracaxi caída. Observou que Lento-vacilante apavorou-se com sua presença. Mais um esturro, então o humano fez muito barulho e começou a gritar como os humanos fazem quando estão vacilantes. A onça mudou de posição, e esturrou mais forte. Neste momento, ela ouviu o Alto-aterrorizante! Assustou-se e fez menção de fugir, mas não sentiu nada dilacerando em seu corpo. Outro trovão ecoou na floresta. Dessa vez a onça ouviu o impacto do trovão em árvores, distante de onde se encontrava. O Lento-vacilante continuou urrando, demonstrando cada vez mais vacilo. O felino se posicionou atrás de um anelím-ferro de grande porte e esturrou diversas vezes. O humano soltou diversos Alto-aterrorizante. Alguns atingiram o lado oposto do anelím-ferro que a onça usava para se esconder. Mais outra aproximação e outro esconderijo, desta vez atrás de uma grande rocha. Novos esturros da onça, seguidos de Alto-aterrorizante desfechados pelo humano, que desta vez foram poucos. Após cessar os Alto-aterrorizante, Lento-vacilante urrou com muita força, de forma desesperada. Os movimentos denunciavam cada vez mais o humano.

Quando a onça estava prestes a realizar mais uma aproximação, percebeu que Lento-vacilante plantava no solo estacas de fogo. Teve

receio que fossem ardentes e que flagelassem seu corpo. Observou, de um local muito próximo do humano, quando ele pegou um objeto grande e maleável, e assim desapareceu dentro dele. Após analisar com atenção e cautela, a onça se aproximou e esturrou com todas as forças, bem próximo do objeto que Lento-vacilante tinha adentrado. Transpôs as barreiras de estacas de fogo, com receio de se transformarem em Alto-terrorizante, mas nada aconteceu. Passou por cima do objeto onde o humano havia se enrolado. Não entendia como ele poderia sair daquele lugar. Permaneceu um longo período esturrando e dando golpes com sua pata no objeto, momento quando Lento-vacilante emitiu sons muito baixos. Resolveu se afastar e esperar até a ocasião em que o humano saísse do objeto.

Chegando a claridade, Lento-vacilante se retirou da lona e a onça esturrou novamente. O humano iniciou uma fuga desesperada pela floresta e a onça saiu em seu encalce. Seu instinto territorial fez com que iniciasse um processo de acuar o humano. Iria acompanhá-lo até a margem do grande campo de água se fosse preciso. Após longa distância percorrida, Lento-vacilante seguiu em sua fuga frenética quando, em dado momento, próximo a um barranco de igarapé, o humano tropeçou e rolou até cair na água. O igarapé era fundo naquele ponto e quase o cobriu por completo. O humano olhou para todos os lados e o felino apareceu no alto do barranco. Esturrou! Desta vez um esturro de alerta e não de intimidação. O humano fixou a onça completamente aterrorizado. Ela descia o barranco com calma, sendo observada por Lento-vacilante em vacilo completo. Quando o humano se aproximou da margem oposta do igarapé, eis que uma enorme sucuri se lançou. Em um bote certo e mortal, com uma destreza única daquela serpente, enrolou-se no humano e o levou para o fundo do igarapé. A onça observou tudo atentamente.

UM BIÓLOGO EM RORAIMA

Acomissária de bordo abriu a escotilha do avião. Daniel ansiava pisar em solos roraimenses. Olhou pela janela e constatou que o aeroporto era muito pequeno. De forma lenta, um trator rebocou a escada de desembarque dos passageiros. Ao sair do avião, sentiu o ambiente abafado e com calor escaldante. Por alguns segundos imaginou que não conseguiria respirar aquele ar denso, quente e úmido. O trajeto entre o avião e a estrutura do aeroporto chegava a atingir cerca de trezentos metros de distância. Enquanto andava, olhava admirado, observando a ausência de árvores. Indagou-se do porquê de tamanho desmatamento sem necessidade no terreno de propriedade do aeroporto, que era vizinho da base aérea militar brasileira.

Em outros aeroportos dentro da Amazônia Legal, como o de Belém do Pará, Macapá, no Amapá, e em Manaus, no estado do Amazonas, podia se fascinar com a exuberância da composição florestal. Árvores frondosas e centenárias fizeram com que Daniel se empolgasse a cada momento que se aproximava de Roraima. E, no instante em que o avião realizava aproximação para o pouso, em baixa altitude sobre Boa Vista, percebera uma enorme área de desmatamento, até onde a vista podia alcançar, com raras exceções de florestas em ilhas no meio daquela devastação. Chegou a arrepender-se de ter aceitado ir para Roraima. Muito longe se podiam observar algumas árvores retorcidas e de baixa estatura, provavelmente remanescentes do desmatamento brutal que ocorrera. Ao entrar na sala de recolhimento de bagagens no interior do aeroporto, sentiu o quanto fazia calor.

O Aeroporto Internacional de Boa Vista era o mais simples que tinha visto, não possuía climatização, nem praça de alimentação, mas a estrutura era suficiente para receber cerca de quatro voos comerciais por semana. As únicas formas de chegar e sair do estado de Roraima para o Nordeste, Sudeste e o Sul do Brasil eram ou de avião ou de barco, pelo rio Amazonas, tendo que se deslocar por via terrestre no trajeto entre Boa Vista e Manaus, enfrentando uma rodovia federal sem asfalto e cheio de atoleiros e uma balsa que atravessava os veículos pelo rio Branco, no município de Caracará. A população

do Estado não passava de cento e dezesseis mil habitantes, sendo que somente em Boa Vista existiam sessenta e quatro mil moradores.

Daniel visitava a região amazônica pela primeira vez. Era biólogo bacharel recém-formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Morava em Natal. Cursava mestrado em Recursos Naturais pela mesma universidade. Jovem, de vinte e dois anos, que tinha fixação pela Floresta Amazônica. Cursou Biologia na esperança de um dia trabalhar na maior floresta tropical do mundo, sonho compartilhado por inúmeros biólogos do Brasil e do exterior. Era alto, moreno, possuía negros cabelos lisos, com um corte bem curto. Usava óculos de grau com aros finos e tinha bom gosto quanto ao que vestia. Ao ingressar no mestrado, optou em desenvolver sua dissertação usando como tema de pesquisa a interação entre fauna e flora no bioma Amazônia. Passou meses entrando em contato com instituições florestais de pesquisa e órgãos de monitoramento em Unidades de Conservação, até conseguir uma oportunidade de estágio em uma floresta natural particular, através de um contato que seu orientador conhecia.

Após recolher sua bagagem e se dirigir ao saguão do aeroporto, no meio da multidão de pessoas à espera de parentes e amigos, identificou um senhor por volta de cinquenta anos com uma placa escrito Bronze Verde Florestal. Era seu contato em Boa Vista, o engenheiro florestal Cláudio. Acenou com a mão e foi ao encontro dele.

— Boa tarde. Eu sou Daniel Silva, o estagiário do Rio Grande do Norte. O senhor é o...? — estendendo a mão para o engenheiro Cláudio.

— Espere! Deve haver algum engano! Você é o biólogo que enviaram pra trabalhar conosco?

— Sim. A universidade me enviou...

— Agora bem aí! — o engenheiro demonstrava admiração — Mas você é só um menino. Quantos anos você tem? Dezoito? Dezenove?

— Tenho vinte e dois anos, senhor. Algum problema? — Daniel gaguejava enquanto dialogava com o senhor de feições intimidadoras.

— Garoto, você não faz ideia mesmo do que te espera... Mas já que você está aqui, boa tarde, meu jovem. — finalmente, apertando a

mão do rapaz — Bem-vindo ao Roraima. Vou logo avisando que essa região é diferente de tudo o que você já viu! Parece um tanto quanto que um choque, mas é sempre bom avisar pra quem chega aqui em Roraima como funcionam as coisas, para que a pessoa possa pegar o mesmo avião em que chegou pra voltar. E olha que já vi isso acontecendo diversas vezes! — finalizou o engenheiro Cláudio, com uma sonora gargalhada.

— Senhor Cláudio, o senhor pode não acreditar, mas eu não me intimidado com nada. Eu sempre sonhei em trabalhar na Amazônia, em conhecer essa floresta maravilhosa, em realizar uma façanha que muitos profissionais da minha área sonhariam. Agora estou aqui, e pode ter certeza que não penso em voltar até terminar meu trabalho! — disse, de forma firme, o jovem biólogo.

— Bonitas palavras, garoto. — neste momento, o engenheiro cerrou o semblante — Mas, primeiro, você não está na Amazônia, aqui é Roraima. Aqui é o lugar mais isolado e distante de tudo que possa existir nessa Amazônia Legal. Segundo, não pense que vai ser um sonho. Você já esteve em alguma floresta na sua vida? Garanto que o máximo que deva ter conhecido é a Caatinga, que não passa de uma capoeira sem utilidade. Você realmente não imagina o que é uma floresta. Terceiro, você com certeza irá chorar diversas vezes antes de ir embora!

Daniel realmente teve vontade de remarcar a volta para Natal. Imaginava como que alguém poderia ser tão negativo e pessimista em tão pouco tempo. Queria provar que o engenheiro estava errado. Porém, o medo tomara conta de seu coração.

— Vamos, garoto. Vamos para o hotel para que você guarde suas malas, pois o Mister Peter está nos esperando. Aqui é assim, não pense que vai ter moleza. Santo Deus?! Que raios é isto?

— São meus livros de Zoologia e Botânica. Para minha dissertação.

— Garoto, você realmente está viajando na maionese. — sorriu — Para onde você vai, isto é carga inútil. Vamos! Realmente você tem que acordar desse seu sonho.

Chegando ao hotel, Daniel começou a entender a nova realidade que presenciaria. O local era modesto, porém organizado. Notou que

se tratava de uma pousada de trabalhadores. A grande maioria eram caminhoneiros, garimpeiros, funcionários de empresas da construção civil e caixeiros viajantes.

— Daniel, até viajarmos para Caracarái você ficará hospedado aqui. Não é o melhor hotel da cidade, mas é bom e barato. Você, a partir de agora, estará trabalhando em uma empresa privada. A minimização de custos é o princípio básico e, além do mais, quem sabe você irá aprender aqui com esses homens a realidade deste Estado. Eles são os mais indicados para isso.

Daniel observava tudo com muita atenção. Não imaginava como iniciar um diálogo com figuras de aspectos tão rudes. Lembrou que vivenciara uma pintura como aquela na Ribeira, cidade baixa de Natal, zona portuária com concentração de pescadores e comerciantes. Das vezes que fora na Ribeira, sentia calafrios. Era para ele um local hostil.

— Este será seu quarto. — demonstrou o engenheiro — É simples, mas possui o principal, ar-condicionado. O calor aqui é infernal. — o quarto possuía uma cama de solteiro, uma pequena cômoda, o ar-condicionado era dos mais antigos, e o banheiro aceitável — Tome seu banho e vamos! O Mister Peter está aguardando. Vamos tratar os detalhes da sua ida para a floresta hoje mesmo. Ou quem sabe a não ida...

O hotel que o Mister Peter estava hospedado era o melhor da cidade. O engenheiro Cláudio falou com a recepcionista, uma linda morena de origem indígena, que indicou onde se encontrava o homem. Ao chegarem à piscina do hotel, Daniel não acreditou que em Boa Vista pudesse existir um local que ostentasse tanto luxo e glamour. A piscina repleta de lindas mulheres, empresários e turistas. Em uma mesa à beira da piscina, um senhor acenou para os dois. Era o Peter, um estadunidense, diretor de uma empresa de investidores de capital estadunidense e canadense. Era de estatura mediana, calvo, de pele branca como leite e olhos tão azuis que pareciam serem pintados com lápis de cor.

— Senta! Senta! Estava esperar vocês. — convidou Mister Peter com um sotaque forte de estrangeiro e um português extremamente ruim — Querem bebida? Uísque? Vinho? Cerveja?

— Eu aceito uma cerveja! — Cláudio pediu.

— Eu gostaria de refrigerante. — Daniel disse.

— Ah! Então ser este o estagiário que trabalhar in meu floresta. Muito bom. Muito bom! — o Mister Peter muito sorridente e feliz — Muito novo. Mas parecer motivado, heim?! Não beber. Isso bom, isso bom. Fala pouco de você, Daniel, all right?!

— Bom. Prazer em conhecê-lo, Mister Peter. — disse, um pouco trêmulo — Eu sou Biólogo, me formei no final do ano retrasado e agora estou estudando mestrado em Recursos Naturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bom, tenho vinte e dois anos e é a primeira vez que saio do meu Estado. Sempre fui obcecado pelo bioma Amazônia e estou feliz por estar aqui em Roraima e trabalhar com meu projeto de pesquisa. Ah! Meu projeto é estudar as interações entre fauna e flora, averiguar a ocorrência de espécies de fauna de acordo com a composição florística da área estudada. Estou ansioso para conhecer a floresta de sua empresa de pesquisa e começar com meus estudos.

Daniel era entusiasmo puro. Era a primeira vez que agia de forma profissional. Sentia-se um verdadeiro biólogo, tratando de assuntos de pesquisa com homens experientes e de influência. Mas algo não batia. Achava estranho o fato de não existir um pesquisador da Universidade Federal de Roraima participando da conversa, ou mesmo de um pesquisador da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Logo o entusiasmo de Daniel iria se transformar em frustração.

— Oh! Muito bom! Very good! Estougiário inteligente. Falou objetivo. Mas não ser empresa de pesquisa. Meu empresa ser de exploração florestal. Cláudio, explica ele o truabaio.

— Garoto, a Bronze Verde Florestal não é uma empresa de pesquisa, mas de extração de madeira...

— Extração?! Extração de madeira? Meu projeto de pesquisa é de cunho preservacionista e vou pesquisar em uma área de extração de madeira? — Daniel não acreditava no que ouvira. Mister Peter continuava sorridente. Cláudio, com a interrupção do rapaz, tornou-se sério, com semblante autoritário.

— Daniel, se você permitir que eu explique o projeto, ficará mais fácil de você entender e formar sua opinião.

— Mas eu não quero criar áreas desmatadas como estas que eu vi desde que cheguei que há ao redor da cidade. — continuava falando, de forma ansiosa — Do avião mesmo eu vi uma imensa área devastada, provavelmente transformada em pasto para gado.

— Olha só como você está se precipitando. — o engenheiro afirmou — Esse é o mal dos biólogos. Sempre avaliando tudo com olhos trágicos. Para sua informação, seu biólogo bucha, a região onde se encontra o município de Boa Vista está inserida no maior ecossistema de Savana existente na Amazônia Legal, que aqui eles chamam de Lavrado. Se você for realmente um bom biólogo, deve saber como é a característica das Savanas. — Daniel parecia incrédulo — Não acreditou?! Percebo que você não leu nenhuma literatura científica sobre os recursos naturais do Estado. Eu posso te passar vários artigos científicos de pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas e da recém-formada UEPAE de Boa Vista, que é a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual, equivalente a Embrapa aqui no Estado. A Universidade Federal de Roraima é recente, mas tem algum material. — Daniel agora estava confuso. Mister Peter continuava sorrindo — Olha a Bronze Florestal adquiriu trinta e cinco mil hectares de floresta nativa, sem qualquer intervenção do ser humano. A única atividade que existe lá é o extrativismo de castanha-do-pará, que acontece há cerca de setenta anos na região. O trabalho que você vai realizar é de levantamento de biometria florestal, ou seja, você vai inventariar a área e descobrir o volume existente de madeira por espécies de árvores. Se o resultado de sua pesquisa revelar que a floresta não possui volume de madeira comercial suficiente para realizar um plano de manejo florestal de extração, a floresta continuará intacta. — Daniel naquele momento não demonstrava tanta resistência — Se através dos seus dados, for constatado que é viável realizar um manejo florestal, pode ter certeza que tudo será realizado dentro das leis ambientais e conservacionistas.

— Mas e a parceria com a Universidade Federal de Roraima? Quem será o pesquisador que irá me coorientar?

— Eu conheço o seu orientador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Fomos colegas de república na época de faculdade na Universidade de Viçosa, em Minas Gerais. Eu cursando Florestas, ele Biologia. Nos tornamos bons amigos. Ele seguiu a carreira acadêmica, eu a empresarial. Devido a seu interesse em pesquisar na Floresta Amazônica, ele entrou em contato comigo por saber que há alguns anos eu trabalho na região Norte. Eu serei seu coorientador. Na verdade, serei mais seu apoiador do que qualquer outra coisa.

— Sim... Meu orientador disse ter um amigo aqui em Roraima que iria me apoiar. Só não entendo porque ele não me contou esses detalhes.

— Eu consigo entender. Você parece ser um bom rapaz, mas é muito imaturo. Tem muito que aprender.

— Humm... Como vai funcionar esse inventário? Como vou realizar um levantamento em uma área de trinta e cinco mil hectares? Parece ser bem grande.

— É bastante grande. O inventário vai ser realizado em amostragens. Sobreposmos uma malha de linhas de coordenadas no mapa da propriedade. A malha de coordenadas geográficas será de mil metros Norte-Sul, e dois mil metros Leste-Oeste. Em cada ponto de encontro destas linhas será instalada uma parcela de amostra de inventário. Uma parcela para cada duzentos hectares, e como são trinta e cinco mil hectares, serão instaladas cerca de cento e setenta e cinco parcelas.

— E como vou instalar cento e setenta e cinco parcelas no meio da floresta?

— Primeiro você ficará a semana que vem toda lendo literaturas científicas sobre a cobertura vegetal natural do Estado. Na UEPAE você irá pesquisar a metodologia a ser aplicada na floresta que vamos trabalhar, lá procure o Doutor Torini. Depois iremos para Caracarái e você irá formar a equipe de funcionários para trabalhar com você na floresta.

— Montar minha equipe? Como assim?

— Você irá supervisionar uma equipe de sete peões. Destes, dois já são funcionários da empresa, de minha total confiança. Eles irão te apoiar. Você precisará contratar mais cinco funcionários, em

Caracarái mesmo. Estou percebendo que você não faz ideia de como realizar este trabalho. Mister Peter, estou começando a achar que não é uma boa ideia este rapaz assumir essa responsabilidade. Além do mais, o trabalho é perigoso...

— No! No! Ele fazer bom truabaio. Eu ver que ele tem potencial! — sentenciou.

— Como assim, perigoso?! — Daniel demonstrava preocupação.

— Daniel, eu vou sustentar esta situação em consideração ao seu orientador e a intuição do Mister Peter, afinal de contas ele está onde está justamente pela sua percepção do mundo e das pessoas.

— Mas eu nunca trabalhei na minha vida. Até hoje somente estudei e pesquisei. E as pesquisas que realizei foram através de iniciação científica ou programas de pesquisas da universidade. Nos trabalhos de campo que realizei, no máximo levei um ajudante para carregar amostras, e todos os dias dormia em casa. O maior tempo em que fiquei em campo foi por uma semana, em excursões por Unidades de Conservação e com toda a turma da faculdade. E essa história de ser perigoso? Não entendi...

— Daniel, — os olhos de Cláudio, penetrantes e determinados para anunciar um ultimato — o trabalho é perigoso porque é em uma floresta nativa, virgem, fechada e principalmente amazônica. Porcos selvagens, sucuris, jiboias, jararacas, jacarés, insetos, aracnídeos, animais peçonhentos. Fora tudo isso, tem a própria floresta, que é muito traiçoeira. Um minuto de descuido pode custar uma vida. Sem contar as armadilhas naturais que existem, como buracos encobertos por ramas e folhas, árvores em decomposição que podem desabar a qualquer momento. Além de variedades de felinos, principalmente a onça-pintada. A onça-pintada pode ser classificada como um dos maiores predadores existentes. Ela é a mais eficiente e adaptada no ambiente em que vive. Em campo aberto, pode existir chance contra ela. Pequena, mas existe. Na floresta densa, ela é a grande predadora. Nem caçadores e mateiros experientes conseguem prever a hora, a forma e de onde uma onça começa a agir. Para andar e viver na mata não se pode descuidar um só segundo. No entanto, a experiência que você irá ter, de conviver com a natureza virgem e de realizar um levantamento biométrico através de metodologias

científicas é única na vida de um profissional, principalmente para um biólogo. — Daniel agora escutava atentamente cada palavra do engenheiro. Mister Peter acendeu um charuto cubano e observou de forma enigmática o jovem biólogo — Você realmente acha que é fácil encontrar uma oportunidade como esta? Existem várias empresas de plano de manejo na Amazônia Legal, mas ter a oportunidade de realizar um trabalho pioneiro como esse é raro. Sem contar que as empresas preferem contratar os engenheiros florestais formados nas universidades federais da região Sul. Nunca ouvi falar de um biólogo ou estagiário de mestrado da região Nordeste do Brasil ter realizado um trabalho como esse. Mas podemos ir agora mesmo até o aeroporto marcar sua passagem de volta pra Natal no voo de amanhã.

— O que achar você? — questionou Mister Peter, após dar uma baforada em seu Cohiba, fitando o jovem a viajar nos pensamentos.

DE BOA VISTA A CARACARAÍ

Daniel observava atentamente a paisagem às margens da BR 174, que ligava Manaus à Venezuela, passando por Boa Vista. Caracaraí localizava-se a cento e trinta e cinco quilômetros ao Sul de Boa Vista, no sentido de Manaus. Após uma semana em Boa Vista, Daniel pôde aprender muito sobre as características florísticas e de fauna dos ambientes naturais do Estado. A existência de três grandes formações de ecossistemas inseridos no bioma Amazônia em Roraima o deixava mais admirado e fascinado com a experiência que vivenciava. Além do ecossistema de Floresta de Terra Firme, que caracterizava a famosa Floresta Amazônica, existia a Savana, com campos abertos e alagadiços, árvores retorcidas de pequeno porte e Veredas de Buritizais. E por fim a Campinarana, extensas áreas de terras baixas e encharcadas, que permaneciam inundadas praticamente todo o ano, com diversas estratificações em relação à altura das árvores.

O mais empolgante era que os trinta e cinco mil hectares onde iria trabalhar possuíam áreas de transições que englobavam as três características citadas: a Savana de uma forma mais densa, quase como uma floresta baixa, porém estabelecida em solos característicos da região Norte do Estado. Esta fitofisionomia florística encontrava-se apenas em cerca de dois por cento da área total. A Campinarana aparecia com mais frequência, em áreas de microbacias hidrográficas, mas predominante nas imediações de limites Sul da propriedade do projeto do Bronze Verde Florestal. Esse ambiente chegava a cerca de pouco mais de onze por cento das áreas da fazenda. A floresta de terra firme tinha uma característica de floresta alta, com indivíduos atingindo entre quarenta a sessenta metros de altura, altamente densa e com ocorrência de cipoais e regeneração natural intensa. Essa floresta fazia parte da mancha de floresta Amazônica que se prolongava a Noroeste do estado do Pará.

Após quarenta quilômetros de distância de Boa Vista, Daniel contemplava o Lavrado roraimense. Percebia que, de acordo com o relevo, a vegetação mudava drasticamente. Em áreas baixas e encharcadas, a vegetação arbustiva e de capim nativo predominava na

paisagem, com pouquíssimas ocorrências de árvores. O que marcava esta composição de ambiente eram as Veredas de Buritizais, com uma espécie de palmeira que se estendia ao longo dos igarapés e várzeas amplamente alagadas. À medida que o relevo se elevava na altitude, os arbustos davam lugares para as espécies de árvores retorcidas, que apareciam em pequenas quantidades, tendo espécimes com cerca de quatro metros de altura, chegando a ter regiões com várias espécies de árvores retorcidas, com as copas atingindo até dez metros de altura.

Daniel ansiava para fazer seu primeiro avistamento do animal símbolo das savanas roraimenses, o tamanduá-bandeira.

— Senhor Cláudio, é difícil de encontrar um tamanduá-bandeira nas imediações da rodovia? — Daniel indagou.

— Bom, é difícil, mas sempre dá para vê-los correndo nas áreas mais abertas. É provável que até Iracema, que fica após Mucajaí, você consiga ver algum.

— Existem poucos animais de grande porte nas savanas. Eu li a respeito em um artigo.

— Por mim a gente enchia de soja nessas terras. A Savana só presta mesmo pra juntar formigas, cupins, tamanduás e estas árvores retorcidas inúteis.

— Poxa, Senhor Cláudio, o senhor fala da mesma forma que os agrônomos falam da Caatinga no Rio Grande do Norte. Mas eu discordo completamente! Tanto a Savana quanto a Caatinga têm sua importância como ambiente de recursos naturais. Para seus olhos pode parecer não ter utilidade, mas para a fauna e a flora existente, que se desenvolveu e se adaptou no local, essa Savana é fundamental!

— Biólogos...

Cláudio não possuía uma visão ecológica. Para ele o que importava era a produção. O desenvolvimento científico também não lhe interessava muito. Toda técnica de trabalho que aplicava era a mais elementar e prática possível, sempre visando custo baixo, produtividade e metas de produção. Para Daniel era diferente, acreditava que só através da ciência, unida ao amplo conhecimento multidisciplinar, poderia existir um desenvolvimento sustentável

no uso racional dos recursos naturais. O biólogo não era contrário à implantação da monocultura, na verdade ainda não possuía um conhecimento aprofundado e prático sobre a temática, formava sua opinião apenas pelo que lia em publicações científicas e de congressos que participava em relação ao assunto.

A Savana, além de sua variável formação vegetal, seu lagos e igarapés bastantes presentes, era relativamente de relevo plano, com leves diferenças de altitudes, o que tornava a mudança da vegetação gradual e quase imperceptível. Afloramentos rochosos, como pedrais, serrotes e serras davam um retoque especial na paisagem.

— E então, Daniel? Você ainda nem me contou como foi sua semana em Boa Vista. O que achou da cidade? — perguntou com curiosidade.

Após a conversa com o Mister Peter, e de Daniel ter concordado em realizar o trabalho na Bronze Verde Florestal, o engenheiro Cláudio levou o biólogo até o hotel e deixou dinheiro suficiente para ele se locomover pela cidade, alimentação e gastos extras. Ao ser indagado por Daniel sobre como conseguiria encontrar os locais que deveria visitar, como a Universidade Federal e a Embrapa, recebeu como resposta um “Se vira!”.

— Se você não conseguir se orientar em Boa Vista com tarefas simples como esta, não sobreviverá um dia na floresta. Os seus contatos serão o Professor Verduroso, agrônomo, Doutor em solos e cobertura vegetal, da Universidade Federal, e o Doutor engenheiro florestal Torini da Embrapa, especialista em Inventário e Manejo Florestal. Final de semana venho te encontrar para marcarmos a viagem para Caracará. Nesta semana estarei viajando. Então, meu jovem, até o fim de semana.

Daniel ficara frustrado. O sentimento de desânimo e desmotivação tomara seu espírito naquele momento. Além do recurso que recebera ser uma mixaria. Mas como tinha trazido um bom dinheiro de reserva, não ficara muito angustiado. Sua preocupação era em relação aos contatos que tinha que encontrar. Não fazia muita ideia de que assunto trataria com eles.

— Ah! A cidade é legal, Senhor Cláudio. Muito organizada e limpa. O calor incomoda um pouco, mas gostei muito de Boa Vista.

— E como foi com os pesquisadores?

— Encontrei com o Professor Verduroso somente na quarta-feira. Ele estava em pesquisa de campo na segunda e na terça. Passou-me um bom material! Ainda não li todo, mas já tenho uma ótima visão da fauna e flora do Estado. Já o Doutor Torini, falei com ele de segunda a sexta. Ótima pessoa. Ele me recebeu muito bem, discutimos muito sobre metodologias de inventário. Às vezes até esquecia que ele era Doutor, de tão simples e acessível que é. Convidei-o para me ajudar na minha dissertação e ele topou na hora.

— É, o Torini é assim mesmo. Ele é um dos melhores profissionais que nosso Estado possui. Você sabia que ele foi aluno de doutorado do maior especialista em Manejo Florestal do Brasil? O cara é muito bom!

— Percebi.

— O Verduroso também é outro monstro de profissional! Em questões de solos em Roraima não existe outro que saiba mais que ele. E as garotas de Boa Vista? Conheceu alguma?

— Poxa, Senhor Cláudio...

— Ah! Não vá me dizer que em uma semana não conheceu nenhuma menina! Onde já se viu?! Um rapaz novo, inteligente. Não acredito!

— Cláudio neste momento se divertiu. Percebeu a timidez e inexperiência do rapaz em relação às mulheres — Só falta me dizer que não procurou nenhuma gata porque tem uma em Natal, ou então... — o tom do engenheiro foi de desconfiança debochada.

— Não! Não! O que é isso, Senhor Cláudio? Eu sou homem! Não tenho namorada em Natal. Tinha uma namorada, mas terminamos há dois anos. Congregava na mesma Igreja que eu, Ana é o nome dela... E em Boa Vista quase não saí à noite. Só fui a uma praça, que achei muito legal, e em um lanche, na praça mesmo. Mas foi só na quarta-feira. As outras noites eu fiquei conversando com o pessoal que estava hospedado no hotel.

— Humm! Quer dizer que você ainda é apaixonado por esta sua ex-namorada, né? — o engenheiro soltou uma grande gargalhada, deixando Daniel incomodado com a situação — Já percebi que

você não tem muito jeito com as mulheres, e ainda por cima vive de paixões passadas. — as gargalhadas foram mais intensas.

— O que é isso, Senhor Cláudio? Eu tenho muito carinho pela minha ex-namorada, mas isto não me impede de namorar outras meninas, não. O fato é que... O senhor não me falou que eu tinha que me entrosar com o pessoal do hotel, para ter uma visão melhor sobre o Estado? Então! Foi isso que eu fiz! — a inquietação de Daniel com toda aquela situação era clara.

— Tudo bem, tudo bem... — disse aos risos, Cláudio, enxugando as lágrimas de tanto rir — Olha, aqui é Mucajaí. — alertando Daniel ao entrar na cidade — As cidades aqui são pequenas. Todas possuem de cinco mil a dez mil habitantes. Caracarái é um pouco maior que Mucajaí. Após Mucajaí vem Iracema e depois Caracarái. — por alguns instantes o engenheiro sorriu olhando para a cidade — Sim! E como foi a conversa com aquele bando de peãozada lá do hotel? Aprendeu alguma coisa?

— Sim. No início eles não deram muita atenção pra mim não. Mas tinha um velho garimpeiro lá, o Seu Chico, que começou a conversar comigo. Muito bacana ele. Contou-me cada história do garimpo. — empolgado ao se lembrar do Chico — Falei sobre o trabalho que ia realizar em Caracarái, e no início ele não acreditou. Mas depois acabou me dando bons conselhos de como eu deveria trabalhar com os funcionários, como contratar bons trabalhadores. Bom, quer dizer, ele me dava bons conselhos até o momento em que ficava bêbado. Aí falava coisas sem sentido. Nunca vi alguém beber tanto como ele!

— É, dá pra ver que você não conhece muito da vida fora da universidade. E você? Não bebe não?

— Não. Sou evangélico.

— Então, consequentemente não fuma.

— Nunca fumei. Inclusive não gosto da fumaça do cigarro. Pode parecer frescura, mas não gosto do cheiro.

— Vá se acostumando, pois estes peões o que mais fazem na vida é beber cachaça e fumar. E não é cigarro de carteira não, é porronca mesmo! Sabe o que é porronca? — Daniel acenou de forma negativa

com a cabeça — Porronca é o cigarro de palha, brejeiro, fumo de rolo, fumo extraforte, pé-de-burro, estas coisas. E quando não é maconha! Muitos deles fumam maconha.

Após passarem pelo município de Iracema, Daniel percebeu que a vegetação começara a mudar. Uma floresta um pouco mais densa aparecia como manchas na imensidão da Savana.

— Senhor Cláudio, parece que estamos chegando na floresta!

— Bem observado, Daniel! Esta área é de transição entre a Savana e a Floresta de Terra Firme. Mas estas bolas de matas que você está vendo ainda não estão nem perto do que você vai encontrar em Caracarái. E acho que daqui pra frente vai ser difícil você avistar um tamanduá-bandeira também. Fica pra próxima vez. Oportunidade não vai faltar. Além do mais, na floresta você vai ver animais muito mais interessantes e com muita sorte verá uma onça-pintada.

— Poxa, que pena... Queria ver o tamanduá...

Cláudio não entendia que, para Daniel, qualquer ser vivo era interessante. Mas em certo ponto de vista o engenheiro tinha razão. O maior atrativo para o rapaz era a floresta. A Savana surgiu como bônus. Era notado que as áreas do Lavrado se tornavam mais raras de ocorrer à medida que se aproximavam de Caracarái. Porções de florestas mais densas e com exemplares de árvores cada vez mais altos surgiam. Daniel sentia uma apreensão, pois finalmente realizava seu sonho. Era inimaginável para ele que além de estar realmente em uma Floresta Amazônica, pudesse em cerca de cem quilômetros constatar a transição entre duas composições florísticas tão distintas, a Savana e a Floresta de Terra Firme.

— Daniel, após aquela curva, estaremos entrando no município de Caracarái. Lá será sua nova casa. Quer dizer, por alguns dias no mês. Mas esses detalhes trataremos quando estivermos na cidade.

O anúncio do engenheiro Cláudio soou como a conquista de um prêmio aos ouvidos de Daniel. Era possível avistar a entrada da cidade. O jovem esperava algo bem característico, algo com a identidade da região Norte, mas logo viu que não passava de uma cidade comum, como qualquer outra. De fato, a cidade se estabelecia às margens do rio Branco, o que a tornava um tanto quanto romântica, pelo menos aos olhos do biólogo.

— Vamos almoçar na Dona Misti e depois vamos conhecer o Seu Plínio, o prático! — o engenheiro anunciou.

— Prático? O que é isso?

— É o nome que se dá para quem conduz o barco, tipo um navegante.

— Eu vou andar de barco? — Daniel demonstrava uma alegria enorme.

— Claro! É a única forma de chegar até o projeto. Bom, não é a única forma. Pode-se atravessar o rio Branco em uma balsa até a comunidade de Vista Alegre, e de lá andar mais ou menos oito dias atravessando uma serra. O problema é que existem poucas trilhas e se a pessoa se perder na trilha, aí a viagem pode durar mais de duas semanas! Ou pode andar por seis dias contornando a serra, mas é muito perigoso, pois vai ter que encarar um lamaçal de Campinarana, que fazem estes seis dias parecerem dez dias.

— O senhor já fez esses trajetos? — com a pergunta de Daniel, Cláudio soltou a maior gargalhada.

— Garoto, claro que não. Mas escutamos as histórias de quem já passou por essa experiência infernal. — Cláudio enxugava as lágrimas do rosto. Após almoçarem, dirigiram-se para uma espécie de porto de pequenas embarcações, localizado na região central da cidade — Bom. Este vai ser o seu barco de apoio! — Cláudio mostrou para o rapaz um dos barcos atracados no porto.

— Este vai ser o quê?! — Daniel apontava para o que parecia ser um barco.

— O seu barco, ora! E não é só isso, vai ser seu barco, sua casa quando não estiver em terra e seu depósito para transporte de ferramentas e equipamentos.

Daniel olhava atônito para o barco. Uma estrutura comprida e relativamente estreita, capaz de transportar uma boa lotação, cerca de vinte pessoas. Era o que se chamava de balieira, próprio para viagens longas. O barco era completamente fechado em todo o convés. No entanto, o aspecto era visivelmente duvidoso e nada seguro. Podiam-se perceber diversas tábuas podres ao longo de sua estrutura, além de buracos visíveis no casco.

— Não se preocupe, Daniel, — o engenheiro disse, tentando animar o rapaz — o que importa é que o Seu Plínio é um dos melhores práticos da região. Seu Plínio! Sou eu, o Cláudio! Onde você está?! — gritou. Em instantes, uma portinhola se abriu no barco e de dentro saiu Plínio completamente bêbado, com uma garrafa de conhaque na mão e um cigarro noutra — Bom Daniel, pelo menos quando ele está sóbrio! — completou, com ar de chacota.

— Senhor Cláudio, eu não vou andar neste barco! — Daniel falava com as mãos estendidas, dando passos vagarosos para trás e balançando negativamente a cabeça.

— O que o senhor manda meu chegado?! — tentou falar, completamente embriagado, Seu Plínio.

— Poxa, Seu Plínio. Bêbado novamente? Não disse que ia parar?

— A desgraçada da mulher me deixou. Aquela praga!

— Mas isso não foi no ano passado, Seu Plínio? E olha a hora! Ainda é uma da tarde.

— Uma da tarde? — Seu Plínio cambaleava mais do que vara em ventania — Já é uma da tarde?! — parou, coçou a cabeça — Ê! Perdi a hora. Hoje é quinta-feira?!

— Pelo amor de Deus, Seu Plínio! Há quantos dias está bebendo? Não tínhamos combinado que não beberia mais em dia de semana?!

— Estava de folga! — o prático praguejou, gesticulando com as mãos — Estava de folga! Eu es-ta-va de fol-ga! De folga...

— Ele bebe assim todos os dias? — Daniel perguntou, com aspecto perturbador.

— Não, ele é boa pessoa, só bebe assim quando sente saudades da mulher que o deixou.

— Mas isso foi no ano passado! E já estamos em outubro!

— Quem é esse aí? Senhor engenhei-jo-ro, jovenheiro... — completamente bêbado o prático.

— Tá! Tá, Seu Plínio. — irritou-se, Cláudio — Este será seu novo chefe! Biólogo! Se chama Daniel.

— Este curumim?! Este moleque?! Este menino?! Tá de brincadeira!
 — Seu Plínio soltou uma gargalhada que só um gambá embriagado poderia soltar — É pegadinha?! É câmera escondida?! Primeiro de abril?! Você tá de sacanagem com o velho aqui, né?! — continuando a bolar de rir.

— Seu Plínio, por favor, vá dormir. À noite conversamos. Faz esse favor pelo amor do bom Deus! — o engenheiro implorou.

— Sim, senhor! — falou sorrindo e batendo continência, em seguida entrando no barco. De dentro podia-se ouvi-lo resmungando e sorrindo.

— Vamos pra Tropicália. É uma lanchonete bacana onde poderemos tratar dos detalhes. — Cláudio convidou.

— Tudo bem. É por coisas assim que realmente não faço questão de beber. Além da minha crença. — concluiu Daniel sorrindo e apontando para o barco.

Na lanchonete tropicália, após Cláudio abrir a primeira cerveja e Daniel esperar seu suco de cupuaçu ficar pronto.

— É. A primeira impressão não foi das melhores, eu sei. — disse, com pesar, o engenheiro Cláudio — Mas o Seu Plínio é um bom homem. Quando está sóbrio, é claro! — e soltou uma risada alta. Daniel sorvia seu suco, escutando atentamente — Bom, Daniel, é o seguinte: segunda-feira você irá iniciar as contratações de sua equipe. Ao todo serão cinco peões a serem contratados. O Seu Plínio poderá ajudá-lo na indicação dos peões, afinal, ele conhece todos por aqui.

— Tudo bem, Senhor Cláudio. Acredito que com ajuda eu conseguirei bons trabalhadores. Como será a forma da contratação?

— Bem, como são cerca de cento e sessenta e cinco parcelas para serem instaladas, e pode parecer bizarro, mas na média, o máximo de parcelas instaladas por dia é somente uma, contando com todos os imprevistos... Vejamos... O contrato será de seis meses. Isso porque vocês terão que abrir picadas mata adentro até chegar aos pontos de instalação, por isso demora muito.

— Nossa! Somente uma parcela por dia? Mas por quê?

— Simples. À medida que vocês vão evoluindo nos pontos, estarão adentrando a floresta, e consequentemente as distâncias vão aumentando. Eu planejei cerca de seis acampamentos provisórios no projeto todo. Os mapas estão nesta pasta. — o engenheiro abriu uma pasta contendo documentos, e expôs sobre a mesa — Aliás, todas as informações técnicas e recomendações estão aqui.

— Como são esses acampamentos? — o rapaz parecia excitado com o planejamento do trabalho.

— Não são! Vocês vão construir! — Daniel arregalou os olhos com a notícia — O único acampamento fixo é o que existe na margem do rio, lá no projeto. É onde vive o Velho Xereta e seu filho Ronaldo.

— E como vamos transportar os equipamentos para construir estes acampamentos?

— Por isso na equipe vão ser oito pessoas, incluso você. Vocês vão carregar picada adentro todo o equipamento, alimentação, enfim, por isso vocês só vão fazer uma parcela por dia, em média, claro.

— Nossa! É um trabalho duro. Já percebo que terei que contratar pessoas fortes. — Daniel tentava raciocinar de forma lógica diante dos fatos.

— Só forte não será suficiente. Existem pessoas que não aguentam ficar na floresta. Você terá que principalmente contratar peões que sejam duros na mata.

— Só para eu saber, quantos quilômetros são de distância da sede para o acampamento seis? — Daniel apontou no mapa uma inscrição que indicava a localização do acampamento.

— Uns trinta quilômetros. — o engenheiro respondeu secamente.

— Trinta quilômetros?! E este aqui? São uns vinte e cinco quilômetros? — o biólogo apontava em um ponto no mapa escrito acampamento cinco.

— Olha. Aqui é a sede. O ponto zero. O acampamento um está a dez quilômetros. Usando a sede como apoio vocês trabalharão nesta área aqui. — o engenheiro Cláudio circulava com o dedo uma área no mapa — Daqui pra frente, — mostrando outra área no mapa —

terão que construir o acampamento um. O acampamento dois está a dezessete quilômetros da sede e apoia esta área. O acampamento três está a vinte e três quilômetros. Está vendo a área que ele vai cobrir? — Daniel concordava com um leve movimento de cabeça, prestando muita atenção ao que era demonstrado no mapa — É muito importante você entender isso. O acampamento quatro está a dezoito quilômetros da sede, mas vocês terão que abrir uma picada base no sentido Oeste-Leste de treze quilômetros, e no sentido Norte-Sul mais cinco quilômetros. Então o acampamento cinco está a vinte e quatro quilômetros e, por fim, o acampamento seis a trinta quilômetros.

— Nossa! Agora estou começando a entender tudo... — disse, admirado, após o detalhamento do mapa.

— Não está entendendo nada! — o jovem fitou o engenheiro com dúvidas — Daniel, você realmente só irá entender quando começar a trabalhar.

— Humm, sei. Verdade. Senhor Cláudio, e como será a contratação dos funcionários?

— Sim! Você deve falar pra eles como será o trabalho, da mesma forma que estou te falando e deixar eles cientes que ficarão um mês na floresta e quatro dias em Caracaraí. — Daniel arregalou os olhos — Isso mesmo meu rapaz, este trabalho só tem rendimento permanecendo na mata. Você já deve ter percebido que não tem condições de ficar indo e vindo à toa. Uma vez na mata, deve permanecer um período lá.

— Por mim tudo bem... — um ar de desânimo rondou as palavras de Daniel.

— Você deve contratar um ótimo identificador de espécies de árvores. Ele será seu braço direito. Os outros funcionários serão três para abertura das picadas e instalação das parcelas, e um cozinheiro. O Velho Xereta dará apoio no acampamento fixo e o Ronaldo fará a segurança da equipe.

— Segurança da equipe, é?! Já sei, para matar as onças, jacarés. — o rapaz zombou.

— Isso mesmo! Você pode achar brincadeira, mas ele estará com vocês armado com espingarda para fazer a segurança principalmente à noite, quando vocês estiverem dormindo. Lá vocês vão dormir em redes, em um barraco aberto, só coberto por lona para proteger das chuvas.

— Nossa! Realmente é perigoso. — Daniel se imaginava dentro de um filme de aventura.

— Mas a especialidade dele é rastrear pessoas perdidas na floresta. Ele e o Velho Xereta moram na região há mais de vinte anos. — o engenheiro falava dos dois florestais com orgulho.

— Mas com tantos animais na floresta, alguém tem alguma chance de ser encontrado vivo quando se perde?

— Bom, pelo menos temos que entregar o corpo para a família. Ou os restos dele.

Daniel imaginava que o engenheiro Cláudio exagerava nos seus relatos sobre os perigos da floresta. Não era possível que realmente fosse daquela forma. Óbvio que perigos existiam, no entanto, quem trabalharia em um local onde a morte era certa?

Os dois continuaram conversando sobre as providências que Daniel deveria tomar. Cláudio explicou que Seu Plínio estaria sendo contratado para visitar a sede uma vez por semana. Chegaria sábado, nove horas da manhã e iria embora domingo, três horas da tarde. Daniel poderia estar na sede principal para receber mantimentos e eventuais recomendações do escritório central de Boa Vista, quando fosse possível. Ao final de um mês, Seu Plínio levaria todos para Caracaraí, e em quatro dias voltaria a deixá-los na floresta. Em caso de acidente ou doença grave, na sede existia uma voadeira que serviria de suporte de emergência.

Daniel questionou diversas vezes sobre o barco do Seu Plínio não ficar tempo integral dando apoio para a equipe, porém, segundo o engenheiro, o fato do barco prestar serviços para o Bronze Verde Florestal, e as viagens para transporte serem esporádicas, ocorria porque o prático possuía outra empreitada, que era levar o Padre Wilson descendo a correnteza do rio Branco a partir de Caracaraí, para que assim o reverendo celebrasse missas em comunidades

ribeirinhas. Esse compromisso era de terça-feira a quinta-feira, duas vezes por mês. O engenheiro argumentava que futuramente a empresa iria adquirir o próprio barco, e que Daniel tivesse paciência.

Anoitecia quando os dois retornaram para o porto onde ficava Seu Plínio. O prático encontrava-se no teto do barco, fumando um cigarro. Ao reconhecer Cláudio, a festa foi grande.

— Senhor Cláudio! Que satisfação o senhor por aqui. Fazia tempo que esperava sua visita! — Plínio parecia sóbrio — E quem é este? Seu filho?

— Seu Plínio, o senhor realmente não lembra que estivemos aqui por volta de uma hora da tarde?! — o engenheiro se surpreendia com a amnésia do barqueiro — Mas não importa...

— Poxa, Doutor, desculpe se o senhor me encontrou em um estado feio, mas é que...

— Eu sei, Seu Plínio, eu sei, sua mulher te deixou. — completou o engenheiro antes que Seu Plínio se lamentasse, pois conhecia a eterna desculpa para seu alcoolismo.

— Pois é, Doutor, o senhor já sabe, não é? Mas e aí?! O que o senhor manda?

— Bom. Este é o Daniel, do Rio Grande do Norte, da capital Natal, ele é biólogo e irá realizar aquele trabalho que te falei lá na fazenda Mundo Velho.

— Ah, sim! Nossa, ele é bastante moço ainda. Mas será que aguenta o tranco do trabalho? — Seu Plínio analisou o biólogo da cabeça aos pés — Cabelinho cortado; oclinhos de granfino; roupa da marca; pele sem uma mancha; mãos tão finas que tenho até medo de furar elas com estas minhas mãos de lixa de velho bruto. — o prático demonstrava desconfiança — Sei não, Doutor, tem certeza que vai jogar esse menino na mata? Ele pode ter mais serventia no escritório, mexendo com papelada...

— Seu Plínio, não se engane com minha aparência, eu já estou aqui e isto já é muita coisa! — Cláudio fitou Daniel com admiração. O jovem estava se impondo. Imaginava que uma hora isso iria acontecer, mas não tão cedo. O tom da voz do rapaz tinha sido diferente de todos

os que o engenheiro ouvira sair de sua boca até então. A mudança claramente acontecia, e o engenheiro abriu um sorriso discreto.

— Pode ser, Seu Plínio. Pode ser que ele não tenha experiência suficiente, ou nenhuma. — não era certo naquele momento apoiar moralmente Daniel, seria fatal no processo de amadurecimento do rapaz, que ficaria convencido — Por isso vou te pedir para ajudar ele a contratar cinco peões bons de mata pra levar até no máximo sexta-feira próxima no projeto.

— Pode ficar tranquilo, Doutor, eu conheço uns cabras bons de serviço. Como vai ser o pagamento? Na diária ou na empenleita?

— Na diária. Um salário mínimo por mês. Somente o identificador florestal e o Daniel receberão dois salários. Contrato de seis meses. Os contratos tão com o rapaz, só pra preencher com os nomes dos funcionários. Quero que você encontre um identificador bom, um cozinheiro e três peões bons de facão, pra abrir picadas.

— Pode deixar, Doutor, amanhã mesmo vou atrás dos homens. — Seu Plínio realmente era um homem prestativo e responsável, quando não bebia.

— Este dinheiro aqui, Daniel, — o engenheiro retirou um pacote de dinheiro do bolso — será para você comprar todo o material que irá precisar. A lista está na pasta. Mas peça ajuda do Seu Plínio para comprar estes materiais. Ele sabe das necessidades que eventualmente aparecerão na floresta.

— Pode ficar tranquilo, Doutor, o menino tá comigo, tá de boa.

— Quero que não passe de sexta-feira que vem para estar tudo pronto! Esse trabalho já deveria ter começado. Você sabe que em seis meses começará o inverno, Seu Plínio.

— Não se preocupe, Doutor! Semana que vem eu peço pro Véio Pedro Bala pra levar o padrego rio abaixo. Não tem problema. Antes de sexta vai tá tudo no jeito.

— Daniel, agora vai ficar por sua conta. Nos veremos em breve. Lembre-se, a única forma de contato será através do Seu Plínio a cada semana. Não desperdice as oportunidades. Até breve. — um aperto de mão entre Daniel e Cláudio, e o engenheiro seguiu seu caminho

rumo à capital Boa Vista. O jovem sentiu um calafrio em sua espinha. A partir daquele momento estaria como encarregado do trabalho.

— Vamos rapaz, vamos colocar suas tralhas no barco. — o prático pegou uma das malas do biólogo — Que porcaria é essa?!

— São meus livros. Eu vou realizar uma pesquisa na floresta.

— Hômi, nesse trabalho que você vai fazer não tem tempo pra leitura não! Você pensa que lá é uma pousada? Lá é o inferno!

— É, Seu Plínio, estou começando a acreditar...

Daniel se admirou com o interior do barco. Existiam cinco repartições. A cabine, um banheiro, dois dormitórios e um amplo depósito que servia de cozinha, com um fogão duas bocas e um armário. Tudo dividido em cerca de trinta e quatro metros quadrados.

— Se quiser tomar um banho, é só abrir esta válvula aqui. — mostrando um registro acima da porta do banheiro — A caixa d'água está cheia, mas economize água, a bomba está com defeito e às vezes não funciona. — Daniel tentava imaginar o que deveria funcionar naquele barco — Se quiser comer tem peixe frito na panela!

— Não, obrigado, já jantei.

— Se você quiser vamos ao Fundo de Quintal. É um lugar que toca forró. Sempre dá muita mulher boa, e vai por mim, se você for passar um mês na mata, melhor aproveitar pra sair nesse fim de semana. — disse, de forma convidativa, Seu Plínio.

— Humm... Acho que vou aceitar o conselho, Seu Plínio.

— Vamos, então! A gente só vai correr atrás de peão na segunda mesmo! Uma hora dessas eles já devem estar travados de bêbados. Só segunda pra encontrar estes homens.

— Se é assim, vamos lá!

Os dois saíram do porto por volta das vinte e três horas. O Fundo de Quintal ficava a umas sete quadras da orla. O clube era amplo e agradável. O palco localizava-se no fundo central do terreno. Na lateral direita existia uma área coberta onde ficavam várias mesas com quatro banquinhos cada, fixos no chão. Na lateral esquerda eram vendidas as bebidas. O ambiente relativamente cheio. O som

era tocado por uma banda de forró local. Não era o gênero musical da preferência de Daniel, porém, todo o contexto o agradava. Vários casais dançavam no salão diante do palco. Daniel e Seu Plínio sentaram em uma das mesas e conversavam assuntos banais.

— Você sabe dançar forró, Daniel?

— Não. Nunca aprendi. Na verdade, o forró não é meu estilo. — Daniel realmente não tinha interesse em forró, apesar de ser música predominante em sua região de origem.

— Pois trate de aprender se quiser agarrar alguma gata! — o prático afirmava com sabedoria de quem sabia do que falava.

— Acredito que existem outras formas de conquistar uma mulher, com uma boa conversa, por exemplo. — o rapaz acreditava na essência da conquista pelos méritos intelectuais.

— Boa conversa?! Tá maluco é?! — Seu Plínio debochou de Daniel. Para o prático, uma mulher deveria ser agarrada com uma boa pegada.

Após várias cervejas, Seu Plínio demonstrava embriaguez. Apesar de relatar façanhas incríveis com belas mulheres, não aparentava ser o conquistador de suas falácias. Enquanto o prático contava mais uma de suas proezas, Daniel sentiu algo que há muito não vivenciara. Seu coração acelerou. Seu rosto ficou quente e rígido. Seus olhos fixaram um ponto. Uma mulher. Ela era linda. Seus lisos cabelos negros caíam sobre seus ombros desnudos e cobriam suas costas. Seus olhos intensos de castanho escuro, com brilho aturado e contornos nunca vistos até então, entravam em harmonia com seu delicado rosto. Os lábios, desenhados e entreabertos, faziam com que a sensualidade fosse representada na sua essência mais pura. A pele, tão morena e reluzente, combinava perfeitamente com os tons dos olhos e cabelo. O busto da bela pintura que apreciava definia o sentimento de desejo e perfeição. Sua cintura tangia curvas ousadas em continuidade com o quadril erótico, terminando na obra divina de suas longas e tentadoras pernas. Em dado momento ele não via e nem escutava mais nada, somente contemplava a beleza exuberante que nunca imaginou existir na face da Terra. O sorriso dela ilustrava com maestria o que se poderia esperar sobre o que era estar feliz e proporcionar felicidade. Daniel não tinha dúvida alguma, estava

apaixonado. Prisioneiro do sentimento mais sublime e ao mesmo tempo avassalador que era a paixão.

— Ei, rapaz! Tá me ouvindo? — como em uma tragédia, Daniel despertou do seu transe de excitação e desejo, devido os gritos de Seu Plínio — Faz meia hora que eu falo e você parece que está abobalhado?!

— Desculpe, Seu Plínio. O que o senhor disse? — Daniel voltou a si.

— Eu disse que essa gata que você está babando vive há pouco tempo na cidade. Ela é uma índia da serra de Pacaraima, Norte de Roraima, na divisa com a Venezuela, eu acho. Mas dizem que mora em São Paulo faz algum tempo. Parece que estuda lá... Não sei bem...

— Como é o nome dela?

— Não sei, rapaz. Vá lá perguntar dela. — o prático se divertia com a situação.

— Não! Quer dizer... Veja o pessoal que está com ela. Um daqueles caras deve ser o namorado dela.

— Pelo que eu sei, menino, ninguém até agora deu um trato nela. Aqueles peões ali podem até estar querendo traçar ela, mas nem o filho do prefeito conseguiu nada. A moça é orgulhosa. — “Ou quem sabe ela está à procura de outro perfil de homem”, Daniel pensou — Mas, vá lá! Não seja um peão mole. Eu na sua idade já... — Seu Plínio iniciou novamente suas falácias. Daniel, na insensatez da paixão, vislumbrou um encontro romântico com aquela princesa indígena que emanava luzes de perfeição. Cada movimento de seu corpo fazia com que seus cabelos flutuassem como plumas delicadas e pousassem suavemente sobre seus ombros. Cada piscar de seus olhos era como o abrir e fechar do paraíso. Daniel não aguentava mais aquele aperto em seu coração. A falta de ar, a paixão consumindo o seu ser. Em dado momento, seus olhares se cruzaram entre a multidão e a insegurança o fez vacilar e desviar o olhar.

— Você está apaixonado, né? — Seu Plínio perguntou, percebendo os reais sentimentos do jovem.

— Não sei, Seu Plínio. Ela é linda. E parece ser tão dona de si, independente. Sei lá! É bobagem minha. Nunca teria chances com

ela. E além do mais, ela parece ter uns vinte e seis anos, nunca se interessaria por alguém tão novo como eu. — lamentava-se Daniel.

— É bobagem mesmo, meu jovem. Ficar apaixonado uns dias antes de ficar um mês na floresta não é bom não. Faz os dias passarem mais devagar. Melhor irmos embora. Você deve estar cansado. Eita, peão mole!

— Tudo bem, Seu Plínio. O senhor tem razão. Ao levantarem da mesa, Daniel olhou novamente para a bela mulher que, como por conspiração da Natureza, fez com que ela voltasse seu rosto em direção ao rapaz, fixasse seu olhar no dele, e por uns instantes desse de presente seu belo sorriso, voltando novamente o rosto para fora de alcance dos olhares apaixonados.

— Vamos, garoto, antes que você queira se matar de amor! — Seu Plínio praguejou.

A EQUIPE DA FLORESTA

O final de semana passou tranquilamente. O sábado foi um dia de leitura para Daniel. Seu Plínio passou o dia bebendo, mas pelo menos pescou um tucunaré e preparou uma caldeirada que foi saboreada tanto no almoço quanto na janta.

No domingo, Seu Plínio procurou algumas pessoas para trabalhar na equipe, porém os locais de contato não foram dos melhores: bares e bordéis da cidade. Seu Plínio garantia que era lá que se encontravam os melhores trabalhadores, ao contrário do que aprovava o rapaz.

Na segunda pela manhã, o prático demonstrava vigor.

— Daniel. Vou dar uma volta pela cidade para encontrar mais duas pessoas importantes que faltam pra formar sua equipe. Daqui a pouco os outros três peões vão vir prosear com você. Veja, se gostar deles vai ser bom. É difícil encontrar peão que aceite um trabalho na mata assim.

— Tudo bem, Seu Plínio. Eu gostaria que o senhor ficasse comigo pra conversar com eles. Não sei a reação deles em relação a minha pessoa.

— Não se preocupe. Já avisei que você é só um guri. Mas pra eles o que importa é que vão receber a bufunfa, o troco. Fique aqui no barco e espere.

— Seu Plínio, e as compras? — Daniel se preocupava com todos os detalhes.

— Deixe comigo, garoto! Hoje mesmo já vou organizar tudo. Se tudo der certo, amanhã à tarde estaremos zarpando para a fazenda Mundo Velho. — Seu Plínio saiu à procura dos últimos funcionários. Não demorou muito chegou o primeiro candidato para a entrevista.

— Dia! É aqui que estão precisando de trabalhador? — perguntou um rapaz de aspecto sereno, que olhava pela janela do barco.

— É, sim senhor. O senhor pode entrar que conversaremos aqui dentro do barco.

O rapaz entrou no barco um pouco tímido, e Daniel o conduziu até o amplo depósito, onde havia uns tocos de maçaranduba que serviam de bancos e uma bancada de pranchas de angelim-ferro suspensa por correntes pregadas na parede do barco, servindo de escrivaninha.

— Bom. O que eu posso dizer... Como é seu nome? — Daniel tentou iniciar uma conversa.

— Jesus, senhor. — o rapaz disse de forma tímida.

— Jesus?! Apelido?

— Não, senhor, é meu nome de batismo mesmo. Minha família é evangélica, eu também sou. Este foi o nome que meus pais me deram.

— Também sou evangélico! Congrego na Igreja Batista! — alegrou-se o rapaz — Qual igreja o senhor congrega?

— Na Assembleia de Deus, senhor.

— Ótimo, Jesus! Ótimo! Sempre é bom ter um irmão em Cristo por perto. Seu Plínio já deve ter te falado sobre o serviço. O serviço é bastante duro. E teremos que ficar um mês na mata direto e folgar quatro dias.

— Eu sei, sim senhor. Já trabalhei em roça cortando juquirá. Derrubando pau com machado. Abrindo roça com foice e terçado, fazendo coivara...

— Espera! Espera! Vamos com calma, Senhor Jesus. Desculpe, deixe-me primeiro me apresentar. Esqueci. Meu nome é Daniel, sou do Rio Grande do Norte e sou biólogo. Tenho vinte e dois anos de idade. Algum problema pro senhor a minha idade?

— Não, senhor. — Jesus era sincero.

— O que é juquirá? — Daniel realmente não tinha entendido nada do dialeto que o candidato acabara de pronunciar.

— É aquelas bola de mato, capoeirão, mato sujo, aqui chamamos de juquirá.

— Certo, certo... E terçado? O que é?

— É facão, senhor. Mas nós pegamos o costume dos maranhenses de falar terçado.

— Beleza. Já estamos nos entendendo. Agora só falta você me explicar o que é coivara. — Daniel se divertia com o aprendizado.

— Quando tem uns paus grandes na juquira, preciso explicar o que é juquira? — Daniel fez um movimento negativo com a cabeça, com um leve sorriso no rosto, ele já sabia o que era juquira — Então, colocamos os garranchos, galhos e pau maior em cima do toco dos paus grande, e colocamos fogo pra ficar mais fácil de tirar o toco e pra limpar o terreno.

— Ah, sim! Coivara. Já vi isso lá no interior do Rio Grande do Norte. Já sei o que é. — realmente tinha visto algo parecido quando passava as férias em Santa Cruz, interior do Rio Grande do Norte, região Trairi, cidade de seus avós.

— Na sua biologia que o senhor estudou, não aprende essas coisas não? — para Jesus, não fazia sentido quem tinha diploma não saber das coisas simples que um trabalhador braçal sabia.

— Não, Jesus. Não aprendemos. Mas estou aprendendo agora com o senhor. — Jesus abriu um sorriso de orgulho — É assim que funciona, sempre aprendemos uns com os outros. — Daniel lembrou uma situação que acontecera em um congresso de Desenvolvimento Sustentável na universidade. Em uma das pautas de discussão do congresso, Daniel defendia piamente que no desenvolvimento sustentável, o conhecimento científico era fundamental para o êxito em qualquer ação prática. Um jovem anarquista estudante de Ciências Sociais rebateu o argumento de Daniel, sustentando o fato de que sem a experiência empírica das ações, não existiria a formulação das hipóteses científicas, ou seja, a troca de experiência entre quem vive a prática do desenvolvimento sustentável e quem idealiza os conceitos científicos. E essa configuração do exercício do conhecimento era o que existia de mais importante para a harmonia do desenvolvimento social e cultural. E foi na prática, conversando com Jesus, que Daniel entendeu isso — Então o senhor está disposto a fazer parte da equipe?

— Sim. Preciso do trabalho. Minha esposa está grávida do nosso primeiro filho. E emprego está difícil hoje em dia. — Jesus era um homem simples.

— Jesus, estou curioso com uma coisa! Seu Plínio me disse que foi procurar o pessoal em bares e bordéis, lugares onde se encontram os melhores trabalhadores, segundo ele. O que o senhor fazia em um lugar como esses? — era a curiosidade desde o início da conversa, e esperou o momento certo para realizar a pergunta.

— Não estava não, senhor. — Jesus sorriu — Meu tio é dono do bar Asa de Gavião! E quando Seu Plínio disse que estava procurando peão, meu tio foi me chamar pra ver o serviço.

— Tudo bem, se o senhor tem experiência em trabalho pesado e está disposto a aceitar as condições do serviço, considere-se empregado. Só peço que o senhor aguarde lá fora, pois vou entrevistar outros candidatos, e quando fechar a equipe, conversaremos todos juntos para definirmos os detalhes que convém a todos.

— Sim, senhor. Olha. O Seu Plínio me disse que não estava achando um cozinheiro. Meu cunhado sabe cozinhar bem. Se o senhor quiser eu vou chamar ele.

— Tudo bem, Senhor Jesus. Pode ir chamar ele então. — Jesus saiu do barco e, como em trote, desapareceu pelas ruas da cidade. Logo, mais alguém descia a escadaria do porto.

— E aí, véi! É aqui que tão precisando de peão? — disse o homem que acabara de chegar.

— É sim! Pode entrar no barco para conversarmos. — respondeu — Foi o Seu Plínio que te enviou? Como se chama?

— Oi, foi ele sim. Eu sou Manoel Batista Reis, mas pode me chamar de Raul, viu véi! E o seguinte é esse, eu tô aqui pra encarar qualquer serviço. — Raul era um homem alto e de bom porte físico. Notava-se que tinha disposição para trabalhar e que era positivo no que falava.

— Como vai, Raul? Eu sou o Daniel, o encarregado do serviço. Você já trabalhou na floresta, em serviço pesado? — a conversa fluía com mais segurança.

— Olha, véi, eu corto de motor, não tem?! Eu derribo pau com machado, já trabalhei carregando caminhão de tora só na catraca. Viu véi! E o seguinte é esse, eu encaro o serviço que for, estou aqui pra trabalhar.

— Ótimo! Já sabe que teremos que ficar um mês na mata e folgar quatro dias? — perguntou automaticamente.

— Justamente! Isso aí pra mim não é nada, viu véi! Quando que vamos começar a trabalhar?

— Se tudo der certo, amanhã mesmo, Seu Raul. — o rapaz gostou do bom humor de Raul.

— Justamente! Pois olha, véi, amanhã bem cedo, vou tá aqui, viu véi! Porque o seguinte é esse, eu acordo cedo, porque comigo não tem frescura não. Já trabalhei carregando motor gerador nas costas no garimpo, viu véi! Atravessando igarapé, gruta, subindo e descendo serra, justamente isto que eu estou aqui pra trabalhar. — Raul permanecia o tempo todo sério, porém seu humor era peculiar.

— Tudo bem, Senhor Raul. O senhor aguarde aqui na orla, que quando eu terminar de conversar com os outros candidatos farei uma reunião geral.

— Justamente! Olha véi, uma vez eu estava derribando de motor na vicinal cinco, e o saibre do motor entortou, viu véi! Pois o pau caiu em cima do saibre. E o seguinte é esse que eu peguei o machado e continuei cortando, pois se eu tenho que fazer o serviço eu faço, viu véi!

— Tudo bem, Senhor Raul... — Daniel não queria prolongar muito a conversa. Percebeu que Raul nunca pararia de falar.

— E me diga uma coisa, véi, como será o pagamento? Porque o seguinte é esse, a gente vai ficar um mês direto na mata, e justamente não posso deixar a mulher e os cabeçudinhos sem nada, pois é por isto que nós trabalha, pra dar de comer pra nossa família. — o nervosismo de Daniel era aparente, pois não sabia como responder com segurança a todos os questionamentos de Raul — E eu queria saber como é este negócio de diária, pois pra mim na empeleita seria melhor, e eu queria saber quem é o encarregado do serviço, viu véi!

— O encarregado sou eu mesmo, Seu Raul. — respondeu olhando no relógio e escrevendo qualquer coisa nos papéis em cima da bancada pra demonstrar estar ocupado.

— Justamente! Então é com o senhor mesmo que eu falo?!

— Sim senhor, Seu Raul. Mas é como te falei, vou receber mais alguns candidatos... — palmas e gritos vindos de fora do barco interromperam a conversa. Raul averiguou quem era e deu a notícia.

— É o Sapo e Manel! Ah! São uns cabras bão, sabe como é véi? — Raul colocou a cabeça pra fora da janela e gritou — Ei, véi! Entra aí! Também vieram procurar serviço? Justamente o seguinte é esse, não tem?! Bora trabalhar! — Sapo e Manel entraram no barco, admirados com a presença de Raul. Era bastante conhecido na cidade devido o seu senso de humor marcante e divertido.

— Bom dia. — Sapo disse ao Daniel e Raul.

— Dia. — Manel falou timidamente.

— Bom dia, senhores. — respondeu, de forma convidativa, o contratante — Com certeza foram indicados por Seu Plínio. Certo?

— Sim, — Sapo respondeu — eu sou Iranelson, mas todos me conhecem por Sapo. E este é Manel, o melhor identificador da região.

— Ah! Ótimo! Um identificador. Estamos realmente precisando de um. E suas habilidades, Sapo, quais são?

— Eu tenho o segundo grau completo, sei mexer com planilha de prancheta, tenho boa leitura e boa escrita. Sou bom em Matemática também. — Sapo era muito esperto.

— Ótimo, creio que você será o prancheteiro, ficará responsável pelas anotações. — Raul observava a conversa silenciosamente.

— Mas sou bom também de terçado. — Sapo completou — Não tenho medo de serviço não. Sei identificar algumas árvores, mas não tanto como Manel. Manel sabe identificar mais de duzentos tipos de árvores. Né, Manel?

— Conheço bastante tipo de pau mesmo. Sei identificar plantas pequenas, varas e arvoretas. Também conheço muitos cipós. — Manel sempre era solicitado na região para serviços de identificação florestal.

— Ótimo! — animado — Ah! Desculpe, eu sou Daniel, sempre esqueço de me apresentar.

— Beleza, Seu Daniel. — responderam Sapo e Manel em coro.

— Justamente, viu véi! Estes meninos aí são bão mesmo, não tem?! — Raul comentou. Nisso chegou Jesus e mais uma pessoa.

— Senhor Daniel, este é meu cunhado, o cozinheiro. — Jesus falava de forma acanhada.

— Ótimo! Ótimo! Como você se chama?

— Meu nome não importa! Todos me chamam de Cuca mesmo. Até mesmo minha mulher. Agora, sou cozinheiro por profissão, e não gosto de gracinhas, tipo ficarem com apelidos de Dona Maria, merendeira. Que fique bem claro! — mesmo com o esforço do cozinheiro em parecer sério e impor respeito, todos os presentes esboçaram sorrisos pelo momento hilário promovido. Até mesmo Daniel segurou ao máximo o sorriso.

— Bom, parece que a equipe está completa. — Daniel anunciou — É bom que todos já estejam reunidos, pois quero tratar dos detalhes!

— Justamente! — Raul exclamou.

— Vamos ver. — o contratante iniciou — Temos um identificador que é o Senhor Manel. Temos um cozinheiro que é o Senhor Cuca. Temos um anotador multiuso — algumas risadas ecoaram no barco — que é o Sapo, e finalmente dois homens bons de terçado, Raul e Jesus, tendo o Sapo pra apoiar no terçado também. — Seu Plínio acabara de entrar no barco, a forma como andava e o cheiro forte de álcool denunciava seu último paradeiro — Seu Plínio! — Daniel comemorou — Veja! A equipe está completa.

— Que bom, Daniel. — o prático disse, com a voz um pouco pesada — E tenho boas notícias. Acabou de chegar um carregamento de mantimentos de Manaus. Consegui todas as tralhas. Comprei umas coisas que não estavam na lista. E aí pessoal?! Tudo beleza? — todos os presentes cumprimentaram o barqueiro, o conheciam muito bem, sabiam de sua postura alcoólatra e indiferente, mas era boa gente — Comprei três quilos de fumo de rolo e vinte garrafas de cachaça.

— Fumo e cachaça?! — admirou-se Daniel — Presumo que o Senhor Cláudio não vai gostar nada se souber disso.

— Garoto, vai por mim. Quer ver um bando de peão infeliz na mata é só deixar faltar fumo e cachaça, que é praticamente a única diversão

que eles têm! Além de bater uma bronha, que claro, é de lei! — a equipe toda concordou, menos Jesus — E o engenheiro Cláudio sabe muito bem disso.

— É verdade, e o seguinte é este, não tem?! Eu só trabalho com meu porronca pendurado no canto da boca, pra passar o tempo e pra apartar insetos, viu véi! — concordou Raul.

— Tudo bem, se for assim, amanhã quero aproveitar então e comprar uns cinco sabonetes de flores do campo, que é o único perfume que eu gosto e uso, e não é só porque vou estar na mata que vou deixar de usar, né?! — um murmúrio de zombarias e risadas surgiu. A equipe toda caiu em gozação devido à revelação de Daniel — Que foi, pessoal? O que tem demais? É errado gostar de ser limpo?!

— Meu filho, aprenda uma coisa. Você pode ser o que for, mas não vacila na frente de peão não. — Seu Plínio explicou — Peão é a imagem do cão, não perdoa nada, e esse papo de flores do campo não cai muito bem no meio da peãozada! — a risada foi generalizada e intensa, até Daniel esboçou um sorriso — Amanhã compraremos seus sabonetes, mas só espero que daqui pra amanhã não apareça mais nenhuma modinha estranha! — gargalhadas frenéticas generalizadas — Tudo bem, garoto, isso é pra você aprender a ficar esperto. O que importa é que a equipe está formada e o material vai ser carregado amanhã mesmo. Já podemos aproveitar o pessoal pra realizar o carregamento dos mantimentos no barco. Tratou com eles os detalhes?

— Ainda não, estava esperando estarem todos reunidos. E é até bom que o senhor esteja aqui para conversarmos juntos, certo?

— Por mim tudo bem. — Seu Plínio e Daniel explicaram todos os detalhes de como funcionaria o trabalho. O tempo de permanência na floresta, o salário, a metodologia do trabalho, tudo foi detalhado e repetido diversas vezes para não ficar nenhuma dúvida entre os funcionários. Raul concordava com tudo, sempre muito positivo e sério. Cuca discordou e teimou em vários pontos, mas mesmo relutante aceitou as condições. Sapo e Manel eram mais analíticos, e complementavam a discussão com perguntas pertinentes e observações coerentes. Jesus, alheio. Por fim tudo ficou combinado.

No dia seguinte, os selecionados ajudaram no carregamento do barco. Todos os equipamentos de trabalho, alimentos e as especiarias como fumo, cachaça e sabonetes com essências de flores do campo foram embarcadas. Daniel se mostrava mais empolgado do que nunca. Prestes a iniciar sua primeira expedição rumo ao coração da Floresta Amazônica. Logo eles seguiriam rio abaixo, tendo como destino a fazenda Mundo Velho.

FAZENDA MUNDO VELHO. UM MUNDO NOVO

— Qual o problema, Seu Plínio? — Daniel perguntou de joelhos, com metade do corpo para dentro do alçapão que dava acesso ao fundo do casco e ao motor do barco.

— Rapaz, deu entrada de ar no motor de bomba de esgotamento das infiltrações de água. E o motor de propulsão do barco não dá nem sinal de vida. — o prático descreveu.

— E agora, Seu Plínio?

— Garoto, se dentro de duas horas não funcionar os motores, teremos que zarpar somente amanhã. É muito perigoso navegar pela noite.

— Poxa vida, e agora? Não tem como chamar alguém que entenda de motores?

— Daniel, eu entendo de motores! — irritou-se — O problema é que este é muito velho e está cheio de gatilhos e gambiarras. Mas não se preocupe, há muito tempo atrás eu trabalhei anos em uma fazenda, e minha função era fazer gambiarras em todo tipo de motor.

— Tudo bem então, Seu Plínio, desculpe aí...

— Seu Plínio! — gritou Sapo, com metade do corpo para dentro do alçapão — Faz o seguinte, o senhor está tirando a entrada de ar da injeção de diesel, mas a entrada de ar tá no mangueiro de retorno. Experimenta sangrar lá e dê a partida.

Seu Plínio olhou com dúvidas para Sapo, mas efetuou o que sugerira. Na primeira tentativa o motor de bomba funcionou. O prático e Daniel comemoraram. Sapo, apenas observava.

— Seu Plínio, não sei como o senhor consegue autorização pra navegar com este barco, ele tá só o bagaço!

— Pois é, Sapo, pode tá o bagaço, mas tem muita porqueira por aí pior que meu barco. — o prático não se ofendia com insultos sobre seu barco, estava acostumado — Olhe Daniel, depois de esgotar a água do porão, vou poder ver de boa qual o problema do motor de propulsão.

Após cerca de meia hora, o barco encontrava-se em funcionamento.

O motor de propulsão tinha o cano de escape furado e, com a inundação, entrava água. Solucionado o problema com as devidas providências, o barco finalmente zarpou. Daniel foi à cabine com Seu Plínio. Aos poucos o barco deixava o cais e navegava rumo ao centro do rio Branco, que naquele ponto possuía cerca de dois quilômetros de largura entre uma margem e outra. Daniel se sentiu um aventureiro de documentários científicos.

— Quanto tempo vai demorar, Seu Plínio?

— Bom, Daniel, seguindo rio aberto desceremos por cerca de uma hora, mais ou menos quarenta quilômetros. Aí chegaremos a uma ilha e tomaremos seu lado direito até encontrarmos um braço do rio. Entraremos nesse braço que, na verdade, é um estreito contorno de várias ilhotas, e seguiremos até a sede da fazenda. Esse último trajeto demora mais ou menos trinta minutos, mas são só oito quilômetros. É que é uma parte muita estreita do rio e perigosa.

Daniel não tinha dúvidas, vivenciava sim em uma expedição científica. E realmente! Por algum motivo tinha esquecido que seu objetivo maior era sua dissertação, seus estudos sobre a interação entre a fauna e flora da Floresta Amazônica. Por um longo período sorriu sozinho, sentindo o vento no rosto e olhando o imenso rio à sua frente. Depois de alguns minutos praticamente não se via mais residências de ribeirinhos nos barrancos. Em ambas as margens do rio se iniciava um manto verde, que se estendia além do que a visão alcançava. Somente se podia ver um aglomerado verde. O barco navegava exatamente no meio do rio e as margens, distantes, para uma apreciação detalhada da vegetação pelo biólogo. Daniel, em certo momento, olhou para o grande salão do barco, e lá estava a sua equipe. Raul e Manel fumando e conversando. Sapo olhando de forma distante pela janela do barco. Cuca e Jesus deitados em redes, quem sabe dormindo ou simplesmente pensando.

— Seu Plínio, gostaria de saber uma coisa.

— Pois não, Daniel, pode perguntar!

— Estive pensando... A seleção desses funcionários... Não veio ninguém além deles para a entrevista. Pareceu que eram eles mesmos para serem contratados. Pareceu tudo já armado... — o prático sorriu com as indagações.

— Bem observado, garoto. Realmente eu dei o recado da seleção exatamente para pessoas que eu conhecia e de minha confiança. Somente o cozinheiro eu não selecionei, mas já conhecia. O Cuca é meio tumultuador, mas é um bom homem. O único problema é que ele é conhecido por agitar nos acampamentos em que trabalha, mas nesse serviço não vai ter problema... Como não achei outro e ele é cunhado do Jesus, que também é um bom homem... Mas é isso mesmo, eles foram selecionados por mim.

— Mas então porque todo aquele teatro de seleção dos funcionários por minha parte se eles já eram os escolhidos? — um clima de frustração havia surgido.

— Olha, garoto, me responde. Que experiência você tem em selecionar funcionários para esse tipo de serviço?

Em silêncio, encarava o prático.

— Foi o que eu imaginei. Nenhuma! O que eu fiz foi te encaminhar os peões. Quem contratou foi você. E é isso que importa! Eles vão ser fieis a você. Para eles pouco importa se foram selecionados antes ou não, o que importa é quem acerta o serviço, ou seja, neste caso você! Eles vão ser fieis a você. — Daniel refletia — Se você tivesse chegado aqui, e eles já tivessem sido contratados, você não seria aceito, entende o que eu digo?

— Acho que sim...

— Olha, quando chegarmos ao Mundo Velho você vai entender perfeitamente. Lá estão Velho Xereta e seu filho Ronaldo. Os caras são casca de ferida. Vão trabalhar pra você porque o engenheiro Cláudio ordenou, mas você não terá poder algum sobre eles. Já vá se preparando. Eles moram naquela região há quase vinte anos. E você vai passar lá o quê, uns seis meses, no máximo?! Nem no último dia vão te respeitar. E ainda tem que você é só um moleque! Aqueles homens já passaram por situações dentro e fora da floresta que você com certeza nunca passará.

— Então, pelo que você falou, eles respeitam o Senhor Cláudio só porque ele tem mais idade e é engenheiro?

— Não! Eles respeitam o Cláudio porque, quando o antigo dono

da fazenda vendeu tudo pra Bronze Verde, ele contratou os dois na Bronze Verde e deixou que eles ficassem na fazenda da mesma forma de sempre. Entendeu agora porque eles respeitam o Cláudio? A Bronze Verde, de qualquer forma, necessitava dos dois, por conhecerem bem a área. Eles iam permanecer de qualquer jeito, com ou sem o Cláudio, ele apenas deu a notícia de contratação deles na Bronze Verde, o suficiente para serem leais com Seu Cláudio. Entendeu tudo agora, rapaz? — a partir daquele momento Daniel entendia claramente. Olhou novamente para o salão com a equipe e teve a incrível sensação de comprometimento. Realmente seriam fiéis, ficara bem claro. Na verdade, Daniel tinha uma missão ainda maior, que era proteger e preservar a integridade daqueles homens. No entanto, não fazia nem ideia de como e quando conseguiria realizar esse gesto. Mas de uma coisa tinha ciência: quando chegasse o momento certo, de alguma forma saberia.

Daniel olhou para Seu Plínio, que fumava seu cigarro e de vez em quando tomava uma garrafinha de água mineral, que no seu interior não possuía água! Analisou aquele velho homem pilotando o barco. Imaginou como um homem simples e bêbado poderia ser tão sábio em relação às adversidades da vida, chegando a ser filosófico. Não era somente a idade e a experiência de vida. Demonstrava uma sabedoria refinada e marcante. Que outras pessoas fantásticas iria conhecer? Nunca imaginou que na região mais isolada da Floresta Amazônica, o estado de Roraima, teria contato com tantos personagens completamente interessantes e tão distintos entre si. Por que esse povo era tão diferente? Seria a floresta? Seria a constante batalha por tudo, ao contrário de outras regiões cujo acesso era fácil? Será que ele próprio seria transformado pela floresta? Aprendeu em menos de duas semanas mais sobre a vida do que durante toda a sua existência. E isso era um fato! Bom, quase tudo! Por algum motivo recordou a bela moça que vira no Fundo de Quintal. Talvez porque o momento combinava com ela. Era perfeito! A brisa batendo no rosto proporcionada pelo barco em movimento. O cheiro de água, floresta e rocha molhada. O céu completamente azul, a natureza se mostrando bela e deslumbrante, assim como a linda imagem daquela beldade que não saía de sua cabeça.

— Já estamos chegando no contorno da ilha. — Seu Plínio avisou,

vendo que Daniel vagava em seus pensamentos — Ei! Ei! — gritou o prático fazendo com que Daniel despertasse de seu transe romântico — Tá pensando nela novamente, né?! Na índia gata do Fundo de Quintal, né?!

— Como o senhor sabe? — espantou-se.

— Ora, eu sofro de amor todos os dias há mais de um ano, lembra?! Já vamos entrar no contorno da ilha! Preste bastante atenção, pode ser que você veja muitos animais ao longo da margem.

— Nossa! Que legal! Será que vou ver uma onça-pintada?

— Calma, rapaz! Não é tão fácil encontrar uma onça assim. Eu moro aqui há algum tempo e o máximo que avistei foi uma onça-parda, conhecida também como puma, onça-vermelha, que é menor que a pintada. Então não se anime tanto, seis meses é pouco tempo. Será difícil você avistar uma pintada. Com muita sorte escutará o esturro dela, entendeu?

— Sim... Uma pena... — a terra firme estava a uns cinquenta metros do barco. Daniel agora conseguia distinguir as dezenas de espécies de árvores que compunham a margem. Não sabia ainda identificar o nome das espécies, mas seu olho de biólogo conseguia diferenciar as particularidades de cada árvore. Folhas longas ou curtas; bordas serrilhadas ou lisas; várias tonalidades de coloração; árvores com tronco cilíndrico ou retorcido; copa com forma oval... Para o biólogo era um festival de atrações de alto valor. Era incrível observar que as árvores logo na margem do rio eram retorcidas e seus galhos beijavam a água, como se estivessem reverenciando a sagrada fonte da vida. À medida que se afastavam da margem do rio, as árvores iam adquirindo maiores dimensões e copas bem formadas. Visivelmente era contemplada a estratificação entre espécies dominantes que se sobrepunham às espécies dominadas em relação à competição pela luz na parte alta da floresta, criando a dinâmica perfeita de floresta tropical úmida de terra firme, a Floresta Amazônica. Devido à baixa profundidade do leito do rio, a uma enorme quantidade de pedrais, e da natureza sinuosa do contorno, Seu Plínio manobrava o barco constantemente e com muitas dificuldades, onde a velocidade era a mínima para navegação. O rapaz podia observar assim, com mais clareza, todos os detalhes do ambiente.

— É um boto? Um boto?! Aquilo é um boto? Seu Plínio! Aquilo é um boto?! — Daniel era só euforia.

— Sim, rapaz, você vai ver muitos.

Ao longo do caminho Daniel observou uma tartaruga, que acompanhou o percurso do barco por algum tempo. Admirou-se com um pequeno jacaré que tomava banho de sol em uma estreita faixa de praia. Encantou-se com as capivaras que podiam ser observadas em diversos pontos das margens do braço do rio. Sem falar nas dezenas de espécies de pássaros que embelezavam os galhos das diversas árvores da mata ciliar. Próximo do término da extensão do braço do rio existia um pequeno porto improvisado. Era uma estrutura com algumas tábuas que serviam de acesso entre o barco e a terra firme. Ao lado das tábuas, uma voadeira com motor de popa, atracada, segura por uma corda amarrada em uma árvore. Seu Plínio manobrou com muita destreza seu barco e, prontamente, Raul pulou nas tábuas com uma corda na mão, fixando a embarcação em uma árvore.

— Bem-vindo ao Mundo Velho, rapaz! — o prático disse para Daniel.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida! — exclamou o biólogo ao pisar no solo com os braços abertos. Um coro de caçoadas surgiu entre os funcionários.

— Pelo amor de Deus, garoto, — indignou-se Seu Plínio — já te disse para não vacilar na frente da peãozada. Você tem que dizer isso depois de pegar uma gata muito boa! — seguiu balançando a cabeça enquanto subiam o barranco.

No alto do barranco, imponentes o Velho Xereta e seu filho Ronaldo. Quando Daniel visualizou as duas figuras, logo os associou a personagem de cinema ou de livros de aventura. O Velho Xereta tinha cerca de sessenta anos, estatura mediana, usava um denso bigode e tinha a pele clara e os olhos agateados. Calçava uma bota de vaqueiro, vestia calça social listrada, uma camisa vermelha de manga comprida dobrada até a metade do antebraço, coberta por um fino colete de lã bege e bastante surrado. O chapéu preto que usava possuía abas grandes e também era bastante surrado. Na cintura, um revólver calibre trinta e oito muito antigo pendurado no cinto de fivela de vaqueiro. Porém, ao invés de possuir uma gravura

típica dessas fivelas, tinha a imagem de uma onça, com vários riscos feitos por faca, marcando o adereço. Ronaldo era mais alto, bastante magro, cabelos curtos, com cerca de quarenta anos. Seus dentes eram salientes e a boca pequena para o seu rosto comprido. Seus olhos eram arredondados. Usava calça jeans, camiseta, porém o coturno e a jaqueta eram militares. O cinto que usava repleto de cartuchos para sua espingarda de dois canos calibre vinte. A espingarda aos punhos, como se Ronaldo estivesse sempre em alerta. Tanto o Velho Xereta quanto Ronaldo tinham aspectos nada amistosos e não esboçaram nenhuma reação ao ver o grupo se aproximar.

— Como vão? Velho Xereta! Ronaldo! — Seu Plínio cumprimentou.

— E-e-e tá-tá bão! — Velho Xereta respondeu, com sua habitual gagueira e um sotaque forte de paranaense. Ronaldo limitou-se a um leve movimento com a cabeça, espingarda em riste, fitando os visitantes — E-e-esta ééé a ca-cambada queee vão sofrer na-na mata?

— É sim, Velho Xereta! — o prático falou — Trouxe eles para sofrer na sua mão. Quer dizer, eu não, este rapaz aqui, o Daniel, ele é biólogo e vai chefiar o trabalho. — Velho Xereta e Ronaldo esboçaram espanto. Olharam-se e balançaram a cabeça negativamente.

— Sa-sabia que-que aquele engenheiro era lo-louco, mas não ao ponto de-de mandar uma criança para e-essa mata! — revoltou-se Velho Xereta.

— Pai, o senhor sabe que não vou aceitar ordens de um menino! Me recuso a isso! — Ronaldo se mostrou tão revoltado quanto o pai. Esse, por sua vez, advertiu o filho com o olhar de censura, demonstrando que naquele momento somente o patriarca poderia se manifestar perante a situação. Ronaldo de súbito resmungou algo e sumiu na mata.

— Senhor Xereta — Daniel iniciou um diálogo, porém de forma tímida — Entendo a sua primeira impressão comigo, mas...

— De-depois conversamos! — Xereta interrompeu. Os funcionários sorriram com a situação de repressão que Daniel sofrera, exceto Seu Plínio, que observava tudo com pesar, e Raul, sério, olhando na direção em que Ronaldo tinha desaparecido — Plínio, me-meu velho a-amigo, po-podem descarregar su-suas tralhas e-e-e co-colocar no de-depósito de castanhas.

Seu Plínio deu um sinal para Daniel, um sinal combinado anteriormente no barco, que significava a realização da primeira ordem que o biólogo daria a seus funcionários, que imediatamente agiu.

— Pessoal, por favor, descarreguem o barco e coloquem tudo organizado no depósito, pode ser? — Daniel falou de forma trêmula, sem firmeza, era a primeira ordem para uma equipe de trabalho que dava. Alguns segundos se passaram e somente Raul esboçou uma reação, que não foi seguida por mais ninguém. Seu Plínio então resolveu intervir.

— Vocês não ouviram o chefe não? Cambada! Vamos! Vamos! Vamos! Não temos o dia todo! — como se fosse mágica, todos desceram o barranco em direção ao barco — Daniel, o que foi que combinamos? Por que você fez diferente do que combinamos?

— Apenas imaginei que pedindo com educação eles iam me atender. — desolado. Velho Xereta o observava com certo desprezo. Seu Plínio abriu um sorriso consolador.

— Tudo bem. — o prático apaziguou — Xereta, tem um cafezinho no seu barraco?

— Só-só se for a-agora!

Enquanto caminhavam para o barraco, Daniel ia observando tudo a sua volta. Seu Plínio e Velho Xereta seguiam na frente, contando lorotas e colocando os assuntos em dia. Apesar de Daniel estar desapontado com sua primeira atuação na floresta, lembrou-se de seu principal objetivo: pesquisar e conhecer a fundo a dinâmica do bioma Amazônia. Sim! Esse era seu objetivo principal! Não podia esquecer sua pesquisa. Reparou que às vezes até se esquecia de seu projeto. A vida estava muito intensa desde que aportara em Roraima.

Os três chegaram a uma vasta área desmatada, mais ou menos uns cinquenta hectares. Existia um velho galpão e duas casas no mesmo estado. Podiam-se ver vestígios de diversas casas, umas dez. O biólogo lembrou que Seu Plínio havia comentado que aquela área tinha sido um reduto de coletores de castanhas-da-amazônia por décadas. Ao chegarem ao barraco do Velho Xereta, Daniel presenciou algo que partiu seu coração. Na parede externa da casa existiam diversas

peles de animais, várias de um animal em especial, a onça-pintada. O local repleto de cachorros, uns dez ao todo. Alguns investiram de forma agressiva em direção ao rapaz, mas foram censurados por Velho Xereta que com um comando de voz os fez parar no meio do caminho. Daniel subiu as escadas que davam acesso ao alpendre da casa, olhando para as peles de onças expostas. Eram oito, de diversos tamanhos, inclusive de um filhote. Tentava imaginar como alguém poderia ter coragem de assassinar um filhote. “Que ameaça um filhote de onça traria ao ser humano? Seria apenas um ato de maldade? Um esporte? Um troféu?” Encontrava-se paralisado diante daquele quadro de horror.

— E-e-e foi eu que-que ma-matei todas! — disse, Velho Xereta, em tom sarcástico e orgulhoso — E-e-e estas aqui, de-de on-onça-vermelha, fo-foi eu também! — apontando para quatro peles esticadas na outra extremidade da parede.

— Mas por que o senhor matou essas onças? — perguntou, atônito.

— Vo-você é bi-biólogo né? Já vieram outros co-como vo-você, e-e sempre fazem a-a me-mesma per-pergunta. Vocês só-só que-querem cuidar dos animaizinhos, ma-mas a on-onça na-não é um ani-ni-mal, é um de-demônio. Você nu-num vai entender nu nunca. Na-não sabe o que é vi-viver na ma-mata.

Daniel encarava Velho Xereta.

— Mas o senhor não me disse por que matou todas elas. — o rapaz insistiu.

— O-ou e-ela, o-ou eu, esta é a lei! — Velho Xereta demonstrava que não queria prolongar a conversa, não devia satisfação para o garoto inexperiente.

— É o seguinte, Daniel, — Seu Plínio interveio — a onça costuma ser uma ameaça para nós. Ela ataca a criação, mata os cachorros, afugenta as caças que são o alimento para quem vive na mata, e ainda por cima ataca a gente, chegando a matar se a pessoa estiver sozinha. Aqui mesmo em Caracará existem muitos casos de ribeirinhos que morreram por ataques de onça, ou que foram mutilados. Com certeza o Xereta teve seus motivos para matar...

— Até aquele filhote ali?!

Velho Xereta olhou Daniel com indiferença. Seu Plínio balançou a cabeça, o rapaz ainda era muito imaturo. Era um sonhador que não conhecia os fatos da realidade. Não que o prático fosse um fiel defensor do extermínio de onças, mas sim pelo fato do garoto não ter sensibilidade em lidar com cautela em relação ao comportamento dos outros. Deveria saber que um idoso como o Xereta não mudaria seus princípios só porque um jovem biólogo se estarrecia com a morte de um filhote de onça. Ou quem sabe, o rapaz nunca viria a entender.

Seu Plínio mudou de assunto e junto com Xereta entraram na casa para tomar café. Daniel continuou a olhar a pele do filhote de onça. Quando o prático e o caçador voltaram do interior da casa com três copos de café, os funcionários se juntaram a eles. Havia descarregado todo o material, ou quase todo. Daniel notou a falta de suas malas.

— Raul, onde estão minhas malas? — Raul olhou para Daniel sem jeito, desconfiado, os outros nem se manifestaram e passaram direto em direção a um poço para lavar os rostos e tomarem água.

— Ficou no barco, viu véi! — respondeu timidamente, Raul, indo se juntar aos outros.

— É garoto! — Seu Plínio dava tapinhas nas costas do biólogo — Vamos lá, eu te ajudo. Parece que você tem um desafio pela frente. Espero que tenha cabeça suficiente para solucionar. Lembre sempre do seu objetivo, da responsabilidade que te falei. — os dois foram em direção ao barco, seguidos por Xereta, que teve pena do rapaz. Ao chegarem ao barco e começarem a descarregar as malas, Velho Xereta ergueu uma das malas e espantou-se.

— Que-que coisa é e-esta que te-tem aqui? — levantando a mala com dificuldades.

— São meus livros!

— Pra-pra que li-livros em um lu-lugar co-como este? — assustou-se o caçador.

— É que eu estou realizando uma...Ah, esquece! — cessou a explicação. Cansou-se de esclarecer a mesma coisa pra todo mundo. O prático

começou a rir, seguido pelo próprio Daniel, ficando o Velho Xereta sem entender nada.

A escuridão se aproximava quando Cuca serviu a janta. Primeira refeição de Daniel na floresta. Feijão, arroz, macarrão e carne de porcão-do-mato. Até então o rapaz não tinha atentado ao fato de que na lista de rancho não constava carne. Ao indagar Seu Plínio, o prático respondeu que a floresta era o melhor local para encontrar carne. Caças como porcão-do-mato, caititu, paca, cutia, capivara, jacaré, jabuti, tracajá, peixes, mutum, veado e até mesmo macaco existiam com fartura. Apesar de Daniel desaprovar o que Seu Plínio falava, viu que de nada adiantaria ir contra essa prática. Seus ideais de profissão seriam inúteis e uma afronta para todos os outros. Chegou a discutir com o prático, afirmando que não comeria caça, mas na hora de se servir colocou um pedaço da carne no prato, sendo elogiado com um “fez a coisa certa, meu rapaz”.

Após a janta todos sentaram à volta de uma fogueira para conversar. Daniel experimentou um porronca após muita insistência do Raul que não parava de fumar um só minuto. Tossiu muito após a primeira baforada, e mesmo entre várias gargalhadas, terminou seu cigarro sem conseguir tragar. Em um dado momento Ronaldo retornou da floresta com quatro cutias amarradas em cipó, duas em cada ombro do rastreador, que era seguido por quatro cachorros que Daniel ainda não tinha visto.

Muita conversa e planejamentos para o primeiro dia de trabalho, até todos resolverem dormir. As redes foram armadas no alpendre da casa de Xereta, que era maior que a outra que existia ao lado. Enquanto todos dormiam, Daniel permaneceu acordado. Tinha insônia. Na verdade, sua cabeça funcionava a toda velocidade. Muitas lembranças vinham a sua mente. E muitos anseios de um futuro misterioso. Ouvia a sinfonia da floresta no meio dos roncos dos funcionários. Identificava sons de diversos insetos, não conseguia distinguir de quais eram, mas tinha certeza de existir vários espécimes diferentes, de sons peculiares e marcantes. Sapos e rãs também faziam parte da cantoria. Tentava com muito esforço ouvir algum pássaro noturno. De vez em quando um cachorro latia, mas se calava imediatamente.

Adormecia ao ritmo de música da floresta quando os cachorros entraram em desespero e começaram a latir de forma agitada. Todos acordaram e ficaram em alerta. Lanternas foram focadas para todos os lados. Uma correria se iniciou no alpendre da casa em direção ao terreiro. Alguns cachorros latiam, enquanto outros uivavam. Daniel começou a entrar em pânico. O sentimento de terror tomara conta de sua essência. Por fim, Ronaldo gritou para todos. Aproximaram-se de onde o rastreador se encontrava e, sendo focado por uma lanterna, havia um dos cachorros agonizando, devido a um ferimento mortal no pescoço. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Daniel se aproximou da cena como que hipnotizado. Velho Xereta e Seu Plínio chegaram em seguida.

— Foi ela novamente, Pai, foi ela! — a forma como Ronaldo falou não deixou dúvidas. Tratava-se de uma onça, uma velha conhecida de pai e filho — Foi a maldita pintada!

PRIMEIRO DIA DE TRABALHO

Todos acordaram às cinco horas com o estrondo de um tiro. Ronaldo abatera uma capivara na beira do igarapé que circundava o acampamento. O igarapé desaguava no rio Branco. Cuca, Velho Xereta e Seu Plínio preparavam o café da manhã em uma fogueira cercada por pedras. Acima da fogueira existia uma armação de ferro soldado que servia de suporte para pendurar a panela que fervia a água do café. Entre duas pedras quase planas, encontrava-se sobreposta uma enorme frigideira onde fritavam pedaços de carne de caça.

Daniel admirou-se com a tranquilidade como todos agiam. Como se nada acontecera na noite anterior. O biólogo observou o local do ataque. O solo repleto de sangue do pobre cachorro abatido. Olhou em direção do alpendre da casa e constatou que o ataque ocorrera exatamente na direção de sua rede. Saiu em passos lentos, ora olhando para frente, ora olhando para o chão manchado de sangue e para o alpendre. Em volta da fogueira, a equipe deliciava-se com uma farofa de carne de cutia. Daniel pegou seu prato servido pelo Velho Xereta que o olhava profundamente. O caçador sabia que o jovem estava em estado de choque. Olhou para o prato e imaginou que nunca na sua vida havia vislumbrado comer algo parecido no café da manhã. Provou sua caneca de café que de tão quente queimou a língua e despelou imediatamente o céu de sua boca. Colocou a caneca em cima de uma mesa improvisada de toco de angelim-vermelho. Deu a primeira colherada em sua farofa e sentiu o gosto de óleo frito arder na boca ferida.

— A-alguma coisa está te-te incomodando ra-razapaz? O-o ca-café não es-es-está bão? — Velho Xereta perguntou, dando sinal de negativo com a cabeça para Seu Plínio.

— Não! Não! O café está ótimo! — mentiu.

Ao longe Daniel observou Ronaldo pendurando a capivara no galho de uma jovem castanheira, amarrando as patas traseiras por cordas. O biólogo foi se aproximando lentamente da castanheira. Ronaldo, concentrado, ajeitava um carrinho de mão justamente

abaixo da capivara. O jovem parou a uns quatro metros de distância da cena. Ronaldo, com uma faca de açougueiro bem afiada, degolou o animal sem vida. Daniel virou o rosto em sinal de repulsa. Olhou novamente e fitou Ronaldo de forma paciente esperando até a última gota de sangue esvaír do animal, indiferente à presença do rapaz. Pegou uma pedra de amolar e lentamente esfregou a faca em movimentos sincronizados de vaivém, alternando com destreza o fio da faca. Segurou o couro próximo ao ventre do animal e com precisão cirúrgica introduziu a ponta da faca perfurando o couro, seguido de um movimento vertical de cima para baixo, abrindo uma fissura até o pescoço. O golpe não chegou a riscar a carne. Ronaldo segurou em um dos lados da pele cortada, e com muita prática iniciou o despelo da carne.

— Vai ficar só olhando ou vai vir me ajudar? — Ronaldo gritou para um Daniel hipnotizado — Ei, garoto da cidade grande, vai ficar só olhando?

— O quê?! — assustado, respondeu.

— Vem me ajudar! Segure as patas dianteiras e puxe elas com força para baixo.

Daniel rapidamente se aproximou sem raciocinar o que estava prestes a fazer e, agachado, segurou as patas do animal, uma em cada mão, puxando com força.

— Isso! — exclamou, em voz baixa, o rastreador.

Enquanto Ronaldo despelava o animal, Daniel gradativamente sentia o odor forte de carne e sangue. Em pouco tempo todo o couro tinha sido retirado. O rastreador ordenou que Daniel se afastasse, em seguida abriu o abdômen da capivara, fazendo com que suas vísceras caíssem no carrinho de mão.

— Daniel. A equipe já está pronta para iniciar o trabalho. — Plínio avisou.

— O senhor já vai, Seu Plínio?

— Sim, rapaz. Voltarei daqui fora este final de semana no outro. Não se esqueça de controlar direitinho todo o rancho, equipamentos e materiais. Quando eu vier, trarei algumas coisas, mas não esqueça de fazer a lista. Bem, meu rapaz, até lá.

— Seu Plínio, muito obrigado por tudo. O senhor me ajudou muito. Gostaria que ficasse aqui comigo, mas sei que não é possível.

— Não se preocupe! Você vai conseguir controlar tudo por aqui. Nunca esqueça que você é o chefe. Respeite a todos para ser respeitado.

Após um aperto de mãos, o prático seguiu rumo ao barco. Daniel se voltou para a equipe e todos esperavam pelo comando inicial do trabalho.

— Bom, pessoal! Vamos organizar todo o equipamento para o trabalho. Seu Xereta, nós viremos almoçar aqui no barraco?

— Na-não! Na-não é bom per-perder tempo ca-caminhando na mata. O Cu-Cuca vai fazer o almoço e levar pra-pra nós no pé do ser-serviço.

— Não estou gostando dessa história de andar sozinho na mata. E essa onça que atacou o cachorro ontem? E se ela estiver por aí? — Cuca demonstrava mais preguiça do que medo.

— Você acha que eu estou aqui pra quê? Essa onça não vai incomodar o serviço! — disse em voz firme, Ronaldo, que trazia a capivara esquartejada e limpa para o Cuca preparar o almoço.

— Sei... Só que ontem ela matou um cachorro, com todos nós aqui e inclusive você! Não estou muito convencido que terei proteção aqui.

— Cuca ironizava e provocava Ronaldo.

— Você tem razão. Pela noite ela tem vantagem sim! Mas de dia ela nunca teria a cara de pau de atravessar o meu caminho! — todos assistiam a discussão em silêncio. Daniel refletiu sobre o que Cuca havia afirmado. Realmente nenhum dos cachorros pressentiu a presença da onça.

— Tudo bem, então o Cuca vai levar nossa comida. Ele sabe o caminho ou o Ronaldo vai guiá-lo? — perguntou, Daniel.

— Eu vou deixar bem claro uma coisa, garoto da cidade grande, não sou capacho de ninguém! Não tenho filho barbado e muito menos vou ficar levando peão no braço! Minha função aqui é garantir carne pra vocês e fazer com que animais fiquem longe.

— Está certo, Senhor Ronaldo. Desculpe-me. Cuca faz favor de levar

nossa comida quando estiver pronta. Senhor Xereta, ele vai saber chegar lá?

— Si-sim, é-é fa-fácil. É só-só seguir a picada que começa naquela ca-castanheira e va-vai da-dar no pé do ser-serviço.

— Beleza então! Vamos levar os terçados, garrafas térmicas, trenas, tinta, bússolas, estaca e o hipsômetro para medir alturas das árvores.

— O-olha rapaz. É-é-é bo-bom já ir le-levando algum material para as pró-próximas parcelas e tam-também para o acampamento ma-mais pra fre-frente. — gaguejou, Velho Xereta.

— Hum... Verdade... Bom, o que já podemos levar? Raul e Jesus, vocês levam dez estacas de maçaranduba cada um. Elas vão servir para marcar o centro da parcela. Sapo e Manuel levam as lonas para o próximo acampamento. Eu levarei uma caixa de feijoada enlatada já para ir adiantando o rancho. — a equipe permaneceu imóvel após as ordens de Daniel — Vamos lá pessoal, por favor, hoje será um dia de treinamento de instalação das parcelas, temos que aproveitar ao máximo pra amanhã começarmos a produzir! — lentamente todos começam a se movimentar.

Xereta, sem ter recebido uma ordem, encheu seu jamachim de enlatados e esperou os outros. Após exatamente meia hora de embromação, a equipe aprontou-se. Daniel organizou todo o equipamento de medição. Sua mochila de alpinista repleta de equipamentos para o trabalho, além de binóculo, estojo de primeiros socorros, uma corda de vinte metros e apostilas com chaves de identificação botânica e de insetos.

— Seu Xereta, por favor, mostre-me o marco zero indicado pelo topógrafo que o Senhor Claudio disse já estar marcado.

O Velho Xereta iniciou a caminhada calado, seguido por todos. Ronaldo seguiu pelo lado oposto e desapareceu na mata. O marco zero a que Daniel se referia era o ponto inicial para a instalação das parcelas do inventário florestal. Lá seria instalada a primeira parcela. Ao entrarem na floresta, Daniel maravilhou-se com o que via. Árvores frondosas de diversas espécies e formas. Várias regenerações, varas compridas emergentes e arvoretas com diâmetros mais avançados, porém bem inferiores aos das árvores maduras.

A trilha em que caminhavam tinha sido aberta recentemente. Em determinados locais existiam aglomerados de cipoais densos, que dificultavam a passagem. Era possível ouvir diversos cantos de pássaros. Ao longo do trajeto, a equipe transpassou diferentes áreas de várzeas, próximos às nascentes de igarapés. Muitas vezes eram extensas porções de terreno alagadiço. A picada, perfeitamente reta, o que obrigava a todos atravessarem os lamaçais, chegando a atolarem até os joelhos. Em um dado momento, depararam-se com um igarapé com barranco alto, que possuía um varador natural, um tronco de manga-brava caída há anos, que servia de ponte. Andaram uns vinte metros fora da picada para terem acesso ao varador. Daniel gostou de ter que se embrenhar em um local da mata sem picada, pois a regeneração densa e os cipós dificultavam o deslocamento e fazia com que todos realizassem movimentos contorcionistas para cruzar os obstáculos. Daniel, obviamente, teve mais dificuldades em chegar ao varador, devido ao peso da mochila. Velho Xereta atravessou sobre o tronco como se estivesse andando em terra firme, sendo seguido por todos. O biólogo sentiu receio em atravessar. O tronco não era muito largo e podia-se ver uma camada espessa de musgos cobrindo toda a madeira, que era escorregadia.

— Poxa, acho que não vou conseguir passar este tronco não... — Daniel se sentia inseguro.

— Atravesse sem medo, viu véi! — Raul incentivou.

— Bom! Vamos ver! — Daniel colocou o pé direito e, ao levar o pé esquerdo adiante, desequilibrou-se e voltou para o barranco — Não vai dar não! Vou passar pelo igarapé mesmo. Será que é fundo?

— Cuidado com as piranhas! — avisou, Sapo, de forma brincalhona.

— Piranhas? Aqui tem piranhas? — assustou-se, Daniel.

— Te-tem na-nada! É-é-é fu-fulia do Sapo!

— Pode não ter piranha. Mas pode ter jacaré, sucuri, jiboia, poraquê...

— a lista do Sapo era interminável.

— Poraquê? O que é isso?!

— É um peixe-elétrico, viu véi! Mas o seguinte é esse, se quiser atravessar pelo igarapé, pode vim sem medo, não tem?! Esse bicho é difícil de encontrar assim, viu véi!

— Tudo bem, eu vou atravessar sobre o tronco! — Daniel novamente colocou o pé direito na ponte natural, e após alguns segundos lançou o pé esquerdo à frente do outro. Equilibrou-se e cruzou o pé direito em um passo curto. Deu uma balançada que fez com que todos, na expectativa, soltassem sons de espanto. Daniel balançou os braços, dobrou os joelhos e, com as pernas bambas, conseguiu se endireitar. Ao lançar o pé esquerdo, escorregou nos musgos, levando Daniel a cair na água. Todos riram alto com a cena do rapaz despencando sem apoio no igarapé, que o cobriu acima da cintura. Raul foi em seu auxílio e o ajudou a subir no barranco. A fisionomia de Daniel era de medo e vergonha.

— Liga não, véi. Daqui uns tempos você vai atravessar correndo nesses troncos.

— Nossa! Molhei toda minha mochila! Os equipamentos! Os manuais! — tirando a mochila das costas, o rapaz iniciou um processo de esvaziamento completo. Era tanta coisa que tinha dentro da mochila, que todos admiraram-se — Não! Os manuais estão ensofados! Tenho que colocar eles pra secar urgente no Sol!

— Sol? Não sei se você percebeu, mas o tempo está nublado, e mesmo que estivesse limpo é meio difícil o Sol entrar na floresta fechada! — Sapo sorria com os outros.

— E-eu fa-falei que-que-que na flo-floresta na-não tem co-como andar com pa-papel... — Xereta, de forma irritante, relembrou o que havia dito antes.

— Bom, o resto das coisas vou deixar secando no local da parcela. Ainda bem que o estojo de primeiros socorros não molhou, pois, o estojo é de plástico... É claro! Eu tinha que ter colocado tudo em sacolas plásticas! Puxa vida...

— É assim que se aprende, moleque! — Manel comentou.

Após caminharem cerca de um quilômetro e meio, chegaram a um marco feito de concreto. Era o ponto zero georreferenciado pelo topógrafo.

— A-aqui é o-o lu-lugar. — Velho Xereta indicou.

— Ótimo! Vamos começar a trabalhar!

Caracaraí, 19 de outubro de 1989

Estarei escrevendo neste diário todas as impressões que terei no meu trabalho em Caracaraí. Decidi ser importante fazer isso pelo fato de registrar o dia a dia dessa minha nova realidade. Além das anotações técnicas-científicas, vou relatar o meu convívio com a natureza e com toda minha equipe.

A Floresta Amazônica é algo fantástico. Neste primeiro dia de trabalho eu pude perceber o quanto meu sonho de um dia estar aqui era válido. Não posso me conter de tanta emoção. Tudo é lindo. Tudo é além do que imaginei. Percebo que quando vivenciamos algo é diferente de imaginar. Podemos imaginar maravilhas de qualquer coisa, de um trabalho, de uma mulher, de uma paisagem, cidade, mas nada vai superar a experiência de viver o sonho. Nesse caso, meu sonho é bem concreto. Sempre me imaginei estar escrevendo à luz de uma lamparina, na floresta. E por mais que eu pintasse em minha mente todos os componentes de um momento como esse, seria impossível vislumbrar tantas riquezas de detalhes que existem. Dezenas de insetos cantando simultaneamente. Pássaros noturnos que de vários pontos na escuridão denunciavam sua posição. Nunca poderia imaginar como seria a temperatura do ambiente, a força da brisa que passa pela minha rede e muito menos como seriam os desenhos que as estrelas formam no céu, mesmo que apareçam timidamente entre as copas das árvores.

Bom, acho que deu pra entender o que estou sentindo em relação a essa experiência. Serei objetivo agora. Hoje foi meu primeiro dia de trabalho na floresta. Apesar de estar um pouco traumatizado com o ocorrido na noite de ontem, quando um cachorro foi trucidado por uma onça, sei que tenho que colocar na cabeça que esses incidentes fazem parte do que eu sempre sonhei. Vir para a Floresta Amazônica não significa apenas encontrar maravilhas.

Há perigos também. Mas nunca pensamos nos perigos. Às vezes sim, vagamente, mas não de uma forma certa, clara. Não posso deixar que isso me encha de medo. Estou preocupado em relação à minha

equipe. Ainda não entendi como foi possível que eles, o Peter e o Claudio, deixassem que eu tomasse conta desse serviço. Na verdade, só estou me dando conta disto agora. Não sei...

Sinto que eu posso conseguir, mas por vários momentos vi que não tenho experiência suficiente para lidar com a situação. Gostaria de aprender tudo o mais rápido possível. A equipe sabe que deve trabalhar de forma motivada. Eles sempre souberam desde o início quando foram contratados. Mas por que eles insistem em dificultar tudo? Eu percebi que a demora deles hoje de manhã foi proposital! Eu quero ser mais rígido, mas tenho receio de ser duro demais e perder a simpatia deles. Mas, entretanto, se for passivo demais, esse serviço nunca vai ser concluído no prazo! Como eu queria que o Seu Plínio estivesse aqui. Como eu queria...

Cair no igarapé foi uma estupidez. Eu deveria ter atravessado o igarapé pela água e dado a mochila pra um deles carregar para não molhar o equipamento. Mais uma vez eu me deixei levar pela indecisão. Mas confesso que foi emocionante! Foi realmente engraçado. Porém não posso permitir que cenas como essas sejam proporcionadas, comigo no centro das atenções. Sinto que perco o moral. Fora tudo isso, o treinamento foi bom. Mesmo sem nunca ter instalado uma parcela de Inventário Florestal na vida, somente seguindo os procedimentos que o Eng. Claudio deixou, conseguimos fazer tudo direito. Vejo agora que o Eng. Claudio realmente é muito bom! Mas o que eu estou dizendo? Claro que ele é bom, ele tem experiência! Isso me conforta. Mas minha pergunta é: quando terei experiência o suficiente? Sim, pois realmente não quero chegar ao final do trabalho sem ter alcançado essa experiência. Seria penoso e frustrante para mim...

Amanhã vou tentar agir de forma diferente. Ainda não começamos com as medições e identificações das árvores, pois gastamos todo o dia na instalação da parcela. Mas Manel já me falou muito sobre as árvores que tinham na área em que trabalhamos. Pra mim ainda é difícil aprender algo em um único dia. Aprendi pelo menos uma árvore. Angelim-ferro, pois a casca avermelhada é inconfundível.

Agradeço ao Nosso Senhor Jesus Cristo por este dia.

Caracarái, 20 de outubro de 1989

Definitivamente o Sr. Ronaldo não vai com a minha cara. Não que eu não tivesse percebido. Mas não sabia que era de forma escancarada! Irrita-me a cada vez que ele me chama de “garoto da cidade grande”! Que bobagem é essa? O que isso tem a ver com algo? Bom, o máximo que posso fazer é realmente não me importar. Vejo que ele quer apenas me tirar do sério.

Hoje na floresta foi bastante interessante. Primeiro, que consegui passar o varador. Tinha me esquecido de informar ontem, mas passei sem a mochila pelo varador quando retornamos do primeiro dia de trabalho. Apesar de quase cair por diversas vezes, mas consegui. Entendi a forma como teria que passar pelos varadores. É apenas andar rápido e colocar os pés no tronco o mais firme possível. Então, hoje pela manhã, mesmo com minha mochila nas costas (com menos peso do que no primeiro dia), eu arrisquei essa tática e por incrível que pareça, passei sem complicações. A equipe fez uma baita festa quando passei logo atrás deles. Foi legal os ver sorrindo, apertando minha mão, falando uns pros outros que logo eu me acostumaria com a floresta. Confesso que eles fizeram isso mais pra me animar, como uma espécie de ritual da floresta, pois claro que cedo ou tarde iria aprender a me virar. Até parece que passar em um varador é o suficiente para sobreviver na floresta... O que quis dizer é que posso não ficar bom como eles, mas vou aprender muito.

As medições na primeira parcela foram concluídas ainda na parte da manhã. O pessoal quis vir embora para a sede depois que terminamos de medir e identificar as árvores. Quase que eu cedi, mas ainda bem que o Sr. Xereta acabou com o motim, e os obrigou a iniciar o processo de abertura de picada até o próximo ponto de inventário. Poxa, 1.000 m de picada, 1 km, e tendo que seguir exatamente ao Norte na bússola, é difícil. O topógrafo deixou marcos anteriores e bem próximos, de 50 m em 50 m, numa reta de 300 m antes do marco “zero”. Através desses marcos anteriores, pudemos colocar balizas e seguir abrindo a picada sempre tendo como referência as balizas anteriores. Mas ainda bem que o Sapo sabe manejar a bússola. Ajudou bastante. Eu não fazia nem ideia de como organizar esse trabalho. Abrimos somente 400 m pela tarde. Mas foi bem aberto, e tão reto que podia ver com clareza a estaca da primeira parcela.

O Sr. Xereta avisou que se eu não colocar o pessoal pra trabalhar em um ritmo mais puxado, não vou conseguir cumprir minha meta nunca. Também disse que só vai me acompanhar nos primeiros dias. Tenho receio desse dia. Do dia em que ficarei sozinho com a equipe. Com certeza Seu Plínio pediu para o Sr. Xereta me acompanhar.

Hoje senti a presença de Deus de uma forma diferente. Concluí que a natureza é tão bela, que somente Nosso Senhor poderia ter criado ela dessa forma. Uma obra Divina.

Caracaraí, 21 de outubro de 1989

Hoje vi a primeira vara de porcão-do-mato. A experiência foi incrível e ao mesmo tempo um pouco angustiante. Por dois motivos. Raul sentiu o odor que eles possuem. Quando ele falou para os outros que tinha porcão na área, eu fiquei sem entender nada. Pois não tinha escutado e muito menos visto algo. Foi então que comecei a sentir pouco a pouco aquele cheiro muito estranho. Muito forte. Insuportável. Fomos bem devagar, andando na mata fechada, e depois de uns duzentos metros quase não conseguia mais respirar, o cheiro era forte demais, e nada dos porcões. Com o tempo fui acostumando com o cheiro, e quando cheguei a um baixão, com um igarapé bem raso e estreito cortando esse baixão, eu pude ver dezenas de porcos-do-mato. Devia ter uns 100 indivíduos! Eles faziam um barulho muito peculiar. Raul sempre alertava para que todos fizessem o máximo de silêncio. Qualquer movimento que denunciasse nossa localização poderia causar um tumulto entre os animais, e caso eles viessem para nossa direção, seria perigoso. Só que mesmo com todo o nosso cuidado, toda a tranquilidade foi interrompida por um tiro de espingarda. Sr. Ronaldo estava caçando. Foi incrível ver dezenas de animais em disparada dentro da floresta. Ouvi muitas arvoretas e varas sendo quebradas, mas, muitas mesmo. Imaginei como seria estar no caminho daqueles animais. Seria morte certa. Ou por pisoteamento, ou então devorado.

Raul me disse que eles podem matar uma pessoa, ou qualquer animal que atravessar o seu caminho, e devorá-la. O bom de tudo foi que o Sr. Ronaldo garantiu mais uma vez carne para a equipe. Foram três porcões abatidos! A princípio achei um exagero, mas

depois que chegamos no acampamento com os animais, tudo o que era aproveitável foi salgado. Até eu ajudei a carregar um quarto traseiro. Quase vomitei diversas vezes com o fedor! Senti nojo! Ainda bem que eu trouxe meus sabonetes perfumados! Mas depois fiquei imaginando que diferença faria ficar perfumado no meio da floresta... Enfim, o que importa é que teríamos carne por uma semana.

Essa fartura que a natureza nos proporciona é obra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Obrigado Senhor! Que o Senhor nos abençoe a cada dia.

Caracaraí, 22 de outubro de 1989

Nossa! Ontem teve uma festa no acampamento. A equipe quis fazer churrasco e tomar cachaça. A princípio eu não concordei muito, pois fazia só três dias que estávamos trabalhando, e uma festa dessas resultaria que eles não iriam trabalhar hoje. Mas o Sr. Xereta disse que seria bom para ganhar o empenho deles, pois, afinal, hoje é domingo, e para eles é sagrado beberem no sábado.

Não entendi bem o significado de “sagrado”, mas acabei concordando. Todos beberam. Bom, somente eu e Jesus ficamos apenas observando os outros se divertirem. Foi até bom, porque fazia tempo que eu não conversava sobre Deus com alguém. Tudo foi tão corrido desde que cheguei ao Roraima, que percebi que tinha me esquecido de falar sobre Deus. Mas foi interessante ver como aqueles homens mudam quando estão bebendo. O Raul, por exemplo, não parava de contar mentiras. Disse que tinha jogado no Fluminense, que era primo de terceiro grau do Presidente do Brasil, que tinha ganhado na Loto e perdido tudo com mulheres. O Sapo tirava brincadeira de tudo. Até foi lá orar comigo e com Jesus, e pelo jeito ele já tinha tido algum contato com a crença, pois orou muito bem. Pena que estava completamente bêbado. O Cuca logo de início ficou tão bêbado, mas tão bêbado que começou a arranjar confusão com Manel, e o Sr. Xereta o mandou ir dormir. Esse momento foi meio estressante, pois imaginei que ia dar briga. Mas Jesus me falou que é normal entre peões que estão bebendo acontecer esses tipos de desentendimentos. Mesmo assim acredito que sempre pode existir um momento em que as brigas realmente aconteçam.

Agora, uma coisa que achei interessante foi o fato do Sr. Ronaldo, depois de umas doses, ter ficado bastante comunicativo, alegre, contava piadas, mas em nenhum momento conversou comigo. Ele chegava a falar com o Jesus, que estava do meu lado, mas comigo não dirigiu a palavra. Até o Sr. Xereta contou suas façanhas como grande matador de onças. Contou tantas histórias que algumas eram realmente incríveis.

O churrasco de porcão ficou uma delícia. Mas mesmo assim, toda vez que ia comer um pedaço, inevitavelmente sentia o “cheiro” do animal ainda vivo. Claro que era inconsciente, mas acontecia. Engraçado... Eu fui dormir cedo. O pessoal ainda ficou bebendo até mais tarde. Hoje todos estavam com uma ressaca enorme. O pior deles era o Cuca, que realmente é muito fraco pra bebida. Quem teve que cozinhar pro almoço foi o Sapo.

O domingo foi tranquilo. Passei o dia deitado na rede estudando para meu projeto de pesquisa.

Caracarái, 25 de outubro de 1989

Decidi que vamos abrir picada até o ponto onde será o primeiro acampamento mata adentro. Depois voltaremos medindo todas as parcelas. Acredito que assim evito os motins entre os peões quando terminarmos alguma tarefa. Irei dar pequenas folgas pra eles quando terminarem os primeiros 10 km de picada e as parcelas existentes no trajeto. O Sr. Xereta gostou da ideia, mas a peãozada não ficou muito satisfeita. O Sr. Xereta me disse que o fato deles ficarem insatisfeitos é um sinal de que estou começando a manobrar a equipe. Palavras do Sr. Xereta: “Peão muito feliz é sinal de encarregado frouxo!”

Nesses três dias abrimos cerca de 5 km de picada. Minha meta é que até sábado terminemos de montar o primeiro acampamento na distância de 10 km. O Sr. Xereta falou que é possível. Disse também que após o primeiro acampamento ficar pronto ele não irá mais me acompanhar. Mas estou cada vez mais seguro no trabalho.

Nos últimos dias, as únicas novidades de animais que vi foi um jacaré enorme que estava na margem de um igarapé. Passamos por ele cerca de 20 m de distância e nem se mexeu. Também vimos um

bando de maritacas muito barulhentas. Chegou a um ponto que ninguém conseguia mais escutar o que o outro estava falando. Muito interessante. Algo similar aconteceu com um bando de João-da-mata. Esses foram mais irritantes, pois mesmo com os ouvidos tapados, não se podia deixar de ouvir a sinfonia desafinada e desordenada.

Tenho que ficar muito atento aos pássaros que existem nesta floresta, pois várias literaturas indicam que a Avifauna é um ótimo indicador de ambientes, além dos pássaros serem sensíveis a qualquer perturbação na estrutura original da floresta.

Hoje o Sr. Ronaldo deixou mais uma remessa de carne. Há dois dias estávamos ouvindo os tiros de sua espingarda nas proximidades. Raul disse que o Sr. Ronaldo sempre está por perto quando não o vemos. Parece que ele quase não dorme e quando descansa fica sempre em alerta. Bom, mas dessa vez ele trouxe de tudo, carne de capivara, paca, cutia, veado e porcão. A carne estava toda salgada, foi só estocar na caixa de isopor e assim teremos carne pra mais uma semana. Até trouxe três tracajás vivos e fez um cercadinho pra eles. Não aprovei muito deixar em cativeiro os tracajás. Mas logo cheguei à conclusão de que é a lei do mais forte. E todos nós precisamos nos alimentar, inclusive eu.

Caracarái, 28 de outubro de 1989

Hoje foi um dia muito produtivo! Conseguimos terminar pela manhã a meta de 10 km. Muitos dos materiais para a construção do acampamento, íamos deixando todos os dias em cada ponto avançado do trabalho. Depois ficou fácil reunir todo o material e montar o acampamento. Terminamos de arrumar tudo, mais ou menos, umas 8h da noite. Eu estou realmente cansado, mas orgulhoso de estar prestes a dormir em um acampamento que eu ajudei a construir no meio da Floresta Amazônica!

O trabalho é muito duro, cansativo, e às vezes até deprimente, mas momentos como este, em que estou à luz de lamparina, deitado em minha rede, em um acampamento completamente rústico, em que desde a primeira estaca fincada até a cobertura eu estive envolvido, é um sentimento que só quem vive pode entender. E tenho a certeza de

que poucos sabem o que estou sentindo e passando. Bom, o barraco não é tão ruim assim. Ele tem uma cozinha, que possui mesa para preparar comida, um jirau pra lavar louça, e até mesa pra gente se alimentar. Tudo rústico, com tábuas tiradas com a motosserra, pregadas sobre tocos fincados no chão. O dormitório também está bem organizado. Por mais que eu insistisse em não querer, o pessoal fez uma espécie de quarto privado pra mim. Fizeram paredes com tela pra evitar a entrada de insetos. Fiquei muito agradecido, apesar de que minha intenção era ficar junto deles, partilhando o mesmo espaço. Mas Raul me disse que para eles também é importante existir um encarregado com postura de encarregado. Como tudo pra mim é novidade, e eu não identifico más intenções no que me passam, acabo aceitando. Tudo isso que relatei está espremido em uma área de 5 m x 6 m metros, ou seja, 30 m². Mas é ótimo! E temos até banheiro, mais afastado do acampamento, claro, mas é bem bacana. Incrível como o Raul e o Sapo cavaram uma fossa funda em tão pouco tempo. Jesus tirou várias tábuas com motosserra de uma enorme cupiúba que estava caída e com isso foi possível deixar o acampamento muito funcional.

Hoje Seu Plínio veio deixar mantimentos, não cheguei a vê-lo, mas ele trouxe só uma carta do Eng. Claudio com orientações. A orientação recebida é adiantar pelo menos 25 parcelas concluídas, o que significa 25 km de picadas. Temos 10 km. Em duas semanas teremos que fazer 15 km de picadas e medir 24 parcelas. Talvez não iremos conseguir concluir todas as parcelas, mas iremos adiantar muita coisa.

Amanhã é dia de descanso e, provavelmente, de ressaca. O pessoal está secando a segunda garrafa! Mas eles merecem. Sr. Xereta me deixou sozinho com a equipe ontem.

Agradeço a Deus por cada dia de conquista!

Caracará, 03 de novembro de 1989

Hoje resolvi dar folga para a equipe o final de semana inteiro. Trabalharam duro e conseguiram cumprir a meta de 15 km, sem contar que construímos mais dois acampamentos, um no km 17,

outro no km 23. Atualmente estamos no acampamento 2, a 17 km da sede, pois iremos iniciar segunda-feira as medições das parcelas.

Acredito que poderemos medir 2 parcelas por dia, e dependendo da estrutura da floresta, que em algumas regiões são densas em quantidades de árvores e em outras com menor densidade, poderemos instalar até 3 parcelas. Se chegarmos a instalar 12 parcelas antes do sábado que vem, dia 11 de novembro teremos 14 parcelas concluídas! Assim, conseguiremos tempo suficiente para terminar a meta de 25 parcelas que o Eng. Cláudio estipulou.

Estou bastante satisfeito em estar traçando estratégias operacionais. Estou aprendendo muito com este trabalho prático. É uma visão completamente diferenciada da pesquisa científica pura, da forma como estou vivenciando. O acampamento 2 ficou bem melhor que o primeiro, pois obviamente melhoramos em muito tudo o que eventualmente não ficou funcional no primeiro. O acampamento 3 ficou similar ao segundo. Acredito que esse vai ser o padrão para todos os outros 3 acampamentos que faltam ser levantados.

Estou muito cansado. Não sei como estes trabalhadores aguentam passar o dia em atividade física intensa. Eu fico somente na supervisão das atividades. Às vezes pego num terçado e corto uns cipós, mas pra mim é tão desgastante, e ainda por cima eles têm essa sessão de cachaça cada fim de semana, de forma muito intensa, e no outro dia trabalham forte como se no dia anterior tivessem descansado e relaxado. Admiro a força deles. Admiro como podem trabalhar tanto e ganhar tão pouco. Nunca imaginei, mas agora entendo. Eles trabalham muito, e sempre com alegria no coração. Cantam, brincam, mesmo quando acontece um erro tendo que voltar 500 m para corrigir. Fazem na brincadeira, na alegria, mesmo estando furiosos! É difícil explicar... Mas a cada dia tenho a certeza de que é difícil realmente liderar uma equipe com homens como esses, pois somente passando o que passam para poder entender o que pensam e a forma como agem. Acredito que estou me saindo bem, pois estou no mesmo barco que eles. Sinto que muitas vezes me excluem das conversas antes de dormir, quando estamos deitados na rede. Mas hoje em dia não condeno esta indiferença, afinal, eu ainda não consigo falar a mesma língua deles. Em uma conversa comum, eu fatalmente

tento colocar em suas cabeças o que vislumbro de forma científica, e obviamente eles não estão muito interessados. O que faz a cabeça deles é falar de mulheres esplendorosas que nunca vão possuir, de passados gloriosos que nunca existiram, e da família a quem nunca vão se dedicar por completo.

Bom, não tenho família. Verdade. Mas imagino que mesmo pessoas simplórias como eles podiam colocar a esposa e filhos como prioridade. Pelo que escuto, preferem estar em “bregas”, que lá em Natal chamam “puteiro” mesmo, ou então bebendo em algum bar. Pelo que eu vejo, a preferência deles é o Asa de Gavião, que como dizem, é um “inferninho” que tem em Caracarái.

Nossa! Neste exato momento em que escrevo estas palavras está acontecendo uma grande festa e gritaria entre os funcionários. Parece que Seu Plínio deixou 2 garrafas de Montila com o Sr. Xereta, e agora mesmo o Sr. Xereta veio trazer as garrafas pro pessoal! Incrível como ficaram felizes. Mais incrível foi Sr. Xereta vir aqui só pra trazer essas garrafas e depois ir embora na escuridão.

Estou com sono.

Caracarái, 08 de novembro de 1989

Estamos trabalhando forte. O final de semana de folga realmente valeu a pena! Toda a equipe estava pronta antes de amanhecer, e com a claridade aceitável pra trabalhar, estavam todos nas parcelas realizando as medições. Não fizeram corpo mole em nenhum momento. Almoçavam e começavam a trabalhar. Até o Cuca parou de reclamar e trazia o almoço no horário certo. Na segunda fizemos 3 parcelas, terminamos quando escurecia. Ontem fizemos 4! Acima do esperado. Hoje também fizemos 4 parcelas e iniciamos a 5a! Neste ritmo, espero que até sábado tenhamos um total de, no mínimo, 18 parcelas. Estamos novamente no acampamento 3. Estou muito cansado. Mas a cada dia percebo mais e mais a riqueza e particularidades deste bioma. São tantas informações que estou com conflitos de hipóteses da pesquisa. Na verdade estou querendo até mudar meu foco de pesquisa.

O ENCONTRO

Todos os dias era a mesma rotina. O Cuca acordava quatro horas da manhã e preparava a farofa com carne de caça e o café preto. Alguns membros da equipe acordavam junto com o Cuca, como era o caso do Raul, que ia nadar no igarapé próximo ao acampamento.

— Cara, um dia a sucure vai te pegar! Aí quero ver. — Cuca sempre falava a mesma frase quando via Raul indo para seus banhos madrugais.

— Vai não, viu véi! Porque o seguinte é este, a sucure não fica onde tem muito peão não, não tem?! Eu agora vou dar uma relaxada, e nadar um pouquinho, viu véi!

Geralmente Sapo e Manel acordavam antes das cinco da manhã e iam arrumar o material para levar ao campo. Jesus acordava quando o dia começava a clarear e, após tomar seu banho, cantava alguns hinos evangélicos. Daniel sempre era o último a acordar. Às vezes o Sapo, que era uma espécie de encarregado imediato, acordava-o, pois o rapaz tinha um sono pesado. E naquele dia não havia sido diferente.

— Acorda, Seu Daniel! Se continuar dormindo assim na mata, a onça vai vir e te pegar e você só vai acordar na pança dela!

Todos davam muitas risadas com a forma que Sapo acordava Daniel. Cada dia era uma história diferente. Ou o Curupira ia levar, ou a sucure ia arrastá-lo, as formigas cortadeiras fazê-lo em pedaços, ou a jabota iria carregar o biólogo no casco, sempre existia algum perigo da floresta que Sapo listava.

— Onça? A onça não ataca o ser humano, ainda mais quando estão em grande número como a gente. — e Daniel sempre retrucava a brincadeira de Sapo, dizendo que Curupira não existia. Ou que a sucure não arrastava ninguém em terra firme. Que era impossível as formigas fazê-lo em pedaços antes de ele perceber. Ou questionando como a jabota iria colocá-lo no casco dela. Isso fazia com que os outros se divertissem mais ainda.

Após as brincadeiras, todos comiam a farofa reforçada, colocavam o que sobrava em sacolas plásticas, arrumavam o material e pegavam

o picadão rumo às parcelas. Daniel levava sua pesada e nada operacional mochila de alpinista. Apesar de todos falarem a mesma coisa todos os dias, que aquela mochila ainda iria causar problemas, tanto na coluna dele, quanto na segurança em andar na floresta. Mas Daniel não se importava.

Andando pela picada, Daniel gostava de observar o comportamento de sua equipe. Manel, como era o identificador botânico, caminhava na trilha admirando as árvores e sempre arrumando a bandoleira da espingarda calibre vinte que carregava o tempo todo. Jesus ininterruptamente cantava hinos evangélicos e andando de forma leve pela floresta. Raul não parava de falar (mentir) um só minuto. E Sapo, bom, o Sapo...

— Ei, Sapo! Por que Jesus está andando com aquele ramo de galhos diretamente na frente do rosto dele? — Daniel perguntou, ao perceber que a ação de Jesus ocasionalmente se repetia ao longo dos dias.

— Você não sabe?

— Não! Diga-me! Por quê?

— Bom. Ele é crente. Mas como ele é preto, ele tem raízes do Candomblé!

— Ele já foi do Candomblé?

— Foi mermo! Fazia macumba e tudo!

— Mas pensei que os pais dele sempre foram evangélicos, por isso deram o nome de Jesus pra ele...

— Sim, mas os pais dele também eram pretos, como você percebe, e eram descendentes de escravos vindo diretamente da Jamaica, onde o Candomblé é religião oficial!

— Jamaica?! Mas o Candomblé é originário do continente africano!

— Sim, meu amigo! Você acha que os pretos que moram na Jamaica vieram da onde?

— Verdade... Mas aqui em Caracaraí tem muitos descendentes da Jamaica?

— Tem mermo! Mas não comente nada com ele, pois ele não gosta de conversar sobre isto...

— Sim! Mas por que então ele anda com aquele galho?

— Ele está nos protegendo! Espantando os maus espíritos da floresta! Perceba que ele está mexendo os lábios! Tá vendo?

— É mesmo... Ah! Espera aí! Vai me dizer que ele tá fazendo uma oração de macumba?

— Tá mermo! Mas não comente nada com ele, pois ele não gosta de conversar sobre isso...

— Mas não pode ser! Isso é coisa do inimigo! E como sou crente, eu conheço os crentes como Jesus, eles nunca se deixam levar por práticas do inimigo, e Candomblé é coisa do inimigo.

— Inimigo. Amigo. Só sei que ele consegue ver...

— Ver o quê?

— Não sabia que ele é espírita também?

— Não... Mas olha só, não existe uma pessoa que é crente, do Candomblé e espírita ao mesmo tempo! Vai me dizer que ele vê espíritos?

— Vê mermo! Não percebeu que ele olha às vezes para os lados como se estivesse procurando algo?

— É mesmo... Olha! Olha! Ele acabou de olhar para os lados! Mas espera! Que movimento é aquele que ele tá fazendo com o galho? Só falta você me dizer que isso espanta os maus espíritos...

— Espanta mermo! Mas não comente nada com ele, pois ele não gosta de conversar sobre isso...

— Seu Daniel, o seguinte é este viu véi! Se o senhor continuar comendo corda do Sapo vai endoidar! Não tem?! — alertou, Raul — Não tá vendo que ele tá te enganando, véi?

— Tô mermo! — e Sapo com esta afirmação, caiu na risada! Jesus lá na frente olhou pra trás sem nem imaginar o que acontecia.

— O seguinte é este, ele anda com aquela rama pra quebrar as teias de aranha que tem na picada. Porque ele tá na frente da fila, não tem?! Ele anda com uma proteção, ou a cara dele ia ficar cheia de teia de aranha, viu véi!

— Claro... — Daniel avaliava a situação. Sapo ria sem parar. Manel deixou de olhar as árvores e sorria também, olhando pra trás e arrumando a bandoleira. Raul balançava a cabeça e falava um monte de bobagens. Daniel começou a pensar com lógica. — Poxa, Sapo, já te pedi pra não me enganar assim. Já disse que como estou aqui para aprender com vocês, acabo acreditando em tudo o que vocês falam. — indignou-se, sempre o Sapo pregava uma peça nele.

— Tá bom, Seu Daniel! Prometo que esta foi a última vez. — e até Daniel sorriu com a mentira do Sapo.

Continuando a rotina, Raul possuía um aparelho de som que tocava fita cassete, e todos os dias quando andavam até o ponto do serviço, ou voltando para o barraco, o aparelho tocava todo tipo de música, de brega a rock.

— Véi! Agora vou colocar uma surpresa, viu véi! É um artista muito bom que pedi pro Plínio barqueiro trazer pra mim. Velho Xereta me entregou. Presta atenção aí! — ao ligar o aparelho, uma música do Cazuza se misturou com o ambiente da floresta.

— Você gosta de Cazuza? — espantou-se Daniel ao se deparar com aquela cena.

— E por que não? O seguinte é este, Seu Daniel, não é porque nós somos peão do mato e moramos em Roraima que não vamos gostar do que é bom, viu véi! — Raul cantava com sua voz desafinada, e sem ritmo algum, mas sabia perfeitamente a letra da música.

Daniel ficou admirado. Ainda não conhecia aquela música. Não era fã de Cazuza, porém era inevitável não ouvir suas músicas em Natal. Tocava no rádio, na televisão, na universidade. Só nunca imaginou ouvir Cazuza em Roraima. Sapo e Raul agora cantavam juntos. Manel arrumava a bandoleira e observava as árvores. Jesus continuava a cantar seus hinos. Daniel, feliz. Olhava admirado para todos. Cada um com sua particularidade. Com sua identidade. Pensou sobre o preconceito. O preconceito que achava não manifestar, porém sua

experiência em Roraima provava o contrário. Entendeu que o ato de subestimar o próximo era a manifestação pura do preconceito hipócrita, aquele preconceito que disfarçamos de nós mesmos, apenas para nos sentirmos melhores. À medida que contemplava essa linha de raciocínio, uma mescla de vergonha e orgulho era exprimida. Vergonha por descobrir que realmente sempre praticou manifestações de preconceito. Orgulho por finalmente perceber isso e assim ter a chance de mudar de postura.

Viu-se a analisar sobre o comportamento humano, em relativizar os ambientes e as influências que esses ambientes causavam nas interações sociais e culturais das pessoas. Chegou à conclusão de que, mesmo com a diversidade do ambiente, o ser humano atinge um estágio de pluralidade de posturas, onde, a que imperava era obviamente a cultural, alavancados pelos costumes da região. A manifestação social poderia ter similaridade com as existentes em qualquer outro ambiente, pois o fator determinante para a sociabilidade humana era o acesso à informação. Estava feliz em vislumbrar isso. Tão feliz que não atentou estar distante do grupo. Tão feliz que somente se deu conta de estar sozinho quando sentiu um peso imenso em suas costas e a carne do rosto rasgar.

Ao rolar no chão, em desespero conseguiu se livrar da mochila, e arrastando-se em meio a raízes e galhos caídos de árvores, contemplou a enorme onça-pintada que se debatia com a sua mochila de alpinista. A onça, ao pressentir que seu bote não surtira efeito, iniciou uma investida lenta e ameaçadora em direção do rapaz, que se encontrava a cerca de dez passos da predadora. Daniel não conseguiu mais se mover e muito menos gritar por socorro aos companheiros. Entregou-se ao terror. Tinha a mente morta. Quando a onça se encontrava a cinco passos de sua presa, foi surpreendida com toda a equipe correndo e gritando em sua direção. Com um salto abriu fuga e subiu em um pedral para assim cruzar a baixada oposta, com a intenção de sumir na mata.

Porém, ao atingir o ponto mais alto do pedral, foi alvejada por um tiro de espingarda que Manel havia disparado. A onça deu um salto e rolou pedral abaixo. Estava ferida. Um segundo disparo e mais um pinote do grande felino. Mesmo assim conseguiu seguir o rumo da baixada e desaparecer na mata. Logo em seguida, Ronaldo e seus quatro fieis cachorros, Pirão, Pereba, Rambo e Urso, apareceram e,

com uma ordem de Ronaldo, saíram em disparada no encalço da onça, sendo seguidos por Ronaldo e Manel, ambos com espingardas calibre vinte.

— Daniel! Daniel! Tudo bem, véi? — Raul se aproximou do rapaz em estado de choque sentado no chão.

— Caramba! Ele tá sangrando no pescoço! — Sapo gritava para todos.

Daniel aos poucos foi retornando. Colocou a mão no rosto até o pescoço e sentiu o sangue escorrer. Não falava nada. Não expressava nenhuma reação. Apenas passava a mão no rosto e no pescoço e olhava o sangue.

— Véi, vamos! Temos que ir pra sede para o Velho Xereta te levar pra Caracarái de voadeira. Você tem que ir pro hospital, não tem?! — Raul levantou Daniel e tirou a camisa, fazendo com que a pressionasse contra o ferimento.

— A onça! Ela ia me matar! Por quê? — Daniel finalmente expressou uma reação consciente — Eu não fiz nada! Ela me atacou... Estou sangrando no pescoço, vou morrer... Eu vou morrer! — gritava desesperado.

— Vai morrer não, viu véi! O seguinte é esse, vamos pro acampamento, pegamos o estojo de primeiros socorros e damos uma guaribada nesse arranhão até a gente chegar na sede, e o Velho Xereta te leva pra Caracarái. Lá você vai ficar só na lefação, não tem?! Sade o que é lefação?! É matando uma lefoa, ficar sem fazer nada, curtindo um quarto de hospital, com um monte de enfermeiras gostosas, viu véi!

Iniciaram a caminhada de volta. Todos se preocuparam com o estado emocional de Daniel, pois sabiam que o ferimento que a onça fizera, provavelmente com uma de suas garras, não fora fatal, porém necessitava de cuidados urgentes. Daniel caminhava com mais dificuldades do que normalmente, o que obrigava a Raul o carregar praticamente nas costas. Sapo e Jesus revezavam com Raul nesse empenho. Chegaram ao acampamento dois e realizaram os primeiros socorros em um Daniel catatônico. Cuca não se encontrava no acampamento quando o grupo chegou. Pegaram alguns enlatados e farinha para comerem no caminho até a sede. Quando se preparavam para sair o cozinheiro apareceu.

— Nossa! Já estão na lefa? Sabia que o biologozinho não ia aguentar muito tempo este rojão! — Cuca ironizou.

— Cala a boca, seu otário! — Sapo gritou de forma rígida e agressiva

— Não está vendo que o rapaz tá ferido? A onça pegou ele!

— Tá certo, e eu sou o prefeito de Caracarái! Ele deve ter caído por cima do terçado dele, né cunhado?

— Foi não, Francisco. O Seu Daniel foi atacado por uma onça mesmo. Ela pegou ele no pescoço. Vamos levar ele pra sede, pra ir para Caracarái.

— E a onça? Onde está? — Cuca olhava desconfiado para todos os lados.

— Manel e o Senhor Ronaldo foram com os cachorros atrás dela. Manel acertou dois tiros. Uma hora dessa ela já está morta... — relatou, Jesus.

— Véi, o seguinte é esse, você vai ajudar a levar o Daniel lá pra sede. A gente tem que varar muitos igarapés e serrotes pra chegar até lá, não tem?!

— Não tem como eu deixar toda esta comida aqui, sem cuidados, vocês sabem! Vou ficar aqui até vocês voltarem para baixar acampamento e levar tudo pra sede, pois se ele adoeceu, não vai ter mais trabalho...

— Cala a boca, poxa! Quebro a tua cara, filho da mãe! Hômi, deixe este mané aqui mesmo, posso fazer besteira se ele for com a gente! — Sapo tinha sangue nos olhos.

— Venha fazer eu calar, caramba!

— Sapo! Tenha calma, viu véi! Não tá vendo que Cuca tem razão! E também não tinha pensado que ele tem que ficar para avisar os outros...

— Raul, não estou nem aí pra comida, poxa! O que importa é a saúde do cara que está todo detonado aí!

— Não perceberam ainda que se ficarem discutindo aí só vai dificultar as coisas? — Jesus tentava acalmar a todos — Todos estamos nervosos. Falar bobagens em uma situação dessas é normal. Temos que ter paciência...

— Tá defendendo seu cunhado, né, Jesus! — Sapo, incontrolável — Você sabe que ele só fala bobagens! O tempo todo! Só fala bobagens!

— Vá para o inferno, Sapo! Quem disse que você é o dono da razão?
— Cuca e Sapo continuaram discutindo enquanto Raul enrolava uma atadura no pescoço do Daniel.

— Vêi! Já terminei aqui. Vamos embora! Cuca, o seguinte é esse! Ninguém sabe se vamos parar o serviço ou não. Apenas espere aqui mesmo como Sapo falou. Avise o Senhor Ronaldo e Manel que vamos levar o Daniel pra sede, viu vêi!

— Que seja!

— Vamos pessoal. Temos vinte quilômetros pela frente. Senhor Pai, nos ajude a chegar em segurança por este caminho de perigos. Que o Senhor Daniel resista e fique bem. Que nada lhe aconteça, com a tua proteção e graça. Revista o Senhor Daniel com a sua armadura, com a armadura de Deus, para que ele consiga vencer esta provação. Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Amém! — e assim Jesus abençoou a todos.

Ao longo do picadão, Raul, Sapo e Jesus tiveram muitas dificuldades em ultrapassar os obstáculos da floresta. Por algumas vezes Daniel balbuciava algo, mas não parecia ter sentido algum. As palavras saíam sem força, conseguia permanecer em pé, andando com dificuldade, e sempre sendo ajudado para atravessar os igarapés, escalar troncos caídos, descer e subir serrotes, passar por cipoais, mas sempre permanecia de pé. Depois dos primeiros dez quilômetros percorridos, cerca de três horas tinham se passado desde que saíram do acampamento dois. Daniel, apesar de recobrar aos poucos a consciência, passava a ter esgotamento físico, consequência do sangue que perdera, e naturalmente pela falta de preparo em andar na floresta.

Resolveram parar para descansar um pouco no acampamento um. Levaram Daniel até o igarapé, e jogaram água no seu corpo. Descansaram por cerca de meia hora. Depois que comeram, voltaram a caminhar rumo à sede. Daniel era carregado cada vez mais pelos companheiros. Não conseguia permanecer em equilíbrio.

— Raul... Raul... Falta muito ainda pra gente chegar na sede? Não aguento mais...

— Tamo perto mermo, viu vêi! — Raul mentia — Mas o seguinte é este, você não pode dormir, tem que ficar acordado, não tem?! A gente podia levar você em uma rede, seria mais fácil, viu vêi, mas você ia dormir. Melhor te levar arrastado. Aguenta o rojão aí.

— Raul, eu vou viver, não vou? Diga pra mim se outras pessoas conseguiram escapar de ataques de onças?! Por favor, não me deixe morrer.

— O seguinte é este, viu vêi! Você só pegou um arranhão de leve na cara. Mas tem que ir pra rua pra fazer curativo, viu vêi! Nem esquentar a cabeça, só aguenta firme e quando chegar em Caracaraí tudo ficará bem, isso eu te garanto, palavra, não tem?!

— Raul. É normal alguém ter tanto medo assim do que aconteceu? Digo, eu fiquei com muito medo. Tenho receio de que tenha envergonhado a todos, que todos me considerem um fraco. Nem sei o que pensar...

— Olha, Seu Daniel, só te falo uma coisa! Qualquer um de nós, que fosse atacado por uma onça na traição, ficaria com medo! É normal ter medo. Eu acho que você foi muito corajoso de encarar a onça cara a cara! — Sapo sabia, como todos, que Daniel não saiu correndo porque teve tanto medo que ficou paralisado.

— E agradeça ao nosso Senhor Jesus Cristo, nosso único Senhor e Salvador, por ter te protegido e salvado do pior. Com certeza Ele tem um propósito pra você! Com certeza Ele preparou algo de importante para você! — Jesus falava com firmeza, a firmeza de quem tem Deus no coração.

— Que os anjos digam Amém, Irmão! Foi meu Senhor que me salvou do pior! Agradeço a Deus, meu Senhor, por ter permitido que eu vivesse. Meu Deus é poderoso! Meu Deus é único! — com as palavras de Jesus, Daniel demonstrou sinais de reação física e mental, passando por uns instantes a andar pela mata sem o auxílio dos companheiros.

A cerca de três quilômetros da sede, Ronaldo e Manel alcançaram os outros. Estavam exaustos, desde a investida da onça, passaram todo o tempo correndo pela mata. Entre eles havia três cachorros.

— Onde está Pereba? — Sapo percebera a falta da cadela mais querida entre a equipe. Ronaldo baixou a cabeça.

— A onça pegou ela. Não tinha o que fazer. — Manel anunciou — Eu meti uma bala na cabeça dela pra acabar o sofrimento. — neste momento Ronaldo, bem à frente do grupo, não tinha falado uma única palavra, apenas andava com a sua cara fechada — Ela também pegou o Rambo. — viram o rasgo no lombo do cachorro mais robusto — Melhor não falarem sobre isso na frente do Ronaldo. Ele ainda não aceitou o fato da onça ter dado um balão em nós dois, nos cachorros e ainda por cima ter matado Pereba.

— A onça ainda tá viva, véi? — Raul perguntou admirado.

— Tá mermo! — Manel mostrava-se indignado — E o chefe? Como está?

— Vamos conseguir chegar com tempo de sobra. Ele está bastante fraco. Mas com fé em Deus tudo dará certo. Deus é fiel! — Jesus confiante em seu deus, como sempre.

— Ainda bem que vocês não a mataram. Deixem que ela viva, ela apenas seguiu seus instintos... — Daniel se esforçava para falar — Não autorizo que vocês matem a onça.

— Mas, Seu Daniel, esta onça tentou te matar! Temos que dar cabo dela. — Sapo se mostrava indignado.

— Não importa... Não importa... — Daniel murmurava.

— E o Francisco? — questionou Jesus.

— Não temos tempo para esperar o Cuca. Se ele não aguenta nosso rojão, que fique para trás! — Manel foi áspero com as palavras.

Ao chegarem à sede, Velho Xereta agia com a voadeira no ponto de seguir viagem até Caracarái. Ronaldo tinha avisado sobre o acontecimento.

— Va-vamos rá-rápido! O gu-guri precisa do me-médico!

Daniel deitou no assoalho da voadeira, sendo ladeado por Raul e Sapo. Velho Xereta deu partida no motor e seguiu rio acima, rumo a Caracarái.

O ENCONTRO (2)

Daniel abriu os olhos. Encontrava-se deitado em um leito de hospital. Em seu braço, a sonda do soro. Seu rosto, no lado direito, tinha um curativo enorme. Pescoço enfaixado. A maca, envolta por uma cortina. Através dela podia ver um vulto de alguém mexendo na prateleira.

— Oi! Pode vir aqui? — o biólogo chamou a pessoa que transitava na sala, que logo abriu a cortina e veio ao seu encontro.

— Bom dia! Como se sente? — disse a moça.

— Bem... — Daniel não acreditava no que via. Era ela! A moça do clube Fundo de Quintal. Seu coração bateu tão forte que podia ouvi-lo.

— Nossa! Fiquei sabendo que você foi atacado por uma onça! Sorte, heim?! Quer dizer, sorte que está vivo e com ferimentos leves. Mas o que um jovem como você estava fazendo no meio da floresta? Dá para perceber que você não é trabalhador braçal. — a moça mostrava-se interessada em saber detalhes do caso mais comentado no hospital, afinal, não era sempre que podia se deparar com alguém que fora atacado por uma pintada e não estivesse gravemente ferido.

— Sou biólogo. Estou fazendo uma pesquisa na floresta, para meu mestrado... — tão nervoso que sua voz saía engasgada.

— Nossa! Que legal! Também estou aqui por causa de uma pesquisa! Sou daqui mesmo de Roraima, da Aldeia Indígena Boca da Mata, que fica na Reserva São Marcos, divisa com a Venezuela! Ah! Eu me chamo Iara Parente. Você não é daqui não, né? Seu sotaque é bem nordestino! És do Ceará? — Iara tinha um sorriso lindo, apaixonante.

— Sou do Rio Grande do Norte. Que pesquisa você está fazendo? — não parava de fitar os lábios envoltos.

— Na área de Parasitologia. Sou química. Sou doutoranda da USP. Estou aqui em Caracarái há uns três meses já. Bom, na verdade é a segunda temporada que passo aqui... E você? Está aqui há quanto tempo? Ah! Qual é seu nome? — feliz em encontrar alguém que também fazia parte do meio acadêmico, pesquisador.

— Daniel Silva... Estou aqui há pouco mais de um mês... — ainda não acreditava que aquele anjo pairava na sua frente. Achava estar sonhando, ou delirando — Estou delirando? — murmurou.

— O quê?

— Nada, esquece...

— Mas, me conte! O que foi que aconteceu? Como a onça te atacou? A não ser que você não queira falar sobre o assunto.

— Não! Não! Falo sim! — nitidamente esboçou uma reação latente de querer prolongar o diálogo com Lara, que achou engraçado o comportamento do rapaz — Bom, na verdade me lembro de pouca coisa. Lembro-me de estar andando pela picada, e quando percebi que estava distante dos outros que trabalham comigo, senti a onça dando um bote nas minhas costas... Depois, tenho com clareza o que aconteceu somente de quando acordei pra cá...

— Nossa! Que história para um biólogo! Teve medo?

— Tive... — na verdade tinha entregado sua vida no encontro com a onça — Não quero viver uma experiência dessas nunca mais...

— Imagino. Mas você é tão novinho pra estar já no mestrado. Quantos anos você tem?

— Vinte e dois. Faço vinte e três agora em dezembro. Sempre gostei de estudar. Este é meu primeiro trabalho. Pois estou trabalhando para a Bronze Verde. Realizando um inventário florestal na área do Mundo Velho. Conhece?

— Já ouvi falar.

— Com estes dados vou poder correlacionar a fauna e flora e assim classificar ocorrências de fauna nos tipos de estratificações florísticas que compõem o bioma amazônico do município de Caracaraí. E você? Qual o objetivo de sua pesquisa?

— Ah! Claro! Foi pra isso que eu vim aqui! Tenho que tirar seu sangue, se você permitir, claro! Faz parte da minha pesquisa. — Lara deu-se conta de que tinha esquecido completamente do seu real propósito em estar ali, naquele momento — Bom, no meu doutorado estou trabalhando com protozoários parasitas do gênero *Plasmodium*,

para recomendar medidas profiláticas contra a Malária. Acredito que, como o período de incubação do protozoário tem duração entre vinte e trinta dias, poderei diagnosticar com antecedência se o paciente está infectado, sem precisar iniciar o tratamento somente depois do estágio de sintomas da doença. Como o índice da Malária é alto em Caracaraí, devido ao fato do setor produtivo de maior destaque ser o pesqueiro, este ambiente é ideal para meu estudo! — Lara realmente estava empolgada. Sabia que Daniel entendia tudo do que falava — Então, coletando amostras dos pacientes que dão entrada no hospital por qualquer ocorrência, posso quantificar os casos de pacientes infectados antes do período dos sintomas, e assim analisar a importância do trabalho preventivo para a Malária! — Lara voava em seus pensamentos — Vou avaliar o período de recuperação do paciente com o tratamento, e analisar se existe diferença entre o tratamento iniciado após o diagnóstico através dos sintomas da doença, em relação ao tratamento preventivo.

— Nossa! Ótimo o seu trabalho! Mas agora vou fazer uma pergunta um tanto quanto impertinente. Você é muito nova para estar fazendo doutorado. Quantos anos você tem?

— Você é um doce! Tenho vinte e oito anos! Perto da casa dos trinta! Quantos anos você achava que eu tinha? — Lara se divertia com a situação.

— Nossa! Pensei que tinha no máximo vinte e cinco! — Daniel naquele momento não sabia mais o que falar, um pequeno silêncio tomou a sala.

— Bom... Posso tirar uma amostra do seu sangue? — a indígena apresentava certo nervosismo a partir daquele momento.

— Claro! Vai doer? — a pergunta clássica.

— Claro que vai, seu bobo! — pegou suavemente o braço de Daniel, e estendeu seu antebraço. Retirou suas mãos delicadamente, colocou as luvas cirúrgicas, amarrou a liga no braço, passou o algodão embebido em álcool, e injetou a seringa — Tive que aprender a fazer isto. O hospital não dispõe de muitas enfermeiras. Faço tudo sozinha aqui. Mas eu gosto! Aprendo bastante.

— Eu também estou realmente fazendo toda a prática da minha pesquisa. Tenho minha equipe, nunca imaginei que fosse tão trabalhoso comandar pessoas. Mas estou aprendendo. Percebo que assim, fazendo a prática mesmo da pesquisa, vislumbramos hipóteses mais reais.

— Daniel, que interessante o que você acabou de afirmar! Verdade! Já tinha percebido isso, mas nunca tinha analisado que isso era normal, e não uma particularidade minha! Você tem razão!

— Doutora Iara, o paciente tem visita. — anunciou a enfermeira-chefe, que acabara de chegar ao leito — Posso encaminhar o visitante?

— Sim. Já terminei meu trabalho. — Iara queria ficar. A conversa estava agradável — Daniel, foi um prazer! E cuide-se, viu? — ao fechar a cortina, lançou um breve olhar para o rapaz, que sorriu.

— Vou tentar... — mais uma vez o jovem não tinha o que falar. Ela era linda. Inteligente. Daniel, mais apaixonado do que nunca. Olhou para a cortina entreaberta sonhando imagens de romance com Iara. Imaginou seus lábios encostando-se aos dela, e após um breve intervalo, os lábios ficariam molhados, e o calor tomaria conta dos seus corpos...

— Daniel! Acorda! — mais uma vez foi abortado de seus sonhos pelo seu visitante, o Cláudio — Como está campeão?! Experiência louca, heim?! Vai ter história pra contar em Natal! E agora? Depois do que aconteceu, vai querer ir embora de Roraima?

— Como vai, Seu Cláudio?

— Jovem! Você foi premiado! Quer ir embora? — Daniel balançou a cabeça negativamente — Então escuta aí! Falei com o prefeito, que falou com o diretor do hospital. Você precisa de uns dias para sua recuperação, para cicatrizar os pontos do pescoço, coisa de duas semanas, pois o corte não foi profundo. Sorte, heim?! Sorte! Mas veja só, aqui você terá alimentação de graça, estadia... Sim! Vai ser chato! Mas pense assim, “tudo pelo bem da empresa”! Vamos diminuir custos! O que acha?

— Por mim, tudo bem! — até sorriu, sabia que assim poderia estar perto da Iara.

— Isto, meu jovem! Isto! É assim que você tem que pensar! Um dia você se tornará um grande gerente!

— Tomara, Seu Cláudio...

— Então, me conte com detalhes como foi que tudo aconteceu! — o engenheiro adorava tragédias. Daniel contou tudo o que lembrava. O engenheiro Cláudio por vezes soltava uma gargalhada, e era sempre censurado por uma das enfermeiras — Olha, meu filho, o Plínio vai sempre vir aqui, quando não estiver bêbado, mas me prometeu que viria para ver se precisa de algo. Hoje ele vai trazer umas roupas pra você, pois na correria você não trouxe nada. Esse fim de semana Seu Plínio vai para a floresta pegar mais coisas suas lá, roupas, seu material de pesquisa, para que aproveite o tempo organizando sua dissertação e os dados do inventário. — na verdade o engenheiro queria que Daniel estivesse realizando alguma atividade para a empresa, mesmo hospitalizado — O pessoal vai continuar trabalhando semana que vem na sua ausência. Eles não precisam parar o trabalho. Podem continuar abrindo picadas na sua ausência. Óbvio que a lefação vai ser grande, mas alguma coisa eles vão fazer. — o engenheiro queria concluir o inventário a todo custo, e sem custos — Final de semana que vem será concluído o mês de trabalho direto, então Seu Plínio irá trazê-los para Caracarái para que passem uns dias com suas famílias. Vou organizar até lá o dinheiro para que você faça o pagamento desse primeiro mês. — Daniel escutava atentamente todas as orientações — Você só levou três pontos no rosto e sete no pescoço, o resto foi arranhão. Consegui bons antibióticos e anti-inflamatórios, e com os cuidados que receberá aqui na enfermaria, com trocas constantes dos curativos, no máximo em duas semanas estará cicatrizado. Sua primeira cicatriz da floresta! Você vai se orgulhar pra sempre! Já pensou as garotas perguntando “que cicatriz é esta no seu rosto?”, e você respondendo “foi um ataque de onça”! Rapaz! Você vai pegar todas! — o argumento do Cláudio não era nada animador — Então é isso! Até a próxima, meu jovem!

O engenheiro saiu da enfermaria. Daniel repousou a cabeça no travesseiro e continuou contemplando o sonho vivenciava antes da chegada do engenheiro. Após o calor tomar conta de seus corpos, Daniel se imaginava envolvendo seus braços na cintura da Iara, que

instintivamente se entregava totalmente no movimento único de paixão, fazendo com que tudo a sua volta fosse transportado para outra dimensão, onde só os dois importavam. Só o calor de seus corpos alimentava aquele plano...

— É o que podemos dizer de um grande filho da mãe, né, meu jovem?
— mais uma vez Daniel foi abortado de seus sonhos, e desta vez foi pelo senhor do leito ao lado do seu — Tá me ouvindo, rapaz? Esse homem não presta!

— Sim senhor, estou ouvindo. — Daniel levantou do seu leito e afastou completamente a cortina passando a ver um senhor de uns setenta anos, tão enrugado pelo tempo que nem se podia imaginar como seria seu rosto no passado — Bom dia, senhor. Eu me chamo...

— Daniel Silva! Sei! Não pude deixar de ouvir tudo o que se passou agora há pouco. Me chamo Joaquim. Mas pode me chamar de Seu Joacla, que é como todos me chamam aqui em Caracarái.

— Como vai, Seu Joacla? Tudo bem com o senhor?

— Por acaso você acha que eu estaria em um hospital se estivesse tudo bem? Tenho setenta e três anos, filho! — Joacla falou de forma repreensiva com o rapaz — Mas sim, está tudo bem. Já estou me sentindo bem melhor... — abriu um sorriso amigável.

— Que bom que o senhor está bem... — Daniel não era muito bom de continuar diálogos. Um breve silêncio se formou — Por que o senhor está aqui?

— Você se cagou de medo, né? — o velho perguntou — Quando ficou cara a cara com a onça, você não teve ação alguma, né? — Seu Joaquim insistia.

— Errrr... Olha, Seu Joacla... Quem não teria medo?!

— Tem gente que não tem medo. Mas já vi que em você isso é normal. Você tem medo de mulheres! — o velho respirou fundo se inclinou na cama e sussurrou — Você gosta da caboca, né? — Daniel franziu a testa — A índia!

— Ela é bonita, inteligente, mas não estou no nível dela!

— Nível?! Que bobagem é esta que você tá falando? Meu rapaz, se

continuar pensando desta forma, você vai continuar tendo medo de onças e de mulheres. — Seu Joaquim falava com pesar, um pouco decepcionado com o jovem — Mas mais tarde conversamos... Estou com sono...

Daniel refletiu sobre o que o Seu Joacla tinha dito, em relação aos níveis. Realmente ele tinha razão. Mas como poderia saber em que nível estaria? Que parâmetro ele iria usar como referencial? Certa vez, ao assistir uma palestra sobre o livro Entre o Nihilismo e a fé, o autor abordou um tema intrigante, que tratava sobre os níveis de inteligência. Afirmava ele ser imutável no ser humano. Cada um nascia com o seu nível predeterminado. A influência do ambiente simplesmente iria despertar o indivíduo para dar saltos em níveis a partir do seu estado atual. Na visão de biólogo, Daniel, ao ouvir a palestra, tentava vislumbrar o argumento do autor do livro em relação à inteligência como uma herança genética plena, assim como a cor dos olhos e formato do rosto. Mas para ele, o ambiente era que determinava o fator inteligência, e que a genética seria irrelevante nesse processo. A inteligência era algo abstrato, algo que poderia dizer ser da alma. Ilimitada em sua plenitude, onde realmente o ambiente iria proporcionar saltos de aprendizado e sabedoria, mas não existiriam limites para a mente.

O palestrante afirmava outra vertente, de que a inteligência tinha limite, e quem possuía um padrão mais desenvolvido, iria sobrepor-se aos que possuíam essa herança atrofiada. Polêmico. Mas o palestrante possuía uma ótima retórica. Argumentava que antes de atingir o limite máximo de inteligência, o indivíduo estaria evoluindo, a princípio, no sistema que ele denominava Modelo Escadaria, um plano cartesiano onde o fator ambiente e o fator evolução da inteligência seriam os parâmetros. O tempo seria relativo, porém o ambiente iria proporcionar que o indivíduo andasse mais degraus ou menos degraus rumo ao topo da escadaria. Muitos indivíduos iriam ficar estagnados ao longo da escadaria, ou por terem chegado ao seu limite de desenvolvimento intelectual, ou porque o ambiente em que estavam inseridos não proporcionasse mais evolução, e assim, seriam ultrapassados por vários outros que ainda permaneciam no processo de desenvolvimento.

Analisando por esse prisma, a inteligência seria um fator linear, que aumenta gradativamente seguindo os padrões: fator ambiente, e níveis limitadores. Porém o palestrante havia revelado existir mais uma configuração de manifestação de níveis de inteligência, que ele denominava Modelo Atômico. Esse modelo, mais complexo, envolvia somente os indivíduos que atingissem o nível máximo de inteligência, porém em qualquer altura do Modelo Escadaria. Seria uma troca constante de experiência, onde as pessoas iriam comportar-se como elétrons nas camadas de valência, ora na periferia, ora próximo ao núcleo do átomo. A eletrosfera seria a busca pelo consenso entre os indivíduos atuantes. O núcleo, a evolução. Quanto mais afastados do núcleo, mais experiências e trocas de conhecimentos entre os indivíduos de todos os níveis de desenvolvimento intelectual. Quanto mais próximo do núcleo, a concretização da prática dos conhecimentos adquiridos, o incremento evolutivo da humanidade.

Daniel passou boa parte da tarde pensando sobre isso. Repensando seus atos durante sua estada em Roraima. Pensando no amor. No medo. Na luta por se posicionar perante a sociedade e perante a si próprio. Em um dado momento todos os seus sentidos se voltaram para o final do corredor que dava acesso à enfermaria. Ele ouvira a voz da Iara. Ao entrar na enfermaria, Iara trazia um pacote, Daniel sorriu, Seu Joacla balançou a cabeça em reprovação pela reação denunciadora do rapaz.

— Oi, Daniel! Um senhor deixou este pacote de roupas pra você. — a voz da Iara também era denunciadora, pesada e nervosa — Como ele estava muito bêbado, não deixaram entrar. Aí eu estava na recepção na hora e disse que conhecia o paciente... E aqui estou! — Iara fitava Daniel, com o pacote ainda em mãos.

— Obrigado, Iara! Era Seu Plínio. Nosso prático! Ele sempre está bêbado! Como foi seu dia? — Joacla desmoronou com a pergunta de Daniel. Que bobagem para se perguntar dentro de um hospital. O que ele esperava? Que ela falasse: “Hoje eu vi três pessoas acidentadas; uma senhora faleceu; a polícia trouxe um meliante todo espancado...”.

— Ah, meu dia foi bom! Coletei mais algumas amostras. Depois organizei no meu banco de amostras, tudo devidamente etiquetado. Escrevi um pouco sobre minha tese. Li algumas literaturas científicas.

Esta é praticamente minha rotina todos os dias. Bom, claro que sempre acontecem surpresas que fazem com que a rotina mude... — Iara, em silêncio, esperando uma reação de Daniel, que, de tão fascinado nem entendeu a deixa da moça. Seu Joaquim se indignou, colocando a mão no rosto. Iara quebrou o silêncio — E como foi seu dia? — Seu Joacla se engasgou com a água que tomava.

Daniel chegou à enfermaria agitado. Seu Joacla logo percebeu sua euforia. Fazia três dias que o rapaz estava confinado no hospital.

— Diga, meu jovem! O que foi que aconteceu?

— Consegui finalmente falar com meus pais! Conteí tudo pra eles, sobre o acidente com a onça. Sobre minhas condições aqui em Caracaraí, enfim, meu pai vai depositar um dinheiro pra mim amanhã para que eu fique em um hotel e não mais aqui no hospital.

— E a índia? Se sair daqui vai ficar longe dela... Desde sexta que você não fala com ela. Amanhã ela volta do Baixo Rio Branco, ela não disse que ia coletar amostras lá? E no dia em que ela vai voltar você vai sair do hospital? Desistiu dela, foi? — o velho provocava.

— Seu Joacla, pra falar a verdade eu não tenho esperanças em conseguir algo com a Iara. Também tem outra coisa. Falei com Seu Plínio agora de manhã e ele vai trazer minhas roupas, meus livros e meus cadernos que estão lá na fazenda. Ele já deve ter saído daqui. Disse que volta ainda hoje da floresta. Assim vou poder adiantar minha dissertação no hotel mesmo. Mas virei duas vezes por dia aqui no hospital, Seu Joacla! Pois tenho que continuar fazendo curativos no pescoço, onde levei mais pontos. O ponto do rosto já está quase bom. Não tá mais inchado. Já vou começar a colocar um bandeide no rosto. Melhor do que estas gazes. — Daniel não estava tão traumatizado com o ataque que havia sofrido. Sentia-se empolgado novamente com seu objetivo de projeto de pesquisa.

— Então você vai realmente voltar para a floresta! Perdeu o medo da onça? Olha rapaz. Se estiver interessado em ouvir um velho que já passou alguns bocados na vida, estou aqui para te ajudar... — Daniel deitou em sua cama e olhou atentamente o velho — Não falei muito sobre minha vida pra você nesses dias. Eu praticamente sei sua vida inteira, apesar dela ainda estar apenas no começo. — Daniel agora tinha um aspecto mais sério. Sabia que aquele homem tinha realmente muito para lhe ensinar. E de fato o velho não havia quase falado nos dias em que estiveram juntos. Apenas reclamado muito de

suas costas, e de ter que ficar sem fumar.

— Eu estou disposto a ouvir tudo o que o senhor tem a dizer.

— Pois muito bem. Vou te contar, meu filho, você acha que o maior perigo tá na floresta, né? Mas o perigo tá na mulher. Ela é quem destrói o mundo de um homem. — Seu Joaquim falava com calma e voz suave, queria que o rapaz ouvisse com atenção — Pelo que você me contou, esta sua namorada lá de Natal, a única que você teve, te deixou dois anos de sua vida sofrendo. E isso que, pelo que eu entendi, o namoro de vocês foi um namoro cristão, pois ela era da mesma igreja que a sua. — Daniel ficou um pouco sem jeito. Para um rapaz de vinte e dois anos admitindo que fosse virgem, soava como uma vergonha — Entendo sua crença, mas acredito que você hoje tenha mudado, pois se não mudou, melhor deixar esta índia de lado.

— Seu Joacla, eu acho ela bonita sim, e muito inteligente, mas não sei se vai acontecer algo ente nós! E por outro lado nem tem como eu ter algum relacionamento agora, passo maior parte do tempo na floresta.

— Rapaz! A questão não é você tá interessado nela, mas sim ela é quem tá interessada em você! Ou ainda não percebeu? — realmente Daniel não tinha percebido nada — Pela sua cara dá para ver que não tinha mesmo... Olha meu rapaz, essa mulher não é fácil não. Ela tem muito mais experiência que você. De tudo quanto é forma, na vida, no amor, e ainda por cima é uma índia que saiu da maloca para ir estudar em São Paulo, lugar onde só tem gente esperta. Não sei como ela conseguiu sair da maloca, se foi pela beleza, se foi por intermédio dos estrangeiros que querem tomar nosso Estado em busca de minérios, ou até mesmo a igreja. Mas é muito raro ver uma índia chegar aonde ela chegou, e pode ter certeza de que ela não é uma das mais bestas... Sabe meu filho, eu já trabalhei em São Paulo. Levantei muitos prédios naquela cidade. Sei do que estou falando...

Seu Joaquim alertou Daniel de todas as formas possíveis em relação à Iara. Disse que uma paixão seria muito perigosa, que poderia desviar dos objetivos principais da sua vida atual. Seu Joacla praticamente afirmou que Daniel não tinha estrutura emocional para conciliar uma paixão e seu trabalho acadêmico. O jovem não levou muito em consideração os alertas de Joacla, pois não imaginava que a admiração pela Iara fosse se tornar em algo real, em um relacionamento.

Ao chegar à fazenda Mundo Velho, Seu Plínio foi bombardeado por várias perguntas de toda a equipe.

— Véi, o seguinte é este, como está o biologozinho? — Raul foi o primeiro a ir de encontro com o prático.

— Ele já se recuperou do susto? Como ficou a cara e o pescoço dele? — Sapo, curioso.

— Ele vai voltar a trabalhar aqui na floresta? Ou vai embora pra terra dele? — Manel demonstrava apreensão.

— Tenho certeza que como ele é temente a Deus nada de mal aconteceu! — Jesus era o mais confiante.

— Calma! Calma! Deixa primeiro eu chegar na sede pra tomar uma água e já conto as novidades. — Plínio com ressaca e consequentemente cansado da viagem — Mas sim! Ele já está bem!

Um alívio coletivo foi manifestado. Seu Plínio entrou na cozinha da sede e Velho Xereta passava um café bem forte.

— E-e o gu-guri? — Xereta, mesmo de costas para o prático, fez a pergunta.

— Tá bem Seu Xereta. Parece que o rapaz é duro! Ficou meio abalado no primeiro dia, mas pelo que eu conversei hoje pela manhã com ele, parece estar recuperado. E as feridas não foram tão profundas. Levou três pontos no rosto e sete no pescoço. O resto foi arranhão. Mas vai ficar uma marca grande, da altura da boca até no pescoço, perto do ombro. — ofegante.

— Deve ter estragado o rostinho do garoto da cidade grande! — Ronaldo abriu um sorriso de deboche — Vamos ver mesmo se agora ele fica um peão mais duro. Aquele menino é mole demais pra mata!

— Eu a-acho que e-ele é mu-muito esforçado! — Xereta desta forma repreendeu o filho, que indignado com o pronunciamento do pai, resmungou algo, pegou sua espingarda e sumiu na mata.

— Ronaldo não gosta mesmo do Daniel... — Seu Plínio segurava o

copo enquanto Xereta enchia de café. O caçador, por sua vez, apenas olhava fixamente nos olhos do prático.

— Ronaldo só vai aceitar aquele rapaz depois que ele provar ser digno da confiança dele. — Cuca, indiferente até então, se pronunciou — Ele não tem moral com a peãozada. Anda na floresta como se estivesse andando na faculdade que tanto fala. Pra que tantos livros? Pra que tanto bagulho naquela mochila?

— É, véi, mas o seguinte é este, se ele não tivesse com aquela boroca dele nas costas, a onça tinha mordido a cabeça, véi, e o seguinte é este que ele já era, não tem?! — Raul saiu em defesa de Daniel.

— Mas se ele não andasse com todo aquele peso, não se afastaria tanto da equipe. — Sapo sempre analisava as situações de forma coerente — A onça só atacou porque ficou distante na picada uns cinquenta metros da gente.

— Por isso que eu digo que deve ter duas espingardas na equipe. Uma pra quem anda na frente e outra pra quem anda por último na picada. — Manel tentava achar uma solução.

— Mas existem duas espingardas na equipe! Só que o Ronaldo, que tem como função proteger a equipe vindo logo atrás, não estava a uma distância que pudesse botar a onça pra correr. — Cuca jogava seu veneno nas discussões.

— Sempre digo pra todos vocês que se aceitassem Jesus Cristo, como seu único Salvador e Senhor, vocês estariam protegidos pela armadura de Deus...

— Que droga de armadura nada! Agora me diga, Irmão! Diga mesmo! Nem mesmo o Daniel que é crente foi protegido quando a onça começou a avançar nele! Foi preciso Manel dar um tiro nela pra ela sair fora! Cadê a armadura de Deus?! — Sapo, irritou-se. Velho Xereta e Seu Plínio apenas assistiam ao espetáculo que sempre acontecia quando a equipe entrava em discussão.

— Vocês nunca vão entender os propósitos de Deus... — Jesus se retirou da cozinha e foi orar em sua rede.

— O que interessa é que amanhã vocês devem ir pro picadão! Ordens do Daniel! Orientado pelo Engenheiro Cláudio. Vocês devem

continuar a abrir a picada. No final da semana que vem eu virei pra levar vocês pra rua! — Seu Plínio acabou com os ânimos acirrados. Neste momento ouve uma festa entre os funcionários. Cuca chegou a se ajoelhar no chão de felicidade. Todos faziam sinais obscenos e realizavam planos mirabolantes após a chegada em casa, Caracarái.

— E a bufunfa? Vai sair o troco? — Cuca interessado no mais importante.

— Claro! O Daniel fará o pagamento da merreca! — Seu Plínio sorriu com a alegria do pessoal — Mas tenho ordens de somente levar vocês pra Caracarái no sábado que vem se terminarem uma meta de no mínimo oito quilômetros! — o prático sorria com esta tortura que realizava nos peões. Um murmúrio se formou, principalmente do Cuca que praguejava sem parar.

— Pessoal! Pessoal! — Sapo gritava para que todos se calassem — Vamos cumprir a meta que Seu Daniel determinou! Podemos realizar a meta sim! Lembrem que vamos iniciar a picada sentido acampamento quatro. Vamos estar perto da sede principal, então podemos sempre dormir aqui. — Sapo assumia a responsabilidade do trabalho.

— O seguinte é este, viu véi! Vamos abrir esses oito quilômetros sim! — e todos concordaram com o Raul, até mesmo o Cuca. Seu Plínio, satisfeito em ver que Daniel tinha certo respeito na equipe. Um respeito em estágio de germinação, mas com ótimas chances de se tornar uma árvore frondosa.

— Bom dia, Daniel! — disse Iara ao entrar na sala de recuperação do hospital.

— Oi, Iara! Você sumiu por esses dias! Pensei que voltaria do Baixo Rio Branco na sexta. — Joacla balançou a cabeça, o jovem se entregava facilmente.

— É que aproveitei que uma colega iria fazer as coletas aqui para mim quando estivesse no Baixo Rio Branco e aproveitei para passar o

fim de semana na minha aldeia! Fazia dois meses que não via minha família! E acredita que decidi ir de última hora?! Nossa, saí na sexta pela tarde e cheguei tarde da noite lá! Mas enfim! Estou vendo que você melhorou bastante.

— O rapaz não parou de falar de você o fim de semana todo. Disse pra mim que se interessou muito nos seus estudos... — Daniel misturava vergonha com rajadas de olhares reprovativos ao Seu Joaquim. Iara também foi surpreendida com a revelação.

— Que ótimo, Daniel! Também estava ansiosa em saber mais sobre sua pesquisa. Sempre é bom conhecer trabalhos assim! Pena que quase não tenho tempo aqui no hospital.

— Vou receber alta hoje! Ficarei mais duas semanas aqui em Caracarái fazendo os curativos até tirar os pontos, depois voltarei para a floresta. Quem sabe poderemos conversar depois que você sair do hospital? — Daniel quase não conseguiu falar as últimas palavras. Seu Joacla sorriu satisfeito, finalmente o rapaz tinha agido corretamente.

— Quem sabe... Não sei... Tenho um monte de relatórios para fazer que meu orientador pediu... Vamos ver... — Iara não esperava a proposta — Você vai ficar no Hotel Márcia?

— Sim! Vou ficar nesse hotel! — Daniel nem sabia da existência do hotel.

— Então está bem! Qualquer coisa eu passo lá. Então bom dia pra vocês. — e após se despedir, saiu rapidamente da sala.

— Será que ela vai, Seu Joacla?

— Não sei, meu rapaz... Pode ser... Acredito que sim. Você vai ter que esperar, não tem jeito. Mas vou avisando, escute o velho aqui, vai de leve com essa moça.

Daniel praticamente se deu alta. Por orientação de Seu Joaquim, não procurou Iara para se despedir. Se a encontrasse pelos corredores do hospital tudo bem. Mas não deveria procurar a moça. Facilmente encontrou o Hotel Márcia. No conforto de seu quarto, lembrou todos os dias desde sua chegada ao Roraima. Pensou muito em Iara, imaginando o quanto demonstrava imaturidade por estar tão apaixonado. Após o almoço voltou ao hospital para trocar o curativo

do pescoço. Não se encontraram. Passou a tarde revezando entre ficar no quarto escrevendo a dissertação e andando pela cidade. Contou a história sobre o que tinha ocasionado os ferimentos algumas vezes. Todos se admiravam com o ocorrido. O rapaz tinha até criado uma versão oficial da aventura com a onça, o que deixava a trama mais emocionante. A noite chegou. Iara não apareceu.

— Pai. O senhor vai mesmo pro pé da serra do Perdido? — Ronaldo questionou Velho Xereta no café da manhã.

— Si-sim... Vo-vou ver se encontro qui-quina-quina lá. — Velho Xereta usava casca de quina-quina como remédio para combater Malária.

— Tudo bem, Pai. Tome cuidado. Sei que o senhor anda bem na floresta, mas sabe como é... — Ronaldo sempre se preocupava com o pai. Se a equipe não estivesse trabalhando na floresta realizando o inventário, iria junto com o Xereta coletar as cascas. Mas como tinha recebido ordens de permanecer tempo integral apoiando a equipe, não podia acompanhar Velho Xereta nesta sua empreitada.

— Vo-volto pela noitinha... — o caçador, apesar da idade, caminhava bem na mata.

A base da serra do Perdido ficava a nove quilômetros da sede principal no sentido Sudeste. Velho Xereta conhecia bem aquela floresta. Quinze anos antes, existia a vila de castanheiros na área da sede da Bronze Verde na fazenda Mundo Velho. Certa vez, um dos castanheiros se perdeu no rumo Sudeste da fazenda. Por muitos dias os outros castanheiros, cerca de doze homens experientes, procuraram o perdido. Velho Xereta e Ronaldo fizeram parte da equipe de busca e, após vinte e dois dias procurando na mata fechada do morro, encontraram o desaparecido na base Norte da serra, quase ao ponto de morrer.

O conhecimento da configuração da floresta ao ser modificada minimamente por ação humana foi fundamental para encontrar o

homem moribundo. Ronaldo sabia analisar com exatidão para que direção alguém tivesse tomado, somente avaliando os danos causados em galhos baixos, arbustos e regeneração de árvores através de mudas. Era um ótimo rastreador. Na época, pai e filho formaram uma dupla de busca fundamental, pois Velho Xereta conseguia decifrar o padrão de movimentação de animais e assim estabelecer uma área de abrangência de fuga das caças, reduzindo notoriamente a área de busca onde Ronaldo deveria seguir. Xereta era um dos melhores caçadores da região. Entendia o comportamento de deslocamento de diversos animais, inclusive das onças, a pintada e a vermelha.

Por esse episódio do castanheiro que se perdeu na floresta, foi que a serra recebeu o nome de Perdido. Esse fato também serviu para que todos que habitavam a comunidade dos castanheiros descobrissem que existia uma passagem relativamente fácil no sentido Sul da serra do Perdido. Essa face do morro levava a uma área de Campinarana bastante alagada e que, durante dois meses do ano antes do período das chuvas, ficava seco o suficiente para que quem fosse trafegar na região conseguisse seguir em frente, podendo chegar à comunidade Vista Alegre em seis ou sete dias de marcha.

Muito mais seguro e fácil do que subir a serra do Perdido na face Norte, e atravessá-la em oito dias chegando assim na comunidade. Tanto um percurso quanto o outro proporcionavam perigo. Se alguém tentasse seguir pelo caminho Sul, contornando a serra e dando de encontro com a Campinarana com o nível de água um pouco elevado, poderia ficar atolado no pântano ou então atacado por jacarés, por ser o habitat perfeito para os répteis. Seguindo pelo lado Norte, subindo a serra, a pessoa poderia se perder ao ponto de nunca mais conseguir achar a saída, e assim perecer. Nesta aventura de resgate do homem perdido, Velho Xereta observou que na base Nordeste da serra existia uma grande concentração de quina-quina, cujo chá da casca era ótimo para combater a malária. Chá que o caçador tomava regularmente.

Daniel deixou a chave do quarto na recepção e foi jantar na Tropicália. Queria comer apenas um lanche. A lanchonete ficava a dois quarteirões do hotel. Enquanto caminhava, contemplava o rio Branco à sua esquerda. Chegando ao estabelecimento, seu coração acelerou. Iara bem próxima, sentada à mesa, com alguns amigos e amigas. Daniel se sentou mais afastado, com receio de ir falar com Iara na frente de seus amigos. Não se sentia seguro.

Fez o pedido pra garçonete. E ao iniciar sua refeição, surpreendeu-se com Iara ao seu lado, chegando a se engasgar com um pedaço de sanduíche.

— Oi, Daniel! Você por aqui?! Nem deu para eu passar ontem no hotel. Fiquei até tarde fazendo os relatórios. Mas que bom que você está aqui! Posso sentar?

— Mas e seus amigos?

— Ah! Não tem problema. Disse pra eles que ia conversar com um conhecido.

— Por mim, tudo bem! Quer comer algo? Tomar suco? Pedi suco de cupuaçu. Adoro cupuaçu!

— Quero sim! Sempre fui viciada em suco de cupuaçu. Tomei tanto que enjoei! Mas aceito um copo sim! E aí? Como você está?

— Estou bem... Sabe, eu nem sei se vou chegar a enjoar de cupuaçu. Lá na floresta só tomamos água de igarapé ou então de cipó-d'água ou de raiz de imbaúba...

— Nossa, que legal! Eu também já tomei muita água de cipó-d'água e de raiz de imbaúba! Seu trabalho é uma verdadeira aventura! Poxa, me fale mais sobre seu trabalho...

— Sério que você já tomou água de cipó?!

— Claro, né, Daniel, eu sou uma indígena! Nasci na aldeia, andei muito na floresta também! Ou você não havia percebido que sou indígena?

— Sim! Sim! Ainda estou assimilando muitas coisas... — assimilando? Daniel não soube se portar perante o fato de que sua beleza era inconfundível e confusa.

— Tudo bem! Pelo menos você não veio com aquele papo furado de ficar me elogiando por ser indígena e fazer doutorado, como se os indígenas não tivessem capacidade! Na verdade, você sempre foi muito gentil!

Após conversarem animadamente por um tempo, saíram da lanchonete Tropicália e foram passear na orla da cidade. Uma tímida Lua Crescente refletia poucos feixes de luz sobre as águas do rio Branco, que seguia seu curso de forma calma e silenciosa. A orla era simples, porém agradável para se encostar à mureta, contemplar o rio e conversar. Discorreram sobre muitos assuntos. Sobre Ciência. Sobre suas origens. Religião. Apesar da Iara ser uma mulher bastante politizada, escutou com atenção as experiências de Daniel no movimento estudantil. Descobriram que eram rivais no futebol, ela santista e ele vascaíno. Falaram sobre suas famílias. Iara contou que saíra de um relacionamento conturbado e Daniel revelou que terminara seu último namoro há dois anos. Na verdade, primeiro e único. Quando finalmente entraram no assunto do encontro com a onça.

— Sabe, Iara, estou triste com esse acontecido. Claro que feliz por estar vivo, mas o problema é essa cicatriz no meu rosto. Se fosse no braço, ou em outro lugar, mas no rosto...

— Daniel! Posso falar a verdade? Você é lindo! Seu rosto é lindo! Eu quando olho pra você não vejo uma cicatriz, vejo seus lindos olhos, sua boca... — Iara beijou Daniel. Não pôde conter o desejo que sentia. O desejo que havia sentido desde o primeiro momento que o viu. Realmente não sabia explicar o que significava o que acabara de acontecer. O beijo durou poucos segundos, mas ela sentiu naquele gesto o desejo de dias — Ai! Desculpe, Daniel. Eu não devia ter feito isso... — quando voltou a si, Iara ficou realmente envergonhada. Nunca havia feito aquilo. Nunca havia beijado um rapaz daquela forma. Daniel, sem palavras, mas desta vez só durou o tempo de ouvir as desculpas.

— Iara, não se desculpe. — retribuiu o beijo, sem resistência alguma da bela indígena. Este beijo durou o tempo necessário para que seus lábios ficassem úmidos, e deslizassem livremente, em um ritmo carinhoso. As mãos de ambos pousaram suavemente nos rostos um

do outro, tornando o beijo mais tenro. A respiração ficara ofegante em ambos, e o calor tomou conta de seus corpos. Não se podia afirmar com exatidão quanto tempo durou aquele momento. Antes de separarem os lábios por completo, eles se reencontraram várias vezes em breves intervalos. Iara permaneceu com os olhos fechados por uns instantes. Daniel acariciava os longos cabelos da Iara.

— Seu beijo é maravilhoso... — abria aos poucos seus olhos. Seu rosto próximo ao de Daniel — Seus lábios são uma delícia...

— Você é linda...

Os dois continuaram trocando carícias e beijos. Ambos permaneciam calados. Sabiam apenas que dizer algo não importava. A ação falava por si. A cada beijo eles descobriam que era desejo mútuo o que acontecia. Percebiam que seria inevitável tentar evitar. Estavam em êxtase, na confirmação da paixão. O tempo foi passando e as palavras aos poucos foram surgindo, intercaladas por carinhos, mais contemplação um do outro.

— Daniel, tá maravilhoso ficar aqui com você, mas amanhã preciso acordar cedo. Como eu adoraria que fosse folga, para não me preocupar com compromissos... — realmente tinha que ir. Passava da meia-noite.

— Entendo, Iara. Entendo... — entendia não querendo entender — Posso te ver amanhã? — pressentiu que essa pergunta fora perigosa, mas por alguma razão sabia que tinha que fazê-la.

— Ah... Não sei, Daniel. Eu sou tão complicada. Dê-me um tempo... Para pensar. — Daniel demonstrou desapontamento. Não tinha muito tempo — Não fique assim. Acredite, é melhor dessa forma. Tá bom? Boa noite, lindo. — deu um beijo na testa de Daniel.

— Boa noite, Iara. — sentado, Daniel a viu entrar em seu carro, e desaparecer na esquina.

VELHO XERETA

— Tá indo pra onde, Velho Xereta? — Sapo perguntou, ao ver o caçador com jamachim nas costas, cheio de mantimentos, um terçado pendurado na bainha, o revólver preso no cinto e uma espingarda de dois canos calibre trinta e dois.

— Vo-vou buscar ca-casca de qui-quina-quina na-na serra do Perdido! — Velho Xereta parou perto da equipe que se preparava para ir abrir a picada.

— O seguinte é este, Xereta, vai pernoitar por lá, véi? — Raul, curioso, como todos os outros.

— Cuidado pra não se tornar o segundo perdido, viu, Seu Xereta! — Sapo tirava uma brincadeira com o velho — Vai ser difícil chamar a serra de Perdido Perdido! — todos caíram na gargalhada com a piada do sarrista.

— Na-não vou me-me perder na-não. Ma-mas por via das dúvidas, sempre é bom sa-sair preparado pra andar na mata. — Velho Xereta era um homem experiente. Não subestimava a floresta, como não superestimava a si próprio.

— Quer que eu vá com você, Seu Xereta? — Manel se ofereceu para ajudar o caçador na jornada, também porque não era bom de facão pra abrir picada, e não faria falta para o resto da equipe. Como sempre trabalhou identificando árvores nos serviços que apareciam, o terçado nunca fora seu forte.

— O-o-o que-que é isso, rapaz?! — Xereta, irritado, sentiu-se ofendido — Na-na-na-não preciso de babá não! — todos riram com a bronca que Manel pegou do caçador — E eu volto ainda ho-hoje. Tão pensando o quê? Que o velho na-não dá conta do-do recado mais é?!

Velho Xereta ajeitou o jamachim nas costas e saiu em disparada. Todos ficaram comentando o quanto Xereta era corajoso. Duro na mata! Bom de terçado e de fome não morria. No seu jamachim levava sal, açúcar, um pacote de café, um pacote de sebo de porco-do-mato, todos os itens bem embalados. Também fazia parte de sua bagagem

um bule, uma caneca, uma frigideira pequena, um recipiente de couro de boi com dois litros de água e uma grelha que possuía as dimensões da boroca de cipó.

O jamachim que Velho Xereta carregava era de própria confecção. Tinha aprendido com um indígena da etnia Taurepang que morou na comunidade dos castanheiros por dois anos. O Taurepinga, como todos o chamavam na vila por beber muita pinga, mostrou-se um ótimo artesão de cipó. O jamachim era firme, feito sob medida para ficar bem acomodado nas costas do caçador.

Ronaldo se sentiu orgulhoso ao ver aquela cena em que seu pai seguia sozinho pra floresta, assim como todos os presentes exaltando as suas habilidades. Ronaldo possuía algumas capacidades mais apuradas que seu pai, mas reconhecia nele o grande professor da arte de sobreviver da floresta. Realmente Xereta era referência e respeitado pela vida que escolhera. O caçador pegou o picadão antigo e seguiu rumo à serra do Perdido. Xereta em vinte minutos chegava a andar um quilômetro. A previsão era de chegar cerca de meio-dia na base Nordeste do morro, pegar uma caça, almoçar, descansar um pouco, coletar as cascas por volta de cinco e meia, e seis horas retornar à sede. Porém, seu objetivo consistia em alcançar toda a equipe no serviço, que realizava abertura de picada, e voltar com eles para a sede. Sabia que, para cumprirem a meta de trabalho estabelecida pelo Cláudio, teriam que trabalhar até quando começasse a anoitecer.

Ao longo do percurso, Xereta tomava água de raízes de imbaúba e cipós-d'água. Quando encontrava um igarapé sem vestígios de que os porcos tivessem fuçado, bebia água usando sua caneca. Aquele trajeto era tão conhecido pelo caçador que conseguia evitar os barrancos íngremes e a mata mais fechada com desvios, e assim economizava tempo no percurso sem se desgastar tanto. Pouco antes de meio-dia havia chegado à base Nordeste da serra do Perdido.

Como era costume do caçador, organizava todo o local onde iria almoçar para depois ir caçar. Limpava uma área com seu terçado, cortando varas e arvoretas. Juntava algumas pedras e as organizava em círculo para fazer o fogo. Madeira não era problema na floresta. Muitos galhos e cascas de árvores serviam para fazer uma fogueira respeitável. Enquanto Xereta arrumava um local seguro para

pendurar seu jamachim, percebeu que algo se aproximava. Olhou a sua volta e ficou em alerta. Sua espingarda encontrava-se encostada em uma pedra uns cinquenta passos de onde se encontrava. De súbito apareceu uma onça-vermelha descendo os pedrais na base da serra, vindo em direção ao Velho Xereta. O caçador havia se distraído. A distância entre os dois era de setenta passos. No entanto, a espingarda encostada justamente de encontro com a onça. Xereta não tinha outra opção, tinha que enfrentar a onça. Deu um grito o mais forte que pôde. A onça ficou em postura defensiva, deu dois passos para trás, porém rugiu alto e forte, esticando toda a pele de seu focinho dando espaço para suas enormes presas. Continuou avançando lentamente em direção ao caçador que não saía do lugar.

Xereta pegou um galho grande e começou a bater no chão e nas árvores a sua volta. A onça novamente ficou na posição de defesa, mas ao invés de dar passos para trás, ela iniciou um trajeto lateral rumo a sua presa. Xereta percebendo que não tinha mais opção sacou seu revólver e esperou a aproximação do predador. De nada adiantava atirar nela a mais de quinze passos. Seria desperdício de munição, e ele possuía apenas seis. Sem contar que como a sua arma era muito velha, alguns projéteis poderiam falhar. A onça aumentava o ritmo e se encontrava a cerca de trinta passos do caçador. Se Velho Xereta estivesse com sua espingarda, um único tiro seria suficiente para dar cabo do grande felino naquela distância. Mas não tinha tempo para se lamentar. O revólver tinha que bastar! Para garantir, sacou o terçado de dezoito polegadas. Lembrou-se que vinte anos mais jovem, havia matado uma onça-parda com facão. Mas aquela onça era muito velha.

Esta, a sua frente, tinha o vigor e força de um animal jovem e saudável. O predador estava a vinte passos. Xereta pensou em atirar na esperança de que o grande felino se assustasse com o estrondo e fugisse. Mas pelo comportamento da onça, o caçador percebeu que ela nunca tinha sido atirada, ou seja, nunca tivera contato com ser humano antes. Se a bala não acertasse seria desperdício e, daquela distância, as chances de acertar um tiro eram poucas. Xereta sabia que cada projétil era fundamental para garantir sua sobrevivência.

A onça deu mais dois passos e parou. Estava a dezoito passos. Por um momento Xereta acreditou que ela tivesse desistido da investida, e para tentar afugentá-la começou a gritar feito um louco.

— Ve-venha! Ve-venha! A-a-amaldiçoada! Ve-venha! Tá com medo do ve-velho?! Ve-venha!

A onça esturrou de forma ameaçadora, assumiu uma postura ofensiva e avançou ao encontro de Xereta. O primeiro tiro falhou! O segundo também! A onça estava a dez passos! Xereta deu três passos para trás enquanto deflagrava mais dois tiros. Um deles acertou a onça que vacilou, mas o tiro não fora fatal. A onça estava a cinco passos de Xereta que atirou e falhou! A onça deu o bote. Velho Xereta saltou para o lado o mais alto que pôde e atirou! O felino trombou nas pernas de Xereta que foi lançado sem equilíbrio, caindo no chão como um pacote flácido. A predadora rolou por entre folhas e galhos, e agonizou seus últimos suspiros. Xereta caiu com as costelas sobre uma pedra pontuda. Não conseguia respirar.

— O Pai tá demorando pra voltar... — Ronaldo demonstrava preocupação. A equipe acabara de chegar à sede e nem sinal do Velho Xereta.

— Ele já deve estar chegando, Ronaldo. Ainda não escureceu. — Sapo não demonstrava muita preocupação.

— O seguinte é este, viu véi, aquele velho já deve tá no picadão que nós abrimos agora, não tem?! — Raul também se mostrava tranquilo — Apesar de ele ser duro, não anda na mata como antes. É normal ele demorar este tanto pra ir e voltar do pé da serra do Perdido.

— Pode ser... — Ronaldo ainda não conformado com os argumentos de Sapo e Raul — Vou esperar somente meia hora...

Ronaldo sabia que se Xereta falasse que chegaria às seis, não seriam seis e meia. O rastreador entendia que seis horas eram o limite máximo. Cogitava também que os planos de seu pai era chegar ao serviço de abertura de picada, para assim provar a todos que ele ainda tinha vigor para andar longas distâncias na floresta. Alguma coisa havia acontecido, e isso deixava Ronaldo extremamente preocupado.

O tempo passou e eram sete horas da noite. Ronaldo não parava de focar com sua lanterna a trilha por onde seu pai voltaria. Às vezes desligava a lanterna na esperança de perceber algum feixe de luz na escuridão da mata. O máximo que enxergava era a falsa esperança reproduzida por vaga-lumes.

— Não aguento mais! Vou atrás do Pai! — Ronaldo entrou na sede, pegou sua espingarda vinte, deu um assobio que fez com que Pirão, Rambo e Urso fossem ter com ele, e assim caminharam em direção à picada antiga.

— Ronaldo! — Sapo gritou — Vai onde, homidideus?! — sabia pra onde ele ia — Espera aí! — o piadista andava em direção de Ronaldo.

— Não quero ninguém comigo! Só os cachorros são suficientes! Mais gente vai ter muita zoadá! — Ronaldo cada vez mais nervoso.

— Mais gente! Mais zoadá! Perfeito para o velho escutar! Ele já não escuta muito bem. — Com a sentença de Sapo, Ronaldo parou — Hômi, eu tava palestrando com o pessoal ali e chegamos a uma conclusão. O Xereta pode estar perdido.

— É, véi! O seguinte é este que ele pode ter se perdido na mata, não tem?!

— O Xereta não se perde na mata! — retrucou o rastreador.

— Mas e se ele estiver perdido? — Manel disse, ao chegar por perto.

— Por que o Xereta estaria perdido? Ele conhece toda aquela área. De três em três meses nós vamos lá! — de fato Ronaldo acompanhava Xereta em todas as viagens pela floresta. Sabia que seu pai dificilmente se perderia. Cuca e Jesus assistiam de longe. Sabiam que aquela discussão tinha muita energia. Quanto mais gente pior, e Sapo, Manel e Raul eram mais tranquilos em situações como esta. Após algum tempo de discussão Ronaldo explodiu:

— Tá bom! E se ele tiver perdido? — impaciente com a situação.

— Se ele tiver perdido, teremos que seguir a margem do rio acima. No meio do caminho poderemos encontrar ele. — Sapo disse — E você sabe que se ele se perder, ele vai sentido Norte de qualquer forma até chegar na margem do rio. Ele não anda sempre com bússola?! —

Ronaldo sabia que se Xereta estivesse perdido, já teria chegado até a margem do rio e neste momento estaria descendo a margem.

— Aconteceu alguma coisa com o Pai! — Ronaldo tinha a voz firme, mas rouca — Por isso digo que temos que ir por aqui. Ele tá no pé da serra do Perdido. Acreditem em mim!

— Acreditamos! Vamos, pessoal! — Manel falou. Pegaram o picadão antigo, e mesmo na escuridão, faziam um quilômetro em até doze minutos. Não paravam nem pra tomar água. Em um dado momento os cachorros começaram a latir. Tinham encontrado o rastro forte do Xereta.

A cada aproximação um novo indício de que o caçador estava próximo. Primeiro um cheiro de carne queimada. Depois um clarão na floresta. Ao chegarem encontraram o Velho Xereta sentado em uma pedra enquanto virava a carne na grelha.

— Vo-vocês demoraram. A carne tá qua-quase queimada. — todos olhavam admirados. Ao lado de Xereta, uma onça-vermelha toda retalhada, rodeada pelos cachorros que lambiam a carne exposta.

— O que aconteceu, Pai?! — Ronaldo foi o primeiro que chegou.

— Ô loco! Já-já são nove e meia da noite! Pensei que-vocês iam chegar aqui o-oito horas! — Velho Xereta sorria, enquanto colocava a mão nas costelas. Todos riram também.

— Ei, véi, o seguinte é este, você brincou com perigo, não tem, Xereta?! — Raul ria enquanto falava.

— Tome um-um gole de ca-café e coma um pedaço de churrasco de ca-caça que te conto todo o ca-causo.

— Velho Xereta, por que seu jamachim tá todo mordido? — Jesus observou o jamachim com a parte lateral rasgada.

— Conta logo a história, Velho Xereta! — Sapo, entusiasmado em ouvir mais uma aventura do caçador.

— E-eu fu-fui procurar cepo de madeira e quando vo-voltei vi-vi a onça comendo a banha de porco! — Xereta apesar de molestado, fazia com esforço movimentos exagerados — Me-meti ba-bala nela! — bradou.

Com todos reunidos, Velho Xereta contou, com detalhes cinematográficos, toda sua aventura. Após ter caído com as costelas sobre a pedra, ele permaneceu quase uma hora deitado no chão, sem conseguir se mexer. Aos poucos foi recobrando as forças até que se levantou. Ao levantar, percebeu que não iria se recuperar o suficiente para voltar a tempo de ninguém ficar preocupado. O jeito foi aguardar ficar em melhor estado, tratar a onça para comer, já que não iria conseguir caçar e armar acampamento. Xereta sabia que uma hora ou outra todos iriam estar com ele.

Decidiram dormir ali mesmo. Tomando café, proseando e comendo. Na manhã seguinte, logo quando clareou, andavam no picadão. Rambo seguia à frente. Xereta mesmo não aceitando, foi apoiado por Ronaldo e Raul. Vinham conversando e rindo em um ritmo tranquilo.

— Pessoal! Pessoal! — Jesus, calado até então, chamou a atenção de todos — Olha que pegada estranha! — apontando para o local da pegada.

— É pata de onça-pintada! — Sapo exclamou — E uma delas tá pela metade!

Ronaldo e Manel se entreolharam. Em seguida olharam para Xereta.

ASA DE GAVIÃO

Daniel, enquanto caminhava para o hotel, pensava sobre o porquê das mulheres serem tão indecisas. Não entendia algumas manifestações. Ainda não era um bom estrategista. Vislumbrar alguns padrões de comportamento se tornava confuso. Como os entender sem a prática? Como saberia o que alguém pensa, sente e anseia sem conhecer sua essência?

Para o jovem, decifrar o ser humano era impossível por dois motivos. Primeiro porque Deus tem um propósito para cada pessoa e, sendo assim, somente Ele poderia entender a fundo o que cada um representava. Em contrapartida, o ser humano era dotado de consciência, e essa consciência, para Daniel, anulava qualquer análise lógica de comportamento. Os animais, por serem criaturas puramente instintivas, eram passíveis de um exame mais objetivo dos comportamentos. Os seres humanos não. Qualquer tentativa de compreensão de seus atos seriam pontos de vista unicamente subjetivos na visão do biólogo. Daniel não atentava que os próprios seres humanos eram animais. Sua mente não processava algo diferente de que o *Homo sapiens sapiens* era superior. Fascinava-se pela natureza, pelos animais e vegetais, mas não ao ponto de amar essa manifestação da vida. Para ele era suficiente amar o Criador de tudo.

Ao entrar no hotel levou um susto! Iara sentada no sofá da recepção.

— Iara?!

— Daniel... Não sei por que eu parei aqui... Não sei por quê... — a moça havia levantado do sofá e caminhava em direção de um Daniel paralisado — Quero ficar com você... Somente isto... Abraça-me!

O abraço aconteceu de forma carinhosa e plena. Dona Márcia, proprietária do hotel, dormindo em sua poltrona. Nem percebera o movimento dos dois amantes. Daniel aconchegou Iara em seus braços e a beijou de forma demorada, leve e doce.

— Iara, o que fez você mudar de ideia?

— Na verdade acredito que esta sempre foi a ideia... Desde quando o vi no hospital, de alguma forma fiquei ligada em você... Não entendia de que forma. Mas agora eu sei. Não vou reprimir o que sinto. Não dessa vez...

— Confesso que quando a vi no Fundo de Quintal, logo no primeiro dia que cheguei a Caracará, senti que você era especial, não somente por sua beleza... Quer dizer, sei que não tinha como fazer um julgamento crítico sobre sua personalidade apenas por sua aparência, mas, assim, algo me dizia que você era especial, além de ser extremamente linda.

— Não se preocupe, meu lindo, eu entendi o que quis dizer.

— Você quer ir para algum lugar em especial? Ficarmos aqui na recepção é meio estranho, né?!

— Você tem razão.

— Quer voltar para a orla?

— Podemos ir para o seu quarto? Mas já vou avisando, apenas quero estar com você, a sós, não me interprete mal...

— Tudo bem, Iara. Não se preocupe. Eu a respeitarei. — o jovem pegou a chave no painel e seguiram pelo corredor escuro, de forma tímida e temerosa.

Daniel não parava de tremer. Não sabia o que iria acontecer. Não sabia como agir. Nem o que falar. Iara agia como uma adolescente prestes a cometer um ato proibido. A aproximação na lanchonete Tropicália. O passeio na orla. O beijo. E agora indo para o quarto de Daniel. Mal o conhecia, entretanto nunca se havia sentido tão à vontade perto de alguém como ficava ao vê-lo, ao sentir seus lábios, seu coração palpitando, a respiração ofegante.

— Aqui estamos! Este é meu quarto! Pode entrar! — Iara entrou e foi direto para a mesa no canto do quarto onde tinham diversos livros.

— Você está lendo A divina comédia? — a moça começara a admirar os livros.

— Sim... Esse Dante era um louco. Mas a leitura é interessante. — Daniel queria parecer o mais imparcial possível. Apesar de condenar completamente os escritos daquele livro, gostava de ter um amplo

conhecimento da cultura e convicções humanas. Iara o fitava com interesse.

— O último dos moicanos; Don Quixote; Capitães de areia? Nossa! A Compadecida?! Morte Vida Severina! O velho e o mar, eu amo este livro! Daniel! Você tem bom gosto! Quantos deles você já leu?

— Todos. Já li umas três vezes cada um deles. Gosto muito desse aqui. — mostrando Vidas Secas — Os trouxe porque tive receio de querer lê-los e não os encontrar aqui em Roraima. Tenho mais títulos naquela caixa... Mas estou concentrado na minha dissertação. Quase nem os leio. — as palavras saíam engasgadas. Era a primeira vez que alguém se interessava pelo seu mundo desta forma, alguém do sexo oposto, uma linda e inteligente mulher!

— Você é muito fofo... Tão jovem... Tão inteligente... Tão lindo... — Iara abraçou Daniel e se beijaram apaixonadamente.

— Sabe, Iara, parece um sonho o que está acontecendo agora... Quase não acredito... Por mais que você diga tudo isso que acha de mim, ainda penso que eu não mereceria uma mulher como você...

— Daniel, você é muito interessante! E quando nos conhecemos no hospital, realmente me encantei! Não se preocupe! Eu que tenho a sorte de ter encontrado alguém como você!

— Mas, diga-me então! O que tenho de tão especial que te cativou tanto?

— A sua simplicidade...

Deitaram na cama, trocaram carícias, e após um longo tempo de contemplação, dormiram...

— Papai! Vovô! Cheguei! — Junior corria em direção à sede. Velho Xereta saiu da casa, observando seu neto de doze anos se abalando pelo campo que existia entre a margem do rio Branco e a sede.

— Ju-junior! Que bo-bom que ve-veio! Esta-tava com saudade! —

o caçador observava o garoto se acabando de correr, enquanto Seu Plínio subia lentamente o campo.

— Cadê o Papai, Vovô?! — Junior abraçou o velho em um salto, que quase fez com que os dois fossem por terra.

— Cu-cuidado com o ve-velho aqui gu-guri! — Velho Xereta só alegria. O neto era muito interessado nos assuntos do avô e do pai. Queria ser um homem da floresta como eles, apesar da mãe do pequeno fazer com que estudasse a exaustão — Se-seu pai já-já vai chegar da-da flo-floresta.

— Seu Xereta! Como vai meu amigo?! Hoje vou levar o pessoal pra Caracará! Eles vão estar aqui na sede na hora do almoço mesmo? — o barqueiro vinha ofegante.

— Vão tá mer-mermo!

— Ótimo! Quero sair logo após o almoço. Eles devem estar loucos para irem pra rua! Vai ser uma festa! Ah! E eu trouxe este curumim aí pra brincar aqui na floresta. Tirou tanto o juízo da mãe dele que ela o deixou vir comigo, fazer surpresa! — Plínio gostava do Junior. Admirava a energia do menino.

— E-e o faizmerrir?! Va-vai sair? — Xereta se referia ao salário.

— Sim! O seu e do Ronaldo vou entregar agora! Seu Cláudio mandou o dinheiro por um taxista. O da turma vou deixar que o Daniel pague. — Plínio enchia uma xícara com café.

— E o ra-rapaz?! Co-cómo está? — Xereta também enchia um caneco com café.

— Tá recuperado! Tá até namorando! — Velho Xereta espantou-se com a revelação — Isso mesmo, meu amigo, o biologozinho tá namorando a índia Macuxi que é Doutora no hospital lá em Caracará! Eu vi do meu barco eles ontem de noite se beijando lá na orla.

— Ma-mas que-que coisa! Logo a ca-caboca?!

— O menino não é fraco não! É a moça mais bonita da cidade! Mas ali ele vai se lascar. Ela parece que é bem mais experiente... Bom, praticamente qualquer mulher, até moça nova é mais experiente que Daniel! — Xereta fazia uma expressão de aprovação — Mas vamos ver! Por isso o rapaz andava bem animado!

Antes de meio-dia a equipe chegou à sede da fazenda. Ronaldo ao ver Junior correu ao encontro do filho. Era a única pessoa que fazia com que o rastreador sorrisse. A equipe, em euforia com a proximidade de estar novamente com suas famílias, e principalmente poderem jogar sinuca nos bares e bregas da cidade. Após o almoço, todos esperavam na embarcação do Plínio. Sapo havia funcionado o motor do barco, o que deixou Seu Plínio muito irritado. Em vão. O sarrista era imune a iras e praguejamentos.

Raul realizava planos, falando abertamente que sua mulher iria ver o que era bom. Cuca agradecia sem censuras o fato de estar voltando para Caracará. Jesus apenas falava na esposa grávida e na igreja. Manel permanecera calado. Plínio desatracou o barco do barranco e todos fizeram festa.

— Viva Seu Plínio! — Raul gritava com força.

— Seu Plínio, e a bufunfa? Vai sair mesmo?! — Cuca não parava de pensar na grana.

— Sim! Vai sair a grana sim! Daniel vai fazer o pagamento!

— Viva Daniel! — todos gritaram em coro.

— Vê se bota velocidade aí, Seu Plínio! Não fica enrolando não! Sabemos que esta porqueira é só o bagaço, mas o motor tem potência!

— Sapo gritava enquanto todos concordavam.

— Sapo, e se eu te contar que não troquei o óleo do motor e terei que navegar na metade da velocidade!

— Hômi, não diga isso! É brincadeira, né?!

— É mermo! — Plínio e todos os outros riram da cara que o sarrista fez ao ser finalmente enganado.

— Senhor Daniel! Senhor Daniel! — Dona Márcia batia na porta do quarto.

— Pois não, Dona Márcia. — Daniel tinha cara de quem tinha sono, apesar de ser tarde.

— É o pessoal do seu trabalho. Estão te esperando aí fora... — a velha loira tentava olhar para dentro do quarto.

— Faz o favor de dizer que já estou indo... — o rapaz fechou a porta praticamente na cara da senhoria.

— Quem era, meu bem?! — Iara despertava de seu sono.

— A Dona Márcia. Veio avisar que a equipe toda está lá fora. Tenho que realizar o pagamento deles. Seu Plínio deixou ontem o dinheiro aqui comigo. Eles estão esperando...

— Que horas são?!

— Cinco horas da tarde!

— O quê?! Não acredito que não fui hoje no hospital!

— Você estava dormindo tão tranquilamente que não quis te acordar.

— Mas hoje estava de plantão uma enfermeira que sempre me cobre quando tenho imprevistos. Vou passar lá no hospital rapidinho e depois vou para casa, tá, meu bem! Amanhã a gente se fala... Vou deixar você resolver seus assuntos, meu biólogo da floresta! — Iara levantou e lavou seu rosto. Sua roupa, toda amarrotada, denunciando visivelmente que havia dormido de roupas. “Onde eu estava com a cabeça de ficar aqui com ele sem trazer nada?”, pensou sorrindo.

— Iara, — Daniel batia na porta do banheiro — tenho escova de dente nova que comprei para levar para a floresta. Se você quiser...

— Ai! Quero sim, meu bem! Você é muito gentil! Já falei isso, né?! Saíram do quarto e foram em direção à recepção. No corredor agarraram-se e ficaram um longo tempo se beijando, de forma intensa e erótica, enquanto outros inquilinos transitavam.

— Realmente tenho que ir, linda! Sério! Eles já estão há mais de uma hora me esperando.

— Tá certo, meu bem! Mas promete que amanhã cedo nos veremos? Pois sei que você tem muito que conversar com eles. E eu também preciso dar continuidade na minha tese.

— Tudo bem, Iara! Amanhã cedo nos encontraremos!

Ao chegarem à recepção do hotel, somente Plínio à espera de Daniel.

— Finalmente, meu jovem! — imediatamente Plínio observou a presença de Iara — Boa tarde, senhora — cumprimentando a moça com a cabeça baixa.

— Boa tarde, Seu Plínio. Prazer em conhecê-lo! — Iara estendeu a mão ao barqueiro, que retribuiu o gesto — Daniel falou muito do senhor! Na verdade, ele falou muito de todos lá da floresta! — Iara, radiante, fruto da felicidade de estar apaixonada.

— Acredito que não se tenha muito o que falar de um humilde barqueiro... — Seu Plínio, envergonhado pelo fato de estar diante de uma mulher extremamente linda.

— Então, prazer em conhecê-lo! Até mais... Tchau, meu bem! Já estou morrendo de saudades. — e com um breve beijo, os dois se despediram.

— Meu rapaz! O que foi isso?! Tá se dando bem! Que linda esta sua namorada! — o barqueiro esperava a reação do jovem.

— Pois não é verdade, Seu Plínio... — antes que Daniel continuasse.

— Olha, Daniel! Essa mulher é um prêmio! Ouro! Raridade! Nunca mais caia nessa de se gabar por estar com ela. É coisa de peão fuleiro. Peão sem futuro. A trate com respeito! Se alguém vier com conversa besta como a que eu fiz agora, corte a conversa na hora! Diga “respeite a minha mulher!” e não caia na onda de falar suas intimidades com ela para os outros! Isso é coisa de caba de pêia! E se a mulher descobre, já era! — Seu Plínio tinha sido realmente duro com Daniel, que ficara assustado da forma como o barqueiro havia lhe dado uma lição de moral.

— Desculpe, Seu Plínio...

— Não! Você deve desculpas a ela. Quer dizer... Deixemos passar essa! Mas não esqueça nunca, ela deve ser tratada como uma santa por você! Mas assim... Hômi! Os peões tão tudo lá no bar Asa de Gavião! Tão te esperando! Os envelopes da grana estão com você?

— Estão sim! Vou lá entregar o salário deles?!

— Mas claro! Enquanto você namorava, eles esperaram até que se irritaram! Então eu tive a ideia de mandar eles para o bar te esperarem!

Sabe como é peão! Falou em cachaça, pronto! Eles gostaram da ideia e já foram. Só o Cuca e Jesus que foram pra casa e eu fiquei de levar o envelope deles. Manel, Sapo e Raul estão lá no bar.

— Será que eles vão ficar bravos comigo?

— Rapaz, quando o assunto é grana e cachaça, eles se esquecem de qualquer raiva. Você vai ver.

— Mas logo em um bar?! E logo no Asa de Gavião!

— Pois é! Você não veio rápido. Agora tem que dar uma chegada lá! Acho que é bom você mesmo resolver. Podia ir para você, mas não é muito legal você ficar só no namoro e não aparecer. Aí sim eles vão te amaldiçoar. Vai por mim.

— É mesmo, o senhor tem razão. Fazer o quê...

— Sabe o caminho, né?

— Sei sim.

Ao chegar ao bar Asa de Gavião:

— Seu Daniel! Meu chegado! O seguinte é este, viu véi! Estamos aqui na sinuca, tomando uma cachaça temperada de cravinho, comendo caldo de chambari de tira-gosto, só te esperando, viu véi! — Raul após se manifestar tomou uma de cana.

— E aí, Seu Daniel! Tô sabendo que tá namorando a mulher mais gata de Caracará! — Sapo não perdia tempo em tirar sarro.

— Que é isso, respeite minha mulher! — mesmo querendo ser rígido, Daniel falou de forma trêmula, mas o suficiente para Manel cair de tirador pra cima de Sapo.

— Pega, otário! Pega! Tá pensando o quê?! Este é nosso chefe! Respeite ele e sua mulher! — Manel praticamente gritava sorrindo, um pouco bêbado.

— Vim trazer o pagamento de vocês! — Daniel tirou do bolso os

envelopes e entregou para cada um enquanto faziam festa — Falou então pessoal! Boa tarde!

— É o quê, hÔmi?! — Sapo imediatamente indignou-se — Você vai ficar aqui com a gente! Queremos saber tudo o que aconteceu depois que foi atacado pela onça! Nem ficou tão feia a sua cicatriz, já está bem recuperada...

— Sei não, pessoal... Nunca em minha vida fiquei em um bar.

— Bora, rapaz! Vamos jogar só uma partida! O que custa?

— Não, Sapo. Obrigado mesmo pelo convite. Tenho coisas pra fazer da minha pesquisa. Fica pra outro dia.

— Já sei! Vai se encontrar com a namorada, né?

— Não... Ela já foi pra casa dela. Só amanhã a verei.

— Então, hÔmi! Vamos jogar uma partidinha!

— Não sei jogar...

— Mas aprende! Não é possível que um cabra formado não vá aprender coisa que peão de trecho sabe fazer. Vamos lá, só uma partidinha.

— Tudo bem! Jogarei somente uma partida! Mas vou logo avisando, não sei jogar... Na verdade nunca joguei! — Daniel pegava o taco como que querendo parecer profissional.

— Isto, véi! O seguinte é este, viu véi que vamos botar pra torar! — Raul soltara um grito de alegria — Vamos jogar em dupla, não tem?! Eu jogo com Seu Daniel! Assim ele vai aprendendo sem ter que ficar de fora da barreira.

— Tá beleza! Bora dar uma surra neles, Sapo! — bradou, Manel.

— HÔmi! Bora mesmo! Dona Neta, bota mais uma rodada de cana aqui pra nós!

— Pra mim um refrigerante!

— O seguinte é este que você vai tomar pelo menos uma de cana com nós, não tem?!

— Não! Não aguento tomar cachaça. Uma vez tomei um gole na faculdade e me engasguei na hora. Sou fraco demais pra bebida.

— Quem é o bonito, Raul? Apresente pra sua amiga! — Raimunda, a garçonete do bar, fitava Daniel.

— É nosso chefe, viu véi! Doutor Daniel, formado nos estudos das plantas, dos animais, da Biologia, não tem?!

— Nossa! Tão novo e já é chefe. Meu nome é Raimunda, mas pode me chamar de Raimundinha! — a garçonete estendia a mão para Daniel, que de forma gentil segurou e deu um leve beijo, o que virou motivo de festa entre a peãozada.

— Botei fé, Seu Daniel! Bote pra torar! — Sapo gritou após tomar de uma vez sua dose de cana.

— O galã vai querer beber o quê? — perguntou a garçonete.

— Refrigerante. — Daniel, mesmo sentindo vergonha em estar no antro das bebidas alcoólicas, fez seu pedido de forma tímida.

— Traga o refrigerante e uma dose pra ele! Ele vai tomar Cuba Livre! — Sapo queria por toda lei que Daniel bebesse.

— Vou deixar que o Daniel decida. O que vai ser, gatinho?

— Bom... Acho que uma dose de cachaça no refrigerante não fará tanto mal assim...

Com pouco tempo de jogatina, Daniel tinha tomado três doses de cana com refrigerante, fumado um porronca e começado a se animar.

— Olha, eu sei que não poderia estar fazendo isso agora, é contra meus princípios religiosos, mas como estou muito feliz, abrirei esta exceção! — o rapaz entrara no clima da vida de peão.

— Olha só! Só porque está transando, está todo feliz! — Manel tirava uma joça com Daniel.

— Eu já disse! Respeitem minha mulher! — Daniel havia gritado e, por ser chefe, os três subordinados empalideceram.

— É verdade, Manel! Ele já disse! Melhor não tirar onda... — Sapo tinha entendido o recado. Manel, sem jeito e resmungou algumas brincadeiras sem sentindo.

— Bota mais uma de cana pra mim! — Daniel, na euforia da raiva e da bebida que havia tomado, encorajou-se — Até que, tomando com refrigerante, a cachaça não desce tão ruim. Estou gostando desse sabor da cachaça. E pra falar a verdade, não estou vendo mal nenhum em beber. Nunca tinha sentido esta sensação da embriaguez, mas é legal. Parece que até estou ficando melhor na sinuca — deu uma tacada e acertou na caçapa.

— É porque quando se bebe, fica mais corajoso, não tem medo de errar, e acerta! — Sapo formulou uma explicação.

— Nossa, Sapo! É verdade! Que legal esta sua percepção! Não ter medo de errar é que faz o acerto acontecer! Sabia que você acabou de filosofar?!

— Filosofar? Pelo que eu saiba, filosofia é coisa de velho que já morreu muito antes de Jesus Cristo nascer...

— Não deixa de ter razão! A filosofia é muito antiga mesmo. Mas existem muitos filósofos contemporâneos.

— Seu Daniel, estou achando que o senhor de alguma forma está tirando onda com a minha cara... — Sapo, desconfiado.

— Não! É sério! Realmente gostei desta sentença, “não ter medo de errar para acertar”, uma ótima frase! E vejam o contexto de onde ela surgiu, numa mesa de sinuca em um bar!

— Com o quê, homidideus?! Seu Daniel fala muito difícil, viu véi! O seguinte é este que das merdas que o Sapo fala, um dia ia ter algo que prestasse, não tem?!

— Pois fique sabendo, Raul, que eu posso não ter o estudo do Seu Daniel, mas pelo menos tenho o segundo grau completo e não preciso assinar o nome com o dedo!

— Mas o seguinte é este, que mesmo com esse seu estudo você tá no rabo do facão com nós lá na mata!

— Tá mermo! — Manel havia se manifestado — E tem mais, velho, mesmo sem estudo eu sou o maior identificador que existe na região!

— Calma, pessoal! Calma! Todo mundo tem seu valor no trabalho. E é verdade, Raul, o Sapo tem bom conhecimento em administrar

os dados do levantamento e sabe manejar bem a bússola; Jesus sabe operar uma motosserra; Cuca cozinha bem; você é mestre em construir barraco do nada; Ronaldo caça como ninguém. Até o Seu Xereta faz o melhor café que já tomei em minha vida! Todo mundo tem seu valor!

— Nossa! Como este bonitão aqui fala bonito — Raimundinha chegou abraçando Daniel.

— Desculpe, senhora. — o rapaz fugiu do abraço repentino — Mas tenho namorada. — ao dizer isso todos riram da cena que acabaram de presenciar.

— Véi, o seguinte é este! Ela não quer namorar com você, apenas te agradar, viu véi! Estamos no brega e aqui as garçonetes agradam o peão, não tem?!

— Não vá ser um peão mole não, Seu Daniel! Raimundinha é carinhosa assim mesmo — Sapo deu um beijo na boca da garçoneite — Ela adora agradar a gente.

— Eu não mordo não, meu bem! Pode acreditar... — Raimunda aproximou-se de Daniel e deu um beijo, que a princípio foi recebido de forma tímida e acabou se transformando em um beijo ardente. Após o beijo, Raul, Sapo e Manel fizeram uma grande festa.

— Agora sim, meu amigo! — Sapo batia nas costas de Daniel — Estamos aqui para nos divertir! E você não vai cometer nenhum pecado em estar se divertindo.

— O seguinte é este, viu véi! Enquanto vocês estavam aí conversando besteira, eu deixei uma sinuca bem bacana pro Manel, não tem?!

— Homipeloamodideus, perdemos a barreira, Sapo!

Continuaram jogando. Daniel ficou bêbado rapidamente. Por estar bêbado aprendeu a fumar. Chegou ao estado de falar com dificuldade e seus movimentos eram bambos. Manel, Sapo e Raul, animados em ter Daniel jogando e bebendo com eles. Porém, em um movimento completamente ébrio, o rapaz acertou com o taco a cabeça de um homem no bar.

— Que parada é essa, caramba?! Tá pensando o quê, seu merda?!

O homem atingido levantou-se, e junto dele outros dois.

— Tá pensando o quê? Que é de bolo assim?! Que você vem pra nossa cidade, vindo de não sei de onde, fica se vangloriando que tá pegando mulher, beija nossa garçõete e ainda paga de chefão?! Tá morto, seu otário!

— O seguinte é este, viu véi! Foi sem querer que ele bateu o taco em você...

— Foi uma merda! — o homem empurrou Daniel e foi o suficiente para Raul deitar um deles com um único soco. E assim que a confusão começou. Garrafadas. Tacadas. Socos. Chutes. E finalmente, a polícia.

— Muito bonito, vocês! Ainda bem que o delegado é meu amigo! — Seu Plínio dava uma bronca nos quatro. Daniel ainda bêbado — Pelo menos dormiram em segurança. Tomara que Seu Cláudio não fique sabendo dessa presepada de vocês. E tem mais, viu, Daniel. — o rapaz ergueu as vistas — Iara está lá fora, te esperando! Muito bonito pra você! — Daniel, neste momento, curou a bebedeira imediatamente.

— Vamos! O delegado liberou vocês. — Sapo, Manel e Raul permaneceram calados.

— Obrigado, pessoal... Desculpe ter causado tudo isso...

— O seguinte é este, viu véi! A gente tava tomando uma e se alguém mexe com um de nós, pode ter certeza que vamos defender, não tem?!

— Obrigado...

Daniel saiu da delegacia e Iara veio correndo ao seu encontro.

— Daniel! O que aconteceu? Você está bem? Eu passei no hotel e a Dona Márcia disse que você não tinha voltado ontem à noite! Como tudo isso foi acontecer? — Iara em pânico.

— Graças à Dona Iara que descobrimos que vocês estavam no xilindró! Ela foi até meu barco e perguntou se você estava comigo. Quando fui ao Asa de Gavião perguntar para a Dona Neta se sabia de

algo, falou da confusão e que a polícia tinha levado vocês.

— Foi tudo uma bola de neve... Desculpe-me meu bem...

— Vamos para minha casa. Vou cuidar de você...

MEIA PATA

DE VOLTA À FLORESTA

Daniel havia acordado e refletia no alpendre da casa da Iara, tomando uma caneca de café. Olhava para o horizonte ainda no alvorecer e pensava sobre o episódio no bar Asa de Gavião. Mas o que era completamente fixo na mente dele era o fato de estar, naquele exato momento, vivenciando um romance.

— Bom dia, Daniel! Já está acordado? Pensei que ficaria o dia todo dormindo. Ontem, depois que voltamos da delegacia, você quase não dormiu. Ficou o dia todo calado... — Iara abraçava Daniel com ternura.

— Iara. Gostaria de perguntar umas coisas pra você... — virou-se e a beijou.

— Claro, meu bem! E a propósito, adorei o café que preparou pra mim e deixou na mesinha do quarto! Estava uma delícia! Você é um doce! — Iara retribuiu o beijo. Ambos ficaram abraçados por um tempo, transferindo o calor um do outro até atingirem o equilíbrio e seus corpos se tornarem um só. Foi então que Daniel retornou ao assunto:

— Sabe... Antes de ontem, no Asa de Gavião, foi muito estranho. Eu nunca havia feito aquilo... — Iara ouvia atentamente, seria a primeira vez que o assunto era tocado desde o ocorrido — Mas desde que cheguei ao Roraima, desde que comecei a viver esta outra realidade, assim, digamos que independente, longe de meus pais, da igreja, da universidade, eu passei a perceber que sou um pouco diferente do que a vida que eu levava em Natal... Não imaginei que estava pecando por estar bebendo, fumando e jogando em um bar. Eu estava feliz por estar com o pessoal do trabalho, e quando teve a confusão, que eles me defenderam, arriscando até a vida, não deixando que ninguém encostasse em mim... — Daniel fitava os olhos da Iara. Não sorria, mas seus olhos, ao fixarem os dela, sorriam — Na cela da delegacia, por algum motivo eu sabia que não iria me prejudicar. Não entrei em pânico porque Manel, Raul e Sapo estavam tranquilos. E entendi algo que ainda não havia vislumbrado, o mundo não é tão complicado assim... Quer dizer... Sabe Iara... — a moça, abraçada com sua paixão,

MEIA PATA

concentrada na cadência de sua voz, admirada. Sentia-se privilegiada de ouvir a pessoa por quem possuía sentimentos verdadeiros, revelando seus anseios de forma tão sincera — Minha vida era vazia. — a voz saía rouca — De casa para a universidade. Da universidade para casa. De casa para a igreja... E aqui, nossa! Aqui eu já fiz tantas coisas. Tantas pessoas novas que eu conheci... Lá em Natal eu tinha a mesma vida, dia após dia. As mesmas pessoas. Os mesmos ensinamentos... A floresta é linda! E aqui pude ter a oportunidade de te conhecer! Eu deveria estar envergonhado, mas não estou! Vou viver a vida da forma como acredito!

— Daniel, estou realmente feliz com tudo o que acabou de me dizer. Para mim é ótimo ouvir isso! Ver que você está amadurecendo. Não se preocupe, meu bem, não irei te julgar! Não é meu papel, pois sei que és um homem centrado e as experiências da vida são boas para você! — Daniel sentia-se forte com o apoio da Iara — Quando terminar sua folga aqui em Caracaraí, volte pra floresta, faça seu trabalho com confiança, pois pode ter certeza de que você é admirado por todos lá! Até chegar o momento de sua partida, você será meu! Só meu! Inteirinho! — beijaram-se, e juntos contemplaram o Sol subir no horizonte, misturando-se com a folhagem da floresta, atingindo uma coloração quase verde na extremidade inferior do Astro Rei, como se estivesse se fundindo com a mata frondosa. Como uma gota d'água, separando-se na elasticidade da beleza natural — Mas Daniel, como assim, viver a vida da forma como acredita? Você não era feliz da forma como vivia?

— Sempre tive uma vida boa. Sempre tive conforto. Estudei nas melhores escolas. Vesti as melhores roupas. Nunca precisei de transporte coletivo, e quando tive idade para dirigir, meu pai me deu um carro. Minha mãe é diretora de uma escola particular tradicional de Natal e meu pai, dono de uma construtora, engenheiro civil...

— Então, qual é o problema?

— Nunca pude sair para festas com os amigos quando estava no segundo grau porque ainda não era maior de idade. Depois, quando estava na faculdade, a desculpa era que meus colegas não eram evangélicos, então seria uma festa regada com muitos pecados... Sempre via as fotos das festas. Sempre ouvia as histórias do que havia

acontecido, como os meus amigos e amigas tinham se divertido, e eu sempre com a mesma desculpa patética, “minha crença não permite”. Para piorar, na igreja, para você namorar com alguém, tem que praticamente casar... Sabe, Iara, o que eu quero dizer é que um namoro com você, por exemplo, possivelmente seria condenado pelos meus pais... Por você não ser evangélica...

— Que horror! Não tem nada a ver uma coisa com a outra! Todos têm que respeitar as crenças uns dos outros! Minha religião é indígena, lembra?! Acredito em Pataa’Maimu, que é a Voz da Natureza! E se você sempre quis fazer estas coisas que disse, por que não fez?!

— Pelos meus pais... Eles não mereciam uma atitude dessas. Afinal de contas, foram eles que me apoiaram durante toda minha vida...

— Sim. Tem razão. Mas mesmo que você tenha sua própria vida irá fazer os gostos deles?

— Se fosse assim, eu não estaria fazendo o que estou fazendo desde que cheguei em Roraima. Sabe, a distância, o fato de não existir nenhuma ligação com minha vida em Natal faz com que eu tenha mais coragem de experimentar esse lado da vida que nunca vivenciei...

— Mas você voltaria a ser do jeito que era quando voltasse pra Natal? Seria esse tipo de hipócrita?! Não se ofenda, por favor, mas é uma pergunta pertinente!

— Sim... Claro que é... Iara, eu ainda não sei... Não tenho certeza de como será minha vida quando sair de Roraima... Ainda tenho muito da crença na qual cresci e vivi...

— Daniel, o que você pensa em fazer após esse trabalho terminar?

— Bom... Terei que voltar para Natal. Tenho que terminar minha dissertação. Pretendo entrar no doutorado do Inpa, em parceria com a Universidade Federal do Amazonas. O curso se chama Biologia da Água Doce e Pesca Interior. Na verdade, é o único doutorado que existe nesta área... O curso é relativamente novo, a primeira tese defendida foi há dois anos. Eu preciso que meu mestrado seja perfeito para ter chances de entrar nesse doutorado... Ainda terei muito trabalho quando retornar para Natal. Vou para Manaus no mês que vem. Vou resolver três assuntos importantes no Inpa. O

primeiro é sobre a identificação botânica dos espécimes de árvores que temos na floresta de Caracarái. Vamos coletar amostras das folhas, flores e frutos. Tenho que saber o procedimento correto para facilitar a identificação. Segundo, vou justamente me informar sobre esse doutorado. Quero formatar minha dissertação do mestrado já nas normas e exigências que o doutorado do Inpa irá exigir. Meu orientador disse que isso será fundamental para eu obter sucesso, pois o doutorado do Inpa geralmente é uma continuação do mestrado, terei que adequar a metodologia de pesquisa do meu trabalho ao modelo deles. E terceiro, eu sei que no Inpa de Manaus está o maior pesquisador de grandes felinos da América do Sul, um boliviano, o Doutor Julian Gonçalves! Engraçado, nunca imaginei que iria me interessar tanto assim por onças. — Daniel olhou para o horizonte verdejante, enquanto Iara sorria.

— Normal você se interessar por onças agora! — ambos gargalharam

— Mas você já havia me dito que sempre foi apaixonado pela Floresta Amazônica, então, já não deveria saber muito sobre um dos animais símbolo desta floresta?!

— É verdade, Iara! Mas vou explicar. Não pense que estou buscando desculpas para minha desinformação sobre o tema, mas há uma explicação plausível. — Iara dava risadas, uma risada amorosa, sem maldade. Rindo da cara de Daniel — Sério! Olha... Pare de rir! É sério! — os dois sorriam — Não! Deixe-me contar... — Iara calou Daniel com um beijo — Obrigado por este beijo delicioso. Mas me deixa contar! Enfim... Não existe muita literatura científica disponível sobre grandes felinos do bioma Amazônia! O material que eu consegui era, em sua maioria, em inglês, e não era específico sobre a *Panthera onca*. Porém, nada substitui uma conversa ao vivo com o maior pesquisador na área, não é verdade?!

— Sim. É verdade. Mas sua experiência foi muito peculiar. Não aprendeu nada com o acontecido?

— Aprendi que tem algo de muito errado. Onças dificilmente atacam seres humanos quando estão em grupo... Pelo pouco que eu sei, somente onças muito velhas ou doentes atacam seres humanos como última opção de alimento.

— Você tá querendo me dizer que onças não atacam humanos?!

— Não! Quer dizer... Atacam qualquer ser vivo! Apenas estou querendo dizer que a onça que me atacou tinha mais de dois metros de comprimento, era jovem, saudável, pesava uns cento e cinquenta quilos, é uma onça com perfeitas condições para viver na floresta... Além de ser muito grande! Ela está acima da média de uma onça normal... Não era para estar atacando seres humanos.

— Então ela é muito grande para os padrões normais. Mais um motivo para afirmar que você teve muita sorte, né?!

— Sim... Sorte demais. Pois como já disse, ela não teria motivo instintivo algum para ter me atacado. É provável que seja esta a onça que atacou o cachorro que te falei, logo quando cheguei na fazenda.

— Você quer dizer que esta sua onça é uma aberração?!

— Ela não é uma aberração... Ela é perfeita!

Dois meses se passaram. Os trabalhos na floresta mostravam-se bem adiantados. Daniel decidiu abrir o restante das picadas para depois instalar as parcelas e realizar as medições das árvores. Os acampamentos todos construídos, mas naquele dia seria feita a transferência dos materiais do acampamento cinco para o acampamento seis.

— Bom, hoje iremos mudar o acampamento! — Daniel dava ordens. E todos ouviam com atenção — Como o Cuca não gosta de carregar peso, ficará organizando tudo enquanto carregamos os mantimentos e as tralhas da cozinha.

— O seguinte é este, viu véi! Já viu que lá tem um serrote forte! Vamos levar o dia todo! — Raul afirmava o que todos sabiam.

— Por isso todos terão um dia cheio! Mas vamos levar tudo hoje mesmo! — após ter voltado para a floresta, Daniel não tinha aliviado o ritmo do serviço.

— Mas o senhor sabe que teremos que fazer duas viagens, uma agora pela manhã e outra pela tarde! — Sapo, como sempre, desafiava a

autoridade de Daniel — E ainda por cima teremos que levar muito peso para fazer isso em duas viagens.

— Mas temos como conseguir! — Manel sempre ia à sombra de seu amigo Sapo para amenizar a anarquia do sarrista.

— Eu ajudo!

Ronaldo admirou a todos com o seu pronunciamento. Era novidade de uma hora para outra ele ajudar a carregar as tralhas.

— Então, perfeito! — Daniel olhou para Ronaldo que desviou o olhar. Todos iniciaram a peregrinação. Daniel alojou uma botija de gás em um grande jamachim e seguiu firme. Ronaldo amarrou em seu dorso um fardo de arroz, ultrapassando Daniel. Manel fez a sua carga com carne de caça salgada e ao longo do percurso sentia o sal arder em seu suor. Raul colocou uma sacola feita de lona com cerca de setenta quilos de mantimentos na cabeça e subiu o picadão. Sapo, querendo aloprrar, colocou um jamachim nas costas e outro em seu peito, para provar que era duro. Jesus seguia seu ritmo normal, sem querer provar nada. Em um dado momento, todos perceberam que haviam exagerado. Menos Jesus.

— Caramba! Tá osso! Ainda faltam três quilômetros e já estou morto... — Sapo praguejava.

— Eu também não estou aguentando muito. — Daniel reconhecia o erro de carregar peso demasiado.

— Vamos descansar, então! — propôs, Ronaldo.

— Hômi! Vamos fazer o seguinte, vamos pegar o resto das coisas amanhã de manhã! — Sapo queria lefar, ficar na preguiça — O que acham?!

— É mesmo, Seu Daniel! — Manel não aguentava mais.

— Tudo mole. — Ronaldo, indiferente.

— É mesmo, viu véi! — Raul concordava com Ronaldo.

— Vamos parar! Mas só o suficiente para voltarmos pela tarde! — Daniel decidiu.

— Eu estou tranquilo. — Jesus não estava cansado. Na verdade, era o único.

— Sabe... Eu tenho um negócio aqui... — Sapo queria parecer misterioso.

— O que é? — Manel mesmo disfarçando, sabia o que era.

— O seguinte é este, quero saber agora o que é, viu véi!

— É uma garrafa de cachaça! Vamos tomar? — Sapo tirou da sua boroca uma garrafa.

— Você está procurando problemas... — Ronaldo desaprovava a ação do Sapo.

— Estamos em cinco, tirando o irmão Jesus que não bebe! Assim, se o Senhor Daniel permitir. Uma garrafa não vai fazer mal. — Sapo mais uma vez tentava ser persuasivo.

— Bom... Estamos todos cansados... A caminhada está sendo dura... Uma garrafa não fará mal... Verdade!

— Isto, véi! — Raul, instigado.

Sapo abriu a garrafa e cada um pegou seu caneco. Daniel também bebeu. No início de leve. Porém, após uns goles, tomava mais que todos. Começaram a fumar. Quando a garrafa acabou, Manel tirou outra de sua boroca.

— Vocês vão fazer bobagem! — Jesus, que sempre ficava calado, manifestava-se alertando todos.

— Fica tranquilo, Jesus! — Daniel, alterado pela bebida — Vamos fazer o seguinte! Vamos para o acampamento seis e bebemos esta garrafa lá!

— Mas, Seu Daniel! Temos que buscar o Francisco! Ele vai ficar esperando a gente, e se vocês forem beber não chegaremos no tempo de darmos mais uma viagem. — Jesus, preocupado com o cunhado. Ronaldo permanecia calado, não queria se envolver, afinal, o líder era Daniel. Raul, apesar de ficar em silêncio, queria beber.

— Então está bem! Vamos para o acampamento, deixaremos as coisas lá e voltaremos para dormir no acampamento cinco! Tudo bem?

— Tudo bem, Seu Daniel! — Sapo piscou para Manel. Chegando ao acampamento, abriram a outra garrafa e beberam. Mesmo com

Jesus desaprovando. Daniel afirmava que quando terminassem iriam voltar, até que...

— Vamos fazer o seguinte! Vamos voltar amanhã! Vamos pregar uma peça no Cuca! — Sapo se manifestou — Aquele manezão sempre quando tem oportunidade ferra com a gente!

— Que conversa é essa, véi?! O seguinte é este que não podemos fazer isso não, não tem?! — Raul ficou contra a ação logo de início.

— É mesmo, Raul! O Cuca é um otário! Lembra aquela vez que ele fez a gente andar até o acampamento pra brocar lá pelas quatro da tarde?

— Manel nunca havia perdoado Cuca por aquele incidente — Pois ele ficou falando que tava doente, não podia levar o almoço pra gente, e naquele dia tinha prometido levar os bandecos por não ter aprontado cedo! — Manel, realmente revoltado — E quando chegamos ele estava dormindo na rede, inventando que estava doente... É pra se lascar mesmo!

— Pode crer! Vamos sacanear com ele! — Sapo tentava semear a discórdia

— E aí, Ronaldo?! Bora botar pra lascar no Cuca?! Só pra ele aprender!

— Por mim não estou nem aí. Vocês são tudo vacinado. Não tenho nada contra ele. — Ronaldo como sempre indiferente a qualquer situação.

— Véi! O seguinte é este que não pode deixar o homi lá sozinho não! Ele não sabe andar na mata, não tem?! — Raul tentava convencer a todos — Seu Daniel, não pode deixar isso acontecer!

— Sei não... Bem que queria dar uma lição no Cuca mesmo... — Daniel não raciocinava com clareza — Mas vou fazer o seguinte, vocês votem aí! O que decidirem eu assino embaixo!

— Seu Daniel, isso não está correto, viu véi! Pois o seguinte é este que não é certo deixar ele sozinho no acampamento! — Raul demonstrava indignação extrema em sua voz — Jesus! Cuca é seu cunhado! Tem que ficar do meu lado! Ronaldo já disse que não vai opinar. Sapo e Manel querem fazer esta presepada! Você tem que votar contra, não tem?!

— Não vou me envolver nos assuntos de vocês. Estão todos embriagados... O inimigo já tomou conta de seus corações. Vou entregar na mão de Deus. Nosso Senhor Jesus Cristo decidirá de forma sábia e justa! Me deixe em paz... — e assim Jesus se absteve da situação, indo armar sua rede no extremo oposto do barraco.

— Então está resolvido! Dois votos contra um! O Cuca vai se lascar!
 — Sapo comemorava com Manel tomando uma de cana. Raul argumentava com Ronaldo que apenas permanecia calado, enquanto Daniel tomava um gole diretamente da garrafa e ligava o toca-fita, dançando ao som de Paralamas do Sucesso.

Pela manhã a ressaca havia pegado a todos! Nem mesmo o Ronaldo escapou da dor de cabeça. Raul, apressado em ir ao encontro de Cuca. Sapo e Manel imaginavam o quanto o cozinheiro deveria ter ficado assustado. Daniel, arrependido do que havia consentido, “mais uma vez um erro por causa da cachaça”, pensava. Chegando ao acampamento cinco, depararam-se com um ambiente de caos. Ronaldo logo identificou que Cuca não estava nas redondezas. Sapo encontrou vários cartuchos de espingarda vinte espalhados por diversos lugares. Iniciaram um processo de reconhecimento da área para tentar entender o que havia acontecido com Cuca. Observaram que muitas árvores e rochas haviam recebido impactos, o que demonstrava que o cozinheiro atirara para todos os lados, de forma desesperada.

— Gente! Vejam isso! — Jesus gritava. Todos correram para a área descampada que levava para o igarapé. Uma lona estendida no chão. Várias velas estaqueadas, algumas deitadas. Pegadas eram visíveis, principalmente uma pegada já conhecida por todos...

— Meia Pata... — Sapo murmurava assustado, olhando para todas as direções.

— Foi a Meia Pata! — Manel, desesperava-se.

— Meia Pata...

MORTE NA FLORESTA

Ronaldo seguiu os vestígios de Cuca até chegarem à beira do Igarapé onde visivelmente havia ocorrido algo. O rastreador voltou do meio da floresta e retornou ao igarapé onde aguardavam todos apreensivos e esperançosos.

— Ele não passou daqui não... Não encontro nenhum rastro... Ele não saiu deste igarapé! — Ronaldo era firme no que falava. Não cometia erros — Se pelo menos Rambo estivesse aqui... Ou então os outros cachorros... Não vale a pena ir buscar os cachorros na sede. Eu mesmo vou procurar!

— Então, o que aconteceu? A onça o pegou? — Daniel, assustado.

— Não! A onça não saiu do alto do barranco. O rastro dela dá meia-volta daquele ponto mesmo. Ela nem chegou a atacar o Cuca. — Ronaldo, dentro do igarapé.

— E se ele desceu pelo igarapé? Ou subiu! Sei lá! — Sapo, muito nervoso.

— Não, ele não saiu do igarapé! A intenção dele era fugir da onça. Não faria sentido que ele pegasse um caminho difícil de andar... — o rastreador tentava solucionar o caso — Ele rolou pelo barranco. Normal, pois estava correndo desesperado. Ele estava correndo, seguindo o picadão.

— E se ele caiu e quebrou o pescoço? Ou então morreu afogado ao cair inconsciente? — Daniel buscou uma solução lógica. Manel, em choque. Jesus não parava de orar, baixinho, porém não havia se manifestado em momento algum.

— Pode ser, garoto da cidade grande! Mas já desci a correnteza pela margem lá de cima e cheguei a um ponto onde o corpo dele poderia encalhar... E ele não estava lá.

— A sucuri! — Raul gritou — Vêi! O seguinte é este que a sucuri pegou ele! — Raul começou a correr em pânico sem direção.

— Hômi! A sucuri pegou o Cuca! Não! — Sapo se jogou ao solo e desabou em um choro de clemência. Manel perdeu o controle e

misturava soluços a risos. Jesus orava em voz alta enquanto lágrimas caíam.

— Vamos para a sede! Ele deve estar lá! — Daniel ainda tinha esperanças de encontrar Cuca bem! Ronaldo havia subido pela correnteza do igarapé, em busca de novas pistas.

— Tá louco?! Você tá louco, cara! — Sapo gritava descontroladamente

— Ele está morto, cara! Não percebeu ainda? E a culpa é nossa! — Daniel arregalou os olhos! Poderia ter evitado tudo aquilo.

— Somos assassinos... Somos assassinos... — Daniel começou a perceber o que se passava — O que nós fizemos? Que droga nós fizemos, caramba! — pela primeira vez em sua vida praguejou.

— Calma, pessoal! O seguinte é este, que a culpa é minha, viu véi! Era para eu ter vindo atrás do Cuca! Mas eu não vim, não tem?! Eu pensei muitas vezes em vir. Mas por algum motivo não fiz o que pensei... — Raul, arrasado. Realmente arrasado. Definitivamente achava ser o verdadeiro culpado.

— Senhor! Senhor! — Jesus finalmente esbravejou — Perdoa-me! O Senhor é sábio, entreguei o destino da situação ao Senhor! O destino do Francisco foi ele mesmo quem buscou. Tenha piedade dele não ter aceitado o Senhor, nosso Senhor Jesus Cristo como seu único Senhor e Salvador! A provação que o Senhor nos faz passar agora é um sinal de nossos pecados, que somos pecadores, que damos brecha para o inimigo agir em nossas vidas, e que devemos nos purificar em sua Palavra! Perdoa-nos Senhor Jesus Cristo! Somos todos pecadores... — Jesus foi calado por um empurrão deferido por Manel. Sapo avançou com intenção de também injuriar Jesus. Raul conseguiu controlar os dois com facilidade. Daniel, no entanto:

— Senhor! — ajoelhou-se — Perdoa-me! Eu não tenho seguido seus exemplos de humildade e penitência. Estou me desviando, fumando, bebendo! Não tenho orado, nem fui à igreja! Perdoa-me, nosso Senhor Jesus Cristo! Eu imploro! — Raul correu de encontro a Daniel. O rapaz demonstrava sinais de insanidade, não podia deixá-lo surtar, era frágil.

— Véi! Véi! Acorde! — Raul tentava tirar Daniel de seu transe

mental. Porém o rapaz continuava a delirar. Sapo, Manel e Jesus se aproximaram preocupados, realmente prestes a surtar.

— Faça alguma coisa, Raul! O cara tá ficando louco! Ajuda ele! — Sapo pulava de forma enlouquecedora.

— Hômi! O que tá acontecendo com ele? — Manel corria com as mãos na cabeça.

— Véi! Véi! Acorde! — Raul olhou para os lados enquanto tinha Daniel em seus braços — O que eu faço? — Daniel tinha início de convulsões quando Raul tomou uma decisão drástica. Correu até o igarapé e o afogou. Ronaldo chegava neste momento ao local onde todos se encontravam.

— Vocês estão loucos? — Ronaldo gritou de longe, descendo o barranco e se jogando na água — O que tão fazendo com o menino?!

— Nada não, viu véi! Apenas acordando ele! — Raul afogava diversas vezes Daniel, olhava para seu rosto, percebia que ainda estava insano, e afogava novamente. Ronaldo viu os outros em pânico. Aos poucos Daniel foi voltando a si. Ao ver Ronaldo, ficou agitado, mas uma agitação controlada.

— Encontrou o Cuca?!

— Encontrei sim... Mas encontrei também a sucuri que engoliu ele! Está imóvel, passará dias assim. Vão para a sede, avisem o Xerda sobre o que aconteceu e peguem a voadeira para trazer a polícia aqui. — todos paralisaram em um silêncio fúnebre.

— Esperem! — Sapo foi quem acabou com o silêncio — Não podemos contar a verdade! Seríamos presos...

— O quê?! — Jesus partiu pra cima de Sapo, irado com a proposta — Temos que assumir nossos erros perante Deus e perante a justiça!

— Então assuma você, irmão! — Sapo se pronunciava de forma irônica — Assuma sozinho! Tem coragem?! Eu mesmo não vou assumir o que aconteceu!

— Assumir não podemos mesmo... Foi uma fatalidade... — Daniel neste momento se dava conta da gravidade da situação.

— Fatalidade, véi?! Fatalidade?! O seguinte é este que eu sabia que ia acontecer isso mesmo!

— Então por que você não veio salvá-lo? — Daniel bradou de forma mais firme que Raul — Não afirmou agora mesmo que podia ter vindo, independente do que foi decidido ontem?! E agora fala que devemos assumir?! Assumir uma culpa que é de todos?! Ele está morto! Devemos sim seguir o plano do Sapo! Não quero ir para a cadeia! Só nós sabemos o que realmente aconteceu aqui! Ontem aconteceu um detalhe.

— Detalhe?! Francisco está morto! — Jesus gritava mais alto do que todos até então — A brincadeira infantil que fizeram ontem foi a maior burrice que já vi na minha vida! Você, Senhor Encarregado, tinha como não deixar isso ter acontecido! Mas não! Tinha que encher a cara de cachaça! — com este pronunciamento de Jesus, Daniel o agrediu com socos, que logo foi apartado por Raul.

— Parem! Vocês querem brigar?! Caiam todos de uma vez comigo! Agora vou estourar vocês todos! — Raul pela primeira vez não pronunciava suas palavras da forma habitual, com seu gingado malandro, realmente estava sério, o que deixou todos em um alerta defensivo e, ao mesmo tempo, um medo enorme — Vamos! Estou cansado de ver todos bater em Jesus! Só por que ele é da paz?! Não é de briga?! Então vamos lá! Quem encostar nele novamente terá que passar por mim agora! Caramba! Caramba! — irreconhecível — Vamos lá! Quero ver agora! E você Jesus! — olhava com um ódio intenso — Eu pedi a sua porcaria do apoio! E você se calou em suas orações! Que tipo de homem você é?! Era seu cunhado, caramba! Se ele está morto a culpa é de todos! E sua também, Ronaldo! Você sempre quer se passar como um cara experiente, que não deve nada a ninguém, e tá vendo esta desgraça!

— Não tenho nada com isso! — Ronaldo engrossou a voz.

— Não tem?! — Raul seguiu em direção a Ronaldo com peito aberto e sangue nos olhos, sem se importar com o fato de que o rastreador portava uma espingarda a tiracolo. — Vamos! Fale de homem pra homem! Na minha cara! — Raul foi tão ameaçador nas palavras que fez com que Ronaldo recuasse, segurando a bandoleira. Raul segurou no cabo do terçado respondendo à ameaça.

— Ei, pessoal! — Daniel pulou entre os dois — Que droga é esta?! Uma morte já não foi suficiente? — a voz ativa do chefe fez com que

os dois recuassem — Quem manda nesta droga ainda sou eu! — após esbravejar suas palavras, Daniel com uma voz branda passou a responsabilidade para o grandalhão — Raul, o que faremos?

— O seguinte é este, viu véi! Não temos escolha... Vamos ter que inventar uma história e todos devem confirmar a mesma coisa, não tem?! — todos concordaram.

Engenheiro Cláudio, com muito custo, chegou até o local onde a sucuri se encontrava. Ofegante, suava bicas. O Sargento Barbosa comandava a tropa com mais dois soldados. Toda a equipe de Daniel presente. Até Velho Xereta, que ainda se recuperava do seu último incidente, fez questão de acompanhar a comitiva. Todos haviam dado o depoimento. A versão oficial fora que Cuca, por algum motivo, abandonou a equipe enquanto todos mudavam de acampamento. Quando retornaram para pegar o resto das tralhas, Cuca havia sumido. Ronaldo foi atrás dele, e ao chegar ao igarapé percebeu que o cozinheiro não havia continuado subindo o barranco. Ao procurá-lo, o rastreador acabou encontrando a sucuri que poderia estar com Cuca em suas entranhas.

— Nossa! Nunca tinha visto uma sucuri com alguém dentro! Que estranho! — o Sargento Barbosa, admirado, sorria com sua tropa pelo acontecido. Feliz por estar vendo algo inusitado — Mas por que ela fica parada aí?! Estranho, né!

— Ela está digerindo. Pode ficar dias parados no mesmo lugar. — Ronaldo explicava com a voz engasgada. Velho Xereta ouvira a mesma versão que a polícia, mas achava tudo muito estranho. Conhecia a covardia do Cuca. Não fazia sentido ter saído pela floresta, sozinho.

— Você é o tal do biólogo que foi atacado pela onça, não é? — o Sargento fazia troça com Daniel, que confirmou com a cabeça.

— Tão vendo! — o Militar sorria ironicamente com sua tropa — Pensei que ser policial era perigoso, mas estou vendo que ser biólogo é que é perigoso! — os policiais caíram na gargalhada. Daniel sentiu

raiva de ver como eles se divertiam diante de tal tragédia. Manel, Sapo, Raul e Jesus permaneciam calados.

— Sim! Vamos ao que interessa! — o engenheiro Cláudio ainda se mostrava bastante ofegante — Temos que bater as fotos de todo o procedimento. — Interessado em acabar logo com tudo aquilo e voltar para sua vida em Boa Vista. Algumas fotos livrariam a empresa de quaisquer problemas maiores, afinal, o cozinheiro havia andado sozinho pela floresta. E como o funcionário não tinha vínculos trabalhistas com o empreendimento, a polícia, o prefeito, e o defensor público, seriam todos silenciados. A família do defunto receberia uma baixa quantia de indenização e estaria satisfeita.

— Então vamos meter bala na cobra! — Sargento Barbosa, com a espingarda calibre doze na mão, e seus soldados com revólveres trinta e oito em punho, sedentos por puxarem o gatilho — É hoje que vou me divertir!

— Esperem! Esperem! — Daniel tomou a frente dos policiais — Não é necessário matar a cobra! Ela irá regurgitar com o indício de perigo, então é só segurar no rabo dela... — o biólogo tentava argumentar.

— O moleque tá de brincadeira! — o Sargento Barbosa dava gargalhadas com os colegas de farda — Nós vamos é meter bala nesta cobra!

— Não! Não há necessidade! Ela apenas agiu pelo seu instinto natural. Vamos fazê-la regurgitar e deixá-la seguir seu caminho! Matá-la não mudará a tragédia que aconteceu! — Daniel praticamente implorava.

— Garoto, se você não sair da minha frente, te prenderei por desacato à autoridade! — o policial apontava a espingarda para o biólogo. Todos ficaram tensos. Aquele espetáculo poderia agravar ainda mais a situação. Se os policiais cisassem em ir até o acampamento, como explicar tantos tiros deflagrados para todos os lados?

— Daniel! — Claudio gritou, ainda ofegante — Deixem eles agirem da forma como querem... — o rapaz baixou a cabeça, e saiu do caminho. Sargento e seus soldados gargalhavam enquanto descarregavam suas armas na cabeça da cobra. Cláudio ainda teve que bater fotos dos policiais fazendo pose com seus coturnos sobre a cabeça esfacelada do imenso réptil. Sargento Barbosa fez questão de abrir o couro da sucuri para retirar o cadáver de seu interior. Era o Cuca.

O engenheiro Cláudio liberou todos por dois dias para participarem do velório de Cuca. A cidade toda soube da fatalidade ocorrida com a sucuri. Devido Cuca ser maranhense e não ter família em Roraima, não foi difícil para o engenheiro agradar a viúva com uma quantia baixa de dinheiro, a indenização. As autoridades também não incomodariam a empresa diante da fatalidade ocorrida. O engenheiro Cláudio era um ótimo negociante.

— Daniel, estou satisfeito com seu trabalho. Foi até bom eu ter ido à floresta, pois pude ver que está tudo como eu queria. As picadas estão bem abertas. As parcelas bem instaladas. As árvores bem sinalizadas para medições. Parabéns! — a voz do Cláudio irritava o biólogo — Confesso que cheguei a acreditar que o trabalho estaria uma droga, mas mesmo você não sendo um engenheiro, até que está se saindo bem. Quero que dobre os esforços. Não vamos contratar ninguém para substituir o cozinheiro. Se vire com o que tem. As chuvas vão começar a qualquer momento. Pelo que vocês já têm de pronto, acredito que em três meses terminam todo o trabalho. Mas pode ser que as chuvas do caju cheguem dentro de um mês. É normal. Pode atrasar o serviço, mas não vai impedir de terminar. Tem que correr, pois após estas chuvas, terão somente dois meses antes que comece o inverno definitivamente. Aí serão seis meses sem condições de trabalhar coletando dados na floresta.

— Eu li um artigo, que o Professor Verduroso me passou, que mencionava essas chuvas. Tem um termo técnico, mas não lembro agora... — Daniel realmente sabia dessas informações que o engenheiro repassava.

— Isso! Que bom que você está por dentro! Então é isso! Conto com você! E não permita que mais nenhum acidente aconteça naquela floresta. Não seria bom para os investidores ficarem sabendo. Sempre gastamos muita grana nesses incidentes. — Daniel não gostava dessa postura debochada de Cláudio. O engenheiro deixava claro que a vida humana não tinha nenhum valor quando se tratava de reduzir custos. A empresa era mais importante do que o sangue derramado

por aqueles que tinham que arriscar a vida — Boa sorte! Até mais... Mandarei notícias. — entrou em seu carro e saiu cantando pneu rumo a Boa Vista.

— Até mais, seu filho da mãe... — Daniel tinha sangue nos olhos. Ódio no coração. Angústia e fúria.

— Daniel, podemos ir agora? — Iara, afastada da conversa entre seu amado e o engenheiro, aproximara-se — Você deve estar cansado. Não parou os dois últimos dias. E tá tão abatidinho. Vamos!

— Tudo bem, Iara. Vamos. Mas antes vou avisar Seu Plínio de que vou ficar este resto de semana aqui. Só volto pra floresta no fim de semana que vem...

— Não terá problema se você não for?!

— Só estão restando uns quatro quilômetros de picada. Não precisam de mim lá! Sapo pode coordenar este trabalho sem mim. Estou precisando ficar um pouco longe daquela floresta. Precisando ficar com você...

— Entendo. Realmente, se não precisarem de você lá, tudo bem, então! Adoraria ter você aqui comigo. — ficaram um longo tempo abraçados — Daniel, olha Seu Plínio ali!

— Verdade! Seu Plínio! Seu Plínio!

— Diz, Daniel! Dona Iara. — não havia bebido — Já combinei com os outros, vamos sair em uma hora! Tudo bem para você?

— Não vou hoje, Seu Plínio! Avise o Sapo para terminar o resto da picada. Vou com você no final de semana. E se eu estiver disposto.

— Mas você avisou o Seu Cláudio?

— Não preciso avisar ninguém! É uma decisão minha! Tenho que dar continuidade ao meu trabalho de pesquisa. Tenho muitas hipóteses para analisar. Mas enfim, avise o Sapo para tomar a frente do serviço. Ele vai saber o que fazer!

— Não seria melhor você ir dar as instruções para o Sapo?

— Não! Não há necessidade! E se eles terminarem antes do meu retorno, que vão colher castanhas para o Xereta! Já que Seu Cláudio

proibiu este ano os castanheiros de coletarem os ouriços, que colem pelo menos uma carga boa pro Xereta vender!

— É... Sabe, você até que tem razão. O Xereta tem um cliente que sempre vem do Baixo Rio Branco e passa lá na fazenda. É uma ideia boa mesmo. E vai ajudar o pessoal a fazer algo diferente. Eles vão gostar, pois o castanhal é mesmo perto da sede!

— Viu! Unir o útil ao agradável!

— Pois até o fim de semana, Daniel! — Seu Plínio desapareceu na esquina.

— Meu bem! O que você tem?

— Nada, Iara! Por quê?

— A forma como falou... Você não é de dar respostas assim... De forma agressiva como se estivesse impondo seu pensamento...

— Impressão sua, minha linda! Às vezes falamos assim entre a gente! É normal, tipo um código entre quem vive na floresta.

— Tudo bem então... Mas que foi estranho, foi. Sabe, já que você vai ficar esse final de semana aqui, vou aproveitar e tirar uma folga do hospital também! Finalmente consegui uma enfermeira fixa só para fazer as coletas!

— Ótimo! Estou querendo ir para Manaus por esses dias. Não consegui falar com o Doutor Gonçalves quando estive no Inpa da outra vez. Ele estava no Pará, realizando uma pesquisa. Ia ficar um tempo lá! Já deve ter retornado. Você podia ir comigo...

— Tenho uma proposta melhor! Se der certo de você ir ainda esta semana, quando retornar, poderíamos ir conhecer minha aldeia indígena! O que você acha?! Poderíamos ir nesse final de semana!

— Sério?! Nossa! Seria maravilhoso! Vou ao hotel ligar para o Inpa. Vamos ver se consigo marcar para depois de amanhã.

Daniel ligou para o Doutor Gonçalves que, após ouvir um breve relato do biólogo, se interessou imediatamente pela história sobre a onça e marcaram para se encontrar na quarta-feira. Como era segunda, daria tempo de Daniel ir para Manaus e voltar a tempo de conhecer a aldeia de Iara. Por mais que tenha insistido para Iara ir junto, não

aceitou devido o compromisso com sua pesquisa. No mesmo dia comprou uma passagem de ônibus para Manaus.

— Bom dia, Doutor Julian Gonçalves! É um prazer imenso te conhecer!

— Bom dia, Daniel! Como foi de viagem? — o pesquisador boliviano não apresentava nenhum sotaque, falava perfeitamente português.

— Foi tranquilo. O ônibus atrasou um pouco, mas cheguei a tempo suficiente para repousar!

— Então você está realizando um trabalho de pesquisa em Roraima para seu mestrado! Você é muito jovem! É bom ver jovens como você empenhado na pesquisa. Do que trata a sua pesquisa?

— Antes de tudo, gostaria de ressaltar que li seu artigo sobre a *Panthera onca* em áreas de ecossistema Cerrado, inseridos no bioma Amazônia, eu considereei uma obra prima!

— Muito obrigado! Vejo que se interessa por onça-pintada! Sua pesquisa é sobre grandes felinos?

— Não, senhor! Estudo a interação entre fauna e flora na Floresta de Terra Firme no estado de Roraima. Na verdade, envolve toda a biota da área estudada. Porém, esta cicatriz que o senhor está vendo em meu rosto e no pescoço foi feita por uma onça...

— Não acredito! Esta cicatriz foi uma onça-pintada que fez? Como isso aconteceu?

— Justamente por isso que vim aqui conversar com o senhor! Gostaria que o senhor me ajudasse a entender o comportamento dessa onça, que não é nada normal! A mesma onça que me atacou, semana passada acouou um membro de minha equipe, que veio a falecer.

— Espera, Daniel! Vamos com calma! Conte-me com detalhes primeiro o seu caso!

— Bom, aconteceu há três meses. Estávamos em uma equipe de seis pessoas. Andávamos pelo picadão rumo ao ponto do serviço que tínhamos iniciado três semanas antes. Eu me afastei em um dado momento uns cinquenta a setenta metros dos outros. Foi então que a onça deu um bote em minhas costas e agarrou minha mochila, o que provavelmente salvou minha vida.

— Que sorte! Como era essa onça?

— Pelo que eu vi devia ter uns dois metros de comprimento, pesando cerca de cento e cinquenta quilos... Cento e sessenta quilos, quem sabe. Uma onça jovem, porém já madura! Ela era muito forte mesmo! Um dos membros da equipe atirou nela duas vezes! Um dos tiros esfacelou sua pata dianteira esquerda, mas ela conseguiu fugir e ainda matou um dos cachorros que tentavam acuá-la. Doutor Gonçalves, não foi estranho o comportamento dela?

— Bom... Realmente é um caso inusitado. As onças não atacam o ser humano dessa forma. Ainda mais porque vocês estavam em um grande número de pessoas. Existem casos de onças que atacam o ser humano, mas elas estão em um ambiente muito alterado, onde o alimento é muito escasso. O que parece não ser o caso da floresta em que você está trabalhando. Outra hipótese seria se ela fosse uma onça muito velha, e como é muito difícil para ela capturar as caças eventuais da floresta, ela viria a atacar o ser humano. Mas também não é o caso, pois a onça em questão é vigorosa. Mas... Existem especulações de onças que já foram atiradas poderem desenvolver comportamentos muito fora do comum. E são várias as hipóteses, entre elas, seria o próprio trauma de ter se deparado com humanos e ter sido atacada. É possível que ao ver outros humanos ela tenha um comportamento ofensivo, porém como defesa. Outra hipótese é que se a carga de chumbo tiver se alojado no crânio, ou até mesmo no interior de ossos, esse chumbo possivelmente libera pequenas quantidades da substância no organismo da onça, o que é altamente tóxico, vindo a causar sintomas de loucura no animal! Olhe, Daniel, da mesma forma que os seres humanos ficam loucos, os animais também. Essa seria uma possibilidade para explicar o comportamento dela no caso do seu ataque.

— Que interessante! E ela é astuta, pois despistou dois homens armados, um deles morador da área há vinte anos, e quatro cachorros treinados, vindo a matar um deles. E tudo isso ferida!

— Mas pelo o que você disse, essa onça é muito grande! Mesmo ferida da forma como você relatou, ela ainda possui força suficiente para atacar animais em uma situação de estresse! E ainda por cima, elas sabem vários truques para camuflar sua presença na floresta!

— Já sei! Subindo em árvores!

— Calma, jovem padawan! Primeiro! Tendo a pata mutilada, dificilmente ela teria condições de escalar uma árvore. É muito esforço. A dor não permitiria. E segundo, uma onça atirada, praticamente não sobe em árvores quando está sendo perseguida, pois assim ela seria um alvo fácil dos caçadores. Na verdade, ela deve ter usado igarapés e andado em círculos para confundir os cachorros. E você disse que ela havia matado um dos cachorros! Então! Os cachorros também têm instinto de sobrevivência. Não vão se lançar contra uma ameaça tão flagrante! Mas me diz uma coisa. Sobre este membro da equipe que veio a falecer. Foi a mesma onça que atacou ele?

— Sim! Foi ela sim! O ataque foi muito estranho! Bom, não sabemos ao certo... Ele estava... Ele andou sozinho pela mata, e ela o perseguiu, acredito que o estava caçando, até um ponto onde achamos que o cozinheiro deve ter caído em um barranco, e foi pego por uma sucuri!

— Nossa! Que história! Parece até coisa de filme! Como vocês sabem que é a mesma onça?

— Pelo rastro! Após o tiro ela ficou somente com metade da pata! Não existem muitas onças com a metade da pata dianteira esquerda por aí...

— Verdade!

— E também existe uma grande suspeita dela ter atacado um cachorro, logo na primeira noite em que fiquei na sede da fazenda!

— Como é que é?!

— Sim! Chegou de noite, na sede da fazenda, com um monte de cachorros e matou um deles...

— Esta onça é danada!

— Será que tem algo a ver comigo?! Meu cheiro, ou algo que a irrita?

— Não, Daniel! — o pesquisador sorriu — Também não é pra tanto não! Ela não está querendo te assustar! Mas vou te contar uma história interessante! Um caçador, chamado Jim Corbett, foi chamado para caçar um tigre-de-bengala na Índia. Em certo momento, deparou-se com uma situação um tanto quanto inusitada! Ele sempre gostava de ver o comportamento de casais de pássaros da espécie *Vanellus indicus*, um primo do nosso quero-quero. Estes pássaros vigiam seu ninho no meio da vegetação rasteira. Por várias vezes, ele observava o comportamento dos pássaros que, a cada indício de ameaça, atacavam o suposto invasor de seu território! O caçador decidiu se aproximar do ninho, mas de uma forma que o casal de pássaros não percebesse. Era normal os pássaros ficarem sobrevoando e andando próximos ao ninho, em busca de alimentos e para identificar um possível predador! O caçador iniciou sua investida rastejando entre o capim da relva. O fazia da forma mais discreta, silenciosa e camuflada possível. Aproximou-se do ninho e a partir deste ponto seu avanço foi cada vez mais lento e imperceptível aos pássaros. Chegou a ficar poucos metros próximo ao ninho sem que os pássaros percebessem sua presença. Quando finalmente conseguiu tocar nos ovos que existiam no ninho. Pronto! O objetivo dele havia sido atingido. Ao iniciar o seu retorno, que também o faria sem que fosse descoberto, quando viu, diante de si, a apenas uns dez metros, um enorme leopardo. Porém, ele não se apavorou, apesar de saber que o leopardo o seguia com os olhos. Da mesma forma que estava agindo, continuou e conseguiu retornar ao ponto em que havia iniciado sua aproximação são e salvo! E com um detalhe, o casal de pássaros não percebeu nada!

— O que o senhor está querendo dizer com esta história?

— Não percebe?! O leopardo não atacou o caçador porque não estava vendo uma presa, mas um predador diante dele! A forma como o caçador estava agindo era a de um predador que, silenciosamente, avança até a sua presa! O caçador, após esse incidente, passou a analisar o comportamento dos leopardos e chegou a uma conclusão fascinante! A maioria dos felinos identifica sua presa, outros animais, e diferenciam seres da mesma espécie através da forma como se

movimentam! Ou seja, o sentido mais aguçado dos felinos não é o olfato, mas sim a visão! E isso se aplica para a onça também! O fato de você ter sido atacado, provavelmente foi porque a forma como você se movimentava pela floresta denunciava que você era uma presa fácil! Percebe?! O cozinheiro provavelmente também demonstrava ser uma presa fácil!

— Faz sentido... Realmente faz sentido... Então ela sabe quem são as pessoas pela forma de se movimentar!

— Sim, mas entenda. Não imagine a onça como um ser que pensa e traça estratégias! Ela é um animal muito esperto, sem sombra de dúvidas, porém, a forma de consciência dela é muito diferente... Digamos... Sim! Imagine que a consciência da onça seja retratada como um sonho! Imagine que ela viva em um eterno sonho! Tente conceber como seria a vida dentro de um sonho, o tempo todo, sem despertar dele. Mais ou menos a forma do animal ver o mundo é assim, para um entendimento mais acessível. Essa seria a forma mais próxima de se retratar como seria a forma de consciência de um animal, algo caótico como um sonho.

— Interessante. Realmente é difícil imaginar, mas já dá uma ideia... E como é a memória dela?!

— Ótima! Sabe-se que ela conhece tudo em seu território! Cada detalhe! Profundamente! Por exemplo, ela sabe em que horário o tatu sai de determinado buraco, qual o baixio que os porcos fuçam, em qual igarapé as capivaras bebem água! Além disso, ela sabe todas as tocas existentes em seu território. Cada grota, cada entoca, cada árvore estratégica.

— Então quer dizer que pelo fato de estarmos adentrando o território dela, de alguma forma, estamos afetando a rotina! Deve ser por isso que ela está atacando!

— Uma coisa é fato! Ela já conhece cada um de vocês! Sabe os hábitos alimentares! O horário que se movimentam! E principalmente, onde encontrá-los!

— Você está afirmando que se algum de nós ficar sozinho na mata, ela irá nos caçar, assim como fez com o Cuca?!

— E quem garante que ela estava caçando ele ao invés de afugentá-lo?! Sim, pois se foi semana passada o caso, ela já estava bem recuperada dos tiros que recebeu quando te atacou! Não havia necessidade de atacar um ser humano. Ela não estava no desespero da fome! Qual a distância, mais ou menos, que esse cozinheiro correu da onça pela floresta?

— Bom, do momento em que percebemos, o rastro dela até o ponto onde a sucuri pegou o cozinheiro, são mais ou menos um quilômetro e meio.

— Um quilômetro e meio?! Meu rapaz! Essa onça não estava caçando o cozinheiro! Ela estava retirando ele do seu território! No meio da floresta, não existe perseguição de onça! Ela dá botes! Como o que aconteceu com você!

— E é possível uma onça ter esse comportamento?!

— Sim! A sua onça!

— Como foi o encontro com o pesquisador, meu bem? — os dois encontravam-se na casa da Iara, que acariciava os cabelos de Daniel, eles deitados no sofá assistindo a um filme. O rapaz se mostrava muito pensativo — Seu Plínio veio aqui ontem de tarde perguntando por você! Disse que te procurou anteontem e não te encontrou. Eu avisei que você tinha ido a Manaus para resolver coisas do trabalho... Ele disse que o pessoal terminou a picada e estava coletando castanha para o Seu Xereta! Ficou muito feliz que você tenha dado essa ordem para o pessoal passar esta semana coletando castanha! Você fez uma coisa boa, Daniel. — o biólogo repousava sua cabeça no busto da Iara — Seu Plínio falou que viria te buscar no sábado, mas eu disse que a gente iria para Boca da Mata. Tá me ouvindo, meu bem?! O que você tem?

— Nada, Iara... Estou ouvindo sim... Amo ouvir sua voz... Adoro o jeitinho que você conta as coisas...

— Acho que você está apaixonado! — Iara se divertia com o carinho que seu amado manifestava — Cuidado, viu!

- Não tenho medo de me apaixonar... Não por você.
- Mas está tudo bem com você? Tá tão caladinho...
- Estava aqui pensando... Sabe, Iara, a conversa com o Doutor. Gonçalves foi boa, sim... Porém, tenho um grande dilema... Ou eu autorizo caçarem a onça, ou sigo a premissa de que tudo foi um grande aglomerado de fatalidades e coincidências...
- Sei! Decisão difícil... O que pensa em fazer?
- Vou deixar ela em paz! Mas terei que convencer todos a mudarem seus hábitos na floresta... Por exemplo, Ronaldo atira para todo lado! O pessoal come carne demais! Vou dizer para ele caçar fora da área da onça, subindo a margem do rio Branco a partir da sede. Lá não é o setor dela. Na área dela, que é praticamente toda a região inventariada, vou ordenar para somente pescarem. Podemos comer peixe. Nada de tiro na floresta daqui para frente! As bebedeiras vão diminuir. Somente na sede principal. O pessoal faz muita zoeira quando bebe! Isso perturba a tranquilidade na floresta, principalmente pela noite.
- É! Parece que você vai ter um desafio e tanto! Daniel, ainda não lhe perguntei... Mas o que foi que aconteceu de verdade lá na floresta? Com o Cuca.
- Como assim?
- É que eu ouvi o Seu Xereta comentando algo com o Ronaldo... Parece que ele não acredita na versão que vocês contaram. Apenas queria saber. Você anda muito estranho! Irritado! Pensativo...
- Iara! Não tem mais nada além do que aconteceu e contamos! O Cuca quis ir embora! Nós dissemos que não! Mas mesmo assim ele foi! Saiu quando todos dormiram! No outro dia quando fomos a sua procura, o encontramos dentro da sucuri! Foi o que aconteceu...
- Você não quer nem saber o que o Seu Xereta disse?
- Não me importa! Ele pode dizer o que quiser! Sempre diz algo sobre qualquer coisa! É do feitio dele, como se tudo o que ele falasse fosse verdade absoluta!
- Só queria saber... Você sabe que pode confiar em mim... Pra qualquer coisa...

- Obrigado, minha linda... Mas acredite, foi isso que aconteceu! Mas vamos mudar de assunto, pois a morte do Cuca ainda me deixa muito transtornado...
- Tudo bem... Sobre o que quer falar?
- Vamos mesmo amanhã para sua aldeia?!
- Claro que sim, Daniel! Por quê? Não quer mais ir?!
- Não é isso, Iara... É que não sei como me portar... Você entende, uma cultura muito diferente... E se sua família não for com a minha cara?
- Não se preocupe! Estará comigo! Vai dar tudo certo!

BOCA DA MATA

Daniel se admirava com a paisagem da região, após atravessarem o rio Uraricoera, a cerca de oitenta quilômetros de Boa Vista, sentido Norte, para a divisa com a Venezuela. Serras cobertas por uma vegetação de Savana, com árvores tão distanciadas umas das outras que dava a impressão de estar vendo uma maquete, com troncos finos e copas arredondadas.

Iara falava sobre a região, que pertencia ao município de Amajari. Em pouco tempo passaram pela aldeia indígena Três Corações, que ficava às margens da BR 174. Daniel observou com atenção as ocas feitas de taipa e cobertas com palha de buriti.

— Primeira vez que vejo uma aldeia indígena na vida! Como é diferente!

— Daniel, realmente é muito diferente. Mas não se preocupe, meu pai é Tuxaua da comunidade. Tuxaua é a função de líder da aldeia, o que em outras regiões chamam de Cacique. É uma ótima pessoa! E minha mãe é bastante acolhedora. Aproveite esses dois dias, pois tenho certeza que vai aprender muito.

— E essa paisagem! Linda demais! Eu li sobre esse tipo de cobertura vegetal, Savana Estépica, vegetação de serras e altitude! Completamente diferente da Savana de planície!

— Sim! E lá na minha aldeia as serras são cobertas por florestas! E faz muito frio ao longo da noite.

— Frio em Roraima?! Não dá para acreditar! Está ficando cada vez mais interessante! Além de conhecer sua família, uma cultura muito peculiar, uma nova estrutura vegetal, ainda vou passar frio?! Que ótimo...

Daniel vagou em seus pensamentos por um longo tempo. Iara continuou apenas dirigindo para deixar a mente do biólogo florescer.

— Sabe, Iara, nunca perguntei o nome da sua etnia... Uma vez você falou que existem outras etnias. Desculpe por nunca ter me atentado para uma informação tão importante. Realmente não me dei conta.

— Tranquilo, Daniel! Uma vez eu acho que falei, mas você deve ter esquecido. Minha etnia é a Macuxi! Mas lá na minha aldeia existem também os Taurepang, inclusive o nome original da aldeia é Warara’Pai, que quer dizer Cabeça de Arara, em Taurepang. Também vivem muitos Wapichana. Os Taurepang vivem em sua maioria na Venezuela, onde são chamados de Pemon. Na verdade, para eles, não existe a fronteira que divide Brasil da Venezuela. Então você verá muitos Taurepang falando espanhol. Nós, Macuxi, vivemos em aldeias distribuídas em várias regiões de Roraima.

— Não sabia que existiam tantas etnias assim. Não vou mentir, mas sempre achei que índio era tudo igual.

— Quase todo mundo que é do Sul, Sudeste e Nordeste pensa assim! — Iara sorriu.

— Desculpe, Iara. Sei que é vergonhoso ser ignorante a tal ponto, mas realmente não sabia. Nunca tive contato com indígenas antes. Se cheguei a ter, não percebi que era indígena. — Daniel chegou a ficar ruborizado.

— Não seja bobo, meu lindo. Olha, vou te explicar bem direitinho. Em todo o Brasil existem mais de trezentas etnias, falando cerca de duzentas e quarenta línguas diferentes! — Daniel arregalou os olhos — Isso mesmo! Incrível, não é?! — o biólogo balançou a cabeça veementemente, queria ouvir mais — Aqui em Roraima temos mais de dez etnias espalhadas por doze grandes regiões. Na região da Raposa, que fica na terra indígena Raposa Serra do Sol é predominante a presença da etnia Macuxi. Localiza-se na região Nordeste do Estado. Infelizmente lá existe um conflito muito intenso entre os povos indígenas e invasores brancos, principalmente produtores rurais da região Sul do Brasil. As terras foram fragmentadas em ilhas, e os brancos empurram cada vez mais os indígenas para terras menos produtivas e áreas cada vez menores.

— Nossa! Mas isso é muito errado!

— Sim, muito injusto. O mesmo que ocorre na minha terra indígena, que se chama São Marcos, e faz parte da região que leva o mesmo nome, São Marcos. Como já falei, as etnias Macuxi, Taurepang e Wapichana são predominantes. Também estamos lutando para a retirada de

invasores. Criamos organizações indígenas que estão fomentando além da discussão política, também apoio jurídico. Com a aprovação da Constituição Federal do ano retrasado, os artigos duzentos e trinta e um, e duzentos e trinta e dois nos asseguram o direito às terras ocupadas tradicionalmente. Mas dependemos da demarcação e da homologação assinada pelo Presidente da República.

— Mas se a Constituição está garantindo o direito, acredito que logo será tudo resolvido.

— Assim queria que fosse. Acredite, existem muitos interesses nessas terras! — a indígena olhava a sua volta — Mas vamos conseguir! Bom... Aqui onde estamos passando agora é a região Amajari. Existem várias terras indígenas, estão em ilhas também, cercadas por fazendeiros e áreas de garimpo. Além das três etnias que já te falei, aqui vivem os Saporá. É uma etnia que quase desapareceu. Dentro da Raposa Serra do Sol, existem mais três regiões, além da Raposa, são as regiões do Surumu, das Serras e a do Baixo Cotingo. Novamente predominam os Macuxi. E para completar, temos as regiões da Serra da Moça, da Serra da Lua, Wai-wai, do Taiano, dos Wamiri-atroari e finalmente, região dos Yanomami! A região dos Yanomami é a que mais sofre com garimpo ilegal. É uma tristeza o que eles sofrem por causa dessa atividade predatória. Infelizmente existem muitos conflitos entre os indígenas e os garimpeiros, onde, na maioria das vezes, os indígenas são massacrados. Coisas horríveis acontecem, como estupros e assassinatos.

— Mas as autoridades nada fazem? — Daniel mostrava-se estarecido.

— Como disse, existem muitos interesses nas nossas terras...

— Que injusto. Uma riqueza cultural passando por uma situação assim tão terrível! A gente nunca fica sabendo que coisas assim acontecem no Brasil. — Daniel, indignado.

— E eu acredito que ainda vai demorar para o mundo saber a verdade que acontece com nós, o que nós enfrentamos. — Iara permaneceu em silêncio, como que em luto por todas as dificuldades e injúrias que os povos indígenas enfrentavam diante da ganância humana. Daniel entendeu esse momento e também permaneceu em silêncio, imaginando o quanto não sabia sobre o que acontecia no próprio país,

ao ponto de mudar seu conceito de que o mundo poderia ser simples. Então Iara voltou a falar — Só que eu ainda não citei a existência de outras etnias, como os Patamona, Ingarikó, Maku, Ie'kuana, Monaicó! Enfim, na verdade é uma variedade de costumes, cultura, estruturas sociais e crenças, que realmente me dá orgulho de ser indígena, de ser roraimense!

— Outra coisa que fiquei surpreso foi o fato de você ser uma indígena que está fazendo doutorado! Quer dizer... — Daniel buscava formular sua retórica com muito cuidado — O fato de você dirigir, por exemplo, pois temos uma imagem de que índio anda nu no meio da floresta, sem uso algum de tecnologia. — Iara prestava muita atenção no relato de seu amado — E...

— Não fique acanhado, Daniel. Pode perguntar.

— Como posso dizer... Bom, o índio tendo contato com a cultura do branco, ele não perde sua identidade?

— Ótima pergunta! Pois é justamente isto que os não-indígenas usam como argumento para desmerecer nossa existência! — Daniel fez menção de querer se retratar — Daniel! Não se preocupe, eu sei que você, ao fazer seu questionamento, não tinha essa intenção. Mas raciocina comigo: até hoje, para os brancos, o indígena é visto como um ser incapaz. Toda e qualquer assistência para os indígenas deve vir exclusivamente dos brancos. Indígena, na visão da sociedade não-indígena, não tem capacidade de ter nível superior, de ser profissional na área da educação, na área da saúde, não pode ser engenheiro, advogado, enfim, resumindo, para eles indígena é um ser incapaz. Porém, quando passamos a buscar capacitação, informação, qualidade de vida, fomos acusados de deixar nossas origens, de não sermos indígenas, e consequentemente, perdemos o direito às nossas terras, pois elas só podem ser ocupadas pelo “índio” estereotipado pelo próprio branco! Quantas vezes já ouvi, de pessoas ignorantes, que não sou mais indígena! Quantas vezes me falaram que por eu estar usando roupa de branco, cursando academia, dirigindo, havia perdido minha identidade indígena. No entanto, meu amor, existe uma diferença muito grande entre a cultura e a estrutura social. Um japonês não deixa de ser japonês ao vir para o Brasil e aprender a cultura brasileira. Um japonês pode aprender a gostar de feijoada,

carnaval, caipirinha, mas não vai deixar de seguir sua estrutura social. E acredite, por mais que esse mesmo japonês não perca um carnaval carioca, e passe a viver anos no Brasil, nunca irá se acostumar com a estrutura social do povo que aqui vive. — Daniel começava a esboçar um semblante de estar entendendo o que Iara explicava — O mesmo acontece com os povos indígenas. Podemos aprender várias culturas! Eu, durante minha vida acadêmica, através de congressos e outros eventos, tive a oportunidade de conhecer todas as regiões do Brasil. Além de Manaus e São Paulo, onde morei de fato, estive em Curitiba, Fortaleza, Goiânia, e consegui perceber, mesmo que por breves momentos, a diferença da estrutura social e cultural do povo dessas regiões. Mas nada se compara à minha sociedade, pois foi nela onde formei opinião de valores estruturais, a base da formação do meu caráter. Seria mais ou menos assim, além de nossa cultura que está naturalmente incorporada na nossa sociedade, podemos aprender e absorver a cultura de diversos povos, mas a estrutura social é única. E é a estrutura social a base de um povo em específico.

— Iara, estou maravilhado! O que você acabou de falar faz tanto sentido, que mudou a minha forma de ver o mundo drasticamente! Incrível como realmente a falta de informação causa uma cegueira de conceitos, no sentido de que, neste caso que discutimos, o não entendimento da diferença entre estrutura social e cultura pode acarretar em um pré-conceito que leva a um estigma negativo para os povos indígenas. — Iara abriu um enorme sorriso, seus olhos brilharam, Daniel havia entendido — Agora tenho uma outra visão! Sim! É verdade! — Daniel vibrava enquanto falava — O fato de um indígena ter um carro, televisão, parabólica, frequentar a universidade, enfim, o fato de um indígena absorver outras culturas, buscar conhecimento e usufruir das tecnologias não caracterizará que deixe de ser indígena, pois além da ancestralidade, a cultura é acumulativa, e pode ser fundida uma com as outras, no entanto, a estrutura social é única e evolui apenas dentro da estrutura da sociedade em questão!

— Perfeito, Daniel! Você entendeu direitinho! E tudo ficará mais claro quando você conhecer minha família.

Iara teve um vislumbre, de que Daniel não era de fato aquele garoto inseguro e retraído que mostrara ser desde quando ela o havia

visto pela primeira vez no Fundo de Quintal. Sentiu que por algum motivo ele insistia em não manifestar a sua verdadeira identidade, personalidade. Tudo acontecendo muito rápido para o biólogo desde que chegara a Roraima, porém, sua essência demonstrava uma adaptabilidade fora do comum. Mas um fato ficou claro para Iara, Daniel não fazia ideia de quem era e o que poderia alcançar.

— Iara, conte-me um pouco sobre sua religião, Pataa'Maimu. — Daniel quebrava o silêncio.

— Na nossa religião existem várias entidades, divindades. Existe Pataa'Maimu, que criou tudo com Paapa, mas existe uma entidade que não se pode pronunciar o nome, raramente nós, indígenas, ousamos pronunciar, e essa entidade que é o motivo da existência de tudo que nos cerca.

— Você pode me contar?

— Posso sim, para você posso abrir uma exceção, é sobre o Kanaimi... — Iara ficou um pouco reflexiva — Vou lhe contar sobre o Kanaimi, da mesma forma que meus pais me ensinaram e da forma como os pais deles ensinaram a eles. — os olhos de Daniel brilhavam de ansiedade — A natureza foi criada por Paapa, Deus soberano. Ele criou Upatakon, que vocês, karaiwa, chamam de Terra, com suas serras, planaltos e planícies. Criou também a água, dividindo-a em igarapés, lagos e o grande rio Aimutun. Para auxiliar em sua criação invocou Pataa'Maimu, a Voz da Natureza. Ela se casou com Paapa, e dessa união surgiram as florestas que cobriram Upatakon e serviram de abrigo para os animais. Também povoaram os igarapés e lagos com peixes. Então ficaram observando a criação, e por anos se contentaram. A harmonia durou até Paapa decidir criar os seres humanos. Explicou como eles seriam para Pataa'Maimu que imediatamente não concordou com a proposta, alegando que o mundo estava perfeito. Entretanto, sem que Pataa'Maimu soubesse, Paapa criou secretamente a entidade Wara'napi para dar vida ao seu intento. Mas ao iniciar a criação de nós seres humanos, Wara'napi soltou muitos raios e trovões, o que chamou a atenção de Pataa'Maimu. Ao descobrir a traição, Pataa'Maimu deixou Paapa e veio viver em Upatakon, com o propósito de vigiar os humanos. O que ocorreu foi que como os humanos demonstravam serem muito egoístas, tratando a terra,

floresta, animais e águas sem respeito, Pataa'Maimu reclamava muito para Paapa, exigindo que ele controlasse melhor sua criação, caso contrário ela teria que tomar medidas drásticas. Foi então que para controlar os seres humanos, Paapa criou as entidades Kapoi e Wei, que ensinaram para nós nativos o tempo certo de cultivarmos a terra, pescar e caçar, sem que precisássemos usar meios que agredissem a Natureza. Olhando ao céu, aprendemos a usar Wei durante as horas claras, e Kapoi durante a escuridão. Mesmo assim os humanos continuaram agindo sem respeito com a Mãe Natureza, brocando a mata sem pedir licença e perdão das árvores que derrubavam. Ou tirando os peixes dos rios e lagos sem agradecer pela fartura dada por Pataa'Maimu. Então, cansada de pedir providências de Paapa, a Mãe Natureza decidiu criar uma entidade guardiã, dotada de poderes espetaculares, que iria vigiar as ações dos seres humanos, punindo-os se necessário. A esse ser deu o nome de Iririkon...

— Mas como essa entidade foi criada? — Daniel demonstrava muito interesse e fascinação.

— Pataa'Maimu observou a humanidade e escolheu o mais forte e mais valente guerreiro. Nessa época não existiam várias etnias, a humanidade era praticamente um único e grande povo. Esse guerreiro provava seu valor inúmeras vezes defendendo seu povo de animais selvagens, além de ser um grande caçador, o que mantinha sua aldeia bem alimentada. Quando não estava praticando atos de bravura, trabalhava arduamente nos afazeres da aldeia como broca da mata, plantio da maniva, colheita de mandioca e macaxeira, preparando caxiri e pajuaru, fazendo massa para beiju, torrando farinha, enfim, participava de todas as atividades do seu povo. Também era um ótimo artesão, manejando a palha e o cipó como ninguém. Mas o detalhe que o fazia ser preferido por Pataa'Maimu era o fato de que quando ele defendia a tribo de uma fera, desculpava-se por ter assassinado o animal. Pedia licença para abater uma paca, uma capivara, um veado. Quando ia colher o alimento, mesmo tendo plantado, agradecia. Respeitava os sinais de Kapoi e Wei. Ele era perfeito para os propósitos de Pataa'Maimu. Pode-se dizer que era a própria encarnação das intenções da divindade Mãe Natureza. Mas a complexidade do Universo mais uma vez iria impor condições. Não era possível tornar um ser humano em entidade. Era contra as leis do

deus Paapa. E também ninguém, a não ser Paapa, poderia interferir na existência humana. Então Pataa'Maimu teve uma grande ideia! Contaria ao caçador todo seu plano, e perguntaria se ele gostaria de possuir poderes inimagináveis para defender o respeito e preservação da Mãe Natureza, não somente na sua aldeia, mas em todas as aldeias existentes! Obviamente que a proposta fora aceita, e assim Pataa'Maimu criou Iririkon!

— E que tipo de poderes foi dado a ele?

— A consciência de Iririkon obteve a mudança mais significativa. E com a consciência alterada, os poderes foram absorvidos instantaneamente. A entidade tinha o poder de possuir a força de qualquer ser que existisse! Mesmo na forma humana, teria a força de uma onça, a velocidade de um veado, a agilidade do macaco e a visão da coruja! Teria também a capacidade de se transformar em qualquer animal de fato! A intenção de Pataa'Maimu não era somente punir a humanidade, mas sim que Iririkon mostrasse e ensinasse para os parentes como viver em harmonia com a Natureza. — Iara contava sobre suas crenças com fervor, Daniel ouvia atentamente — Porém, o plano de Pataa'Maimu não daria certo... Até mesmo os deuses cometem erros, e o erro de Pataa'Maimu foi subestimar os poderes de Paapa! Ao mudar a natureza humana, a Mãe da Natureza libertou um ser maligno! Seu nome era Makui, a entidade do mal. Quando anteriormente Pataa'Maimu se opôs a criação dos seres humanos, Paapa preventivamente bolou uma estratégia! Caso existisse alguma tentativa de sua esposa em tentar destruir sua criação, uma entidade seria liberada, e o propósito principal dessa entidade seria tornar realmente a humanidade em destruidores da vida natural. Seria um castigo para Pataa'Maimu que sofreria vendo sua tentativa de destruir a obra de seu esposo, torna-se na destruição do que mais amava, a Natureza. Entretanto, o que ocorreu foi algo que nem Pataa'Maimu, e muito menos Paapa esperavam! Bravamente Iririkon partiu em combate para destruir Makui! A batalha fora tão extraordinária que nem mesmo as divindades acreditavam no que viam. Iririkon dominara a situação, mas um detalhe sórdido não colocava um fim no embate, Makui era uma entidade imortal. Diante disso, Iririkon decidiu lançar-se com Makui para o interior do Monte Roraima e lá lutarem por toda a eternidade, aprisionando assim o demônio! Mas

Makui era astuto, e usou seu único e último trunfo. Em um ato de covardia, típico de todo ser baixo e imundo, o demônio se fundiu com Iririkon. Dessa união surgiu a entidade Kanaimî!

Daniel não imaginava que existia uma história sobre a origem do bem e do mal tão elaborada quanto as que ensinavam a sua religião. Tudo era um grande aprendizado, seu mundo definitivamente estava ampliando de uma forma que nunca imaginaria.

— Ainda não terminei! — Iara despertou Daniel de suas reflexões — O medo é aliado da desgraça! O respeito é a arma mais poderosa!

— Mas, Iara! O que realmente é o Kanaimî então?! O que surgiu da união do Iririkon e Makui?!

— O equilíbrio! Kanaimî de certa forma agradou tanto Pataa'Maimu quanto Paapa! A humanidade seria punida e a Natureza protegida. Em comum acordo entre os deuses, decidiram libertar Kanaimî de sua prisão, no Monte Roraima, fazendo-o viver entre os humanos, inclusive com o privilégio de, quando desejasse, possuir mulher e ter descendentes. Infelizmente é certo que Makui obteve maior controle na entidade, chegando a causar mal aos humanos pelo simples fato deles não acreditarem na sua existência. Ou mesmo se aproveitar de corações quebrantados para incitar o maligno! Muitas vezes Kanaimî, por puro capricho, ceifava vidas sem motivo algum. Mas o mais perigoso era quando ele se unia aos feiticeiros e pajés com más intenções e, dando-lhes mais poderes, fazia com que estes atacassem pessoas, e até mesmo aldeias inteiras.

— Existe alguma forma de deter Kanaimî?! Digo, existe alguma forma dele ser destruído?

— Como expliquei antes, Kanaimî faz parte da Mãe Natureza e se alimentados medos humanos! Sendo parte da Natureza, é praticamente impossível destruí-lo... Detê-lo também é difícil, pois enquanto existir animais na floresta existirá soldados para serem controlados por ele... Relatam os antigos ensinamentos que uma vez Kanaimî foi ferido pelo grande guerreiro Makunaimî. Kapoi e Wei, nossos astros supremos, de tempos em tempos, seguindo ciclos determinados, alinham-se nos céus e transformam-se em entidades com corpos e passam a viver entre os humanos. O fato é que Kapoi era uma mulher

muito bonita, e acabou se apaixonando por Wei. Esta paixão gerou um descendente guerreiro, Makunaimî, que teve dois filhos, Insikiran e Arikê. O grande guerreiro semideus possuía poderes especiais, o que fez com que Kanaimî o enfrentasse pessoalmente, resultando em uma batalha memorável, tendo Makunaimî ferido e detido a entidade do mal por mais uma vez no Monte Roraima, entretanto, não o destruindo. — existia muita sabedoria nas palavras da Iara — Também diz a crença, que Makunaimî descobriu uma fraqueza crucial em Kanaimî, porém, não chegou a revelar especificamente o que seria, apenas que qualquer guerreiro teria plenas condições de enfrentá-lo, porém, deveria possuir um poder específico em especial... Tal poder até hoje não foi descoberto, mas Makunaimî profetizou que o dia chegaria, e que mais uma vez Kanaimî seria detido!

— E o que aconteceu com Makunaimî, Insikiran e Arikê? — Daniel perguntou com muita curiosidade.

— Bom, essa história fica para outra oportunidade. Você tem que aprender por si só o que significa Pataa'Maimu.

Daniel havia aprendido muito, queria saber mais, entretanto confiava nos ensinamentos de Iara. Contemplou tudo o que havia ouvido e perguntou:

— Estive pensando... Por que você não realiza sua pesquisa na sua aldeia mesmo?! Não tinha como você ter feito todo o trabalho em Pacaraima? — com a pergunta, Daniel interrompeu as divagações de Iara.

— O quê?! Ah, sim! Bem observado! Claro que eu gostaria de ter realizado essa pesquisa na minha reserva, porém muitos fatores burocráticos, governo federal, estadual, enfim! Tem também o fato de nós indígenas vivermos da pesca e estarmos em contato constante com a natureza, porém, dificilmente contraímos malária por conta dos muitos conhecimentos sobre remédios naturais e tradicionais, principalmente preventivos, além da própria resistência obtida por seleção natural, genética.

— E por que você não usa esse conhecimento indígena no seu trabalho de pesquisa?!

— Não é bem assim que funciona, Daniel... Esse conhecimento é milenar! Existem muitos interesses difusos quanto aos nossos conhecimentos.

— E por que você escolheu cursar Química?! Tem tudo a ver com esse conhecimento...

— Bom, terei que contar desde o início. Meu pai é Tuxaua da minha aldeia faz quase vinte anos. Antes dele era meu avô. Foi meu pai o grande apoiador da minha vida! E quando eu ainda era adolescente, perguntou o que eu queria para minha vida. Respondi que queria estudar para me tornar uma pesquisadora e contribuir para o desenvolvimento e defesa da minha cultura. Então, muito nova, eu fui para Boa Vista. Fiquei morando na casa de uma irmã da Mamãe. Mas como na vida tudo tem seus prós e contras, eu estava tendo a oportunidade de estudar, mas sofria muito preconceito por ser indígena, e ainda por cima era muito assediada pelos homens, que me tratavam sem respeito. Somente pelo fato de ser indígena imaginavam que eu ficava com qualquer um. Que eu não tinha sentimentos. Que eu era apenas um objeto. — pela primeira vez Iara falava abertamente sobre seu passado para Daniel, que ouvia atentamente — Sabe, Daniel, por causa disso eu tive dificuldades de me relacionar com as outras pessoas. Acabei me isolando. As mulheres me tratavam como um ser inferior e, na maioria das vezes, me odiavam por causa de minha aparência, que por sua vez chamava a atenção dos homens, que somente se aproximavam com intenções nojentas. Mesmo assim, passei minha adolescência toda somente estudando e com poucos amigos. Minha mãe me ajudava muito, o que foi muito bom, pois ela me dava conselhos e dizia que um dia iria encontrar pessoas que me respeitassem pelo que eu era. Nessa esperança acabei passando em Química na UFAM e então fui morar em Manaus. Acabei me dedicando ao mundo acadêmico de corpo e alma. Até que conheci uma pessoa que me respeitou muito, que me viu como eu era, e passamos três anos juntos. Ele também era acadêmico de Química e tinha uma história parecida com a minha, por ser um indígena da etnia Tucano. Foi quando fui selecionada para fazer mestrado em Química na USP. E imediatamente após o mestrado entrei no doutorado.

— E o que aconteceu com seu namorado?

— Bom, não deu mais certo... Depois que fui para São Paulo a gente perdeu contato. Não sei se ele voltou para sua aldeia, ou foi para outro lugar...

— E em São Paulo?! Como é sua vida?! Você mora lá há quatro anos, né?

— Sim, quatro anos! Mas agora ficarei muito tempo em Roraima, por causa da pesquisa. Por isso não tive muitas alternativas em escolher a região para trabalhar meu projeto. Caracará possuía o melhor argumento... Mas assim posso sempre visitar minha família. Bom, minha vida lá é tranquila. Às vezes rola um preconceito. Outras vezes também as más intenções dos homens, mas, no geral, existem algumas pessoas de mente aberta, poucas, mas existem!

— E lá você não namorou ninguém? — Daniel perguntava com muito custo. Pela primeira vez sentia ciúmes da Iara.

— Nada de importante. Eu estudo muito. E São Paulo é uma cidade muito agitada, com um ritmo muito intenso. Mas agora estou feliz por ter te encontrado, meu lindo! Fico pensando que o mais marcante em você foi o fato de me olhar de forma diferente... Você não teve preconceito. Não teve intenções obscuras. É gentil comigo. Respeita-me muito! Acho lindo seu jeito! — Iara acabara de se dar conta de que amava Daniel — Você foi o primeiro homem que me tratou dessa forma.

— Fico honrado por suas palavras, meu bem. Você é uma mulher de muito valor! Inteligente, batalhadora, determinada, e muito linda, ao ponto de não ser possível acreditar que poderia existir tamanha beleza!

Iara parou o carro no acostamento e abraçou Daniel. Beijaram-se longamente. O biólogo acariciava os sedosos cabelos e pressionava seu corpo no da sua indígena. Trocaram um olhar apaixonado e sorriram. Estavam felizes. Iara segurou as mãos do Daniel e disse:

— Quando te vi, eu senti o amor nascer no meu coração. Amo você, Daniel... — beijaram-se novamente.

— Também amo você, Iara! Você é importante na minha vida!

Cruzaram sobre a ponte do rio Parimé, haviam acabado de entrar na Terra Indígena São Marcos. As serras passaram a fazer parte da paisagem para todas as direções que olhavam. A cobertura vegetal permanecia de Savana Estépica, porém mescladas com inúmeras rochas negras, de todos os tamanhos. Também se observava maior ocorrência de igarapés e lagos. Veredas de buritizais seguiam as curvas dos vales entre as serras.

— Bom, Daniel, passando do rio Surumu, ali adiante, estaremos dentro das terras da minha aldeia. Mais pra frente você verá o rio Macaco, que possui os banhos mais lindos do Estado! Estamos perto de minha casa! — Iara não disfarçava a emoção em estar prestes a apresentar sua vida para Daniel.

— Nossa, Iara, estou que não me aguento de ansiedade! Será que vão mesmo gostar de mim?!

— Não se preocupe, meu amor! Vai dar tudo certo!

Iara mostrou as primeiras malocas da aldeia o que fez com que Daniel procurasse e apontasse com tremenda satisfação. Aos poucos as moradias foram aparecendo em maior número, até avistarem um aglomerado de ocas. Era o centro da aldeia Boca da Mata. A maior parte da aldeia se encontrava no lado esquerdo da estrada. A casa da Iara ficava do lado direito, bem no alto de um teso. Ao chegarem à oca, a família da indígena se reuniu para a recepção.

— Mamãe! Que saudade! Eu trouxe um amigo para passar este fim de semana!

A mãe da Iara, Dona Dânia, uma indígena, com cerca de cinquenta anos, de quem dava para perceber a herança das características de Iara, observava Daniel. Na maloca viviam quatro núcleos familiares. O núcleo do Tuxaua Parente, pai de Iara; os núcleos de duas irmãs de Iara, que viviam com esposos e filhos; e o núcleo do Ancião, avô de Iara, pai de Dona Dânia. Ao todo moravam na maloca dezenove pessoas e, naquele fim de semana, seriam vinte e uma. O Ancião Sinforoso tinha oitenta e três anos e era o Pajé da comunidade. O

membro mais novo da família tinha três meses, filha de uma das irmãs da Iara.

— Que bom que veio, minha filha! Estávamos te esperando! Seu avô havia dito que viria neste fim de semana e que traria um Warayó' Karaiwa! — falou Dona Dânia na língua Macuxi.

— Sim, Mãe! Esse é meu namorado! Daniel é o seu nome! Trouxe-o para conhecer nossa família. — comentou Iara também em Macuxi. Daniel ouvira atentamente seu nome ser pronunciado na língua indígena. Curioso para saber o que mãe e filha falavam sobre ele. A Dona Dânia observava o rapaz com atenção. Seu jeito de se vestir; a forma que seu cabelo estava cortado; as mãos; como respirava; as reações de seu rosto e, principalmente, a cicatriz.

— Que bom que veio, Daniel! Seja bem-vindo à nossa família! — sorriu Dona Dânia. Daquele ponto em diante só iria falar em português, pelo menos com Daniel.

— Obrigado, Dona Dânia! Estava muito curioso em conhecer a família da Iara! Como estou muito longe da minha, sempre é bom estar em um ambiente familiar... Nos sentirmos bem.

— Mamãe, onde está o Papai?! E o Vovô?!

— Seu pai está no malocão da aldeia em uma reunião com tuxauas e lideranças de outras aldeias. Estão tratando sobre a homologação da Reserva São Marcos. Não está fácil, os Warayó' Karaiwa querem tomar nossas terras! Seu avô, você deve saber, está na roça, trabalhando junto com seus irmãos e os esposos de suas irmãs! Mas vamos entrando! Aqui a pouco vamos almoçar!

Daniel se admirava com todos os detalhes. Chegaram até a cozinha que ficava ao lado da maloca. Possuía uma mesa de tábuas, um jirau para lavar os utensílios, um fogão de barro. Logo de cara viu uma fogueira que assava pedaços de algum animal. O interessante era que o pelo do animal não havia sido retirado e as brasas coziavam a carne lentamente.

— Quer provar, Daniel?! É carne de anta moqueada! — Iara se divertia vendo a reação de seu amado.

— Carne de anta?! — então pôde perceber que se tratava de um pedaço de pernil bem grande — Quero sim... Moqueado? — Daniel pegou um pedaço da carne que Iara havia arrancado com as mãos e provou, ainda não havia experimentado carne de anta — Que sabor diferente... Muito diferente... Por que não se tira o pelo?

— Bom, é assim que assamos a carne. Sem tempero e com o couro. A brasa da fogueira fica em uma temperatura baixa em relação ao churrasco dos brancos. E, um detalhe, não usamos tempero algum na carne moqueada! Praticamente a carne é defumada, mas não é carne defumada! — Iara sorriu — Então! Vejo que se espantou ao saber que não usamos tempero como sal e outros condimentos, mas o sabor estava agradável, né?! Então! A carne passa horas nesse processo e os próprios sais minerais existentes nela acabam dando o sabor! Esse processo se chama moquear a carne!

— Posso experimentar mais um pedaço?! — Dona Dânia sorriu para Iara ao ver o interesse do rapaz em comer a especiaria indígena. Não era do feitio dos karaiwa aceitarem com facilidade a culinária tão diferente.

— Pergunte pra ele se quer tomar kaxiri, Iara. — lembrou Dona Dânia.

— Kaxiri?! O que é?! — Daniel, curioso com todas as descobertas que viriam.

— É a nossa bebida cozida, feita à base de mandioca e batata! Existem duas variedades: o kaxiri doce e o kaxiri forte. O kaxiri doce tem um tempero que não é indígena, açúcar! — Daniel sorriu — E o kaxiri forte é mais fermentado. Dependendo do teor de fermentação pode até embriagar! — Iara abriu um enorme jarro de barro e mergulhou uma cuia no jarro coletando o líquido — Esse kaxiri parece que tá um pouco forte...

— Tudo isso?! — a cuia tinha capacidade de cerca de um litro, transbordando.

— Bom, em nossa cultura o kaxiri é servido em uma cuia dessas, e nunca pela metade! Sempre cheio. E olha... — cochichou — Não é bom recusar, muito menos deixar sobrar uma única gota!

Daniel experimentou o líquido avermelhado, agradando-se com o sabor. Sentia os pedaços de mandioca ao ir tomando os goles. À medida que ia esvaziando a cuia, a parte sólida da bebida se intensificava. Passou a mastigar as partículas de mandioca. Dona Dânia, enquanto conversava com a filha, observava atentamente o biólogo. Ao terminar sua cuia, a matriarca indígena se ofereceu para pegar das mãos de Daniel.

— Muito obrigado, Dona Dânia! Kaxiri é muito bom! — ao entregar a cuia, a mãe de Iara abriu o jarro, mergulhou novamente e a trouxe transbordando para Daniel — Não! Está bom...

— Daniel! — a voz da Iara era de alerta — Se você entrega a sua cuia para um indígena com a boca pra cima, significa que você quer mais! Se não queria mais, tinha que ter entregado com a cuia emborcada!

— Mas você não avisou! — e mãe e filha riram do embaraço de Daniel. Seu rosto ficou tão vermelho que parecia ser da cor do kaxiri. Pegou a cuia, agradeceu e continuou tomando. Ao terminar, fez questão de entregar a cuia emborcada para a Dona Dânia — Muito obrigado! Mais tarde gostaria de tomar mais kaxiri! — ao pegar a cuia, Dona Dânia balançou a cabeça em aprovação ao gesto do rapaz.

— Daniel, nós levamos o kaxiri para trabalhar no roçado! É uma bebida que, além de matar a sede, alimenta! — com a explicação da Iara, o biólogo fez uma expressão de concordar.

— O que você faz, Daniel?! — perguntou a matriarca.

— Eu?! Sou biólogo! Trabalho em Caracaraí realizando uma pesquisa na floresta... — enquanto falava, Daniel percebeu que crianças espreitavam pelas janelas, porta e frestas da maloca — Estou há pouco tempo aqui em Roraima...

— Não se incomode com as crianças, Daniel! Elas não participam das conversas dos adultos, mas não impedimos que as escutem. Por isso ficam assim, observando de longe. — explicou Iara.

— Biólogo... Você é um amante da Natureza... Mas será que você sabe quem é a Natureza?! — as palavras de Dona Dânia foram deferidas de forma desafiadora.

— Não, senhora. Não sei quem é a Natureza... — com a resposta,

Daniel havia conquistado a mãe da Iara, que sorriu ao ver seu amado respondendo com simplicidade e sinceridade.

— Mas você vai descobrir! Disso eu sei. Vai descobrir...

O Tuxaua Parente, ao chegar, abraçou Iara com carinho. Tinha muito orgulho de sua filha que muito em breve iria se tornar uma Doutora. Foi apresentado para Daniel que se intimidou com a imponência do líder da aldeia Warara’Pai. Usava um cocar suntuoso, pintura corporal, e um colar feito de sementes de diversas espécies de árvores e plumagens. Tratou Daniel com bastante receptividade e aos poucos o biólogo foi ficando seguro ao ponto de fluírem em uma conversa com debates. Ouvia com atenção

Tuxaua Parente explanando sobre o contexto da luta indígena em resistência para assegurar suas terras e sua cultura. Não demorou muito para que o grande líder o convidasse para beber.

— Dânia! Traga a cabaça de pajuaru, por favor, para eu beber com o convidado antes do almoço! — tanto Iara quanto Dona Dânia se espantaram com o pedido do Tuxaua. Pajuaru era uma bebida feita a partir do beiju, uma torta de macaxeira braba similar à tapioca. O processo de fabricação da bebida durava cerca de duas semanas, desde a colheita da maniva, a pubação, ralação, secagem, assar a massa de macaxeira formando o beiju, deitar as tortas em uma mesa forrada com folhas de bananeira, molhar o beiju com tucupi, cobrir com folhas de mandioca, deixar descansar por quatro dias, espremer o beiju fermentado, esperar decantar em jarros de barro e, assim, a bebida estava pronta. Porém, o pajuaru do Tuxaua era especial, somente quem apreciava eram convidados.

— Vai com calma no pajuaru, Daniel, — Iara alertou — essa bebida é forte! Tão forte quanto a cachaça. Embebeda sem que a pessoa perceba, e quando ela menos espera não consegue nem levantar. Mas não recuse, apenas tome devagar...

Logo o Ancião Sinforoso retornou do roçado com o restante dos homens da família. “Não olhe nos olhos do meu avô”, avisou Iara, “Não se deve olhar nos olhos de um Pajé. Nuncal!” Após ser apresentado para todos da família, o almoço fora servido. Na mesa, uma panela de barro contendo damurida, um caldo de peixe temperado com uma erva chamada auroçá e muita pimenta. Tortas de beiju espalhadas sobre a mesa. Farinha de puba, uma farinha grossa e amarelada, bem torrada. Carne de caça moqueada, tanto de macaco quanto de paca. E para beber kaxiri e pajuaru. Dona Dânia havia cozinhado arroz, caso Daniel quisesse comer. Mas não foi aceito, alegando que queria experimentar a culinária indígena sem nenhum ingrediente que conhecia, o que não foi visto como um gesto descortês.

Ao contrário dos costumes não-indígenas, na hora das refeições eram os mais velhos que se serviam primeiro. As crianças esperavam todos os adultos se servirem para assim poderem comer. Daniel achou intrigante o gesto, acostumado a ver os adultos servirem primeiro as crianças. E não percebeu desapontamento entre os pequenos, era costume. Iara ensinou Daniel a se servir usando as cuias. Não usavam talheres. O beiju, que era uma massa muito dura, servia de talher. Quebrava-se um pedaço de beiju e mergulhava na cuia com a damurida. Além da massa absorver o caldo, tinha consistência suficiente para pegar os pedaços de peixe. Ao colocar na boca, o beiju umedecido se tornava uma farinha muito fina. Daniel lacrimejou ao comer sua primeira porção. A damurida, muito apimentada. Aos poucos foi se acostumando com o ardor da pimenta, mas sem deixar de lacrimejar e escorrer seu nariz. Todos se admiraram com sua capacidade de aguentar a damurida, sendo a primeira vez que experimentava. Daniel repetiu a porção. Aos poucos o rapaz foi entendendo a rotina diária dos indígenas. Trabalho na roça, onde colhiam mandioca, e outra variedade de maniva, a macaxeira-brava, que se não fosse preparada da forma correta podia matar.

Também colhiam banana, abacaxi, milho, feijão e arroz de sequeiro. A caça e a pesca eram atividades diárias. As mulheres, além dos afazeres de casa, confeccionavam peças de artesanato. Todos tinham uma função no sustento da família, até mesmo Pajé Sinforoso, que recebia mercadorias em troca de seus serviços de curandeiro. As crianças mais novas somente estudavam.

— Daniel, minha mãe disse que meu avô quer realizar uma cerimônia com você hoje à noite. Somente irão participar meu avô, você e eu para traduzir o que ele irá te dizer. Meu avô não fala Português, mas entende. Acredito que ele saiba falar, mas não fala. Minha mãe diz que ele deva saber. Mas terei que estar presente.

— Que tipo de cerimônia, Iara? — Daniel sentiu um pouco de medo.

— Amor, quero que ouça bem! Meu avô sabia que você viria esse fim de semana comigo. Bom, ele não sabia que eu viria, pois não tenho como avisar, mas ele sabia que justamente nesse fim de semana eu traria você para cá. Eu havia comentado que tinha te conhecido para a mamãe na última vez que vim, mas ela não falou nada pra ninguém...

— Está me assustando, Iara.

— Você não precisa participar. Será uma escolha sua.

— O que ele vai fazer?

— Não sei! Somente na hora você irá descobrir.

— Vai ser bom ou ruim?!

— Vai depender do que você tenha em seu interior.

— O que você acha?!

— Participe!

Daniel acabara de sentar sobre uma pedra apenas de bermuda. Diante dele uma enorme fogueira ardia. Iara usava vestes indígenas. Um cocar com penas negras e brancas com um pêndulo que ia até seu ombro esquerdo. Usava cinco colares, cada um com significado e tamanhos diferentes. Seu bustiê era de palha trançada com fibra de ubim e sua saia possuía vários fios de palha de buriti. Seu corpo completamente coberto com símbolos indígenas de diversas cores. A indígena encontrava-se sentada em uma pedra na extremidade oposta da fogueira. Entre as chamas, Daniel podia ver a penumbra de sua amada. Era uma noite sem Lua.

Pajé Sinforoso apareceu portando um cajado apoiando seu corpo arqueado. Usava vestes indígenas e em sua cintura várias cabaças pequenas estavam penduradas. Andava entoando adorações e, após entregar seu cajado para Iara, iniciou um toque em uma zabumba. Parou diante de Daniel e falou em Macuxi. Retirou o cinto com as cabaças de sua cintura.

— Escolha uma cabaça e beba o sumo do pajuaru! — disse, Iara — O sumo do pajuaru é a bebida sagrada dos pajés! Uma cabaça dessas possui mais ou menos cem mililitros do sumo. Foram necessários duzentos litros de pajuaru forte preparado com manivas selecionadas para extrair o líquido para encher cada recipiente desses. Quando o pajuaru está fermentando no jarro de barro, após sete dias, uma fina camada de álcool se forma sobre o pajuaru. Os pajés a retiram com uma técnica especial, mas posso dizer que é gota por gota. Após isso são misturadas ervas que somente os pajés conhecem e então a cabaça é lacrada.

— O que vai acontecer quando eu beber?

— Cada cabaça possui uma dosagem e uma erva diferente. O tempo em que ela está lacrada também é desconhecido. Obviamente somente o Pajé sabe todos os detalhes e de acordo com sua escolha conduzirá o ritual. Meu avô irá mostrar para você uma a uma diante da fogueira. Observe todos os detalhes. Algo chamará sua atenção. Essa será sua cabaça.

Daniel olhou para a primeira cabaça demonstrada pelo Pajé. Todas possuíam praticamente a mesma capacidade de armazenamento, mas com formatos diferentes. A primeira era comprida, porém arredondada na base, enfeitada com entalhes de figuras e símbolos indígenas. A segunda era completamente redonda, com penas presas como saia, ao seu redor. A terceira não possuía nenhum enfeite, mas era curvada como uma Lua Crescente. A quarta cabaça possuía uma tampa de pedra sabão. A quinta parecia ser muito antiga, sem brilho algum. Daniel tentava se concentrar em cada cabaça e entender algum significado que o atraísse. O sexto recipiente, coberto com o couro de algum animal que ele não soube identificar. A última cabaça estava dentro de uma bolsa feita com palha trançada. O Pajé falou algo em Macuxi para Daniel.

— Vovô está dizendo para você escolher imediatamente sua cabaça!

Daniel, sem hesitar, segurou na cabaça mais antiga. Abriu a tampa e um odor forte de álcool com ervas tomou conta do ambiente. Colocou o recipiente na boca e logo sentiu o gosto forte, mas muito agradável ao paladar. Tomou de uma só vez. Prontamente o Pajé iniciou o ritual cantando uma adoração, batendo seu tambor realizando círculos em volta do biólogo.

*“Moryua inîîrîkanan eserenka siriri arautawa pipî usanpurai,
iwaraka pipî iratumai taato’pî eserenka etapainîkoman.
Arautawa pî’pî usanpurai
Iwarika pi’pî iratumai.”*

— Daniel! Preste bastante atenção! Você não deve falar nada a partir de agora! Deixe sua mente fluir. Meu avô está abençoando a zabumba que será usada na cerimônia. A adoração que ele está cantando fala sobre os animais que doaram seus couros em morte para a construção dessa zabumba sagrada. De um lado tem couro de guariba. Do outro, couro de macaco-prego! Ouça o canto deles através das batidas. Você poderá ouvir e até ver os macacos quando em vida.

Rapidamente o sumo começou a fazer efeito sobre Daniel: o som da adoração, em uma língua completamente indecifrável; as voltas que o Pajé dava, fazendo com que a interpretação dos sons chegasse de diferentes ângulos de percepção; o arder das chamas da fogueira que dançavam com o vento e mudavam de intensidade. Não demorou até que Daniel ouvisse sons de macacos. Com os olhos fechados, lançou-se em galhos! Pulava e agarrava em cipós. Não entendeu, a princípio, a ordem das imagens que apareciam como filme em sua mente. Pulou novamente e olhou para baixo, no alto das copas das árvores, muito alto! Teve medo de pular novamente. Balançou em um cipó e pulou bem longe indo pousar em um galho da árvore vizinha. Todo o trajeto do salto fizera olhando para baixo, admirando a sensação de, momentaneamente, voar nas alturas. Em pouco tempo pulava de todas as formas e para todos os lados. Dava piruetas e agarrava em cipós! De repente o ritmo do tambor mudou:

*“Eeserunpanen pirî wayuupa nekkumamîi
Eeserunpakî wayaura, eeserunpakî wayaura, eeserunpakî wayaura.”*

— Agora o Vovô está chamando o rouxinol para inaugurar sua casa! A sua casa é o seu corpo.

Daniel sentiu seu corpo ser tomado por diversos pássaros que levantaram voo e o levaram. Aos poucos os pássaros foram se fundindo com sua essência e logo voou livremente pelo céu. Avistou um grande lago e mergulhou em sua direção. Voou a poucos centímetros do espelho d’água do lago. Podia sentir a umidade subir e invadir seu corpo. Ligou-se à água, ao ar e voava com velocidade.

*“Ukeweyu rumaakauya, rumaakauya, rumaakauya.
Ukeweyu rumaakauya, rumaakauya.”*

Barulhos de chocalho surgiram. Aumentavam o ritmo e a intensidade com cadência. Daniel imediatamente fora transportado para a floresta de Caracará. Escondido entre as folhagens. Podia ao longe ver pessoas caminhando. Seu corpo parecia bem diferente. Muito diferente. Apesar de ser noite, enxergava bem de uma distância considerável, impossível para um humano. A visão era confusa, cada movimento que as pessoas faziam era potencializado com definições bem características. Apesar de não distinguir seus rostos, por parecerem todos iguais, os movimentos eram peculiares.

Iniciou uma aproximação e deu um salto. Próximo uns dez metros, a onça-pintada. Ela olhou em sua direção, mas pareceu não identificar nada. Daniel aos poucos foi percebendo a situação. Percebia-se realmente ao lado da onça, que espreitava sua equipe. Passou-se um tempo que o biólogo não soube quantificar, sua percepção sobre tudo o que via, ouvia e sentia não entrava em harmonia com seus pensamentos. O fato era que a onça quase não se movia. Em um dado momento levantou lentamente e começou uma aproximação de onde a equipe acampava. Ao se mexer, Daniel chamou a atenção da onça novamente, que mesmo olhando para a direção onde o biólogo se escondia, demonstrava não ver nada. O biólogo começou a imitar

os movimentos da onça. A forma como levantava seus membros e pousava levemente no solo. A respiração. O olhar atento. Passou a segui-la. A onça chegou a estar cerca de trinta metros do barraco. Daniel podia observar e reconhecer com clareza todos os presentes. Reconheceu os gestos em cada um. Foi surpreendido com um bote da onça e tudo escureceu.

Daniel acordou deitado em uma capitiana, rede feita de couro. Tentou lembrar o que havia acontecido. Olhou pela janela da maloca em que se encontrava e viu que era cedo. Acabara de amanhecer. Analisando o cômodo, vários objetos artesanais o cercavam. Colares com sementes de todas as cores. Cajados de vários tamanhos e formatos. Asas de pássaros penduradas em cordas feitas de cipó. Jamachins de todos os tamanhos e formatos. Parecia estar em um museu indígena. Antes mesmo de levantar viu que Iara sentava em um canto da maloca.

— Bom dia, meu amor! Que bom que retornou! — Iara vestia uma veste indígena similar a que usara na noite anterior.

— Bom dia... Onde estou?!

— Depois que você apagou, chamei meu pai e meus irmãos para te carregarem até aqui. Esta é a maloca do meu avô! Deveria se sentir honrado em ter passado a noite aqui! Você deve ter um valor interior muito grande e forte para que ele tenha permitido tal coisa! — um olhar diferente da Iara. Uma mistura de orgulho, paixão, admiração e amor.

— Muito bonita a casa do seu avô! O que aconteceu comigo?

— Não sei. Somente você e meu avô sabem! Na verdade ele sabe de tudo... Só sei que em certo momento ele bateu com o cajado na fogueira levantando uma enorme chama e você caiu desmaiado da pedra. Então eu vim chamar meu pai para ir te buscar. Meu avô que disse que era para te trazer para cá e depois sumiu. Minha mãe falou que ele está se purificando na Pedra Pintada.

— Que experiência fantástica! Nunca imaginei que se poderia passar por algo parecido! Você já fez isso?

— Sim! Uma vez! Esse ritual, digamos, é uma iniciação! A maioria dos indígenas têm essa experiência quando irão decidir o rumo de suas vidas.

— O que você viu?!

— O que sou hoje!

— Só podemos fazer essa experiência uma única vez na vida?!

— Depende... Meu pai já passou por vários rituais. Mas ele é Tuxaua! Às vezes não sabemos que decisões tomar na vida. Muitas responsabilidades. Precisamos viajar até o nosso interior para descobrirmos do que somos capazes...

— Então você não precisa mais desse ritual?

— Por enquanto não!

— Você também desmaiou?

— Eu não desmaiei. O desmaio tem um significado. Mas somente você pode interpretar o que significa. É algo muito particular!

Daniel passou a refletir, cansado. Sua mente não ordenava as ideias com clareza.

— Amor. Sei que você está muito debilitado pela experiência que passou! Venha comigo, quero te mostrar um lugar!

Saíram da maloca do Pajé que ficava cerca de trezentos metros da casa dos pais da Iara. A bela indígena segurou na mão do biólogo e seguiram por detrás de teso. O caminho era de capim nativo com muitas rochas negras. “Olhando lá longe no baixão, as rochas parecem capivaras pastando!”, comentou, Iara. Daniel conseguiu imaginar o que ela havia proposto e juntos riram muito. Dirigiam-se para uma floresta com árvores de baixa estatura bem na base do serrote. À medida que se aproximavam, o clima esfriava sutilmente, o que fora percebido pelo biólogo. “Sabia que essa noite fez um frio danado? Que pena que você nem pôde sentir...” Ao entrarem na mata, imediatamente o biólogo conheceu se tratar de uma Mata Ciliar. Observou com atenção uma trilha de formigas cortadeiras

que trabalhavam com afinco. Iara, pacientemente, esperou seu amado contemplar os detalhes da Natureza. Entre as folhagens pôde perceber o reflexo da água. Ao chegarem a um barranco, contemplou um lindo lago, com vitórias-régias e pequenos peixes mordiscando formigas cortadeiras que caíam na água, no árduo trabalho de retalhar folhas das árvores, que majestosamente pendiam suas copas para o interior do lago.

— Iara! Que lindo lugar! Mas espera aí... Eu estive aqui ontem! Eu voei bem próximo da água! Mas ontem o lago parecia ser bem maior!

— Claro, meu amor, ontem você era um rouxinol! Óbvio que o lago parecia bem maior! Digamos que quase quinze vezes maior! Entende?

Daniel ficou admirado. Agora entendia o que havia acontecido. O motivo da experiência que vivenciara. O porquê do Pajé propor sua iniciação no ritual. A Natureza possuía diversos pontos de vista. Lembrou-se da sua primeira experiência pulando nas árvores, dentro da visão do guariba. A visão do alto das árvores. A liberdade de pular e suavemente pousar em galhos e cipós. E sua última experiência no ritual. Com certeza havia entrado na visão da onça-pintada. O que significaria tudo aquilo? Despertou de seus devaneios ao sentir a água respingando em seu corpo. Iara nadava no lago, glamorosa, triunfante e admirável!

— Venha, amor! Vamos nadar! Pule na água!

— Não sei, Iara... Não gosto muito de água. Tenho medo... Não vou mentir... Sucuri... Jacaré...

— Oras! Então haja como eles que não será molestado! Respeite-os como donos do lago e mostre que também sabe admirar a Natureza, Pataa'Maimu, tudo o que sentimos e somos!

— Então isso é Pataa'Maimu?! Essa é a sua crença, agora entendi...

— Não é apenas uma crença! É uma realidade! Venha! Estou te esperando!

Daniel pulou n'água. Iara, no meio do lago, equilibrando-se em um tronco muito antigo que descansava no fundo há muito tempo. Realmente era linda. Era parte da Natureza que os cercavam. O biólogo deveria fazer parte dela também. Ao seu encontro, abraçou-a

e juntos dividiram o apoio, beijando-se como nunca haviam se beijado. Trocaram carícias, olhares e calores. Em dado momento Iara fugiu do beijo do Daniel e mergulhou. Surgiu alguns metros adiante, apoiando-se em outro tronco. O apaixonado nadou novamente para sua amada e tornaram a se unir. Iara fugiu novamente e nadou até o barranco onde havia um grande tronco para apoio. Com a chegada de Daniel, os dois se abraçaram, e ao som de pássaros e balançar de árvores, amaram-se pela primeira vez, de forma natural, selando o amor, o desejo e a excitação. Iara nunca fora tão feliz! Daniel jamais seria tão feliz.

— Caramba, Ronaldo! Já disse que não quero mais você caçando nessa área!

— E quem vai me obrigar?

— Eu! Se quiser caçar vá pela margem do rio Branco a Oeste da sede principal no sentido da serra do Perdido! Quantas vezes vou ter que repetir que está proibido caçar na área do inventário até a serra do Alemão! Droga!

— Que regra maluca é esta?! Tá querendo me fazer de otário? Agora que o Cuca morreu você quer implantar regras que não fazem nenhum sentido! — as brigas entre Ronaldo e Daniel eram cada vez mais constantes — Pergunte pra turma se eles estão gostando de comer só peixe! Pergunte, rapaz!

— O seguinte é este, viu, Seu Daniel! Nós não aguentamos mais comer peixe e enlatados, não tem?!

— É, Seu Daniel! A gente gosta é de carne! Dá mais força pra aguentar o serviço o dia todo! Peixe nem enche a barriga... — Sapo apertava o cinto em sua calça — Tá vendo?! Desde que o senhor colocou esta regra eu estou emagrecendo. Desse jeito não vai dar!

— A gente não aguenta mais, senhor... — Manel demonstrava indignação — Desse jeito não dar pra trabalhar mais... Peixe não enche barriga não...

— Vocês estão reclamando por quê?! Se estivessem no rabo do facão tudo bem! Mas estão somente instalando parcelas e realizando o levantamento! E tem mais! Não proibi o Ronaldo de caçar! Proibi ele de caçar na área do inventário! Ele pode muito bem ir caçar onde eu disse! Não tem problema algum!

— Agora vou ter que andar quilômetros podendo caçar aqui mesmo!

— Já disse! Não quero interferir neste ambiente, pois é minha área de estudo! Já prejudiquei demais meu trabalho deixando que em todo esse tempo vocês caçassem aqui!

— Tem animal demais nesta mata! Não vai atrapalhar em nada seu maldito estudo!

— Ronaldo, quem manda aqui sou eu! E estou mandando não caçar nesta área e pronto!

— Mas se eu fico longe não posso fazer meu trabalho que é proteger a equipe...

— Proteger de quê?! — Daniel esbravejava — Eu já fui atacado! O Cuca morreu! E onde estava a sua proteção?!

— Olha aqui, rapaz! O Cuca morreu por sua culpa! E se você não fosse tão criança não tinha acontecido nada! — com as palavras de Ronaldo, Daniel tirou o terçado da baina. Ronaldo, por sua vez, apertou com força a espingarda.

— Calma, pessoal! Calma! O seguinte é este que vocês estão muito nervosos, não tem?! Vai dar merda, viu véi! — Raul se colocava entre os dois.

— Sai fora, Raul! — Daniel afastou Raul com um empurrão e foi pra cima de Ronaldo — Como você tem coragem de me responsabilizar pela morte do Cuca?! Todos nós somos culpados! O que te dá o direito de ser imune pela morte do Cuca?! Tá ficando louco?! — Daniel gritava. Ronaldo tinha a respiração ofegante, prestes a explodir.

— Meu Senhor! Nos ajude neste momento de fúria! Acalme os corações quebrantados de seus filhos... — Jesus se punha a orar.

— A culpa foi sua sim! Era para eu ter matado aquela onça, mas você disse que não era para ir atrás dela! Igual a sucuri que engoliu o Cuca! Não queria deixar ninguém matar ela! Você tá aqui só de passagem! Não vai mudar o que fazemos há anos! E eu vou caçar aquela onça!

— Vai?! Quero ver se vai! A ordem é para não matar nenhum animal na área do inventário e isso inclui a onça!

— O seguinte é este, viu véi! O senhor tem que deixar a gente caçar a onça!

— Ninguém vai caçar nada na área do inventário! Quantas vezes vou ter que repetir isso?! Se não obedecerem serão demitidos!

— Olha, Seu Daniel! Não adianta fazer este tipo de ameaças com

a gente! Na rua a gente também consegue serviço! Estamos aqui porque gostamos da mata! Mas serviço de pedreiro é o que não falta em Caracará! Se a gente quiser a gente deixa o serviço... — Sapo não blefava.

— O quê?! Vocês não teriam coragem de fazer isso! E o compromisso que assumiram?!

— Olha, véi! O seguinte é este que este serviço é pesado demais! Já não temos cozinheiro, tamo se virando como dá, e o senhor tá dificultando as coisas, não tem?! Se for para o Ronaldo ir caçar muito longe, vai atrapalhar o serviço, não tem?!

— Então eu vou caçar! Vou hoje mesmo caçar e vou trazer a carne pra vocês! — Daniel não sabia mais o que argumentar — Vou pra margem do rio Branco e mostrar que dá pra caçar sim naquela região!

— Você caçar?! Agora eu vi tudo! Você não é somente criança, é burro também! Desde quando você sabe caçar?! Nunca caçou pra saber como é! E agora diz que vai caçar?!

— Vou chamar o Seu Xereta pra caçar comigo!

— O Xereta não vai caçar com você não! Ele não tem idade pra ficar sendo babá... Olha aqui, rapaz! — Ronaldo havia perdido a paciência — Você pensa que tá mexendo com bicho aqui é?! Pelo que eu saiba estamos aqui para fazer um trabalho pra Bronze Verde!

— Então vão continuar comendo peixe!

— Olha, Seu Daniel, desse jeito nós vamos ter que parar mesmo o trabalho! Consiga outras pessoas pra terminar! — Sapo avisava de forma ameaçadora.

— É mesmo! Desse jeito não tem como continuar! — Manel apoiava o colega.

— Vocês não podem fazer isso! — Daniel, transtornado — Não podemos parar agora! Vamos fazer um trato! Eu deixo Ronaldo caçar, mas vão ter que comer peixe também!

— Negativo, rapaz! Eu caço como eu quiser! Não vou mais ficar na beira do barranco pescando não!

— Por que você tem que ser desse jeito?! Não seria mais fácil se você aceitasse as ordens?!

— Aceitar ordens de você?! Não sabe nem comandar uma equipe!

— Mas agora estou comandando!

— Claro, depois que morre um, todo mundo fica sabendo mandar...

— Mas que droga, Ronaldo! Eu justamente estou fazendo isso para não atçar a onça!

— O seguinte é este, viu véi! Vamos matar a onça de uma vez! Se o problema é a onça, vamos matar ela e pronto, não tem?!

— Não, Raul! A onça não vai ser molestada! Vocês não entendem que nós é que estamos entrando no território dela?

— É você que não está entendendo, rapaz! Você pensa que este trabalho é pra quê?! Depois que terminar o inventário, a Bronze Verde vai abrir estradas, colocar motosserras, tratores de esteiras e esta floresta vai toda abaixo! Quem vai proteger a sua onça?! Me diga!

— Ronaldo tinha razão. Daniel sempre soube que isso um dia iria acontecer — Você querendo brincar de biólogo, mas nós aqui somos todos peões! E você se importa mais com uma onça. Desse jeito você nunca vai conseguir ser chefe! E tem mais! Posso até não ir atrás dessa onça, mas fique sabendo que se ela cruzar meu caminho novamente farei de tudo pra arrancar a cabeça dela! — Daniel encarou Ronaldo. O ódio que sentia por ele nunca fora vivenciado em sua vida. Desejou que Meia Pata o matasse.

— As chuvas do caju parecem que iniciaram. Já chove por três dias seguidos. Vou hoje com Seu Plínio para Caracará e volto assim que as chuvas pararem. Vocês esperem quando tiver uma estiagem e retornem para as medições. Quando cessarem as chuvas, voltarei para ficar com vocês.

— Pode deixar, viu véi! O seguinte é este, vá tranquilo que vamos resolver tudo por aqui! — Raul concordava com sinceridade — E o seguinte é este que pode ficar tranquilo!

Daniel seguiu para a embarcação de Seu Plínio, que estava a sua espera. Velho Xereta tomava seu café, sentado em uma cadeira, no alpendre da sede principal. Ronaldo havia saído para caçar. O clima na floresta quase não havia melhorado, porém, muito silêncio ecoava na mata. Muita angústia, temor e apreensão.

Os tempos que se passaram foram penosos. Quase não falavam do incidente. Na verdade não verbalizaram em momento algum. Os olhares arrazoavam mais. Os semblantes explicavam tudo. O trabalho continuou em seu ritmo normal após a volta de Daniel para o Mundo Velho. Uns levantes de ira contra Meia Pata surgiram. Novamente Daniel não permitiu que a onça fosse caçada. Apenas afirmava o tempo todo que ela seguiu seus instintos e que a sucuri, que realmente havia matado o cozinheiro, tivera seu fim. Para o rapaz, a morte de Cuca havia sido vingada. Mesmo com Raul argumentando que aquela onça também podia ter tirado a vida de Daniel, o biólogo não aceitava os fatos. Queria preservar o animal. Chegou a discutir mais algumas vezes com Ronaldo, afirmando que caçava em demasia. O rastreador retrucava de forma abominável. Não respeitava o biólogo. O considerava fraco. O considerava o principal responsável pela tragédia que havia acontecido. Para Ronaldo, Daniel tinha o poder de ter evitado a tragédia. E não usou o poder. Apesar de Daniel ter assumido uma postura autoritária após o incidente, Ronaldo por diversas vezes jogou em rosto do rapaz que havia demorado demais para agir finalmente como um chefe. Por várias vezes Raul interferia nas discussões dos dois, temendo mais uma tragédia.

Em algumas situações Daniel e Ronaldo chegavam a se empurrar. O que deixava a todos temerosos, angustiados e com o sentimento de terror mais a florado. A decisão de Daniel em deixar a equipe aconteceu por dois motivos. Primeiro, para evitar um confronto trágico com Ronaldo, dando assim um tempo necessário para os ânimos se acalmarem. E, segundo, para ficar perto da Iara. Com ela teria paz. Com ela encontraria felicidade.

Mas também isso se tornara uma dúvida. Com o convívio, Daniel passou a ficar ciumento. O último mês fora tenso. Muito aborrecimento alimentava seu coração. Por muitas vezes, a fúria alavancava suas ações. Dúvidas o corroíam. Não sorria mais como

antes. Não se importava. Não verbalizava o que sentia. Para ninguém. Nem mesmo para Iara. Quando ficava com ela, ouvia mais do que falava. Iara por sua vez não buscava entrar muito em detalhes sobre os sentimentos de Daniel. Sabia que passava por um processo crucial. Finalmente sua personalidade seria formada por completo, um novo estágio da maturidade, e só Daniel poderia encontrar o caminho a trilhar. Restava apenas esperar.

— Tudo bem com você, Daniel? — Plínio fumava um porronca.

— Sim, Seu Plínio. Tudo bem...

— Tá tudo bem com a namorada?

— Sim. Estamos bem. Nos acertamos daquela última vez...

— Eu vi. Ela foi te deixar na orla quando viemos pra cá da última vez. Não perca a chance de ficar com ela, meu amigo! Ela parece ser uma moça de muito valor!

— Eu sei, Seu Plínio. Mas acontece que logo irei embora... Vou voltar pra Natal e ela pra São Paulo... É estranho sustentar um relacionamento que irá acabar em breve...

— Você é muito abestado! — o barqueiro deu uma gargalhada — Mas é normal, muito novo ainda.

— Até o senhor?! Não sei quantas vezes tive que escutar isso... Muito novo! Imaturo! Criança!

— Mas é! Não vou mentir! — um gole na garrafa — Olha, meu jovem, você se preocupa demais com o que vai acontecer amanhã! Por que simplesmente não aproveita o hoje? Aproveite o que pode ganhar de experiência com essa moça e pronto! Não é errado! Sei que sua religião não aprova tal coisa, ficar com mulher só por ficar, mas entenda que outras virão! Aprenda! Aprenda!

— O senhor falando assim até parece fácil... Mas eu gosto muito dela. E não sei se ainda tenho religião!

— Gosta, ou ama?!

— Amo... Mas e se ela não me amar? Sairei perdendo nessa história.

— Amar... Você lá sabe o que é amor?! Provavelmente nem ela sabe ainda...

— Seu Plínio... Só tenho o senhor pra conversar. Desabafar... — Daniel olhava compenetrado para o rio. Plínio o observava com atenção — Cada vez mais está ficando difícil. Comandar o pessoal tá complicado. Ficar com a Iara também. Às vezes tenho vontade de voltar pra minha vida em Natal. Deixar tudo, ir embora e com os dados que já possuo da pesquisa, concluir meu mestrado. Voltar para a igreja, morar com meus pais e quem sabe, entrar em um doutorado, mas lá mesmo no Rio Grande do Norte. Sei não...

— É, meu rapaz. Desse jeito vai ser difícil você amadurecer! Quando as coisas começam a ficar boas, interessantes, você pede arrego! Olha, Daniel, vou falar um pouco aqui sobre tudo isso que você acabou de me dizer. Já que você mesmo disse que só conversa esse tipo de assunto comigo, o que é uma boa coisa, pois ficar falando de sua vida, de seus pensamentos e do que deseja pra muita gente nunca é bom! Pode ter a certeza que um velho como eu não tem interesse algum em te prejudicar, em tirar sarro de você, muito menos contar para outros, o que você, ou qualquer outra pessoa me conta! Mas assim, não pense que os problemas que você está enfrentando com os peões vão ser os últimos com que você terá que lidar! Eu mesmo tenho meus problemas em lidar com as pessoas. O Padre Wilson não me paga faz umas cinco viagens. O Seu Cláudio também tá atrasado. Tô escapando com uns fretes que aparecem de vez em quando. Isso pra mim é um grande problema, pois tenho que mandar dinheiro pra minha mulher, quer dizer, ex-mulher, por causa dos meus filhos. Mas tenho que dar um jeito né?! Ou pegar rio abaixo e me mandar?! Não tem como! Tenho que encarar as minhas responsabilidades... Já o caso de sua namorada, pra lhe ser bem sincero, Daniel, posso dizer que é a primeira mulher de verdade que você conheceu! Bom, apesar de ser a segunda mulher que você namora, olhe só a diferença com a sua outra namorada!

— Tem muita! Apesar de ter gostado muito da minha outra namorada... Mas era diferente. Nós tínhamos um namoro cristão. Só que agora com a Iara é diferente. É mais intenso. Muito mais! Nossas conversas... A forma dela ver o mundo. A forma como nos relacionamos... Mas também, com a Ana não tinha essa desconfiança que eu sinto pela Iara! Eu e a Ana só terminamos porque os pais dela foram embora para Goiás, o pai dela é militar...

— Daniel! Você tem que começar a prestar mais atenção no que fala! Tem que aprender a entender o que acontece com você! Olha só, vou tentar explicar! Com esse seu namoro anterior, você namorava, na verdade, era com a igreja! Tinha toda a igreja pra dar conta do namoro de vocês! Eu sei como é este tipo de namoro. No meu tempo tinha muito, até mesmo na Igreja Católica, só que eu nunca segui essa linha, pois no meu pensamento, mulher pra casar você tem que, primeiro, conhecer e quando digo conhecer não falo nos finalmente não, mas sim em aprender a vencer o medo sem interferência de nada e ninguém! Mas com a sua nova namorada é diferente! Ela é uma mulher já formada e dona de si! E você não é mais da igreja! Ou era... Normal você ter medo.

— O que é este medo que o senhor fala?

— Não me faça uma pergunta que você já sabe a resposta.

— O seguinte é este! Estão todos de acordo, véi?! — Raul comandava uma reunião na floresta.

— Claro que estamos! Quer dizer, eu estou! — Sapo, convicto.

— Tamo mermo! — Manel vibrava empunhando uma vinte.

— Ajudarei só porque eu quero! — Ronaldo limpava sua espingarda.

— Então o seguinte é este! Jesus fica aqui na sede principal com o Velho Xereta, não tem?! E nós vamos atrás desta onça maldita! — todos desejaram este momento. Era a chance que faltava. Daniel não estava presente. Perfeito para caçar a onça. Não seria difícil. Sabiam onde a encontrar, e Ronaldo era um ótimo rastreador. Sem contar que os cães Rambo, Pirão e Urso ajudariam a localizar o rastro de Meia Pata.

— O certo era esperar mais uns dias. Nos últimos dias choveu muito. A floresta está toda alagada. Os igarapés transbordando. — Ronaldo tinha razão. Após Daniel ter ido para Caracaraí com Seu Plínio, choveu quatro dias seguidos sem parar, o suficiente para deixar até o rio Branco inavegável. Somente voadeiras com motores potentes

poderiam vencer a força da correnteza do grande rio. E ainda assim seria uma ação insana, devido aos diversos detritos em suspensão na água, que poderiam ocasionar acidentes fatais, como troncos de árvores. Geralmente as chuvas do caju causavam este efeito. Chuvas torrenciais.

— Vêi, o seguinte é este que onde a maldita se esconde é área de alto, na base da serra do Alemão! Lá não alaga não, viu véi! E justamente o seguinte é este que com tudo alagado fica mais fácil de achar o bicho. E se a gente esperar mais uns dias de estiagem, é possível que Seu Daniel apareça com Seu Plínio.

— Concordo... Vamos tentar. — Ronaldo deu seu aval final.

Sem perder tempo, todos saíram em disparada. Teriam um longo caminho a percorrer, até os limites da propriedade Mundo Velho, onde possivelmente seria a área que Meia Pata se estabelecia. Ainda amanhecia. A picada era tão conhecida por todos que passavam pelos obstáculos com maestria e leveza. Ronaldo seguia à frente, com Raul e Sapo ao centro da coluna. Manel fazia a contenção final. Troncos de árvores eram vencidos com agilidade. Todos possuíam um estilo característico de acordo com seu aspecto físico. Manel e Ronaldo, por serem leves, pulavam pedras, passavam por cipoais e pontes naturais com velocidade. Raul e Sapo usavam a força bruta para cortar cipós e arvoretas com seus terçados. Ao se depararem com barrancos íngremes, Ronaldo e Manel demonstravam segurança ao auxiliarem Sapo e Raul com suas espingardas.

Corriam pela floresta em uma única cadência de movimentos distintos. Nos quinze primeiros quilômetros não pararam nem para descansar, ainda tendo bravamente varado uma área de dois quilômetros de pântano, um baixio alagado e traiçoeiro. Mesmo atolados até a virilha, seguiram sem medo e hesitação. Nenhum animal predador ousaria uma investida contra aqueles homens que tinham determinação exalando em seus instintos. Aos olhos deles não existia mais verde. Não existiam árvores. Não existiam sons e muito menos perigos.

Para seus instintos, a Natureza havia se fundindo com seus corpos. A concentração deles era tanta que até os cachorros haviam percebido que não caçariam pacas, ou então veados, ou até mesmo porcos-do-

mato. Apenas seguiam os humanos, frenéticos e determinados em sua busca misteriosa. Em momento algum os animais passaram à frente dos humanos. Naquele instante eles eram os guias. E os cães respeitaram este gesto por submissão e obediência. Ao chegarem ao acampamento três decidiram descansar. E a caçada iniciaria no dia seguinte.

Quase não dormiram, com a adrenalina que envolvia seus corpos. Descansaram por cerca de cinco horas e seguiram adiante. A estratégia era se dividirem em dois grupos. Raul, Manel e Rambo seguiriam no sentido Leste. Ronaldo, Sapo, Pirão e Urso no sentido Oeste. Não tinha como Meia Pata escapar.

A divisão fora justa. Manel não era um bom rastreador, muito menos Raul, porém Rambo era o cachorro mais bem treinado de Ronaldo. Encontraria a onça. Por outro lado, Ronaldo não dependia muito dos sentidos aguçados de Pirão e Urso, apesar de serem importantes para alertar a presença camuflada da onça. Naquela altura os cães notaram pelo instinto o propósito dos humanos.

O território demarcado pela onça havia sido pressentido. Raul corria na frente. Apesar da insistência de Manel, não diminuía o passo. Rambo farejou o rastro. Seu comportamento alertou Raul que esperou a aproximação de Manel. Com um sinal de cabeça a mensagem fora dada. Chegaram a uma área de piçarra, com várias regiões perturbadas na floresta, de difícil passagem.

Devido à piçarra, formada por um terreno pedregoso, as raízes das árvores não fixavam com firmeza no solo, fazendo com que os espécimes mais desenvolvidos caíssem com tempestades, o que havia ocorrido com intensidade nos últimos dias. Rambo começou a latir e correr na dianteira da coluna caçadora. Raul e Manel apressaram o passo. A onça, próxima. Rambo tomou distância e em um pedral na base da serra do Alemão, encurralaram-na. Manel, que corria de forma lateral evitando as copas de árvores caídas, teve uma visão clara de Meia Pata.

— É ela, Raul! É Meia Pata! Vem rápido! Vá para a base do pedral! — Manel, convicto de que seria capturada.

Rambo avançou em direção à onça. Ao tentar escapar subindo o pedral, a onça ouviu o latido dos outros cachorros, que seguiam para aquela direção. Ainda distantes, mas pela forma como vinham descendo a serra pelo lado Oeste, Meia Pata daria de frente com os caçadores, pois um grande paredão não permitiria que a onça os despistasse.

Ao Leste da serra havia uma Campinarana, que devido ao enorme volume de água, não seria possível Meia Pata adentrar. Sua única saída seria tentar passar por entre Manel, Raul e Rambo e fugir para a vasta área do inventário. Porém, naquele momento, Rambo não permitia que ela cruzasse, havia alcançado o local onde a onça se encontrava. Meia Pata passou a atacar cautelosamente o cachorro, que se esquivava de suas investidas.

— Mete chumbo nela! Mete chumbo nela! — Raul gritava e varava uma copa de castanheira — Daqui onde eu estou ela não passa!

Manel esperou que Rambo se afastasse e, precipitadamente, deflagrou duas vezes! Não chegou a acertar a onça, estava muito longe, e o medo de acertar o cachorro fez com que desviasse muito a mira. Porém com o estrondo, Rambo se assustou e deu espaço para que a onça subisse nos pedrais.

Meia Pata logo identificou que se tratava de Ágil-cauteloso e seu Alto-terrorizante. Pelo instinto iria encurralá-lo. Manel não era tão esperto quanto Velocidade-camuflagem, o Ronaldo. Do alto do pedral percebeu que Robusto-urro ainda passava por entre a copa da castanheira. Observou que Ágil-cauteloso permanecia em alerta, contudo sem conseguir identificar sua posição. O cachorro latia sem parar, mas com certa distância, provavelmente com receio de ser acertado por Manel com sua espingarda. Rambo entendia muito bem o poder da espingarda. Meia Pata, a favor do vento, o que dificultava o Cão-maldito de identificar sua posição. Deu a volta por uma copa de maçaranduba recém-caída, e posicionou-se na direção oposta a Raul, tendo Manel entre eles.

Manel recarregava a espingarda quando, com uma investida rápida, a onça esturrou ameaçadoramente e avançou em sua direção, que ao ver a proximidade do felino, desesperou-se e escorregou do pedral que se encontrava. Caiu de mau jeito, permanecendo no solo. Raul chegou imediatamente e deparou-se com a onça, majestosa diante dos seus olhos, prestes a atacar um Manel debilitado. Raul tirou seu terçado da bainha e partiu para cima de Meia Pata. Rambo, latindo sem parar, correu para trás da onça, ficando ela entre os dois.

— Maldita! Você matou o Cuca! — o urro de Raul estremeceu Meia Pata, que aceitou o desafio. Avançou em Rambo que recuou mantendo a contenção. Raul corria freneticamente em direção aos dois. Rambo bravamente se lançou contra a onça que teve que centrar suas atenções no cachorro, fugindo e mantendo distância segura. Os três, neste jogo de ameaças, chegaram até uma área de piçarra intensa, onde não existiam árvores frondosas, somente alguns espécimes de médio porte formando uma floresta pouco densa.

Raul sentiu que era o momento de atacar. Gritou para Rambo, que com o comando assaltou de forma ameaçadora em Meia Pata. Raul aproveitou a oportunidade de distração da onça e correu em direção de uma ofensiva. Ao perceber, Meia Pata se voltou para o bravo homem que estava a cinco passos de distância, que com seu terçado desferiu um golpe procurando acertar o pescoço do felino. Porém Meia Pata se esquivou e com sua pata esquerda conseguiu acertar o ombro de Raul, deixando dois talhos enormes, fazendo com que o sangue escorresse intensamente. A onça também fora atingida, entretanto somente o couro de seu lombo sofreu com a terçada.

Meia Pata se voltou para Raul. O corajoso homem tinha seu braço estendido em direção ao solo, fazendo com que o sangue escorresse até a ponta do terçado, em um filete contínuo.

— O seguinte é este, viu véi!

Raul jogou o terçado para a mão esquerda e iniciou mais um ataque. Rambo avançou também. Em um bote alavancado por uma saliência rochosa, Meia Pata se lançou de forma fatal, porém Rambo também havia saltado e trombou com a onça, que ainda conseguiu atingir Raul. O homem caiu por terra. Rambo rolou na piçarra e correu ao ser surpreendido por um bote de Meia Pata.

A onça observou o cachorro sair da cena do combate e, de forma lenta, porém firme, aproximou-se de Raul. Um estrondo ecoou. Meia Pata ficou em alerta. Manel havia se recuperado e estava com a espingarda carregada. Correu em direção da onça. Rambo ao ver que Manel voltou à luta, afastou-se do combate. Contra Alto-terrorizante que Manel carregava Meia Pata não teria chance alguma. Subiu novamente nos pedrais e fugiu. Ao chegar até Raul, Manel assustou-se com o ferimento no abdômen. Era profundo. Raul, consciente.

— Raul! Por que enfrentou ela com um terçado? Por quê? — Manel gritava. Rambo latia sem parar.

— O seguinte é este, viu véi... Tinha que fazer... Tinha que fazer...

— Me-meu Deus! O-o que a-aconteceu? — Xereta de longe viu Manel, Sapo e Ronaldo trazendo Raul em uma maca improvisada com uma vara sustentando uma rede. A rede manchada de sangue e Raul agonizava de dor.

— Pai! Prepara a voadeira! Temos que levar o Raul urgente pra Caracará!

— A onça pegou ele, Seu Xereta! Não sei como aconteceu... — Manel, exausto. Assustado.

— Meu Senhor! Mais uma tragédia! — Jesus tinha lágrimas nos olhos.

— Xereta, pega a caixa de primeiros socorros, rápido! Ajuda ele Jesus!

— Sapo gritava em desespero.

— Ma-mas na-não tem jeito de su-subir o rio na-na voadeira!

— Temos que tentar! Eu sozinho vou levar o Raul para a voadeira não ficar pesada. Aguentem firme vocês dois que vou ajeitar as cordas nos armadores! A rede tem que ficar estendida! — Ronaldo amarrou cada punho da rede junto com a vara de maçaranduba que a estendia

— Pai! A caixa de primeiros socorros! E ferve uma água! — Xereta trouxe a caixa com remédios. Raul gemia na rede. Jesus pôs-se a orar.

— Deixa que eu faço isso, Ronaldo! — Sapo pegou a caixa e olhou

o que tinha dentro. Um litro de soro fisiológico; ataduras; tesoura; uma garrafa de iodo; água oxigenada e pomadas. Xereta logo trouxe uma bacia com água fervida — Xereta, traga pano limpo! Camisa! Traga camisas limpas! — Sapo cortou a camisa do Raul. O ferimento que a onça havia feito fora profundo o suficiente para ver as vísceras — Meu Deus do céu! O que eu faço? — Sapo pegou uma camisa do Xereta, cortou as mangas, a gola e mergulhou na bacia com água morna — Raul, aguenta firme, tenho que limpar sua ferida! Poxa, Jesus! Tem como parar com esta choradeira?!

— Ele tá orando, Sapo! Deixa o cara orar! — Manel tentava apaziguar a situação.

— Pois manda ele orar em outro canto! Se não for ajudar, melhor sair fora!

— Não se preocupe, Sapo! Vou orar para que Deus te guie e te dê forças para cuidar do nosso irmão Raul! — Jesus se afastava da sede. Iria orar em uma das casas abandonadas de antigos castanheiros — Vou orar...

— Vá, hõmi! Fique por lá!

Raul gemia, porém permanecia consciente. Sapo torceu a camisa sobre o ferimento do abdômen fazendo com que a água lavasse a área atingida. Raul gritou de dor. Encharcou novamente a camisa e torceu sobre o ferimento. Manel e Ronaldo tentavam segurar Raul. Xereta descia até a voadeira com um carote de combustível. Sapo também limpou o ferimento no ombro de Raul. Era um ferimento profundo. Pegou o vidro de soro fisiológico e esguichou nos ferimentos. Raul gritava, Ronaldo e Manel suavam para segurá-lo.

— Tem linha e agulha aí, Ronaldo?! — Sapo procurava algo enquanto falava — Pega agulha e linha! Sei que o velho tem, vive remendando as roupas dele! Caramba! Onde tem corda? Temos que amarrar ele na rede, já levei duas joelhadas!

— Vai costurar ele?

— O que você acha, Ronaldo?! Não tá vendo que se não costurar ele vai morrer de sangramento!

— Vou buscar a agulha e as cordas.

- Manel, tira água de coco pra dar pra ele!
- Água de coco?!
- Caramba, véi! Tira lá! Já ouvi alguém falar que água de coco é tipo soro! Pelo amor de Deus, pega esta droga! Temos que ajudar com o que temos até ele chegar no hospital!
- Eu vou morrer, Sapo? — Raul gemia.
- Vai não, Raul! O seguinte é este viu véi, que vamos te salvar, não tem?! — Sapo imitou Raul, que momentaneamente sorriu.
- Tá aqui as cordas e a linha com a agulha! — Ronaldo havia revirado a casa toda.
- Raul, meu chapa! Temos que te costurar. Você vai ter que aguentar...
- Sapo colocava a linha na agulha enquanto Manel e Ronaldo amarravam pernas e braços de Raul.
- O seguinte é este que aguento, viu véi! Pode meter a agulha no bucho, não tem?!
- Bota um pedaço de pau na boca dele! — Manel repetia sem parar
- Eu vi em um filme! — Ronaldo pegou uma colher de pau e colocou na boca do Raul.
- Hômi! Aguenta firme aí que vou começar!
- Sapo esguichou um pouco de soro no ferimento e segurando a pele enfiou a agulha. Puxou e enfiou no outro lado da pele rasgada. Após uns pontos, com as contrações de dor de Raul, viu que de nada iria adiantar, os pontos rompiam.
- Merda! Não vai aguentar... Ronaldo! Pega anzol e linha! Vou costurar com linha de anzol mesmo!
- Mas, Sapo! Tem como costurar com anzol?
- Tem não, né, hômi! Mas pega o anzol e corta com alicate! Ou desentorta com martelo! Só me traga o anzol e a linha! Ah! E traga o anzol e linha mais fina que tiver... — rapidamente Ronaldo providenciou o que Sapo pedira.
- Vou costurar o ombro primeiro, que é mais fácil! Lá eu vou aprender a dar ponto mais firme, melhor do que aprender na barriga!

- Ronaldo e Manel olhavam admirados para Sapo. Realmente agindo com iniciativa e dedicação para salvar o amigo — Ronaldo, pega uma garrafa de cachaça e dá pro Raul tomar! Mas faça ele beber rápido! Ele tem que ficar bêbado pra aguentar a dor! Mistura com água de coco e dá pra ele agora!
- A-a voadeira tá-tá pronta! — Velho Xereta chegava a casa.
- Raul, toma esta cachaça! Você quase não vai sentir dor se ficar bêbado. — Sapo iniciou a sutura no ombro de Raul. A cada ponto ele testava uma forma que ficasse o mais firme possível. Ronaldo fazia com que Raul tomasse o preparado de cachaça e água de coco. Velho Xereta observava tudo atentamente. Quando Sapo terminara de costurar os dois talhos no ombro, Raul, completamente bêbado.
- Ao iniciar os pontos no abdômen, o enfermo não se debatia com tanta força, e Sapo pôde suturar. Raul balbuciava palavras sem entendimento algum. Sapo despejou água oxigenada nos ferimentos, o que fez Raul dar um grito e se contorcer um pouco. Alguns pontos arrebutaram e Sapo os refez.
- Sapo! O que faremos agora?! O rio tá muito cheio, não sei se vou conseguir subir o rio com a voadeira... E também já está escuro... Não seria melhor esperarmos até amanhã? — Ronaldo sabia que mesmo sozinho era quase impossível vencer a correnteza, sem falar nos dejetos que flutuavam nas águas, podendo fazer o barco virar...
- Ronaldo, temos que tentar! Eu conheço um pouco o trajeto. Posso assumir esta responsabilidade.
- Não estou dizendo isso! Eu levo ele! Mas de noite é muito perigoso, não podemos ver se algum tronco está vindo...
- Cara! Se a gente esperar até amanhã pode ser tarde demais.
- Eu sei... Vamos tentar.
- Com muito cuidado colocaram Raul deitado no interior da canoa. Ronaldo ligou o motor de popa e desatracou o barco do barranco. A correnteza muito forte. Acelerou o motor ao máximo e foi se afastando lentamente do barranco. Todos ficaram apreensivos observando de um ponto alto. Ainda era possível escutar o ronco do motor se afastando. Em um dado momento, o ronco começou a se

aproximar novamente do ponto de partida. Finalmente o barulho do motor cessou, com o típico som de motor estancando.

— O mo-motor apagou! — Xereta fez o comentário que deixou um sentimento de terror em todos!

O motor estancado significava que a voadeira ficou à deriva naquela correnteza forte. Em poucos instantes eles ouviram os gritos de Ronaldo. Realmente o barco perdera o motor. Uma movimentação desesperada se iniciou no barranco. Manel correu para a sede em busca de uma corda. Sapo gritava sem parar tentando um diálogo com Ronaldo. Xereta corria pelo barranco rio abaixo.

— O motor trancou! O motor trancou! — era possível entender o que Ronaldo gritava. — Não consigo controlar a correnteza com o remo!

— Nós vamos ajudar! — Sapo tentava acompanhar o barco correndo pela margem.

— Onde vocês estão?! — era Manel gritando.

— A voadeira já passou! Tá descendo o rio! — com o grito, Sapo direcionou Manel.

— Caramba! A curva da pedra! A voadeira vai bater no pedral da curva! — Manel correu como louco. Alcançou Sapo que seguia com o Xereta.

— Onde vocês estão?! — Ronaldo gritava desesperado — A curva da pedra! Não vou conseguir tirar a voadeira do rumo do pedral.

— Se acalma, Ronaldo! — Manel gritou adiante de onde o barco descia a correnteza. Ronaldo sabia que se encontravam um pouco antes da curva da pedra.

— Amarra este cabo na minha cintura, Sapo! — Manel não encontrando corda, pegou o cabo de aço de cinquenta metros que usavam para marcar as distâncias na picada — Amarra logo, cara!

— Tá maluco, Manel?! Este cabo vai te cortar no meio, droga!

— Cara, não tinha outra coisa! Amarra logo, caramba!

— Bo-bota meu cinto e-e ama-marra o ca-cabo nele!

— Isso, Velho Xereta! — Sapo deu um abraço no velho — Bota o cinto logo, Manel!

— Calma, Iraelson! Tô colocando, calma! — Manel apertou o cinto e Sapo amarrou o cabo com firmeza — Tomara que o cinto não arrebente!

Manel pulou na água. Nadou um pouco até pegar a correnteza e gritou:

— Sapo, segura firme agora! — Sapo usou uma árvore como calço para segurar o cabo com firmeza — Ronaldo! Ronaldo! — Manel procurava a localização da voadeira — Ronaldo! Responde!

— Manel! Vamos bater no pedral!

— Consegue me ver?! Eu estou na água! Me pegue com o remo!

— Não estou te vendo... Espera... Agora sim! Agora sim! Cuidado! A voadeira vai passar por cima de você! — como previsto, a voadeira passou diretamente no local onde Manel flutuava. Mesmo com Ronaldo tendo usado o remo para tentar desviar, tinha sido tarde demais.

— Solta mais cabo, Sapo, que vou nadar até a voadeira! — havia escapado! Ao ouvir Ronaldo dizendo que ia passar por cima de Manel, imediatamente Sapo soltara alguns metros de cabo, o que ajudou Manel a sair do caminho da voadeira, mas perdendo a chance de abordagem — Solta mais cabo! Tô quase lá!

— Vai acabar o cabo, caramba! Tu tá sem tempo!

— Peguei! Cheguei no barco! Amarra o cabo, Sapo. — Ronaldo ajudou Manel a subir na voadeira, que tirou o cinto rapidamente e deu algumas voltas no gancho existente na proa. Imediatamente um solavanco forte acometeu o barco quando o cabo estirou. Por pouco Ronaldo não caiu na água. Raul soltou um gemido agudo.

— Vamos, Manel! Nós dois remando podemos levar a voadeira até a margem! Vamos antes que o cabo arrebente!

Remaram até alcançar a margem. Com muitas dificuldades retiraram Raul da voadeira. Levaram-no para a sede. Muitos pontos na barriga romperam. Sapo tornou a costurar. Não tendo mais ataduras

para envolver o abdômen de Raul, lavaram um lençol, fizeram dele tiras e improvisaram as ataduras.

— E agora, Sapo?! Será que ele aguenta até alguém chegar aqui? Com esta correnteza o Plínio não vai descer até a fazenda! E com muita sorte, se não chover por quatro dias, é provável que Seu Plínio venha!

— Sei não, Ronaldo... E se chover amanhã?! Não sei se o Raul aguenta tantos dias assim não... Ele perdeu muito sangue... E você viu como que tava cheio de pus na barriga dele?! A miséria é que não tem remédio nenhum aqui!

— Vamos levar ele de reboque pela serra do Perdido até Vista Alegre! É o jeito! — com a proposta de Ronaldo, Sapo estremeceu.

— Meu amigo, ir pela serra do Perdido pra Vista Alegre vai demorar uns seis dias, no mínimo, isso a gente contornando a serra, porque subir ela levando Raul de reboque é impossível!

— Ir pela serra do Perdido?! — Manel que ouvia a conversa de longe havia se aproximado — É uma possibilidade... Mas seis dias é muito tempo. Mesmo a gente andando sem parar! Sem contar que o Raul é pesado.

— Mas o Xereta conhece um caminho no meio do baixão que tem como passar! É atoleiro, mas encurta e muito a caminhada! Eu sei que vai tá muito alagado, mas tem como passar, e pode ser que demore um pouco mais que três dias!

— Existe mesmo este caminho, Ronaldo?!

— Existe sim, Manel! É uma parte mais elevada que tem no baixão! Inclusive a estrada que a Bronze Verde pensa em fazer passa por uma parte deste caminho pra depois pegar o contorno da serra. O Engenheiro Cláudio me mostrou o mapa. É por aí que eles pensam em tirar a madeira do projeto! No início é bem alagado, mas, mais para o meio, tem partes até com terra seca! Temos que tentar!

Apresentaram a proposta para o Velho Xereta. Apesar de ele fazer um olhar de reprovação, sem falar nada pegou seu terçado, uma lanterna e iniciaram, mesmo na escuridão, a tentativa de salvamento do Raul.

Era duas da madrugada, mas não podiam perder tempo. Sapo e Ronaldo carregavam a rede, e de vez em quando eram rendidos por Manel e Jesus, que fora interrompido de suas orações para ajudar na empreitada. Velho Xereta guiava a todos com segurança, sabia andar por aquela mata mesmo de olhos fechados. Raul recobrou a consciência sentindo muitas dores em seu abdômen. “Eu vou morrer, viu véi! O seguinte é este que eu vou morrer, não tem?!”, repetia sem parar. Atravessar os igarapés e subir e descer os barrancos fazia com que todos botassem uma força descomunal para conduzir Raul. Até Xereta ajudava nessas horas, sem ser censurado por seu filho, devido ao esforço excessivo que faziam.

O dia finalmente clareava e a caravana aproximava-se do baixão. A partir de um ponto, o caminho era diferente do conhecido por Manel, Sapo e Jesus. Xereta havia tomado uma rota um pouco ao Norte do ponto da base da serra do Perdido.

— Já-já ta-tamo perto do-do baixão! — disse Velho Xereta, que passou a cortar um cipoal junto com Manel.

Jesus improvisou encaixes em duas árvores próximas uma da outra, talhando sulcos no tronco com os terçados, e assim Sapo e Ronaldo puderam encaixar a rede com Raul para descansarem enquanto Xereta e Manel continuavam abrindo passagem no cipoal. Em certo momento, Xereta jogou o seu chapéu no chão e Manel se ajoelhou.

— Eu sa-sabia! — gritou o velho.

Sapo, Ronaldo e Jesus correram de encontro ao cenário. Sapo começou a chorar. Jesus orou como nunca em sua vida. Ronaldo se justificou afirmando que ainda tinha uma esperança de que aquilo diante deles poderia não estar acontecendo. A última esperança havia acabado perante seus olhos. Centenas de jacarés ocupavam o alagado do baixão.

MEIA PATA

A CAÇADA

A esposa de Raul pranteava sobre o caixão. Um caixão vazio. Raul não resistira aos ferimentos e veio a falecer dois dias após o confronto com a onça. Como se passaram alguns dias até que Seu Plínio chegasse à fazenda Mundo Velho, havia sido sepultado. Quando a perícia foi averiguar a causa da morte, apenas desenterraram Raul e olharam os ferimentos. Bateram fotos e o enterraram novamente.

Daniel imóvel e Iara chorando, agarrada em seu braço. Sapo tinha os olhos vermelhos. Velho Xereta segurava seu chapéu enquanto dizia algo para Ronaldo, que permanecia ao seu lado. Jesus mostrava-se muito emocionado. Às vezes comentava com sua esposa que se Raul tivesse pelo menos aceitado o Senhor como seu único Salvador antes de morrer, estaria rumo à vida eterna uma hora dessas. Manel chegou com Seu Plínio. O barqueiro se direcionou para Daniel.

— Com licença, Dona Iara. — disse o prático em reverência à moça — Daniel, o Seu Cláudio mandou esta carta com dinheiro para a esposa do Raul. — cochichou no ouvido do rapaz — É para os gastos com o enterro e uma quantia de consolo. Seu Cláudio está resolvendo tudo com a polícia. Não vai dar nada para vocês já que a perícia, que veio de Boa Vista, confirmou que ele morreu de ataque de onça mesmo. O problema maior é com o prefeito que está querendo embargar o projeto. Mas ele está em Boa Vista com o Mister Peter, negociando... Bom, foi o que o taxista disse, que ele mandou dizer pra você. — Seu Plínio tinha tristeza no coração pelo ato que pronunciava, mas não tinha outra opção.

— Tudo bem... — Daniel pegou o envelope e colocou no bolso — Depois eu falo com a esposa... — o rapaz foi calado por uma tapa no rosto! Todos os presentes fitaram em direção a Daniel.

— Meu marido está morto! Morto por uma onça! Uma onça que poderia ter sido caçada quando você foi atacado por ela! — a esposa de Raul transtornada. Daniel permaneceu com a cabeça baixa. Iara soltou lentamente a mão do rapaz e deu um passo para trás — Você, estudado “não sei lá o quê”, disse que não era para ela ser caçada. Disse que tudo tinha sido um acidente, que...

MEIA PATA

— Não foi um acidente! — Daniel falou de forma firme — Eu confesso que não foi acidente.

Todos olharam o rapaz sem entender nada. Ronaldo, Manel, Jesus e Sapo ficaram tensos. Velho Xereta percebeu a aflição do Ronaldo. A mulher do Raul tinha calado o choro. Iara ficou confusa. Jesus sorriu, um sorriso fruto de alegria e medo.

— Dona Maria, ele morreu tentando diminuir nossa culpa pela morte do Seu Francisco... — todos na capela murmuraram. A esposa do Cuca, irmã de Jesus, olhou assustada em direção ao Daniel.

— Daniel! Você está emocionado demais! — Sapo interferiu — Fique de boa.

— Não, Sapo! Hoje será dita a verdade! — Jesus falou “Aleluia!” enquanto chorava. Todos os outros envolvidos olharam com pânico. Velho Xereta cochichava ao ouvido de Ronaldo, que balançava a cabeça o tempo todo, ora concordando, ora discordando. A esposa do Cuca também se colocava ao lado de Daniel, juntamente com a esposa de Raul — Na noite em que mudamos o acampamento, deixamos seu marido sozinho no outro acampamento de propósito. Para fazer uma brincadeira. Queríamos assustar ele. Todos concordaram. Quer dizer, Jesus não se manifestou e Raul foi contra. No final aconteceu o que aconteceu...

— Você agora diz que esse tempo todo a culpa foi de vocês? — a esposa de Cuca se pôs a chorar. Todos esperavam o desfecho.

— É verdade que falamos que não iríamos caçar a onça, pois consegui convencer a todos que ela não atacaria novamente. Eu tinha conversado com um especialista em onça e ele disse que...

— Especialista em onça?! Meu marido está morto! E o dela também! — Dona Maria olhava o biólogo com desprezo.

— Disse que era muito improvável ela voltar a aparecer. — continuou — Combinamos que se aparecesse aí sim a mataríamos. Só que quando apareceu novamente, existiram fortes indícios de que a onça afugentou o Francisco até o igarapé onde a sucuri o pegou.

— Como assim?! — não podia acreditar que a pessoa que Daniel tinha se mostrado não existia mais.

— Mais uma vez convenci a todos de que a onça não tinha agido de forma ofensiva... — Daniel falava fixando Iara. — Não nego, sou ecologista! Mas porque, como biólogo, quero preservar a obra do Senhor!

— Obra do Senhor?! — a mulher do Raul continuou — A obra do “senhor” deixou três filhos desamparados! — Dona Maria procurou seus filhos e os abraçou

— Raul estava determinado em matar a onça. Aproveitou minha ausência na floresta para caçá-la...

— Então você assume a culpa dos dois que morreram! — Sapo interrompeu um Daniel nervoso. Com vergonha. Tinha medo.

— Assumir?! Sim! Estou assumindo a nossa responsabilidade! Ou irresponsabilidade! Quando Raul foi atrás da onça, queria nos redimir de nossos atos!

— Daniel. Por que não me contou isso? — Iara, decepcionada.

— Contar?! — Daniel voltou-se para Iara de forma brusca — Contar?! Eu não preciso te contar tudo! Nem te conheço o suficiente para ter que te contar tudo!

— Daniel, você não é mais o homem doce que conheci... — e, chorando muito, Iara saiu da capela.

— Cara, você tá fazendo bobagem... — Sapo agora se preocupava era com a integridade moral do rapaz.

— Bobagem o quê, Sapo?! Vamos assumir! Raul quis amenizar nossa vergonha! Não aceitava o fato de não ter ido, ele mesmo, sozinho resgatar o Cuca! Não aceitava o fato de que Jesus não se posicionou, mesmo Cuca sendo seu cunhado, e deixou que nós decidíssemos ficar no outro acampamento!

— Jesus não me contou nada... — a esposa de Cuca balbuciava.

Um murmúrio tomou conta da capela. Daniel procurou Iara entre as pessoas. Andou até o portal da capela e constatou que a moça realmente tinha ido embora. “Melhor assim.”, pensou. Voltou para o interior da capela, observou todos de sua equipe e, diante do caixão de Raul, bradou:

— Nós vamos voltar para a floresta! — todos os presentes se calaram — Vamos amanhã organizar as coisas e voltaremos para a floresta.

— Vão voltar e matar mais pessoas com brincadeiras? — ironizou desesperada, a viúva de Raul.

— Não, Dona Maria. Vamos terminar o trabalho! Temos que terminar, para que a vida e o trabalho do Francisco e do Raul não fiquem em vão! — Xereta observou Daniel com admiração. Ronaldo olhava de forma fixa. Sapo balançava a cabeça e Manel permanecia imóvel. Seu Plínio esboçou um sorriso.

— Meu marido não vai! — disse a esposa de Jesus.

— Desculpem. Eu não vou... — após dizer isso, Jesus e sua esposa se retiraram do velório.

— Seu Xereta! — Daniel olhava o velho de forma questionadora.

— E-eu e me-meu filho mo-moramos lá!

— Sapo! Manel!

— Eu vou... — Sapo, arrependido.

— Eu vou também! — Manel tinha vigor nas palavras.

— Ótimo! Dona Maria. Dona Odete. — o rapaz se aproximou das duas viúvas — Prometo que iremos trazer a onça para as senhoras! — as duas olhavam emocionadas, porém Dona Maria logo se revoltou:

— Tá! E como saberemos que é a onça dita cuja? — falou de forma desafiadora.

— Traremos a onça! Ela só tem meia-pata!

Após uma semana, com o nível do rio mais baixo, o barco de Seu Plínio atracou na fazenda Mundo Velho. Daniel chegou à área da sede, abaixou sua mochila de alpinista no chão e começou a retirar diversos objetos. Dois terçados de dezoito polegadas, lanterna, pilhas e cinco caixas de munição para espingarda calibre vinte!

— O-o que va-vai fazer rapaz?! — Xereta observava atentamente os movimentos do Daniel.

— Vou atrás da onça! E aviso logo que vou sozinho! Sapo assume o trabalho! Manel e Ronaldo irão ajudar! Voltarei depois de trazer a onça!

— Hômi, deixa disso... Você tá ficando doido! — Sapo mostrava indignação.

— Seu Daniel, você nem sabe atirar... — Manel comentava o óbvio.

— Se Seu Daniel quer ir, deixa ele ir então! — Ronaldo apareceu de dentro da casa com sua espingarda vinte, e entregou para Daniel.

— Obrigado, Ronaldo... — Daniel fixava seus olhos nos do rastreador.

— Ro-ro-ronaldo! — Xereta, enfurecido.

— Pai! Ele quer fazer isso sozinho! Tem os motivos dele!

— Ma-mase-ele va-vai se ma-matar na mata! — Xereta não concordava de jeito algum com a situação. Daniel observava, enquanto colocava os cartuchos no cano duplo.

— Pai, entenda, é a responsabilidade dele. Ele é o chefe da equipe! Era trabalho dele manter a equipe organizada. Eu vou pro terçado junto com Sapo e Manel. — Ronaldo tinha tomado sua decisão — Vamos continuar o trabalho. Temos que fazer isso pelo Cuca e Raul. Ele prometeu trazer a onça para as mulheres dos dois. Não tem jeito!

— Verdade, Seu Xereta, ele prometeu. — Sapo concordou com Ronaldo. Pelo aspecto, Manel também. Daniel separava os mantimentos.

— Se-se for a-assim... Tome, rapaz! — Velho Xereta lançou seu trinta e oito para Daniel — Va-vai precisar... — Xereta se encaminhou para o interior da sede principal.

— Obrigado, Velho Xereta! — Daniel olhava para o trinta e oito enquanto sorria. Meteu o revólver no cinto — Obrigado, Ronaldo! Obrigado, Sapo e Manel! Conto com vocês. Sairei agora mesmo, sem perder tempo.

— To-tome isso! — Velho Xereta saiu da casa sede com seu jamachim — U-use este jamachim! É o-o mais leve e-e resistente.

— Obrigado, Seu Xereta! Você reformou o jamachim! — Daniel pegou o jamachim e iniciou o estoque de mantimentos. Seu Plínio estava na área da casa-sede tomando um café, sem se envolver com o que acontecia.

— Antes você terá que escutar o que tenho a dizer. — o biólogo continuou agachado, porém olhando para Ronaldo enquanto segurava o jamachim — Você vai precisar de um cachorro forte. Leve o Rambo.

— Não vou levar cachorro. — Daniel continuou colocando os mantimentos em sua mochila artesanal.

— Pelo menos por um tempo. Ele vai te ajudar a andar em silêncio na mata. Ele indica os melhores lugares para atravessar a mata. — Ronaldo tentava convencer Daniel.

— Vou andar entre o primeiro picadão e o segundo picadão do inventário. Não tem como eu me perder. Lá vou aprender a andar tanto no sentindo Leste-Oeste e Norte-Sul pela floresta. — a ideia parecia ter lógica. Como os dois picadões foram abertos no sentido Norte-Sul, andando entre o picadão um e o picadão dois, e vice-versa, daria noção Leste-Oeste.

— Tudo bem. Concordo. — Ronaldo, impaciente — Mas você vai precisar aprender a andar na mata como os bichos andam! Em silêncio! O cachorro vai te ensinar.

— Pensei que eram os homens que ensinavam os cachorros.

— Ensinam depois que aprendem. E com um cachorro experiente é bom de aprender. — Ronaldo acenou para Rambo com um assvio. O cachorro juntou-se a ele — Agora é só chamar, que ele vai com você. Daniel apreciou o cachorro a fitá-lo. Terminou de colocar os mantimentos no jamachim e levantou. Olhou todos. Velho Xereta e Seu Plínio tomando um copo de café. Sapo fumando um porronca enquanto Manel enrolava um cigarro também. Direcionou-se para Ronaldo, colocou o jamachim nas costas e assviou para Rambo, que imediatamente se levantou e foi de encontro ao rapaz — Tem mais uma coisa que quero te falar. — o rastreador retomou a palavra — Temos que combinar um lugar pra gente se encontrar. Um só lugar. Toda semana. De sete em sete dias. Também temos que dar notícia

pra você de algo, como por exemplo, uma mensagem urgente da sua terra.

— Tudo bem! Combinado. Vamos nos encontrar daqui a sete dias, meio-dia em ponto, na clareira do baixão. Entre o quilômetro dezesseis do picadão um e dois! — era um local de difícil acesso. Mas a dimensão da clareira permitia que quem chegasse, ficasse visível na borda da área perturbada de mais ou menos cento e cinquenta metros de diâmetro.

— Ótimo! Boa escolha, Seu Daniel. Lá podemos nos encontrar em silêncio. Não se esqueça de observar bem o cachorro. E se ele sumir, não se preocupe. Difícil vai ser você se esconder dele!

Daniel deu uma gargalhada. Apertou a mão de Ronaldo e saiu em direção ao picadão um. Na altura de entrar na vegetação densa, olhou para trás e viu todos se movimentando no barraco. Rambo avançou na frente e sumiu no picadão. Enquanto seguia na picada, observava a forma como Rambo se locomovia. Experimentava usar o mesmo caminho dentro da mata, na periferia do picadão. Realmente em alguns pontos era mais fácil de cruzar os obstáculos. Não podia deixar de pensar em uma estratégia. Mas qual? Não fazia muita ideia de como encontrar a onça. Ainda não. Então resolveu, como primeiro passo, ver o quanto aguentava andar sem parar. Caso tivesse muita resistência, pararia por volta das cinco horas da tarde. A princípio iria ficar em um dos acampamentos. Mas logo compreendeu que esse plano era inútil. Teria de qualquer jeito que ficar no acampamento dois. Pela distância, chegaria cedo ao acampamento um, porém pelo horário em que chegaram à fazenda, oito horas da manhã, provavelmente estaria por volta de meio-dia no primeiro posto. Era uma caminhada de dez quilômetros. Perderia uma hora para almoçar, e estaria no acampamento dois por volta de quatro e meia da tarde, sete quilômetros adiante. Teria que descansar novamente, mais ou menos meia hora.

Tentar ir para o acampamento três significava andar na floresta pela escuridão. Os sete quilômetros renderiam mais ou menos três horas e meia de pernada. Daniel ainda não estava preparado para andar sozinho pela noite na picada. Mas não seguiria sozinho! Rambo seria o sentido aguçado na noite. Decidido! Daniel andaria até o acampamento três. Não podia perder tempo.

Suas roupas secavam na armação do acampamento dois. Havia iniciado o crepúsculo. Daniel observava Rambo enquanto tomava banho no igarapé. Rambo mostrava impaciência. Queria andar mais. O cachorro queria percorrer as mesmas distâncias que seu dono, Ronaldo. Algo impossível para Daniel naquele momento.

— Você ainda não entendeu, né?! — falava com Rambo, que ficava atento — Não sou igual ao Ronaldo! Vamos parar no acampamento três... — Daniel pensou um pouco — Vou ter que definir meu território... — falou baixinho — Isso mesmo, Rambo! Amanhã vou iniciar meu teste de resistência. De dia andaremos pela mata! À noite pela picada! — o cachorro latiu — A princípio farei caminhadas em diagonal até os picadões. Depois, quando começar a anoitecer irei para o acampamento mais próximo. Com uma semana aprendo a andar na mata! — Daniel ficara de pé, entusiasmado. Rambo latia sem parar — E você, meu amigo, vai cansar! — Daniel gargalhava enquanto saía do igarapé.

O rapaz colocou o jamachim nas costas e assobiou para Rambo. O cão se pôs logo adiante, rumo ao acampamento três. Daniel não imaginava que o trecho entre o acampamento um e dois era tão rigoroso. Acostumara-se a caminhar de um acampamento para outro, mas mesmo com seu desempenho, na tentativa de encontrar Cuca, não aguentava com facilidade as longas caminhadas. Teria que resistir. Era a primeira lição. E Ronaldo tinha em mente que, para Daniel pegar a onça, teria que andar quase no ritmo do cachorro.

Escurecia.

— Rambo! — o animal olhou enquanto corria na frente — Agora são seus olhos! Fique perto de mim! — a firmeza nas palavras fez com que o cachorro diminuísse a velocidade. Daniel por outras vezes tinha tentado fazer com que o cachorro ficasse próximo. O animal esperava até o ponto da aproximação visual entre os dois e saía em disparada. Daniel sempre tinha que correr para se aproximar de Rambo. O tom de voz foi determinante para que Rambo permanecesse próximo.

Com a floresta totalmente escura, lembrou-se da semana que passara, entre aquele momento e o velório de Raul. A forma como havia tratado a Iara... Nessa semana, os dois se cruzaram algumas vezes pelas ruas da cidade e trocaram apenas algumas palavras. Por mais que Daniel tentasse, não lembrava nem uma única frase das que foram ditas. O nervosismo, que sempre sentia ao se aproximar de Iara, fazia com que bloqueasse a mente. Porém, para Daniel pensar em Iara naquele momento não era a prioridade. Tinha que se concentrar no que fazia. Tinha que prestar atenção em seu propósito. Focar em Rambo.

Ao chegarem a um baixio, Daniel sentiu a bota atolar na lama. Rambo corria espalhando água para todo lado. Parte dos mantimentos, o rapaz havia deixado no acampamento dois. Com o jamachim mais leve, quase não sentia nas costas. Alguns obstáculos eram difíceis de passar. Principalmente as pontes de troncos caídos. Logo o cheiro insuportável da vara que fuçava no baixão deixou o rapaz em alerta! Encontrar com os porcos na escuridão seria perigoso. Rambo, que havia percebido há tempos a presença dos animais, buscava fora da picada um caminho que desviasse os dois da atenção dos porcos.

Por volta de oito e meia da noite, Daniel chegou ao acampamento três. Rambo se aproximou do igarapé e tomou muita água. O biólogo tirou os mantimentos das costas e procurou com a lanterna os lampiões. Acendeu os três que existiam pendurados. Observou o barraco em boas condições. Procurou no canto do poste central o vidro de querosene. Ainda possuía bastante fluido. Na prateleira da cozinha mais dois vidros. Também havia sabão em pedra. Da mesma forma que nos outros acampamentos.

Sempre fora uma determinação do Daniel deixar, em todos os acampamentos, os itens mais básicos: sal; querosene; rede; isqueiro e sabão em pedra. Imaginava que algum dia alguém poderia usar os acampamentos e, com estes itens básicos, a pessoa tomaria banho, acenderia os lampiões, salgaria uma carne e dormiria em uma rede de forma confortável. Em todo canto existiam tocos de velas. Levantou a botija de gás e constatou que estava pela metade. O suficiente para não precisar fazer fogueira. Testou o fogareiro e uma das duas bocas ainda funcionava.

Ronaldo se aproximava de forma cautelosa na clareira do baixão. Uma semana havia se passado desde a ida de Daniel. Faltavam apenas dez minutos para meio-dia, e nenhum sinal do rapaz.

— Onde é que ele está?

Ronaldo saíra do quilômetro dez do segundo picadão e andou em direção à clareira na diagonal, sentido Noroeste. Deu uma volta em toda a clareira, mantendo sempre uma distância de mais ou menos cinquenta metros, até que chegou à borda da área perturbada na floresta. Nada do Daniel.

— Onde diabo ele está?!

— Aqui! — Daniel respondeu, que aparecia de uma vez com Rambo, que correu para o seu dono — Meio-dia em ponto! Alguma novidade?

— Nenhuma. Apenas que já estamos no quilômetro dez! — realmente esta era a única novidade que existia — Diga você agora as novidades, Seu Daniel. — Ronaldo estava curioso em saber o progresso do rapaz.

— Quilômetro dez, né?! Hum... Há quatro dias vocês estavam no quilômetro oito... — Ronaldo se assustou! Daniel estivera próximo de onde trabalhavam — Uma parcela a cada dois dias? Ainda tá muito lento... — Daniel tentava imaginar o que atrasara o trabalho.

— É que o Sapo tá instalando a parcela com muito cuidado, para não acontecer nenhum erro. E também o tempo ainda não firmou, como o senhor sabe, e eu ainda estou me acostumando com o trabalho. Mas vamos melhorar o rendimento, Seu Daniel.

— Pode me chamar só de Daniel, Ronaldo. — o rastreador balançou a cabeça positivamente — Bom. As novidades são as seguintes. Já consigo chegar de um ponto a outro sem precisar usar os picadões. Consigo me orientar até que altura preciso andar. Aprendi a usar a bússola sem um ponto fixo.

— E quanto você consegue andar? — Ronaldo queria saber se o rapaz havia realmente trabalhado.

— Ontem foi meu teste de resistência. Saí do acampamento três pela manhã, fui até a primeira parcela perto da sede principal e voltei até o acampamento um novamente. E fiz todo este percurso em nove horas! — esperava a reação do rastreador.

— Tudo isso?! Com certeza o Rambo cansou! São mais ou menos trinta quilômetros... — pensava.

— Trinta e três! E o Rambo cansou sim! E eu também! Descansamos o bastante.

— Tô vendo que tá se alimentando bem! O Rambo também tá forte! Tá conseguindo caçar, Daniel?

— Sim. Pescar também. Minha pontaria está melhorando a cada tiro. Teve um dia que eu gastei uns cartuchos treinando. Mas já consegui pegar duas cutias, um mutum e um pequeno veado, que eu salguei. Vamos almoçar lá no acampamento um?!

— Claro! — sorriu Ronaldo.

— Então para não ficar com muita fome coma este churrasco de carne de veado! — Daniel tirou uma sacola amarrada na cintura e deu um pedaço generoso para Ronaldo — Assim os nove quilômetros serão menos penosos.

Daniel deu meia volta e Ronaldo o seguiu. Rambo foi à frente e sumiu do campo de visão dos dois. Logo de cara o rastreador percebeu que Daniel realmente mudara. Em apenas uma semana andava de forma mais leve e ágil pela floresta. Em alguns pontos os dois se separavam, e quando voltavam a se encontrar, ora Daniel na frente, ora era Ronaldo. De vez em quando Rambo aparecia tanto para um, quanto para o outro. Ronaldo avaliava de forma positiva o desempenho do rapaz. Chegaram ao acampamento em duas horas.

— Muito bom, Daniel! Deu em cima do acampamento! Você está bem orientado na floresta. — Ronaldo realmente estava admirado — E a onça?

— A Meia Pata?! Não apareceu. — Daniel arrumava o almoço — Se apareceu não se manifestou. Algumas vezes o Rambo latia diferente, eu até achava que era ela, mas não achamos nada. Ainda não é tempo de ir à sua procura. Tenho que começar a simular como vou ficar

na floresta. Ela não vai mais vir no picadão. Terei que ir para a área Noroeste, — Daniel apontava a direção — é lá que ela está! Aquela área é o coração do território dela.

— Eu sei que é... — Ronaldo, preocupado. Imaginou que o rapaz desistiria de sua empreitada em uma semana. Mas agora confirmava que mostrava determinação — Cuidado, Seu Daniel. Você tem que saber andar muito bem na mata para dar o bote nela. E o Rambo? Vai ficar com saudades...

— Na verdade queria ficar com ele mais um tempo... Posso ficar com ele mais um tempo?

— Pode mermo! Viu como é bom?! — o rastreador deu uma gargalhada.

— Fique o tempo que quiser. O Rambo é bom na mata!

— Agora eu sei! Muito bom mesmo... Ronaldo, por acaso você viu o Seu Plínio? Ele já chegou?

— Vi sim! Ele chegou ontem. Disse que falou com sua namorada, mas ela ainda está muito magoada com você. Ele vai embora depois que eu voltar na sede e dar notícias suas. — Ronaldo reportou quase tudo o que Plínio havia dito — Disse também que Seu Cláudio gostou muito que nós voltamos para o serviço! Disse que você fez um bom trabalho.

— Maldito! Só pensa no imundo dinheiro!

— O Pai mandou isso aqui pra você. — o rastreador retirou seu jamachim das costas, e entregou pacotes de açúcar e de café — Como tá de cartucho?

— Pede pro Plínio comprar mais cartuchos, e muita munição para o revólver. Quero treinar com ele. — Daniel empunhava a arma e fazia movimentos ágeis. Havia treinado — Apenas dei um tiro com ela. Apesar do primeiro tiro falhar. — Sorriu. O rastreador balançava a cabeça enquanto esboçava alegria — Ronaldo! Por favor, pede ao Plínio não contar para ninguém o que estou fazendo. Se ele contar para alguém, Seu Cláudio cedo ou tarde saberá, e depois meu orientador, até chegar aos meus pais! Não quero preocupá-los!

— Pedirei para ele não contar... Só que seu espetáculo no velório do Raul se espalhou pela cidade. Acredito que você não tenha muito tempo até essa notícia chegar até seus pais. Seu Plínio comentou que Seu Cláudio perguntou se era verdade, mas ele desmentiu, disse que era conversa do povo. Só que você é notícia em Caracará! Uns dizem que você vai acabar matando a todos. Outros dizem que você não vai trazer onça coisa nenhuma. Olha, Daniel! Você tem sorte que a Bronze Verde é muito rica. Seu Cláudio vive reclamando que não tem dinheiro, mas estão gastando uma fortuna grande com estas duas mortes. Se te serve de consolo, as esposas de Raul e Cuca receberam uma casa, cada uma, doada pela empresa. E a empresa se comprometeu em pagar dois salários para cada família por anos, assinado em cartório este acordo.

— O que você está querendo dizer, Ronaldo?! — Daniel percebeu que existia algo a mais nas palavras do rastreador.

— Quero dizer que tanto a esposa de Raul quanto a esposa do Cuca não se importam mais com esta onça...

— Meia Pata!

— Sim, a sua onça! Deixe ela pra lá! — Ronaldo queria somente preservar a vida do rapaz.

— Ronaldo, se elas não se importam, não estou nem aí! É importante para mim! Consegue entender? — o rapaz fitava Ronaldo de forma séria.

— Miséria! — o rastreador jogou o boné no chão em manifesto de revolta — Tudo bem! Seu Plínio sabia que não me escutaria. Ainda temos uns quarenta dias antes que comece o inverno. Temos que terminar, e sem a sua ajuda! Concordamos em só ir para Caracará após terminar o serviço. Espero que cace a sua onça Meia Pata até lá. Você terá que voltar. Com, ou sem ela! — Ronaldo foi direto.

— Tudo bem, então tenho quarenta dias...

— Daniel, não esqueça! Você já está há uma semana sozinho na mata! Quarenta dias podem te deixar louco! — Ronaldo sabia do que falava.

— Não estou sozinho! Tenho o meu amigo Rambo aqui! — Daniel abraçou e beijou o cachorro, que abanava o rabo com velocidade.

— Algum recado para sua namorada?

— Não... Apenas diga que sinto muito...

— Darei o recado. Apenas não morra! — e, assim, Ronaldo sumiu na mata.

RASTREANDO. RASTREADO

— Como eu pensei! — Daniel falou baixinho para Rambo, enquanto olhava um porcão recém-abatido — Ela está agindo com um padrão com estes porcos. Pelo piseiro na lama esta vara deve ter no mínimo cerca de cem indivíduos. Né, Rambo?! — o cachorro balançou o rabo com imensa força — Ela está apenas comendo o pescoço e o lombo do animal. Ou seja, está muito ágil e forte! Consegue caçar e se alimentar da melhor parte da caça. E, pelos padrões, de cinco em cinco dias está tendo sucesso em toda investida! Só não sei se devo procurar o outro rastro dela... Deve estar caçando, com padrões, também em outra área... Enfim! É, Rambo, vamos enfrentar uma onça vigorosa!

Fazia mais de um mês desde que havia decidido ir atrás da onça. Sabia que não tinha muito tempo. Após a segunda semana no picadão, Daniel decidiu ir rumo ao centro, do que imaginava ser a área de mais ou menos cem quilômetros quadrados, que abrangia o território da onça. Apesar de Ronaldo considerar muito perigosa a ida de Daniel, concordou em se encontrarem de quinze em quinze dias.

O segundo encontro iria ocorrer em quatro dias. Daniel não sabia o que fazer. Havia dito para Ronaldo que tinha encontrado o rastro da onça no primeiro encontro quinzenal. Ronaldo explicou para o biólogo uma forma boa de perseguir a onça. Seria ir observando se continuaria a atacar aqueles porcos. Tinha analisado duas vezes seguidas o ataque de Meia Pata. Havia encontrado o seu rastro diversas vezes. Não podia perder a chance de investir na próxima aparição dela e, dependendo dos acontecimentos, o rapaz poderia deixar de ir ao encontro com Ronaldo. Sabia que Ronaldo sairia em sua procura. O encontraria. Ou o rastreador seria encontrado. Era mais fácil Daniel o encontrar, pois seria demorado para Ronaldo descobrir o rastro dos outros dois cadáveres suínos.

Daniel explicara onde havia sido o primeiro ataque da onça na vara. Ronaldo certamente iria para lá. A área em que o biólogo andava, ficava quase ao Norte do fim da primeira picada. Mas o primeiro cadáver de porcão se encontrava a Noroeste do fim da picada que se estendiam cinco quilômetros além do acampamento três.

— É, meu amigo... Vamos atrás da onça. Ronaldo que me desculpe, mas é a chance de encontrar essa onça! Vamos seguir o rastro dos porcos. Será fácil. Então voltaremos e deixaremos um recado para Ronaldo! — Rambo latia animado. Raramente Daniel falava com ele — Vamos lá! Serão seis horas de pernada. Chegaremos antes de escurecer! Amanhã voltaremos pra cá, faremos nosso acampamento, próximo da área onde, possivelmente, a onça irá atacar e a pegaremos!

Daniel andou muito animado até o acampamento três. Varou descendo sentido Sul, encontrando facilmente o final da primeira picada. Chegando ao barraco, mudou uma pedra de lugar, desamarrou as pontas de uma lona que, ao puxar, enrolava-a, removendo toda a terra abaixo de onde se encontrava a pedra, fazendo surgir assim uma caixa de isopor enterrada no solo repleta de pedaços de carne seca e salgada. Os pedaços eram isolados um do outro por papel alumínio, uma forma de conservar por mais tempo o alimento e garantir a sobrevivência sem caçar por dias. Todo este cuidado tinha um propósito: não denunciar sua presença através dos tiros. Nem pescar mais Daniel fazia. Todo o tempo concentrado na Meia Pata. Nos seus passos.

Não parava de pensar em que estratégia utilizar. Não poderia agir de forma leviana, afinal, era sua vida que estava em jogo. Tudo deveria ser arquitetado. Cada passo. Por algumas vezes se aproximou dos porcos para analisar o comportamento da vara. Chegou a passar horas deitado na mata observando de longe. Prestando atenção na direção do vento, para não despertar nenhuma desconfiança de sua presença diante dos suínos. Meia Pata não poderia desconfiar que outro predador invadia seu território.

Rambo agia como Daniel queria. O tempo todo sorrateiro. Isso era ótimo para a emboscada que se formava. Havia dias que Rambo não emitia som algum. Daniel também alimentava o animal com pedaços de carne conservada. Teve o cuidado de preparar a ossada e partes mais duras das caças para seu companheiro da floresta.

— Pega, Rambo! Coma este fêmur de capivara! Deixei bastante carne! — ao jogar o pedaço salgado para o cachorro, o alimento foi analisado e, como era de costume, a princípio recusado — Vai ter que aprender a comer carne salgada! Já tirei o excesso de sal no igarapé! — Rambo

abocanhou uma extremidade do osso e arrastou para longe de Daniel — Agora pronto! Tá com raiva de mim, é? Já disse pra você dezenas de vezes, não podemos caçar, a onça vai escutar! Não podemos fazer fogo, a onça vai sentir o cheiro! Poxa, Rambo, entenda... — o cachorro apenas deitava e lambia o osso até retirar parte do sal existente — Amanhã! Amanhã será o dia...

Tudo preparado. Daniel havia encontrado uma enorme maçaranduba com mais de quatro metros de diâmetro e um oco suficientemente grande para o biólogo ficar de pé dentro dele. Lá guardou suas provisões e munições. De forma engenhosa construiu uma porta móvel acionada por um cipó, puxado por dentro do oco. A porta, retirara da casca de um grande angelim-ferro, também ocado. Na porta fizera diversos furos que serviriam de encaixe para sua espingarda. Forma de precaução.

Fazia cinco horas que Daniel observava os porcos em cima de uma cupiúba. O biólogo se tornara esperto em subir até o alto da copa das árvores usando os cipós. Havia treinado exaustivamente para adquirir agilidade e poder espreitar a floresta do alto. Os porcos se comportavam bem relaxados no baixão, sinal de que a qualquer momento Meia Pata apareceria. Desceu pelo cipó de forma silenciosa e lépida. Rambo ficou em alerta. Rastejaram até um ponto próximo de onde se encontrava a vara. Eram cerca de duzentos indivíduos. Sua visão vislumbra um mar de catetos fuçando no lamaçal do baixão.

Apesar de possuírem um odor muito forte, Daniel havia se acostumado. De uma vez, todos aqueles animais começaram a se movimentar de forma descontrolada. Era Meia Pata. Daniel se levantou e finalmente a viu. Ela caçava. Concentrada em suas presas. Daniel correu para uma parte alta, com um afloramento rochoso, e esperou o momento certo. Sem perceber, Meia Pata continuou no encalço dos catetos. Rambo permaneceu imóvel, esperava a ordem do seu mestre.

Meia Pata encontrava-se dentro do alcance da espingarda. O biólogo atirou. Um porcão caiu por terra. Errara. Meia Pata deu um salto e quase foi pega por um grupo de catetos que a cercaram, mas como todo felino, com um pinote, livrou-se das presas mortais que, de forma coletiva, matavam qualquer animal. Daniel mirou com cuidado e desferiu mais um cartucho, aproveitando que a onça estava desequilibrada. Errou novamente. A munição levantou detritos do solo a poucos passos da onça, que identificara seu desafeto.

Rambo saiu no encalço de Meia Pata enquanto Daniel carregava a espingarda. Porém, Rambo fora pego por um grupo de catetos. Daniel pensou em investir contra o felino, mas viu seu amigo canino lutar contra a morte no meio de uma dúzia de porcos. Decidiu salvar Rambo. Tempo em que a onça fugiu. Correu e atirou próximo ao cachorro na intenção de afastar os porcos.

Rambo lutava bravamente, porém recebia muitos golpes. Após cinco tiros e quatro porcos mortos, Daniel conseguiu livrar o cachorro. Estava completamente retalhado. Imediatamente Daniel atirou na cabeça do cachorro. Não podia fazer nada. Apenas cessar a dor do animal que agonizava inconsciente.

Um grito de dor e ódio ecoou no baixão. Daniel não suportava que, além de perder uma grande chance de matar Meia Pata, havia perdido seu amigo. Foi quando viu que estava em sérios apuros. Parte da vara iniciara uma corrida em sua direção. Não tinha como escapar pelos flancos. Estavam próximos demais. E correr seria uma ação paliativa. Logo não teria como desviar dos obstáculos da floresta que os porcos simplesmente varavam quebrando tudo que encontravam pela frente. Eram animais fortes.

Foi então que se lembrou de uma das dicas que Ronaldo havia lhe dito. Uma das formas de se livrar da perseguição dos porcos era cobrindo o corpo com a lama cheia de esterco e urina deles e correr no mesmo sentido, procurando sair pelas laterais. Imediatamente se jogou na lama imunda do baixão. Atolou-se até ficar com estrume na boca, e prontamente correu em diagonal. Em seguida os catetos chegaram até seus calcanhares. Procurava correr na mesma velocidade, buscando não tropeçar nos porcos que espremiavam suas pernas uns nos outros. Porém, caiu. Tentava proteger a cabeça e o abdômen,

enquanto seus membros e costelas eram pisoteados. Existindo um breve intervalo do fluxo dos animais, levantou-se cheio de adrenalina e correu. Conseguiu chegar até um dos flancos e se salvou.

Daniel não se machucara tanto. Na verdade, ainda não sabia. A experiência que acabara de passar havia lhe injetado muita adrenalina no sangue. Correu para seu abrigo no oco da árvore. No caminho foi surpreendido por um bote de Meia Pata. Entretanto o biólogo permanecia esperto, jogando-se no chão no momento da investida. Virou-se e atirou. Não possuía mais cartuchos para carregar a espingarda. Somente havia mais um tiro, e as oito balas de seu revólver trinta e oito cromado que Seu Plínio havia enviado, por Ronaldo, no último encontro. Pelo menos sabia que os oito tiros não iriam falhar.

Sacou o revólver e correu. Atirou a esmo por três vezes, na intenção de afugentar a onça. Não poderia ser mais perfeito. Ela iria ser atraída até a toca do biólogo, onde, lá, teria chance de dar cabo dela de uma vez. Diminuiu o trote, na esperança dela imaginar que perdera as forças. A onça ressurgiu novamente. Daniel aproximava-se de sua toca. Deu mais três tiros para trás, o que fazia Meia Pata fugir pelos flancos e voltar a sua perseguição. Estava ficando sem munições. Apertou o passo. Não podia vacilar. Duas balas de revólver e um tiro de espingarda. Era arriscado tentar uma investida frontal. De longe não tinha a mira de Manel, muito menos a de Ronaldo. E não chegava aos pés de Xereta com o revólver. Correu com todas as forças. A onça se aproximava novamente.

Deu mais um tiro de revólver. A onça nem desviou seu curso e velocidade. Parou, ajoelhou-se, mirou e atirou com sua espingarda. O tiro explodiu em um tronco fino de árvore, chegando alguns fragmentos a acertar a onça, mas somente o suficiente para assustá-la. Correu e chegou ao oco. A onça seguia seu trote. Daniel puxou o cipó e não conseguiu fechar seu portal improvisado. Atirou sua última chance com o revólver, mas até ele sabia que seria na esperança de afugentar a onça. Finalmente fechou o portal e começou a carregar suas armas. A onça esturrou do lado de fora. Daniel carregou a espingarda, enfiou em um dos buracos do portal e deflagrou uma chance. Sem êxito. Era impossível mirar por aqueles buracos. Foi

quando a onça se agarrou na árvore e iniciou uma escalada. Daniel sabia que existia uma abertura no alto do oco, a uns cinco metros. A onça entraria por ali. Apontou para a entrada superior do oco e, ao sinal da onça, atirou. Acertou o teto do oco, que se despedaçou, caindo sobre Daniel, que desmaiou.

Daniel despertou após algumas horas. Sua cabeça ferida. Mas não sangrava. Olhou para seu relógio. Pelo horário que marcava havia passado cerca de dez horas desacordado. Carregou suas armas e abriu o portal. Com cautela saiu e constatou que não conseguira abater Meia Pata. Foi até o igarapé mais próximo e mergulhou para retirar a lama que cobria seu corpo. Voltou para o oco e comeu compulsivamente pedaços de carne salgada. Imediatamente correu para o ponto de encontro combinado com Ronaldo. Chegando lá esperou pelo rastreador. Desconfiado com a aproximação, assustou-se ao ver Iara com Ronaldo.

— O que ela está fazendo aqui? É perigoso! Meia Pata pode estar por aqui! — depressa Daniel sacou seu revólver, e, em alerta, olhou para todos os lados de forma nervosa.

— Por Pataa'Maimu... — Iara não acreditava no que via. Daniel era irreconhecível. Magro. Barba fechada. Cabelos emaranhados. Olhos fundos e psicóticos. Cheio de chagas pelo corpo. Tinha se tornado em um ser repugnante — Daniel, o que aconteceu com você?

— Ela chegou com Seu Plínio na fazenda. Não tive como evitar... Era vontade dela. Além do mais, ela tem algo a lhe dizer. Pelo menos eu acho importante... Você não escuta ninguém... — Ronaldo falava com pesar enquanto procurava por Rambo, olhando para todos os lados.

— O Rambo se foi! Os porcos acabaram com ele... Não pude fazer nada! Ronaldo, eu estive prestes a acabar com ela! Mas fugiu... Na verdade eu não sou páreo para ela... — enquanto falava, olhava para todos os lados, com revólver em punho, querendo proteger Iara de Meia Pata.

— Abaixe esta arma, meu amor! Por favor! — Iara suplicava com lágrimas nos olhos.

— Ronaldo! Eu tenho um plano! Só quero mais um tempo! Eu sei que posso! Só mais um tempo! Tenho que vingar a morte de Pereba, Cuca, Raul e Rambo! Tenho que vingar... Tenho que vingar... — Daniel olhava para o nada.

— Não, meu amor! — Iara aos prantos abraçou Daniel, que permanecia com o revólver em punho, em posição de alerta. Lentamente, Ronaldo retirou a arma da mão dele, mas sua mão permaneceu levantada.

— Iara?! O que você está fazendo aqui? Sabia que é perigoso andar por estas matas?! Sei que você provavelmente sabe andar pela floresta melhor do que eu por ser uma indígena, mas mesmo assim é perigoso! Duas pessoas morreram! Culpa minha! Eu deveria ter cuidado delas! Mas falhei... Tenho que acabar com esta tormenta!

— Amor, vamos embora. Por favor! Cuidarei de você. Você não tem culpa de morte alguma! — a moça soluçava — Ninguém mais se importa com essa onça. Nem mesmo a família dos dois. Seu Cláudio resolveu tudo. Vamos amor... — Iara abraçava Daniel com força.

— Ronaldo! Eu entendi o padrão dela. Ela não é racional! Então age pelo instinto! Ela irá para o Oeste, na face Sul da Serra do Perdido. Eu sei. Ela está se dirigindo para lá. Eu sei! Tenho certeza absoluta! Eu entendi o padrão dela! Posso pegar ela nos pedrais!

— Você teve sua chance, Daniel! Já provou seu valor! Deixe a onça! Não era você mesmo que nos ensinou a não querer caçar os animais porque eles agiam pelo instinto?! Por que agora age desta forma? — Ronaldo tentava usar a linguagem do biólogo para convencê-lo.

— Meu amor! Olhe nos meus olhos! Por favor! — Iara gritava, um grito de desespero.

— Iara... Desculpe-me por ter sido rude com você... Perdi a cabeça... — Daniel tinha lágrimas nos olhos.

— Eu sei, meu amor! Eu amo você! Desculpe-me por não ter te apoiado da forma correta! Mas pelo amor de Pataa'Maimu, vamos embora! — Iara chorava.

— Recebi ordens de te levar, meu amigo... — Ronaldo falava de forma firme — Seu Cláudio já sabe de tudo. O Plínio abriu o bico quando estava bêbado. Contou até que trouxe este revólver pra você! — Ronaldo demonstrou a arma, e imediatamente, de forma muito ágil, Daniel tomou da mão do rastreador e colocou na cintura. Ronaldo não acreditou no movimento. Aquele não era o mesmo o Daniel de seis meses atrás — Quando Seu Plínio e Dona Iara voltarem para Caracará sem você, Seu Cláudio vai...

— Vai o quê?! — Daniel havia se separado da Iara e gritou — Vai o quê?! Caramba! Que se dane tudo! — Iara chorava copiosamente — Ronaldo! Eu vou continuar! Se vocês terminaram o trabalho, ótimo! Que bom para aquele otário do Cláudio!

— Daniel, seus pais já estão em Boa Vista! — Iara contou — Eu estive com eles! Escute pelo amor de Deus!

— Como assim eles estão em Boa Vista?!

— Desculpe, Daniel... Seu Cláudio quando soube de tudo entrou em contato com seu pessoal em Natal. Eles vieram imediatamente. Estão desesperados. — com as palavras de Ronaldo, Daniel se acalmou.

— Mas como assim eles estão aqui em Roraima?! Por quê?!

— Não percebe, meu amor?! O que está fazendo é loucura! Eu prometi aos seus pais que viria aqui te buscar! Consegui os tranquilizar. Mas se você não vier com a gente, meu amor, eles vão acionar as autoridades para vir te buscar...

— Que autoridades? Que papo é este?! A polícia? — Daniel, relativamente calmo.

— Meu bem, com a vinda de seus pais, principalmente sua mãe, que está bastante agitada, sua história já virou notícia. Até saiu no jornal de Boa Vista. Não se fala em outra coisa em Boa Vista. Se você não desistir, creio que o Exército virá te resgatar...

— O Exército?!

— Daniel, você está fortemente armado. Está no meio de uma floresta. Tem que voltar com a gente! O Pai tá preocupado. Sapo e Manel também. Foi uma luta fazer eles não virem pra cá. Graças a

Dona Iara que pediu muito. Como eles não sabem onde você está, porque eu não contei...

— Espera, Ronaldo! Quer dizer que só vocês dois sabem onde eu estou?!

— Sim. Não contei a ninguém. Eles imaginam onde você está, mas não sabem exatamente, pois a área é muito grande.

— Meu bem, volte com a gente, por favor.

— Ronaldo. Iara. Por favor, o que vou pedir é muito importante! Por favor, me deem mais um tempo! Se perguntarem onde eu estou, digam que estou no extremo Oeste da serra do Alemão! Assim ganharei tempo caso vierem me procurar! Eu sei que, se eles não me encontrarem lá, vão fazer varredura até o local onde estarei, na serra do Perdido. Então posso dizer que mudei minha posição após vocês virem me buscar... Não, não, não... Quem acreditaria em uma bobagem dessas! Espera! Diga...

— Meu amor! Faremos o que pede. Vamos arranjar uma forma de ganhar tempo para você.

— O quê, Dona Iara?! Como pode concordar com o que ele está...

— Seu Ronaldo! Não escutou o que Daniel acabou de dizer?! Ele não voltará com a gente! Então, devemos ajudá-lo, é o que nos resta. Ajudá-lo a conseguir o que quer. — Daniel abraçou Iara.

— Obrigado meu amor. Você sabe o que eu vi perante o Pajé, seu avô. Não posso fugir do meu destino! Obrigado por ter me ajudado a descobrir quem realmente eu sou! Amo você! — beijou Iara com ternura. Acariciou seu rosto e, sem sorrir, de forma camuflada, Daniel desapareceu.

— Não deu certo o plano, Dona Iara.

— É... Não teve jeito... — Iara limpava as lágrimas — Seu Ronaldo, não temos escolha! O pessoal vai ter que continuar na fazenda como se estivessem terminando o trabalho e você vai pedir para seu pai avisar o Cláudio de que eles realmente decidiram só voltar pra Caracarái após terminar tudo, para dar tempo antes que comecem as chuvas.

— Eu sei, Dona Iara! Mas o problema é que realmente Sapo e Manel

querem voltar pra casa! E também, a qualquer momento, pode acontecer mesmo do Plínio contar tudo em alguma bebedeira.

— O Daniel não vai voltar enquanto não matar a onça. Eu já sabia disso há muito tempo. É o destino dele.

— Vamos embora. Eu avisei para a senhora que ele não ia aceitar ir embora mesmo com a senhora se abalando até aqui... Viu só como ele está?!

— Vi sim, Seu Ronaldo. Pelo menos pude vê-lo mais uma vez. E saber que meu avô estava correto.

A CAÇADA FINAL

Duas semanas se passaram. Daniel se encontrava a Sudeste, seguindo por de trás da serra do Alemão. Havia mentido para Ronaldo. Entretanto, tomou o cuidado devido para mapear todo o território. Entreviu que podia eliminar parte da área de procura pelos limites da região de atuação da onça. Fora até a base da serra do Perdido, a Oeste, e constatara que um grande perímetro estava cercado pela Campinarana, região que durante o período de chuvas ficava alagadiça devido ao solo arenoso e com baixos escoamentos de águas.

Daniel, ao percorrer este perímetro, maravilhou-se ao visualizar vários jacarés. Era necessário, a princípio, percorrer toda aquela área, pois quando decidissem o resgatar, alguns vestígios recentes dele deveriam existir. Seria até ótimo que o grupo de resgate fosse realmente procurar naquela região, assim a área territorial de Meia Pata seria restringida a Leste.

Seguiu para Leste até a face Sudoeste da Serra do Alemão e encontrou a mesma característica. Campinarana. Toda esta particularidade de ecossistema contornava os limites Sul do território felino, na extensão de Leste a Oeste. Para o Norte, em direção à margem do rio Branco, Meia Pata não iria. Era ir de encontro aos outros humanos. Então o que sobrou foi uma área restrita a Sudoeste. E seguir os padrões alimentares da onça não era difícil.

A flora alinhava-se diretamente interligada à fauna. E a fauna, em sua maioria naquela região, era presa da Meia Pata. Daniel tinha a vantagem. O biólogo havia buscado nos pedrais da base Sudeste da serra do Alemão a sua armadilha. Era um afloramento rochoso com mais ou menos vinte metros de altura em uma das extremidades de um paredão. Encontrou uma manga-braba com três metros de distância do paredão rochoso. Um cipó fixado nesta árvore faria parte da armadilha. Daniel iria atrair a onça até aquela área e, após o sucesso na armadilha, eliminaria Meia Pata.

Um veado que havia capturado com vida estava amarrado em um cipó fino e comprido nas proximidades da emboscada. O cipó teve

as duas extremidades fixadas, onde o animal se encontrava preso por uma coleira, também feita de cipó, com uma amarração móvel, o que proporcionava ao veado movimentação sem a possibilidade do animal se enroscar. Por dois dias, Daniel esperou. A onça haveria de ir à busca daquele veado, pois a região abrangia o habitat de caça destes animais. Na tarde do segundo dia de espera, Daniel, posicionado em um local estratégico na base do pedral, avistou Meia Pata. Arrastava-se de forma sorrateira, desconfiada. Mas avançou. Ao capturar o veado, Daniel surgiu de seu esconderijo e gritou com veemência. Meia Pata ficou em alerta. A voz do biólogo era conhecida pela onça. Fixou o humano. Daniel iniciou uma caminhada em direção ao felino. A espingarda pendurada em suas costas, presa na bandoleira. Meia Pata pressentiu que o biólogo a afrontava. E avançou! Daniel iniciou seu plano. Correu o máximo que pôde. Porém, calculou errado. Antes de chegar à base do pedral, a onça a setenta passos dele. Subiu a inclinação do pedral usando todas as suas forças. Meia Pata se aproximava a vinte passos! O biólogo podia ver o cipó. Não olhava para trás, apenas ouvia o trote de Meia Pata, que se encontrava a cerca de dez passos. O humano deu seus últimos passos e saltou em direção ao cipó. Meia Pata também saltou. Daniel agarrou ao cipó e sentiu a onça roçando em suas pernas.

Voou longe, fixo no cipó. Meia Pata, ao ver que cairia no penhasco, com um movimento ágil tentou se agarrar ao pedral usando suas garras como freio. Uma de suas unhas se prendeu em uma fenda do pedral, o que amortizou sua queda que foi suavizada em todo o percurso por suas garras, arranhando o paredão. Por outro lado, Daniel ao balançar no cipó, deu de encontro com o tronco da manga-braba. Um impacto realmente forte, que fez o biólogo ser lançado, caindo em segurança sobre a rocha. Entretanto, ao cair no solo não conseguiu se movimentar. Suas costelas bateram de forma intensa no tronco. Tinha uma das costelas trincadas. No impacto, a bandoleira da espingarda arrebentou, e caiu pedral abaixo.

Meia Pata levantou em meio às rochas, e viu a espingarda caída ao seu lado. Farejou. Em sua pata direita havia um sangramento. A onça iniciou a subida do pedral pela lateral. Daniel tentava respirar. Não conseguia se levantar. Meia Pata também estava debilitada, mas seguia em frente. Ouviu o urro do humano, pressentiu-o também

debilitado. A onça chegou até a rampa do pedral onde se encontrava o rapaz. Arrepiou todos os pelos do dorso, arreganhou as presas, espichou as garras e seguiu ameaçadora. Daniel rolava, tentando respirar com cadência. Meia Pata, mancando da pata direita, ficou a treze passos de Daniel, que sacou o revólver e apontou para o felino.

— Já era! — Daniel apontava a arma diretamente para Meia Pata, que com o movimento brusco do humano, parou — Venha! Venha! — Daniel gargalhava alto. A onça de forma tímida iniciou seu avanço. Daniel desviou o revólver e atirou ao lado da onça, que fez com que pequenas lascas de rocha voassem para todos os lados, erguendo uma nuvem de poeira. Meia Pata parou, assustada. Solto um esturro alto e ameaçador. Daniel percebeu a unha com vestígios de carne e pelo da onça presa na fenda do pedral. Arrastou-se um pouco, com a arma em punho apontada para a onça e pegou unha — Olha só, Meia Pata! Está perdendo suas garras?! Já não basta sua meia-pata, agora está perdendo suas garras?! — gargalhou mais uma vez e de forma inusitada lambeu o sangue contido na carne da unha — Gostoso, né! — Meia Pata urrou mais uma vez, mas foi calada por um tiro ao seu lado — Gostoso, né, Meia Pata! Agora sou eu quem vai sentir o gosto do seu sangue! — Daniel tentou se levantar, o que fez a onça avançar em sua direção. Mais dois tiros foram deflagrados aos pés do felino, que realmente ficou temeroso — Tá achando que nesta distância eu erro?! Não te matei ainda porque quero mostrar que eu mando nesta floresta! E não você! Ouviu?! — Daniel transpirava ameaça. Até mesmo Meia Pata pressentia isso. O rapaz, com muita dificuldade, ficou de pé — E agora, porcaria?! Quem manda?! Quem manda?! — Daniel berrava. O tempo todo chupava a unha da onça. Meia Pata recuava — Se não quiser morrer, vá embora! — atirou de forma perigosa. Desta vez a bala passou perto da cabeça, vindo a ser impactada abaixo da onça, que de forma tímida continuava recuando — Isso! Vá embora! Não irei te matar hoje! — ao tentar dar um passo, o biólogo sentiu a costela quebrada. A adrenalina do medo havia passado. Seu corpo sentia dor, mas, bravamente, encheu os pulmões retraídos pela costela envergada e deu seu urro triunfal — Vá!

Meia Pata se retirou em um trote tímido. Também havia gastado todas as substâncias que anestesiavam seu corpo. Daniel permaneceu firme em pé, mas a um custo muito alto. Não queria naquela altura

demonstrar fraqueza. Pensou na imagem de Cuca e Raul e logo seu corpo voltou para a adrenalina. Avançou. Meia Pata foi embora, sob a mira do revólver. Daniel esperou alguns instantes e deitou na rocha. Carregou o revólver e ficou apontando em direção à rampa. Adormeceu com a arma em punho.

Após acordar, a dor consumia seu corpo. Ao tentar se mover, foi acometido por falta de ar, passando a respirar com dificuldades. Entre dores e falta de ar sentou. Mas, em pouco tempo voltou a deitar. Seu ombro esquerdo inchado. O simples ato de mover os dedos da mão fazia latejar o ombro. Levantou a manga da camisa em meio a dores horríveis. O ombro com a coloração muito escura, com um trauma profundo. Seu rosto ardia, todo esfolado na face esquerda. Ao examinar o resto do corpo, o tórax era a região que mais latejava. Passando os dedos sobre cada costela, percebeu que uma delas havia trincado, e visivelmente envergada, o que comprimia seu pulmão. Enfim, todo o lado esquerdo de seu corpo, que havia amortecido o impacto no tronco da árvore, encontrava-se lesionado. Inclusive o joelho. Sentia muita sede, fazendo-o não aguentar e levantar para beber no igarapé mais próximo. Ao conseguir ficar de pé, a dor aguda no abdômen foi tanta que, imediatamente, caiu por terra.

— Costela quebrada... Meus órgãos estão todos machucados... Mal consigo mexer meu braço e meu joelho tá lascado... Droga! — Daniel gritou e imediatamente gemeu ao ponto de chorar, pois seu pulmão havia sido comprimido — Droga... Droga... Nem mesmo gritar eu posso... Tô acabado... — tentou levantar novamente, mas logo decidiu ir engatinhando até o igarapé — Preciso tomar água... Tenho que me alimentar... Desse jeito não vou chegar muito longe...

Descer o pedral não seria tão difícil, mas acabou por se tornar uma ação árdua. Sua superfície era relativamente plana e a descida pouco inclinada. Os cerca de vinte metros foram um martírio. O humano se arrastou poupando a mão esquerda como apoio. Mesmo sentindo dores no joelho esquerdo, não era tão penoso quanto tentar apoiar os quatro membros. — Parece brincadeira, mas estou detonado na

mesma pata que a Meia Pata! — chegou a esboçar um sorriso com o pensamento e lembrou que há tempos não sorria... — Como será que ela está?! Será que está bem? — seus sussurros lembravam de Iara e Meia Pata.

Daniel deparou-se com um enorme tronco de castanheira caído justamente no trajeto mais próximo do igarapé. Sentia sede, muita sede. Agarrou-se a raízes de imbaúba que envolvia o tronco da castanheira e ficou de pé. Em uma extremidade do tronco encontrava-se a copa envolvida por um cipoal denso. Na outra extremidade, o volume das raízes demonstrava que a cratera existente onde a árvore se sustentava era enorme. Por fim decidiu varar por cima do tronco. Apoiou o pé direito nas raízes de imbaúba, firmou a mão em uma saliência da casca da castanheira, e após ensaiar por alguns minutos, lançou-se sobre o tronco, caindo no outro lado sem equilíbrio algum.

Rolou até bater com as costas em um cupinzeiro. Tossiu e cuspiu sangue. Permaneceu deitado. Tentava respirar sem seu pulmão querer explodir a cada inspiração e expiração. Foi então que Daniel lembrou que raízes de imbaúba eram depósitos de água. Nas condições que estava, sabia que não teria agilidade em dar os dois cortes suficientemente rápidos para não deixar a água escapar na intersecção. Deu um golpe na raiz mais grossa e cambaleou indo de encontro com o tronco. Tomou equilíbrio o mais rápido que pôde e deu mais um golpe um pouco acima do primeiro. Pegou o pedaço de raiz do chão e, erguendo-a sobre a cabeça, esperou a água escorrer.

O braço estendido exigia esforço. Algumas gotas caíram sendo suficiente para umedecer a boca e dissolver o sangue. Cuspiu o líquido vermelho e, usando como apoio as varas e arvoretas que encontrava pelo caminho, seguiu para o igarapé. Ao chegar ao igarapé, jogou-se na água e bebeu intensamente. O trajeto de trezentos metros do pedral até o igarapé durou cerca de duas horas. A água amenizou a fome, porém tinha que procurar comida. Daniel possuía carne salgada estocada na sua toca, o oco da maçaranduba. Contudo, se havia consumido duas horas para percorrer uma distância tão curta, seria impossível aventurar-se, por cerca de três quilômetros, nas condições em que se encontrava.

Olhou em volta e viu um abacatão em processo avançado de decomposição. Arrastou-se até os resíduos que restavam da velha árvore abatida e, com o terçado, escavou a madeira podre. Logo encontrou uma larva de besouro, que rapidamente foi coletada e saboreada como banquete.

Escurecia quando Daniel decidiu ir buscar a espingarda. Passaria a noite na base do paredão, pois considerava que aquele local seria mais seguro. Imaginou que ficando longe do igarapé estaria fora do alcance de animais que o poderiam subjugar. Conseguia caminhar um pouco mais rápido. Desviou o tronco de castanheira pelo lado da raiz. “Antes tivesse vindo por aqui ao invés de pular o tronco...”, pensou. A passagem não fora complicada, mas demorou. Havia se acostumado com a dor. O joelho mais inchado e o ombro amortecido. Uma espécie de muleta feita de vara de maçaranduba fora improvisada e colocada diretamente em sua axila, o que facilitava o equilíbrio. Escureceu. “Por que demorei tanto pra decidir ir para o paredão? Agora não tem jeito... Que ideia de jerico ficar sem lanterna...”

Daniel conhecia bem a área. Caminhar nos pedrais se tornava mais fácil, pois era possível detectar vários pontos de referências através das rochas e lajedos existentes. Porém, andando pelo pedral, a muleta dificultava a passagem, o que fez com que Daniel abandonasse seu apoio. Procurou a espingarda, mas não encontrou. Era óbvio. Buscou se acomodar na base da manga-brava. À medida que a madrugada avançava, Daniel permanecia em alerta. Apesar de Meia Pata ter despencado pedral abaixo, era um felino, e como todos os felinos a agilidade com certeza teria preservado seu corpo no instante da queda. Não podia vacilar. Todo ruído que a floresta emitia começou a se tornar um martírio para Daniel. O pânico crescia a cada momento. Do pânico, passou a ter paranoia.

Ao longo da madrugada, atirou várias vezes na escuridão com seu revólver, o que proporcionava um momentâneo clarão, e funcionava como um tranquilizante aos olhos de Daniel. Para ele o vento representava Meia Pata espreitando. Cantares de pássaros eram entendidos como alertas de aproximações. Um galho que se desprendia de alguma árvore e espatifava-se no solo traumatizava ao ponto de fazer correr lágrimas. Para o biólogo, a partir daquele momento, a escuridão da floresta era o inferno.

O dia amanheceu e Daniel não havia descansado, seu corpo latejava, sentia fome e sede e, para piorar, seu pulmão produzira um muco que o fazia tossir a cada momento, e consequentemente sofrer dores desconfortáveis. A espingarda, apenas a dez passos dele. Decidiu imediatamente ir para sua toca. Lá comeria e principalmente poderia descansar com tranquilidade. Seu braço esquerdo continuava imóvel e seu joelho ainda inchado. Seguiu caminhando. O máximo que aguentava era dez minutos sem parar. Sentava, às vezes deitava. Rezava para que uma paca, um mutum, ou qualquer animal aparecesse e assim pudesse atirar com sua espingarda e abatê-la. Mas nem mesmo uma jabota cruzou seu caminho.

— Senhor! Eu mereço tanto sofrimento?! Será que meus pecados foram tão graves assim ao ponto de se esquecer de seu filho?! De que adiantou tanta devoção?! De que adiantou tanta oração se no primeiro momento que me desvio sou tratado como um ímpio! Por que pessoas que comentem pecados abomináveis são poupadas e na maioria vivem de forma impune?! Por que é tão errado experimentar as coisas do mundo? Pois fique sabendo que eu adorei me divertir até a exaustão! Que sinto falta do meu cigarro e gosto de beber com meus amigos! Fique o Senhor sabendo que eu não aguento mais ouvir o Pastor com aquela ladainha de sempre! De ver os irmãos praticamente querendo obrigar as pessoas a te aceitarem como o único Senhor e o único Salvador! Deixe-as viverem a vida que querem, poxa! Se te aceitarem ótimo, terão vida eterna! Caso contrário vão arder no fundo do inferno! Livre arbítrio lembra? Lembra, Irmão Laércio?! Irmão Laércio, quando eu voltar para Natal e te encontrar, a primeira coisa que vou te dizer é “Vá se lascar”! Cara chato! Painho fique o senhor sabendo que eu vou tomar uma de cana com o Tio João, que o senhor chama de escória! E vou tomar uma grande! Para entrar para a história! Mainha, desculpe-me, mas da próxima vez que a senhora falar que a Priscila, a nossa vizinha, é uma moça perdida no mundo mundano, eu vou gritar: “Ela é linda! Faz faculdade! Trabalha! Agora só porque ela namora tem que ser classificada como mundana?! Quero namorar com ela! E ter filhos! Construir uma casa e tomar cerveja na praia todo fim de semana dançando forró!” É isso aí! Vou dizer tudo isso! Tá com a moléstia! Também vou chegar para meu orientador e esculhambar aquele safado! Mentiu pra mim. Melhor,

omitir! Se tivesse dito que eu ia ser escravo do amigo dele, eu nem teria vindo pra cá... — tosses — Pode doer pulmão maldito! Pode se desmanchar aí dentro! Não vou parar de falar! Vou falar tudo o que eu sempre quis! Mas eu sei por que meu orientador fez isso comigo. Porque eu sou um bosta! Que aceito tudo calado como um bom rapaz educado! Agora lembrei! O Pastor também é outro vagabundo! Ficou dizendo, no último culto que eu fui, antes de vir para Roraima, que era para eu tomar cuidado com a onça! Disse para eu orar todos os dias, caso contrário a onça ia me pegar! Maldito! Tenho certeza que ele vai dizer “Foi brincadeira! Eu não sabia que ia acontecer...”, capaz até de citar algum versículo para se justificar! “Versículo tal, do capítulo tal, do livro tal: Se não orar todos os dias na Floresta Amazônica a onça vai te pegar...” Quero que todo mundo vá para o inferno! Bando de vagabundos! Meia Pata, você é outra vagabunda! Podia ter morrido quando me atacou. Mas não! Tem que ceifar a vida das pessoas como um espectro do mal... Espera! Agora tudo faz sentido! Deus me enviou até aqui para acabar com sua existência, pois você é um demônio! Claro... Igual o livro de Mateus, capítulo oito, versículo vinte oito a trinta e dois... Nosso Senhor Jesus Cristo expulsou os demônios e os confinou nos porcos... Tem um demônio em Meia Pata! Aqueles porcos que mataram Rambo e tentaram me matar também estão cheios de demônios! Eu fui enviado para destruir os demônios que habitam a floresta do inferno! Sim, meu Senhor! Eu aceito o propósito que destinou a mim! Aceito em nome de Jesus Cristo que irei combater o mal que existe nesta floresta... Meu Deus, o que estou dizendo... Perdoa-me, Senhor... Perdoa-me...

Daniel continuou a delirar até chegar à sua toca. Ao avistar a maçaranduba ocada, praticamente correu em sua direção, ignorando os flagelos em seu corpo. Arrastava a perna lesionada em pulos galopantes. Caiu ao se desequilibrar em um galho no chão, levando as duas mãos ao solo para amortecer a queda, entretanto a dor foi ignorada e tornou a levantar rapidamente.

Chegando ao esconderijo, procurou o pacote com os pedaços de carne salgada. Os dois pedaços existentes foram devorados em instantes e não saciaram sua fome. Fartura de alimentos só encontraria no acampamento três. Não aguentaria a caminhada de cerca de cinco quilômetros. O que restava era dormir e esperar que

seu corpo estivesse em melhores condições, podendo, assim, varar a floresta até o acampamento. Tomou água no igarapé, retornou para a toca, puxou a casca de angelim-vermelho lacrando o oco, e dormiu.

Daniel estava sendo consumido pela fome. Sem alimento, seu corpo não reagia, não apresentava melhoras. Os dois dias confinados em sua toca foram de angústia. Por várias vezes tentou iniciar a caminhada rumo ao acampamento. Não demorava muito retornava se arrastando para a toca. Na escuridão, podia ouvir os esturros de Meia Pata nas redondezas. Também ouvira alguns animais que transitavam nas proximidades do igarapé.

A vontade de Daniel era de caçar, porém não conseguiria fazer campana em cima das árvores, apenas podia sonhar. Sonho interrompido por uma zoadá enorme. Era Meia Pata. Havia caçado. Daniel a invejou. Ao amanhecer, como vinha fazendo nos últimos três dias, o biólogo iria ao igarapé beber água. Abriu a sua toca com tremenda cautela, apurando os ouvidos. Podia sentir o cheiro de sangue nas proximidades. Saiu com espingarda e revólver em punho. Meia Pata se escondia nas proximidades, era claro. De longe pôde ver o piseiro da ação proporcionada pela onça.

Olhou para todos os lados, o tempo todo agachado, comprimindo a costela trincada contra o pulmão, e apesar da dor, não se importava. O vazio no estômago era mais torturante. O odor de sangue e carne cada vez mais perceptível. Sua perna e seu ombro ainda permaneciam sem total mobilidade, o que não impedia Daniel de virar bruscamente para todos os lados em que houvesse algum som, ou movimentação entre as árvores. Pôde ver com clareza o local que Meia Pata havia caçado e correu para contemplar de perto, onde jazia uma paca com toda a região do pescoço, peito, paleta e costelas devoradas. Daniel se debruçou sobre a carcaça, e com dentadas inquietas arrancou pedaços do animal. Comeu veementemente. Saciou-se de uma fome que quase o consumiu e arrastou o resto da carcaça para sua toca.

Após alguns dias, caminhava pela floresta. Mas não tinha nenhum objetivo. Seu estoque de carne salgada do acampamento três havia acabado. Apesar de não poder subir em árvores, conseguia espreitar em pedrais e esperar pelas caças. Por onde andava encontrava vestígios da onça. Ouvia os esturros dela noite adentro. Encontrava restos de refeições do felino. Dividiam o mesmo espaço. O humano contemplou a onça por duas vezes, onde ela não percebera sua presença camuflada na vegetação da floresta. No entanto, sabia que provavelmente ela também estivera o observando. Em momento algum pensou em voltar para sua vida. Não lembrava mais que ela existia. Sua fixação por Meia Pata bastava, era uma sensação única, ter conquistado o direito de dividir um território com quem considerava seu desafeto.

Às vezes lembrava, com clareza, do motivo de ter acabado naquela situação. Nesses momentos estranhava a falta de movimentação dos humanos nas proximidades. Ronaldo e Iara haviam mentido. Não existia resgate algum. Muito menos seus pais estavam em Roraima. Mas, provavelmente, sabiam que havia se desconectado do outro mundo. Não importava. Nunca o achariam se fossem procurar. Nunca permanecia no mesmo local. Após se recuperar no acampamento três, andava a quilômetros de distância da área de abrangência do inventário. O inverno finalmente chegara. As chuvas apagariam seus rastros.

Desviando de um angico-branco caído, surpreendeu-se com Meia Pata, saltando por cima dele, e pousando levemente no solo de forma majestosa. Imóvel, passou a admirar o animal. Meia Pata balançou o rabo como um pequeno gato. E assim ficaram por alguns instantes. Contemplando um a outro. Cerca de trinta passos os separavam.

— Boa tarde, Meia Pata... — um urro.

— Estou cansado... — observando.

— Quero ir para casa, sabe... — urro longo e baixo.

— Não sei mais quem eu sou... — Daniel olhou para as mãos. Apalpou seu rosto tomado pela barba. Esturro alto.

— Vá para o inferno você, Meia Pata! Por que tudo isso? Vá embora e me deixe em paz...

Um estrondo! Um tiro certo! Meia Pata caiu ao solo. Sua cabeça, esfacelada.

— Não! — um grito longo e penoso ecoou como nunca na floresta! Daniel se encontrava de joelhos! Em estado de choque! De longe, aproximava-se Velho Xereta, com sua espingarda vinte em punho.

— E-ela ma-matou Raul! E-ela matou!

Quatro anos se passaram.

— Bom dia, Seu Daniel! — Débora, secretária da Bronze Verde Florestal, saudava o Supervisor Operacional. Daniel apenas a olhou acenando com a cabeça — Sua mãe ligou ontem à tarde. Quer saber quando você vai visitá-la em Natal. — Débora era somente sorrisos.

— Se ela tornar a ligar, diga que vou em breve. — Daniel averiguava a correspondência.

— Suas passagens para São Paulo já foram compradas. Sua viagem está marcada para depois de amanhã! — Débora sorria.

— Estou de saída para a floresta. Por favor, anote os recados. — Daniel saiu do escritório da Bronze Verde e entrou em sua caminhonete. Dirigiu para fora dos limites da cidade de Caracará sentido Manaus e, após atravessar a balsa no rio Branco, seguiu pela vicinal do lado direito da estrada. No caminho observava as paisagens. A Bronze Verde havia aberto uma vicinal de setenta quilômetros para dar acesso à exploração de madeira nativa da Floresta Amazônica. Muitos aterros, pontes, bueiros e valetas compunham a obra milionária que somente não seria tão milionária quanto o lucro que a empresa renderia com a enorme serraria construída para abastecer o mercado consumidor da Europa e da América do Norte. Ao adentrar a fazenda florestal de propriedade da Bronze Verde, o supervisor se dirigiu para o escritório estabelecido na área da antiga sede do Mundo Velho, à beira do rio Branco.

— Sapo. O relatório de ontem! — disse ao entrar no escritório.

— Está aqui, Seu Daniel. — Sapo entregou o relatório dos rendimentos do dia anterior nas mãos do biólogo.

— Que porcaria é essa? — Daniel, indignado com a produtividade — Tem certeza que os números estão exatos?

— Sim, senhor! Eu mesmo revisei cinco vezes! — Sapo apresentava apreensão, comportamento normal quando Daniel estava no escritório.

— Isto é uma porcaria! — Daniel se dirigiu para sua sala. Após dois minutos, alguém bateu na porta do lado de fora — Entra! — ordenou.

— Daniel! O Sapo disse que você estava insatisfeito com os rendimentos! — o engenheiro Cláudio chegava com vários relatórios na mão — Já te disse, Daniel, não adianta nada reclamar! A culpa é sua! Você alivia demais a vida da peãozada!

— Poxa, Cláudio! Avisei que estamos atrasados! O que custa eles se esforçarem mais? — Daniel se mostrava irredutível.

— Mas, Daniel! Os investidores reclamam porque temos que dar uma volta enorme evitando o setor doze! Isso atrasa a produção!

— O que você está querendo insinuar?

— Você sabe! Os investidores não concordam que o setor doze não seja explorado. Não aceitam o argumento de que lá morreu uma onça...

— Meia Pata! — bradou o biólogo colocando a mão na cabeça — Por que é tão difícil para vocês entenderem que ela tem um nome? E já disse! Aquele setor não irá interferir nos negócios. Tem madeira demais nesta floresta! Esqueceu que foi eu quem fez o inventário?

— Não, Daniel. Não esqueci. Esse seu argumento é batido... Olha, já não exploramos parte do setor cinco e do setor oito. Porém é justificável por serem os locais onde morreram Francisco e Raul. Mas o setor onde morreu a Média Pata...

— Tá de sacanagem, né, Cláudio! Mas olha, nos setores cinco e oito você conseguiu transformar em Reserva Legal! Faz isso com o setor doze também! Sei que você consegue resolver este pepino! Pensa que

eu não sei que você vai tá negociando a compra das terras do suíço lá, Wagner?! As que ficam a Sul da serra do Alemão!

— Como você sabe disso, Daniel?! É assunto confidencial!

— Poxa, Cláudio! Você que me ensinou tudo! Ainda duvida da minha esperteza? Fique sabendo que conheço algumas pessoas influentes em Caracarái...

— Você tá pegando a filha do Wagner! É isso!

— Claro que não! Estou com a Iara!

— Mas vocês não tinham terminado?

— Sim... Mas voltamos...

— Novamente?! Vocês terminam e voltam demais!

— É que namoro à distância é complicado... Ela em São Paulo. Eu aqui. Quando ela vem para Roraima fica tudo bem. Mas quando ela está em São Paulo! Mas assim vamos levando...

— Sempre disse que um dia vocês iriam casar! Ela não terminou o pós-doutorado dela?

— Terminou... Fim do ano ela vai voltar para Roraima em definitivo. Tá trabalhando em um laboratório que vai montar uma filial aqui.

— É! Veja como são as coisas! A índia Doutora que vai usar os conhecimentos milenares do seu povo... Irônico, não?

— Não pense assim, Cláudio, Iara não tem essas intenções que estão em sua mente! Ela não é assim! Apenas é muito dedicada na causa dela! Não tem escolha! Ela viu!

— Sinistro... Sim! Então você sabe que teremos que aumentar as áreas de reserva legal quando adquirirmos estas novas terras. Olha, Daniel, pela sua esperteza, farei o possível para te ajudar em preservar o solo sagrado de sua amada onça Média Pata!

— Poxa! — Daniel bradou — Meia Pata! E faz um favor! Pode me ajudar a montar uma estratégia para aumentar a produtividade? Sabe como é, né, Cláudio! Sei que você é o gerente geral, mas não vai negar um pedido de um amigo aqui, né?!

— Tudo bem. Tudo bem. Vou te salvar mais esta vez...

— Amor, está na hora de sua palestra! — Iara alertava Daniel — Apresse-se ou vai se atrasar!

— Tudo bem, Doutora Iara! Obrigado pelo convite para este evento! Mais uma vez obrigado! — abraçando e beijando a linda indígena.

— Vai lá, minha vida! Dê o seu melhor! — Iara incentivou Daniel lhe dando um beijo.

Daniel representava o estado de Roraima na Conferência Nacional de Preservação de Ecossistemas Frágeis e Desenvolvimento Sustentável, realizada pela Universidade de São Paulo. Sua palestra tinha como foco a interação entre a fauna e flora do bioma Amazônia no estado de Roraima, tema de sua dissertação. Mas o que todos os presentes, pesquisadores e alunos do setor de Recursos Naturais queriam prestigiar eram suas aventuras com Meia Pata.

— Bom... Agora sei que todos querem ouvir meu relato de experiência sobre o convívio que tive com Meia Pata, a onça-pintada. Sempre é difícil ser objetivo quanto a este assunto. Porque objetividade não cabe em tudo o que passei naqueles meses em Roraima. Subjetividade... Também é complicado tentar definir, afinal, duas pessoas morreram naquela floresta! Como posso demonstrar afeição em relação a um animal que atentou contra minha vida e indiretamente tirou a vida de dois pais de família?! Para vocês verem... Mesmo depois de tantos anos, não consigo afirmar que eles foram assassinados, apesar de que, para a visão de muitos, Meia Pata teve o fim que mereceu após ter matado seres humanos... O fato é que a melhor maneira de relatar a minha experiência é através da linguagem do instinto! Não o famoso instinto de sobrevivência, mas o instinto por si só! Quando fui subjugado, eu era apenas uma presa fácil. Ao longo do tempo fui visto como uma ameaça. No final, eu era instinto puro! A linguagem universal dos animais selvagens é o instinto. Uma linguagem que não se aprende, muito menos se ensina. Instinto é diferente de soberania. Instinto é a própria Natureza! Posso afirmar que, para entender minha experiência com Meia Pata, deve-se ter em mente a plenitude da Natureza. Não através de cálculos, tabelas, gráficos, hipóteses e

teorias. Mas, sim, fazendo parte dela. Era da natureza da Meia Pata agir como ela agiu, entretanto, não é da nossa natureza tolerar, respeitar e compartilhar seu comportamento. Nós buscamos preservar as nossas vidas e dominar tudo a nossa volta. E não estamos errados! É a nossa natureza! Lutar contra nosso instinto de disputa, de dominação, é lutar contra a identidade humana, a nossa real natureza. Da mesma forma que não é da natureza das onças andarem, livremente, pelas ruas das cidades... Enfim... Os diversos pesquisadores que me entrevistaram buscavam confirmações, ou negações de suas hipóteses em relação ao comportamento dos grandes felinos. Onça não pensa! Onça não tem sentimentos! Onça não defende seu território com garras e presas com o lema: “Ei! Aqui é minha área! Vocês humanos saiam daqui ou eu os ataco!” Mas muitos pesquisadores, na verdade a grande maioria não conseguia achar uma explicação lógica para vários comportamentos que ela apresentou quando entrou em contato direto com nossa equipe! Como, por exemplo, ter me atacado quando andávamos em grupo na floresta. Afugentar o nosso cozinheiro, o Francisco, como se quisesse retirá-lo de seu território, sem intenção de matar! Ao se aproximar de mim sem o medo de ser morta... Ouvi muitas hipóteses sobre todos esses comportamentos! E vocês não acreditam as hipóteses que surgiram! Uma delas, só para vocês terem uma ideia, era de que eu e Meia Pata nos apaixonamos! Essa eu tive que rir também! Teve outra que falaram no fato dela não me ver mais como um humano, e sim como uma onça. Que minha insistência em caçá-la chegou ao ponto de me tornar um animal... Como se eu já não fosse um! Quem sabe eu me tornei um *Homo sapiens onca*! Só pode! Mas brincadeiras à parte, o fato é que, por um tempo, eu vivi o puro instinto! Da mesma forma que Meia Pata demarcava toda a rotina em sua área, em busca de sua sobrevivência, eu demarquei o instinto dela! Não sei como... Não posso explicar... Como já afirmei, instinto não se aprende, não se ensina, apenas se pratica! Mas eu acredito piamente que todos nós podemos chegar a este nível, de praticar o instinto e aproximarmo-nos da linguagem universal da Natureza, que, infelizmente, insistimos em não incluí-la como parte elementar... A linguagem mais manifestada no mundo é a da Natureza! E temo que, como nosso instinto é basicamente voltado à dominação, estamos caminhando para a supressão de linguagens distintas daquelas que tomamos como “naturais”, e assim perdendo

a essência, ou seja, rumando para a destruição... Meia Pata já estava fadada à destruição! Era apenas questão de tempo... Outro ponto que me questionam muito é o porquê de continuar trabalhando na Bronze Verde, contribuindo para a exploração de madeira naquela floresta. Já chegaram a jogar na minha cara que minha pesquisa fora inútil, pois não existe mais interação entre fauna e flora naquele ambiente... Realmente eu vejo tratores de esteira abrindo estradas em lugares onde passei horas esperando uma caça aparecer. Vejo pontes sendo construídas sobre igarapés onde refresquei meu corpo e saciei minha sede. Vejo árvores sendo derrubadas que serviam como referência para me localizar na floresta, assim como uma casa serve de referência nas cidades... Mas não sou somente eu que testemunha isso. Todos os animais que lá vivem também estão vendo nossa casa sendo suprimida... Sem podermos fazer nada diante do instinto da dominação! O que nos resta é tentar sobreviver... Obrigado pela atenção de todos!

Daniel se retirou da tribuna. Um misto de aplausos e silêncio se configurava no auditório. Desceu as escadas do palco e foi cercado por várias pessoas, com os mais diversos questionamentos. Queriam mais detalhes. Não estavam satisfeitos com o discurso final do biólogo. Daniel realmente não tinha mais nada a dizer, pois, instinto não se ensina. Não se aprende. Apenas...

Após combinar sair para alguma boate com Iara, o biólogo e a indígena foram relaxar no hotel em que Daniel se hospedara. No bar do hotel, à espera que sua amada terminasse de se arrumar e descesse do quarto, pediu uma dose de uísque doze anos e virou o copo.

— Você é Daniel Silva? O biólogo de Roraima? — um senhor de uns sessenta anos se aproximou do rapaz no balcão do bar.

— Quem está perguntando? — Daniel estendia o copo ao garçom sinalizando querer mais uma dose.

— Sou José Adalberto! Consultor da Preservation Association Tropical Kenya! Estamos interessados nos seus serviços! — José sorria. Era obeso, com olhos negros, pele negra, cabelos grisalhos crespos. Um pouco calvo.

— Verdade?! — Daniel virava mais um copo, e logo após ofereceu para o garçom encher novamente.

— Sim! Sabemos de suas proezas em Roraima. Precisamos de alguém como você para chefiar um levantamento da flora e da fauna no Sudoeste do Quênia para a criação de uma reserva ambiental! — José sorria.

— Já tenho meu trabalho em Roraima na Bronze Verde. Não me interessa...

— Pagaremos o triplo do que o senhor recebe lá.

— Quênia, é? — Daniel segurava o copo — Por que não procuram o doutor Alexander Meier? Ele que é o especialista em biomas quenianos!

— O Doutor Alexander morreu ano passado! E nem seria o primeiro da lista! Não queremos um velho pesquisador na empreitada! Precisamos de um jovem! — José sorria.

— Posso saber por quê? — Daniel segurava o copo.

— Porque queremos alguém com coragem! Sabe, Senhor Daniel, acredito que lhe interessaria saber que lá existem crocodilos, leões, hipopótamos, elefantes e leopardos! O que acha? — José sorria.

Daniel virou o copo, balançou levemente a cabeça, e esboçou um discreto sorriso.

